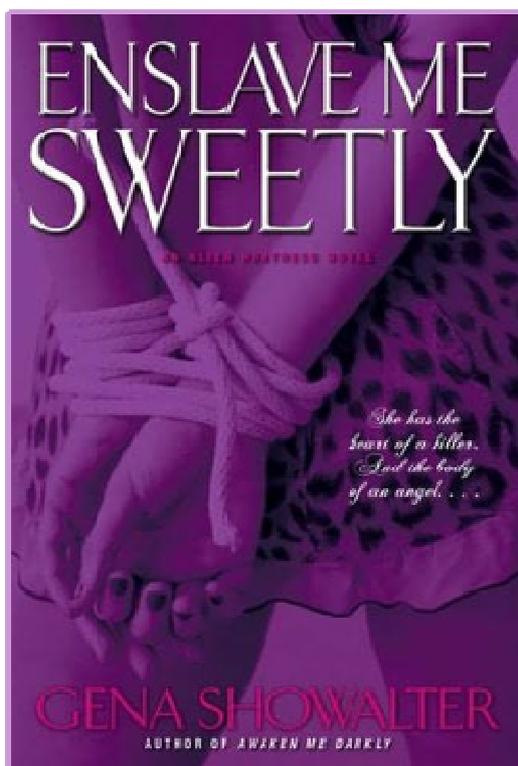


TWKliek apresenta:



Gena Showalter

Escraviza-me docemente

Série Alien Huntress 02

Eden Black caminha entre os humanos, protegendo-os dos malvados assassinos de outros-mundos que os sequestram e escravizam. E apesar de parecer humana, Eden é uma alienígena, uma Raka, que se distingue por seu cabelo e pele dourada, e dotada com a sinistra capacidade de matar sem remorsos, e com absoluta precisão. Pelo menos é assim, até a fatídica noite que tem a oportunidade de eliminar seu objetivo, um escravagista humano... e falha. "Fracasso" não é uma palavra no vocabulário de Eden. Como tampouco é "companheiro", mas é o que lhe foi atribuído à força depois de se recuperar de sua desastrosa missão. Lucius Adaire, um sexy e humano agente com nervos de aço que desfruta mais que tudo de soltar sua fúria e despertar o desejo de ardentes fêmeas assassinas muito orgulhosas para admitir a derrota. Presos numa missão que não podem se permitir perder, Lucius e Eden se verão emaranhados em palpitações jogos de alto risco: a sensual trama de matar ou que os matem e a dança erótica da sedução.

Disp em Esp: Kalosis

Envio do arquivo: Gisa

Revisão Inicial: Sandra Maia

Revisão Final: Danielle Aguiar

Formatação: Greicy

TWKliek



Comentário da Revisora Sandra Maia: Gostei mais do primeiro da série. Apesar da mocinha também encher o mocinho de sopapos, achei-a muito boçal. Tem partes bem divertidas e algumas hot. “No geral um bom livro.”

Comentário da Revisora Danielle: Concordo com a Sandra, achei o primeiro muito melhor e a mocinha, definitivamente, tosca, mas o Lucius vale à pena. Assim recomendo, esse é uma boa leitura.

CAPÍTULO 1

Encontrava-me deitada sobre as vigas da Companhia Old West Cattle, rodeada de pó, sombras e aroma velho de feno, com a antecipação correndo por minhas veias. Segurava um pyre-rifle A-7 em minhas mãos, o cano apontando num ângulo inclinado. Sob mim, várias lâmpadas penduravam estrategicamente do teto, me dando a visibilidade que precisava, mas ao mesmo tempo me ocultando à vista. Ninguém queria olhar para cima, para aquelas irritantes luzes.

Francamente, tampouco eu gostava de olhá-las.

O celeiro não dispunha de nenhum móvel onde meu objetivo pudesse se esconder. Só havia gente (humanos e extraterrestres), pisos sujos e armas. Agora mesmo, um grupo de outros-mundos ria e zombava de duas mulheres nuas que choramingavam presas numa parede. Os bastardos que não participavam estavam olhando, esperando sua vez. Os torturadores estavam se divertindo, mas a minha diversão chegaria quando interrompesse sua festa com uma mortífera ronda de fogo.

Vejam, o governo me paga para destruir aqueles outros-mundos tão vis e asquerosos, com quem não podiam correr o risco que um defensor dos direitos extraterrestres se envolvesse no caso. Não sou do A.I.R., Investigação e Exterminação Alienígena. Sou pior.

Só um pouco mais de tempo, Eden. Primeiro a informação. O assassinato depois. EenLi (meu objetivo) e seus capangas sequestravam humanos e os transportavam para fora do planeta para vendê-los como escravos. Precisava averiguar onde mantinham a “carga” humana antes de deportá-los. E mais, tinha que descobrir como saltavam de um planeta ao outro.

OH, sabia que usavam portais interestelares... os mesmos portais que usaram para invadir nosso planeta. Simplesmente não sabia onde ou como encontrá-los.

Embora devesse saber onde se encontravam exatamente. Sou uma extraterrestre. Um Raka. Dourados nos chamam algumas pessoas. Chamados assim porque nosso cabelo, pele e olhos parecem ouro líquido.

Mas fui concebida aqui e criada como humana. Os portais eram um mistério para mim como eram para todos os humanos nascidos na Terra.



Uma das mulheres gritou, interrompendo meus pensamentos. Um homem beliscava e dobrava seus mamilos, rindo enquanto o fazia, rindo enquanto ela se retorcia e soluçava de dor. Meu dedo se moveu nervosamente sobre o gatilho. Aguenta. Aguenta.

Esta noite demonstrarei que sou tão capaz como qualquer homem... como qualquer humano. Por anos fui atribuída às presas fáceis, aquelas que não requeriam mais habilidade que a de um cego num jogo virtual. Desde que meu pai era também meu chefe, essa foi a razão da minha falta de casos difíceis. Sei que esperava me proteger, mas fazia tempo que já não era necessário.

Meu êxito esta noite era fundamental. Peguei este caso contra seu desejo, e não falharia.

Tinha meu objetivo à vista: EenLi Kati, aliás, John Wayne e Wayne Johnson. Era um MEC de trinta e tantos anos, mais alto que a média, com inquietantes e pequenos olhos brancos. Não sabíamos muito dos Mecs, só que tinham algum controle sobre o tempo e preferiam climas quentes e secos.

Como todos os MEC, EenLi possuía uma pele opalescente que brilhava em diferentes cores segundo suas emoções. Era o líder deste evasivo grupo, e agora mesmo sua pele brilhava de um vermelho intenso. O bastardo estava irritado.

Vestido como um foragido com chapéu, botas e esporas, estava parado num escuro canto, discutindo com ferocidade com outro MEC conhecido como Mris-ste. Este usava botas e esporas, mas optou por não usar chapéu. Quem porra pensava que eram? Jeans? Por favor!

Falavam em sua entrecortada língua natal, um gutural discurso de cortadas sílabas e agudos timbres. As línguas eram uma das minhas especialidades, e as dominava há anos. Enquanto escutava, pude escutar as palavras corpos, benefício e subterrâneo. Tecnicamente meu trabalho era eliminar EenLi, mas terminaria com Mris-ste grátis. Um bônus, se preferir chamar assim. Com esse pensamento, meus lábios se curvaram num meio sorriso. Os dois machos estavam trabalhando juntos há mais de um ano. Ninguém sabia quantos homens e mulheres tinham torturado. Ninguém sabia quanta gente tinham escravizado.

Inspirei frugalmente e logo, devagar e com calma, liberei cada molécula de ar. Afiadas e bicudas lascas das velhas vigas de madeira transpassaram minha camisa e se cravaram em meu ventre, mas isso não era o pior do meu desconforto. O ar era sufocante e quente, e não ajudava que usasse um uniforme militar e uma máscara.

A onda de calor em New Dallas ainda perdurava... provavelmente devido aos Mecs. O suor se juntava entre minhas omoplatas e descia por minhas costas.

Desejei que meu espírito pudesse sair neste momento, obrigar minha consciência a abandonar meu corpo para poder deixá-lo atrás e passar inadvertida abaixo, invisível. Como um fantasma. Um espectro. Matei muitos dos meus objetivos assim, mas só o fazia quando meu corpo estava total e completamente protegido. De outra forma, seria fisicamente vulnerável porque não podia fazer meu trabalho e proteger meu corpo ao mesmo tempo.

Nesse mesmo momento o celular de EenLi explodiu numa série de assobios, e ele ladrou um irritado "O que?" no receptor. Não podia ouvir a voz de quem estava do outro da linha, mas independentemente do que dissesse, fez que o outro-mundo endireitasse as costas e seus dedos



se apertassem em punhos.

Passou um segundo. Dois.

Enquanto o MEC continuava escutando, tirou o chapéu cinza e o rodou entre os dedos...

Dêem ao homem um pônei e peçam que grite “Yee haw.” Isso era a única coisa que faltava à cena. Quando devolveu o chapéu à sua brilhante cabeça calva e sua pele palpitou a um intenso tom vermelho, quis proteger meus olhos.

Finalmente, devolveu o celular ao seu bolso traseiro. Então, grunhindo baixo, empurrou Mris-ste, o propulsando para trás. O comprido e negro cabelo do homem, obviamente uma peruca, dançou ao redor de seus ombros.

—Me diga que tirou o gado doente da Fossa —gritou EenLi — Diga-me que não fodeu tudo de novo.

O fossa. O fossa. Dava voltas à frase em minha cabeça. Rapidamente, uma imagem veio à mente e franzi o cenho. O Fossa era um bar, local conhecido por seus clientes. Criminosos, drogados e putas que compravam seu caminho ao esquecimento. Poderia ser esse o lugar da discussão?

—Bom. Eu... eles foram movidos — ofereceu o outro homem, se justificando — Não sou tão estúpido para prender os doentes com os sãos.

Prender... segui EenLi dentro do bar há apenas dois dias, mas ele jamais abandonou a sala principal. Nem sequer para ir ao banheiro. E não notei nenhuma entrada que conduzisse a outras salas. As celas poderiam estar escondidas. Ou clandestinas. Muito, muito interessante.

—Quer saber quem acaba de me chamar, Mris-ste? Pablo. Encontrou dois de nosso gado mortos em suas celas. Obviamente, estavam doentes, e você os deixou ali.

—Eu... eu... — a pele opalescente de Mris-ste começou a pulsar a um tom azulado. Inclusive sem a distintiva cor, o extraterrestre fedia a medo.

—Quantos morreram no traslado? —Exigiu EenLi.

—Três —foi à vacilante resposta.

EenLi se enfureceu mais. Seu cenho ficou escuro.

—Devíamos entregar doze! Não sete! Idiota!

—Sinto muito.

—Suas desculpas não devolverão meu gado à vida. Se perder um só mais, um só, venderei sua desprezível pele para corrigir a diferença.

Mris-ste se sacudiu com a ameaça com um sorriso nervoso.

—Não perderemos mais. Juro isso. Entregarei os doentes para Rose. Ela cuidará deles até que estejam bem.

Conhecia Rose. Sahara Rose. Humana. Cabelo loiro. Olhos azuis. A tinha rastreado nos últimos dias depois de tomar este caso. Era uma conhecida simpatizante alienígena e passou muitas noites na cama de EenLi. Sabia onde vivia, que tipo de carro dirigia, e que marca de lubrificante vaginal usava em segredo sempre que seu amante a visitava. E, é obvio, agora sabia que escondia alguns dos humanos desaparecidos.

—Não há tempo para procurar mais ganho —disse EenLi— O portal se abrirá dentro de um



dia.

Os portais não estavam sempre abertos? Toda a vida assumiu que os extraterrestres viajavam através deles sempre que queriam. Diga onde estão... Diga onde estão.

Não o fez.

EenLi mudou de assunto em seguida e os dois homens começaram a falar de como vestir às escravas femininas. Informação que não precisava.

Chegou à hora.

Preferia disparar e matar a uma distância mais curta. Não havia nada de mal em desfrutar dos frutos de meu trabalho de uma forma próxima e pessoal. Entretanto, passear no meio de todos aqueles homens diminuía grandemente minhas probabilidades de êxito. Ficaria aqui.

Minha antecipação reviveu enquanto fechava um olho, e minha máscara facial acendia uma mira telescópica em meu campo visual. O objetivo continuava em seu lugar? Comprovado. Silenciador ativado? Comprovado.

Sabia que só tinha uma oportunidade de alcançá-lo. Só uma. No momento que disparasse, todos e cada um dos que estavam abaixo saltariam à ação, apontando e disparando suas próprias armas diretamente para mim.

EenLi começou a caminhar diante de Mris-ste enquanto expunha as vantagens de usar saltos agulha com kristales, umas pedras preciosas gastas de Mecca. Mantive o cano imóvel. Meu pyre-rifle produzia balas de fogo sensíveis ao calor, e aquelas o seguiriam diretamente ao inferno.

Um. EenLi se afastou de Mris-ste.

Dois. Deu a volta, confrontando Mris-ste.

Três. Deu um passo na minha linha de fogo, e apertei o gatilho.

Um zumbido. Um grito. O grande e malvado MEC caiu como um aerodeslizador a pressão, seu chapéu saltando de sua cabeça enquanto rodava. Só que era o MEC incorreto. Este tinha um espesso cabelo escuro. Fiquei congelada. Não. Não! Minha bala se estatelou contra Mris-ste. Não em EenLi.

Quando EenLi lhe deu o chapéu? Quando porra EenLi lhe deu o chapéu? Os estava observando. Uma vez que me centrei no objetivo, não o perdi de vista.

O choque borbulhou em meu interior enquanto os homens abaixo de mim amaldiçoavam e gritavam, precipitando-se para suas armas. Balas e fogo azul foram arrojados na minha direção, chovendo como uma saudação mortal. Abandonando minha imobilidade, me centrei, deixei cair o rifle e peguei o grosso cabo ao meu lado, já ancorado a uma robusta viga. Então saltei. Mantive uma mão envolta no cabo metálico que me permitia deslizar abaixo, e usei a outra para tirar repentinamente meu pyre-arma preso à cintura, posicionado já no nível para matar.

Comecei a disparar.

Enquanto descia, uma bala impactou em meu antebraço esquerdo. Não me detive, nem sequer reduzi a velocidade. A determinação que se precipitava através das minhas veias reduziu a ardente sensação do disparo a uma aguda picada. OH, embora soubesse que a sentiria complementemente e com força mais tarde.

Lamentei não ter tempo para um doutor me examinar. Quanto mais tempo a bala



permanecesse dentro do meu corpo, mais dano me faria. Os metais da Terra agiam como um veneno mortal para mim. Para todos da minha espécie. Mas a missão estava em primeiro lugar.

Tinha que terminar com isto. E rápido. Mantendo-me interiormente equilibrada, continuei disparando, sem me deter para apontar, simplesmente permitindo que uma contínua corrente de fogo se descarregasse; os raios azuis que minha arma lançava como calor fundido iluminou o celeiro como uma guerra nuclear.

No momento que meus pés tocaram o chão, liberei o cabo e alcancei minha outra arma. Com ambas as mãos armadas, explorei da esquerda para a direita, recolhendo cada detalhe.

EenLi se foi. Foi! Deve ter escapulado pela porta no momento que Mris-ste caiu. Não podia sair para buscá-lo. Não imobilizada pelo fogo como estava. Isso queria dizer...

Que tinha falhado.

Meu choque cresceu, quase me congelando no lugar, mas continuei disparando. Mantendo-me em movimento. A bÍlis subindo por minha garganta. Realmente tinha falhado. Perdi meu objetivo e permiti que saísse do edifício tão contente.

Falhou. Repetia continuamente minha mente.

Sacudi a cabeça com incredulidade. Tudo que podia fazer agora, era conseguir tirar as duas mulheres daqui com vida.

Não, pensei imediatamente. Abateria qualquer homem que fosse o suficientemente estúpido para ficar.

Meu olhar explorou a área outra vez. Cinco alienígenas permaneciam dentro do celeiro, suas balas e o orvalhar de fogo me rodeando. Calculando a distância entre eles e as mulheres presas, comecei a correr para frente. Diretamente para eles. Cambaleei quando outra bala me alcançou. Vinte passos. Não muito, mas o suficientemente arriscado para o que estava a ponto de fazer.

Deixei cair uma das minhas armas e procurei uma mini granada em meu bolso. Num movimento fluido, puxei a argola com os dentes, a lancei e mergulhei no chão.

Boom!

O impacto me lançou para trás, me jogando contra uma parede. O ar saiu dos meus pulmões. Quando fui capaz de respirar, o pó e a cinza invadiram minha máscara e encheram as aletas do meu nariz. Instintivamente, cobri o rosto com as mãos enquanto ardentes estilhaços de madeira choviam sobre mim. Passaram vários minutos em silêncio. Nenhum fogo em resposta. Nem gritos ou gemidos.

Quando ergui a vista, os cinco Mecs estavam pulverizados pelo chão, sem vida. As mulheres humanas estavam machucadas e sangravam, mas vivas. Estavam... não, compreendi então. Só uma delas estava viva. A loira. A outra, a que tinha o cabelo vermelho e encaracolado, foi atingida no tiroteio cruzado e olhava fixamente o carbonizado celeiro através de olhos sem vida.

Fechei os olhos com força e tampei o rosto com as mãos de novo. O ar estava espesso, quente e carregado de fumaça. Precisava respirar profundamente, encher meus pulmões de oxigênio, mas não era capaz.

Não havia como evitar, nem tinha outra opção; tinha que chamar meu pai. Com mãos trementes, tirei meu celular e disse "Chefe", me tranquilizando ante o som da marcação



automática.

Confiava neste homem com minha vida. Foi quem me encontrou em menina, só e perdida pelas ruas depois que meus pais morreram. Não sei por que me acolheu, e não podia perguntar. Ficava tenso sempre que mencionava aquela terrível noite. Mas me criou, amou e treinou para ser uma assassina, como ele.

E eu acabava de defraudá-lo.

Ele respondeu no segundo toque.

—O que ocorreu? — foram as primeiras palavras que disse, sua áspera voz otimista. Claramente, esperava que o relatório habitual de “tudo foi bem.” Uma e outra vez me aconselhou que não pegasse este caso. Quando compreendeu que não podia me dissuadir disso, me seguiu até aqui, só se por acaso precisasse.

A informação mais importante primeiro.

—O objetivo fugiu e tenho uma vítima humana e outra ferida —disse, a repugnância por mim mesma, alta e clara, em meu tom.

—Como diabos —disse Michael, meu pai, hesitante— aconteceu?

—Não sei. Tinha-o na mira, disparei e a próxima coisa que soube é que tinha mudado de lugar com seu companheiro.

—Como?

—Não sei —repeti.

—Maldita seja, Eden F —só me chamava assim quando estava muito zangado ou seriamente preocupado— Disse que não aceitasse este caso. Disse que o deixasse passar.

—Sinto—respondi, inspirando com dificuldade.

E lamentava. Por causa do meu fracasso, um escravagista humano vagava livre. Pior, agora sabia que o caçavam e seria mais cuidadoso. Simplesmente fodi toda a operação.

—Acredito que alguns escravos estão presos no Fossa, um bar situado no lado leste da cidade —abri a boca para contar o resto, mas minha mente ficou em branco. Uma espessa névoa cobria meus pensamentos. Pisquei e sacudi a cabeça para clarear— Outros estão com uma humana, Sahara Rose.

—Porei um homem nisso. Traga-me a sobrevivente. Maldita seja! —grunhiu outra vez, desligando.

O silêncio me saudou. E no silêncio notei que a palpitação em meu braço aumentava e olhei para baixo. Embora tivesse a visão nublada, estudei a profunda e sangrenta ferida. A bala fez mais dano do que pensei. Perdia sangue rapidamente. Muito rapidamente.

Lutando contra a dor e a debilidade, me levantei. Meus joelhos vacilaram e meus ossos se liquidificaram, e nenhum mostrou nenhum sinal de melhorar. Inclusive meu estômago lutou contra uma aguda dor. Tropeçando, cheguei até a mulher. Ela estremeceu enquanto eu estendia a mão e cortava suas amarras e depois afundou sobre o estilhaçado e afiado chão soluçando, seu sujo cabelo cobrindo seus ombros nus. Tentei não pensar na outra, a que não iria esta noite, nem em nenhuma outra, para sua casa.

De repente, a besta presa em minhas costas pesou como um bloco de concreto e a dor de



estômago se intensificou. Cada vez ficava mais e mais difícil respirar.

Uma onda de vertigem me assaltou, e de uma forma pesada e estranhamente sedutora... caí aturdida ao lado da mulher. Quando nossos braços se tocaram, ela pronunciou um ofego aterrorizado e escapou a toda pressa. Seus movimentos eram tão torpes, que jogou sujeira sobre minhas pernas. Quis consolá-la, mas minha boca se negava a formar as palavras corretas.

O que estava mal com meu estômago? Devagar, muito lentamente, levantei a camiseta. Ali, justo sob minhas costelas, havia outra profunda ferida sangrenta. Quando a tinha recebido? Nem sequer senti a bala entrar. Espere. Sim, tinha-o feito. Quando corri com a mini-granada. Maldição!

Deixei de lado o celular e coloquei a mão no bolso, retirando um magro extrator prateado. Fortalecendo a mim mesma para o que estava a ponto de fazer, mordi o lábio inferior, centrei todas as minhas forças e cravei a maldita coisa na ferida do meu estômago. Imediatamente, os sensíveis entalhes de metal se alargaram e sondaram em busca da bala, e um grito rasgou minha garganta.

Quanto tempo passou antes que a pequena e arredondada ponta fosse extraída, não sabia. Só me dava conta do desespero, da dor e do medo. Não estava pronta para morrer. Não aqui. Nem agora. Ri sem humor. Não como uma fracassada...

Concentração. Tinha que me concentrar. Embora ansiasse fechar os olhos um momento, só por um momento, repeti todo o processo, empurrando agora o sangrento dispositivo em meu antebraço. Quando tirei a última bala, meus ombros se curvaram de alívio. Distante, escutei os soluços da mulher.

Antes que a energia me abandonasse, encontrei a seringa de injeção em minha bolsa e me injetei no coração uma dose pura de molibdênio para reduzir a extensão de cobre ou do que quer que seja que fossem as balas. Uma dor ardida me percorreu. Gritei de novo, alto e prolongado, até que minhas cordas vocais racharam.

A seringa de injeção, agora vazia, caiu de meus repentinos dedos flácidos. Doía-me por toda parte, mas uma consoladora letargia já despertava em meu interior. Em um minuto, talvez menos, estaria fora de combate.

Procurei às cegas meu celular e, de algum modo, meus dedos se fecharam nele.

—Chefe —disse.

A palavra surgiu tão débil e quebrada que por um momento me surpreendi quando o telefone começou a marcação automática.

Ele respondeu ao quinto toque desta vez.

—O que?

—Estou ferida.

—Isto melhora cada vez que liga —respondeu ele com pesado sarcasmo. Mas no fundo, senti um quê de preocupação— Pode chegar em casa a salvo?

—Eu... —uma escura teia se teceu através da minha mente, escurecendo minha vista e paralisando meus músculos— Tentarei.

O esquecimento me capturou em seu exigente abraço.



CAPÍTULO 2

Estava flutuando.

Não, flutuando não, compreendi um segundo mais tarde. Os fortes braços de um macho me sustentavam contra seu peito, bem segura. O aroma de pinheiro e homem encheu meu nariz, e a força masculina que irradiava me envolveu. Alguém me transportava. Quem? Por quê? Uma espessa e escura nuvem cobria meus dispersos pensamentos, mantendo as respostas além do meu alcance.

—Aguentará? —Perguntou alguém. Reconheci a voz quebrada e preocupada. Michael, meu chefe. Meu pai.

—Não sei —disse um segundo homem.

Não reconheci a voz absolutamente. O timbre era mais profundo, mais cru que algum que jamais escutei antes. Tão distante, tão indiferente.

—Perdeu muito sangue.

Ambas as vozes pareceram ir à deriva num surrealista e remoto sonho. Que homem me segurava? Meu pai? O estranho? Quem quer que fosse, emitia uma espécie de calor diferente dos que eu conhecia. Seu calor penetrou em mim, calmante e aprazível, como um carinho.

—Temos que tirá-la desta roupa —disse o estranho—Tirar a máscara para que possa respirar.

—Espere até chegarmos ao carro —o tom de Michael se quebrou mais, e foi mais premente. Sempre ficava nervoso quando me feriam. Inclusive o mais leve arranhão o desfazia.

Os minutos passaram. Talvez horas. Não sabia e não me importava. O tempo a muito se tornou incalculável. Tudo o que sentia era o sólido abraço de meu salvador, e inclusive isso logo foi negado quando estenderam meu corpo no frio chão. Mãos puxaram e rasgaram minha roupa, fazendo minhas feridas palpitem. Ofeguei quando o ar beijou minha pele nua. Imediatamente, a máscara foi retirada do meu rosto.

Alguém ofegou, e não fui eu. Depois... silêncio.

—Merda —exalou o estranho, seu tom tingido de... assombro?

Uns dedos acariciaram com cuidado minha maçã do rosto, logo meu cabelo, consoladores e suaves. Dormir... precisava dormir um pouco mais.

Perdi EenLi. Falhei.

Uma e outra vez, aquelas palavras se repetiam em minha mente. Perdi EenLi. Falhei.

Seu presunçoso rosto foi à deriva em meus pensamentos, cintilando bem além da minha consciência. Procurei minha pyre-arma mas em vez disso só peguei frios lençóis. O sucesso no celeiro cintilava, passando as sequências como num filme antigo. Os disparos. O sangue. A atroz dor. Era por isso que me sentia tão vazia e oca, como um fantasma noturno se agitando em



desgraça?

A imagem de EenLi oscilou e logo desapareceu. Quis correr atrás dele, mas meus membros estavam paralisados e permaneci no lugar. Ele riu. O som zombando de mim.

É uma decepção, Eden. Uma decepção. Tinha um caso. Só um. E ele escapou de mim sem um só arranhão.

Quando os extraterrestres chegaram há tantos anos, os humanos tentaram destruir a todos. Entretanto, quase terminaram arrasados eles mesmos, ou isso me disseram. Para sobreviver, uma espécie de trégua foi alcançada entre as diferentes espécies com a condição que os agentes pudessem matar os outros-mundos predadores. Sem lugar a dúvidas, meu objetivo era um predador. Deveria tê-lo destruído, mas o tinha deixado escapar.

Fracasso. Fracasso. Fracasso. A palavra trovejava em minha cabeça e despertei sobressaltada. Minhas pálpebras abriram de repente e um ofego se alojou em minha garganta. Inspirei e exalei profundamente.

Fiquei imóvel por vários segundos, tentando acalmar o batimento de meu coração. As sombras me envolviam. Não, espere. Pequenos raios de lua dançavam através da janela, revelando um diáfano dossel que caía do teto. Onde estava? Lutei para girar a cabeça, explorar o resto de meu entorno, mas meus músculos se recusaram a me obedecer, mantendo meu queixo na mesma posição. Usando toda minha energia, tentei de novo.

Nada.

O que me acontecia? Por que não podia me mover? Ondas de pânico explodiram em meu interior, mas a confusão foi rapidamente extinta. Ouvi o assobio de... algo. Cheirei o forte aroma de antissépticos.

Com uma onda de alívio, encurvei os ombros contra a suavidade do colchão. Um hospital. Devia estar num hospital.

Relaxada agora lambi os lábios, compreendendo que tinha a boca seca. Estava sedenta. Tinha tanta sede. Minha língua estalou fora, umedecendo meus ressecados lábios.

—Sede —grasnei.

Não havia ninguém. Ninguém me escutou.

—Sede —ofeguei outra vez.

Possivelmente um segundo mais tarde, um homem apareceu ao lado da minha cama. Não pude distinguir seus traços, só que era alto e musculoso. Um aditivo calor irradiava dele e deslizou ao longo do meu corpo. Quis girar para ele, me esfregar contra ele. Introduzir-me nele. Estremeci.

—Onde está Michael? —Perguntei.

—Dormindo. Por fim. Tome —disse, sua profunda e crua voz familiar. Ajudou-me com um copo e um canudo.

Bebi ansiosamente, o fresco e doce líquido deslizando por minha garganta. Jamais provei nada tão maravilhoso.

—É suficiente —disse o homem e arrancou o canudo da minha boca— Durma agora.

Uma ordem direta. Em seu tom não havia espaço para discussão. Em geral não respondia bem a esse tipo de ordens de faz-o-que-digo-ou-sofre-as-consequências. Desta vez, entretanto,



estava muito cansada para discutir.

Fechei os olhos. Amanhã mostrarei a este homem qual é a forma correta de me falar, foi o último pensamento que vagou por minha mente.

—Acorde.

A forte e decidida voz me esporeava sem piedade.

—Acorde.

Uma calosa mão me sacudiu, trabalhando em sincronia com a voz. Malvados. Eram tão malvados que mereciam morrer de uma morte horrenda.

—Acorde, céu.

Tentei dar a volta e enterrar a cabeça no travesseiro, mas meus doloridos e cansados membros resistiram. Isso captou minha atenção como nada mais pôde fazê-lo. Puxei meu braço. Nada. Tentei mover a perna. Nada. O pânico me invadiu e lutei para abrir os olhos.

—Essa é minha garota —disse o homem, seu tom carregado de alívio.

Uma forte luz branca alagava o quarto e seus inoportunos raios não deixavam nada intacto. Muito brilhante, pensei, entortando os olhos e ainda lutando. Mas lenta, muito lentamente, meus olhos se adaptaram e centrei o olhar nas acesas ataduras que me prendiam, na simples camiseta branca que usava e no branco lençol de seda que cobria a metade inferior do meu corpo. Depois estreitei o olhar sobre meu indesejado convidado. Michael Black. Meu chefe. Meu pai adotivo.

O pânico se dissolveu completamente, me deixando débil, e recostei no colchão, minha coluna vertebral rígida pela cólera.

Cada linha da curtida cara de Michael estava marcada pela preocupação, dos penetrantes olhos avelã até a ampla e séria boca. O grisalho cabelo, em geral perfeitamente penteado, caía em desordem ao redor de suas têmporas, e seu caro traje possuía mais rugas que um Genesi.

—Por que estou amarrada? —Perguntei, minhas cordas vocais roucas. As tiras eram mais fortes que qualquer algema e não saíam sem cortar um apêndice. Elas se vinculavam com a pele alienígena, encerrando o detento no lugar.

—Se sacudia de uma forma tão incontrolável que suas feridas abriam.

—Me desamarre. Agora —ordenei, me assegurando que não houvesse nenhum rastro de emoção em meu tom.

Não demonstraria nenhuma debilidade. Não a este homem que parecia não ter debilidades. Mas Michael me conhecia melhor que ninguém, e sabia que eu não gostava de me sentir impotente. Nunca o fiz. Além disso, duvidava que pudesse me mover nem sob ameaça de morte, por isso as amarras eram desnecessárias.

Ele fez o que pedi, pressionando um botão de identificação pessoal e fazendo que os lasers se desenrolassem da minha pele. Logo se recostou na felpuda cadeira azul ao lado da minha cama.

—Como se sente?

—Bem —disse, e me surpreendida que fosse assim. Exceto pela debilidade, o sentimento de fragilidade e a embotada dor em meu lado, permanecia tudo ileso— Embora sedenta.



Conseguiria-me um pouco de água com açúcar?

Michael pegou um copo colocado na mesinha de noite e me deu. Bebi o frio e doce conteúdo e fechei os olhos em rendição. O açúcar atuava como um agente revigorante para minha espécie. Embora não houvessem muitos Rakas na Terra, estes provavelmente eram responsáveis por consumir três quartas partes da colheita anual de açúcar.

—Esse cobre realmente te deu uma surra —me disse.

—Sempre o faz —explorei o quarto.

Um grossa tapete vermelho e azul marinho adornava o chão e vários abajures de pé dourados subiam ao arqueado teto. Havia três janelas abertas, as persianas jogadas. As paredes mostravam um estuque de bronze e estavam adornadas com esculpido espelhos dourados.

Obviamente, não era um hospital. Inclusive meu cobertor gritava riqueza. Suaves e aveludados lençóis de seda branca e esmeralda, rodeavam minha pele num delicioso casulo.

—Onde estou? —Perguntei.

—Em minha casa.

Isso não dizia nada. O homem possuía uma em cada treze estados diferentes em todo mundo.

—Em qual?

—Novo México. A mais próxima de New Dallas.

—A redecorou desde a última vez que estive aqui.

Ele assentiu com a cabeça.

Arqueei uma sobrancelha.

—Se importaria de me dizer por que estou aqui em vez de um hospital? —Havia hospitais exclusivos e feitos expressamente para agentes como eu, assassinos de aluguel, assim como alienígenas. Fui um de seus pacientes em numerosas ocasiões.

—Primeiro, delirava e não quis que ninguém escutasse as coisas que dizia. Não parava de gemer e choramingar sobre seu fracasso com EenLi. Quero que todo mundo acredite que o deixou escapar de propósito. Segundo, não queria seu nome registrado como alguém que recebeu feridas de bala. E terceiro, não quero que ninguém mais assuma este caso.

Embora isso me alegrasse, suspirei profundamente. Teria gostado que meu pai fosse capaz de cair de costas sob o sol e simplesmente esperar meu êxito, sem que fosse necessária sua interferência.

—Brincando de ser meu protetor de novo, Michael?

Ele encolheu os ombros, mas afastou o olhar.

—Na realidade, meu chefe pensa que esta situação requer o melhor. EenLi estava acostumado a trabalhar como agente, e ele...

—O que? —Pisquei. Certamente escutei mal.

—EenLi costumava trabalhar como agente. Para mim, expressamente.

Tentei não olhá-lo boquiaberta.

—Por que só sei agora?

Michael se encolheu outra vez, a ação mais rígida, mais comedida.



—Eenli, supunha-se, era um trabalho como outro qualquer. Você sabia o que tinha que saber e isto era algo que não precisava saber.

—Que meu objetivo fosse treinado era algo que precisava saber. Provavelmente sabia que estava sendo observado todo o tempo.

—Duvido—disse meu pai— Era um agente aceitável. Bom encontrando pessoas, que é pelo que o mantínhamos, mas não muito mais. Era muito emocional, tinha muitos vícios. Suponho que por isso decidi fazer mais dinheiro vendendo escravos. Fim da história.

Fechei os olhos por um segundo.

—E por que seu chefe está contente que escapasse?

—O governo agora quer saber onde estão esses portais, e acreditam que EenLi os conduzirá a eles —Michael se recostou atrás na cadeira, me olhando— Decidiram que não o querem morto até que descubram.

—O segui por semanas e jamais revelou a posição de um só portal.

—Ordens são ordens. Viverá até que revele como viaja de planeta a planeta.

E se EenLi nunca nos desse a informação que queriam? Isso significava que o criminoso e assassino conseguiria ter uma vida longa e feliz? Não expressei minhas dúvidas em voz alta, embora Michael soubesse como me sentia em relação aos que pulavam a lei.

Meus olhos percorreram a extensão da minha camiseta e o lençol que cobria meu corpo. Parecia mais magra.

—Há quanto tempo estou aqui?

—Treze dias, seis horas e quarenta e oito minutos —disse apoiando seus caros mocassins italianos sobre a superfície de madeira da mesinha de noite— Tinha ou trouxe tudo que precisava aqui.

—Inclusive um médico? —Isso terminaria completamente com o propósito de me cuidar neste lugar, fora do vigilante olho do governo.

—Não —respondeu vacilante.

Arqueei uma sobrancelha.

—Quem me costurou então?

—Lucius Adaire.

—Não me diz nada. Quem é?

—Um homem. Um humano.

Minha curiosidade por este Lucius Adaire cresceu, e estudei Michael. Só a menção deste misterioso homem fez sua relaxada postura se esfumaçar e um pingo de inquietação se refletir em seus olhos.

Michael viu o pior que a vida tinha a oferecer — inclusive causou um pouco disso — por isso poucas vezes ficava tenso. Por que agora?

—Me fale dele —incitei.

—Em um minuto —disse. Limpou invisíveis fios das calças— Recorda algo mais daquela noite no celeiro?

O trabalho sempre vinha primeiro, assim não tentei seguir com a conversa sobre o



misterioso doutor. Centrei-me em meus pensamentos e repassei de novo mentalmente cada minuto que passei naquele celeiro. Então olhei Michael nos olhos.

—EenLi disse que um portal se abriria no dia seguinte. Esse dia já passou, é óbvio, mas isso significa que os portais não estão sempre abertos, que só podem enviar seu gado, como os chamam, a cada certo tempo.

—O que os abre?

—Não disse.

Michael franziu o cenho.

—Maldito seja, não podemos ter tão má sorte. Depois que te recolhi, enviei um grupo de homens à Fossa. Estava vazio, tanto em cima como embaixo. Havia celas embaixo, mas não tinha ninguém nelas.

Meu estômago se apertou, e passei a mão pelo rosto.

—Havia sinais que as tinham usado recentemente?

—Improvistas privadas não foram esvaziadas. Algemas com sangue seco... que analisamos e comprovamos com os grupos sanguíneos das vítimas. Cada gota deu um resultado exato.

—E quanto a Sahara Rose?

—Fugiu, sua casa abandonada. Era óbvio que fez as malas apressadamente.

—Maravilhoso —resmunguei, quase com medo de fazer minha seguinte pergunta. Mas tinha que fazê-la. Precisava saber tudo— E quanto à mulher humana do celeiro? A sobrevivente?

Inclinando-se para trás, ele descansou as mãos atrás da cabeça e observou fixamente o teto. Apertou os lábios fortemente e um longo e prolongado silêncio nos envolveu.

—Não quer saber —disse brandamente.

Soltei um suspiro e sacudi a cabeça em desgosto... desgosto por mim mesma. Por EenLi.

—Está morta, verdade?

Michael assentiu, sua expressão de desculpa.

—Sinto muito, céu. As feridas eram muito extensas. Morreu antes que chegássemos.

Mordi o interior da bochecha e lutei contra uma afiada onda de pesar.

—Como se chamava?

—Não se torture desta forma. Fez o que pôde.

—Como se chamava? —Insisti.

—Amy —soltou, com a relutância tingindo seu tom— Amy Evens.

Amy Evens. Foi jovem, provavelmente não mais de vinte e cinco anos, com um bonito cabelo loiro e grandes olhos azuis. Como todos os jovens, provavelmente sonhou com o amor e um feliz para sempre, mas foi violada, torturada e morreu sozinha.

Minha repugnância e ódio por EenLi cresceu em intensidade, mas sobretudo, cresceu o asco de mim mesma. Devia proteger o inocente, era parte do meu trabalho. Fechei os olhos, com a esperança de bloquear as imagens que se abatiam no ar, imagens de ambas as mulheres vivas e presas à parede, sem estar a par que a morte chamava à sua porta. Falhei de todos os modos possíveis. Falhei em matar meu objetivo; nem sequer pude salvar uma vida humana.

Minhas feridas... merecia cada uma delas e mais ainda. Uma resolução por fazê-lo direito se



solidificou em meu interior.

—O que fazemos agora? —Perguntei, confrontando de novo Michael.

—Suponho que EenLi continua ainda em New Dallas, reunindo outra equipe. Quero que vá lá, o encontre, descubra esses malditos portais e termine o trabalho.

Passou um momento antes que suas palavras penetrassem o suficiente em mim e fosse capaz de responder. Surpreendida, disse:

—Me deixará caçá-lo outra vez?

—Conhece seu modus operandi melhor que ninguém. Conhece seus hábitos, o estudou. E mais, te conheço. Sei que quer outra oportunidade para fazê-lo bem, e te amo o suficiente para te dar isso.

—Eu... —pressionei os lábios juntos.

O fato que Michael confiasse em mim o suficiente para corrigir meus erros me encheu de um sentimento de orgulho e felicidade, e tive problemas para encontrar as palavras que expressassem minha gratidão. Suponho que assumi que seus instintos protetores emergiriam e me ordenaria que ficasse atrás.

Realmente amava este homem.

—Acredita que algum de seus agentes trabalha em segredo com EenLi? —Perguntei— Isso explicaria por que sabia que tinha que mudar de lugar com Mris-ste.

—Já tenho um homem nisso, assim não se preocupe.

Assenti com a cabeça.

—Obrigado por me dar outra oportunidade —disse, permitindo que toda minha avaliação gotejasse através da minha voz— Sei que não a mereço. Não te desapontarei.

—Não agradeça ainda —disse ele ironicamente— Trabalhará com um companheiro.

O que?

—Absolutamente não —o choque substituiu rapidamente minha felicidade, e me endireitei de repente, tremendo e fulminando-o com o olhar— Trabalho sozinha. Sempre.

—Desta vez não —disse Michael, decidido. Terminante.

—Sou absolutamente capaz de encontrar os portais e matar EenLi sozinha.

Precisava fazê-lo eu mesma. Não podia permitir que ninguém mais arrumasse o que provoquei.

Meu pai cruzou os braços sobre o peito e me olhou fixamente.

—Então por que não está morto?

Isso foi um golpe baixo... ainda que tivesse razão.

—Não trabalharei com um de seus agentes.

—Sim —disse com calma, sem duvidar— fará. Lucius! —gritou sem afastar os olhos de mim— Venha e conheça sua nova companheira.

Como se o homem estivesse parado atrás da porta, protegendo-a, os grossos portões metálicos se abriram imediatamente e ele entrou furtivamente, sem emitir nem um só ruído, nem o roce da roupa ao andar lentamente ou o ritmo de sua respiração. Era tão humano como Michael, mas onde meu chefe era fraco, este homem era músculo sólido. Onde Michael era de



estatura média, este homem era alto. Onde Michael era mais velho, este homem era só vitalidade.

Parou aos pés da minha cama. O aroma de sabão de pinho e puro macho emanava dele. Não estava o suficientemente perto para me tocar, mas podia sentir o calor de sua pele, me chamando, me acalmando. Esse calor, esse aroma... os reconhecia. Passou um segundo e inspirei profundamente.

Foi quem me carregou. Foi quem me deu água ontem à noite. Foi quem me tirou a roupa. Meu estômago se apertou com o pensamento de suas mãos sobre mim, me despindo, vendo minha pele exposta. Um estremecimento de consciência acesa desceu por minha coluna.

Seus lábios eram suaves e cheios, tão rosados como as pétalas de uma flor. O resto de seus traços, entretanto, eram puro granito, gabando-se de deliciosos planos duros e fortes ângulos. Maçãs do rosto esculpidas em pedra. Um nariz esculpido em aço. Negras sobrancelhas se estendiam sobre olhos tão azuis que só podiam ser criados por cubinhos de gelo e que olhavam o mundo com uma mordacidade do tipo vi-tudo. Agora mesmo aqueles intensos olhos me olhavam, dentro de mim.

Usava uma apertada camiseta preta, a mesma cor de seu curto cabelo e ajustados jeans. Simplesmente aí de pé, exsudava uma intensidade masculina que gritava, você foderá ou matarei... você escolhe.

De repente me senti vulnerável. Exposta. Não importava que estivesse coberta pela roupa e o lençol. Estava na cama, ferida. E ele sabia como eu era nua. Mais que isso, não estava em meu melhor momento e provavelmente parecia um gatinho listrado doente, desalinhado e despenteado.

Forcei uma fria fachada, esperando mostrar uma majestosa calma. Não conhecia este homem, e não queria que me visse como algo menos que controlada.

—Alguma vez matou alguém, Sparkie? —Perguntei, esperando pô-lo na defensiva. Se deixasse, ele assumiria o comando.

Nenhuma tênue luz de emoção iluminou seus traços. Permaneceu no lugar, silencioso, indiferente. Distante.

Com um esforço consciente, arranquei meu fixo olhar dele e tentei ignorar mesmo sua existência.

—Não preciso nem quero um companheiro —disse para Michael.

—Má sorte —respondeu com expressão severa.

—Trabalho só —disse outra vez, meu tom mais frio que jamais foi. Até me surpreendia que meu fôlego não formasse gotas de gelo.

—Agora não —respondeu outra vez.

—Não vou ...

—Seus protestos não mudarão nada, céu. Quero que trabalhe com Lucius, assim o fará. É uma ordem.

—Atrasará meu caminho.

—Sabe o que faz.

—Duvido. Os homens como ele são só força física e nada de cérebro. Como poderei fazer



meu trabalho se tiver que vigiar suas costas também?

O homem finalmente se dignou a falar.

—Escute, biscoitinho —disse, sua voz áspera, baixa, como se suas cordas vocais estivessem danificadas— No dia que precisar que me salve o traseiro, será o dia que procurarei um novo trabalho. Colhendo flores, talvez. Ou possivelmente passeando com cães robóticos. Decidirei quando chegar o momento. Até então, cuide de si mesma e eu cuidarei de mim.

Com isto, saiu do quarto tão rápido e silenciosamente como entrou.

No momento que a porta fechou, olhei Michael com um feroz olhar.

—Ele acaba de me chamar de biscoitinho?

Os lábios de Michael se estiraram, a diversão mudou seus olhos avelã para um brilhante e rico verde.

—Mereceu isso depois dessa “só força física e nada de cérebro.”

—Como pode esperar que trabalhe com esse homem?

O meio sorriso se tornou completo.

—Considere-o uma penitência por seus pecados.

Não deixei que sua diversão me abrandasse, embora realmente gostasse de vê-lo feliz.

—Direi isso uma vez mais, Michael. Não preciso de um companheiro —me deixe fazer isto sozinha, supliquei silenciosamente.

Algo profundo e escuro cintilou através de seus traços.

—Trabalhará com ele, ou trabalhará para outra agência. Entendido?

Falava a sério. Michael jamais ameaçava. Só prometia. E exposto assim, não podia me negar.

Assenti rigidamente. Minhas mãos se fecharam em punhos, mas a determinação lentamente abriu caminho em meu interior.

—Pode fazer algo mais que parecer bonito?

E resistente.

—Suponho que terá que esperar e averiguar por você mesma.

—Isso é consolador, Michael. Muito consolador.

Conhecia Michael, sabia quando se tornava obstinado. Se quiser saber algo sobre Lucius, teria que averiguá-lo sozinha.

Meu pai suspirou.

—Se ficar afastada dele, terá menos possibilidades de cometer enganos com ele.

Que maravilhoso de sua parte repartir pequenas gotas de sabedoria como esta. Obrigado. Por nada.

—Algum outro pedaço de pensamento superior que queira compartilhar comigo antes que expulse a chutes e consiga um pouco de descanso?

—Sim —riu entre dentes. Sempre gostava quando voltava para minha velha forma de princesa-consentida— Quero que esteja em plena forma em três dias. De outro modo, darei a missão só para Lucius.

Então saiu. Com suas palavras de despedida, selou meu destino. Estaria em plena forma em dois dias, nenhum mais. Se for orgulho feminino ou simples arrogância, não deixaria que Lucius



tivesse esta missão sozinho.

Ainda tinha algo a demonstrar. Agora mais que nunca.

Não seria uma fracassada. Não de novo.

—“Biscoitinho” uma porra —resmunguei.

CAPÍTULO 3

Tarde da noite me obriguei a sair da cama. Meus músculos gritaram em protesto, mas consegui ficar reta. A camiseta branca que usava chegava aos joelhos, deixando o resto das minhas douradas pernas nuas. Escuridão e luz se mesclavam juntas, criando um nebuloso ambiente. Só o silêncio se apalpava no ar. O resto da casa dormia placidamente.

Com movimentos lentos e vacilantes, desci a escada de mogno e cheguei ao escritório de Michael. Gostava desta sala, com sua mesa intrincadamente esculpida, a alta estante cheia de autênticos livros, não esses hologramas que se vendiam nas lojas, e o limpo aroma de couro. Acariciei com a ponta dos dedos o globo terrestre, os mapas do universo que penduravam das paredes, o tabuleiro de xadrez. Michael e eu tínhamos passado muitas noites nesta sala, falando e rindo. Planejando estratégias.

Não é tempo de recordar, garota. Volte para o trabalho. Sentei na cadeira atrás da mesa. Depois burlei seu Sistema de Identificação Pessoal e a ativação por voz de seu computador, como ele me ensinou, e procurei o relatório de Lucius Adaire.

Toda a informação estava definitivamente apagada. Não me surpreendeu. Michael não queria que soubesse de Lucius, assim é obvio eliminou toda a informação. Muito inteligente, pai.

Frustrada e me tendo exigido muito, retornei ao meu quarto. Precisava dormir umas horas antes que a manhã chegasse. Entretanto, antes que alcançasse a cama de quatro postes, fiquei imóvel. Não estava sozinha. Senti o calor, cheirei a pinheiro.

Meus olhos se estreitaram sobre meu convidado não desejado. Parecendo casual e indiferente, Lucius vadiava na acolchoada cadeira ao lado da cama. Franzi o cenho.

—Encontrou algo? —Me perguntou com ar de suficiência, como se soubesse o que estava fazendo.

Não me incomodei em responder. Subi na cama, o colchão se adaptando ao meu peso, e fechei os olhos embora permanecesse acordada. Os lençóis estavam quentes e suaves, uma calmante carícia contra minha pele.

—O que acha que está fazendo? —Me exigiu.

—Dormindo. É bem-vindo para ficar e olhar como o perverso que estou certa que é.

—Não penso em fazê-lo. Levante —inclinando-se para mim, estendeu a mão e sacudi meus ombros de maneira pouco gentil— Estamos vestidos. Treinaremos.

Um homem de poucas palavras. Que típico.

—Se quiser pode fingir que é meu fisioterapeuta e me dar uma massagem. Deixarei que



toque meus ombros. Para outra coisa que não seja isso, mantenha as mãos para si mesmo. De acordo?

—Não é madrugadora?

—O farei saber pela manhã. Por agora, descansarei. Fora.

—É sempre tão preguiçosa?

Não deu tempo para procurar meu “eu” calmo. Simplesmente me elevei com um balanço, me pus em posição e deixei voar meu punho. Incrustei-o em sua mandíbula. Seu queixo nem sequer girou de lado, mas eu estremeci pelo impacto. Seus ossos eram mais sólidos que aço, e eu não tinha recuperado toda a minha força.

Lucius teve suficiente tempo para parar o golpe? Provavelmente. Teve suficiente tempo para se afastar? Definitivamente. Meus movimentos eram mais lentos que de costume e meus reflexos estavam embotados.

Um tênue brilho de humor acendeu seus olhos, fazendo o azul parecer quase púrpura.

—Tire seu traseiro da cama. Da forma que está, os outros-mundos eliminarão você, não o contrário. Encontrarei-te no ginásio do porão em meia hora.

—Sai do meu quarto.

—Meia hora —disse ele— Não chegue tarde.

Quando escutei fechar as portas, me obriguei a sair da cama. Sentia-me mais dolorida agora que há cinco minutos. É obvio, culpei Lucius por isso. Mas maldição se não tinha vontade de treinar com ele! Eu adorava um desafio. Em meu estado atual, provavelmente não poderia golpeá-lo. Embora talvez pudesse fazer muito dano, pensei sorrindo amplamente.

Saturei minhas feridas com um adesivo de cyanoacrylate, uma cobertura para lesões, e tomei uma longa ducha, desfrutando do úmido líquido perfumado com aroma de rosas. A maioria das pessoas tinha que se banhar a seco com um orvalhado de enzimas e glicerina. Michael podia se permitir água, graças a Deus. Tomar banho era quase uma afeição para mim.

Disseram-me que Raka era um planeta com mais água que terra. Possivelmente banho era algo que todos os Rakas desfrutavam. Se meus pais tivessem sobrevivido àquela aterradora noite, poderia ter perguntado. Poderiam ter respondido a qualquer pergunta que fizesse. Uma pontada de pesar me golpeou, como sempre quando pensava em meus pais. Sentia terrivelmente sua falta.

Quando saí da banheira, me sentia mais flexível, menos torpe. Dei uma olhada no relógio de parede e não pude menos que sorrir. Passaram trinta e três minutos desde que Lucius me ordenou chegar ao ginásio. O imaginei passeando, me esperando com impaciência.

Elevei os braços e experimentei só uma leve pontada de dor no lado quando recolhi o comprido e dourado cabelo de meu rosto e remexi o armário cheio de roupa. Em todas as casas, Michael reservava um quarto e um guarda-roupa só para mim. Escolhi um sutiã esportivo vermelho e calças curtas elásticas combinando.

Meu estômago grunhiu. Não comi nada mais substancial que água com açúcar em dias. Enquanto entrava na cozinha, senti o frio dos ladrilhos de mármore contra meus pés nus. Autêntico café, e não a mescla sintética, fervia a fogo lento numa chaleira prateada que formava parte do balcão de inox, saturando o ar com um denso aroma de café. Enruguei o nariz em



aversão. Não entendia como alguém podia beber essa merda.

Pressionando alguns botões, um sanduíche de peru deslizou da abertura oposta. Cobri com açúcar e comecei a comer metade antes que meu estômago protestasse.

Tinham passado quarenta e nove minutos.

Finalmente me dirigi ao ginásio do porão, sorrindo amplamente.

Lucius estava lá, golpeando um saco de boxe, parecendo tão sexy como o inferno. Que chato! Com sua irritante personalidade, deveria ser feio. Horrível.

Sua bronzada pele se estirava sobre músculos e tendões. Várias cicatrizes cruzavam seu tórax e o suor brilhava e gotejava por suas nuas costas e peito, juntando na cintura do shorts preto. Não me deu nem uma olhada.

Passei às duas horas seguintes me estirando na esteira e centrando minha energia em forçar meu corpo a superar as barreiras que minhas feridas impunham. De vez em quando, ficava débil e instável. Embora fosse uma boa sensação já que era do tipo que avisava que eu estava viva. Estou segura que Lucius preferia que usasse os pesos e possivelmente a argola de boxe virtual.

Em geral, realmente treinava com a argola mas hoje não queria fazê-lo. Em vez disso, me exercitei na esteira e na barra colocada na parede mais afastada. Estirei uma perna sobre ela, olhando de esguelha para Lucius. Quase ofeguei quando vi que me observava com olhos ardentes e intensos.

Entrecerrei os olhos e o olhei.

—Se divertindo?

—Vamos praticar —ladrou— Se acha que pode me enfrentar.

—Estive enfrentado homens como você por anos, Sparkie.

Um músculo palpitou em suas têmporas.

—Vamos deixar algumas coisas claras, biscoitinho. Você não gosta e tampouco eu gosto. Não quer um companheiro, e eu certo como o inferno não preciso de um... sobretudo uma arrogante fêmea outro-mundo sem nenhum talento à vista.

—Então por que concordou em trabalhar comigo? —Grunhi.

—Dinheiro é dinheiro, neném, e seu pai paga uma nota para me ter aqui.

—Nos paga o governo, nenê. Se informe antes de falar.

Lucius apertou os lábios e silenciou suas seguintes palavras.

—Pelo menos conseguiu o melhor no trato —resmunguei.

—Pode repetir?—arqueou uma sobrancelha— Falhou em sua última missão, enquanto eu tive êxito em cada uma delas.

Apertei a mandíbula com irritação. Como se precisasse que me recordassem meu fracasso. Como se isso não fosse o centro de meus pensamentos, inclusive meus sonhos.

—Em todos os meus anos como agente, este foi meu único fracasso. E decidi retificá-lo.

—Teve êxito em casos fáceis, doce. Isso não é nada para se mostrar orgulhosa.

Bastardo.

—Matou alguma vez a alguém?

—Se tiver que perguntar, é que não é muito boa julgando caráter.



A morte gelada e crua brilhava em seus olhos, falando de seus inumeráveis assassinatos. Minhas mãos se apertaram em punhos.

—Eu também matei. Muitos, de fato.

—Sinto curiosidade —disse ele— Como eliminou esses objetivos? Irritando-os até a morte?

Franzi o cenho e cortei a distância entre nós até que estivemos nariz contra nariz. Nosso fôlego se mesclou e pude sentir as vibrações de sua força. Parecia que não podia manter minha habitual fachada de frieza com este homem. Respondia a ele tanto se queria como se não.

—Por que irritá-los quando posso utilizar minha faca... quando posso agarrar um humano como você, cortá-lo e fritá-lo para tomar o café da manhã?

Lucius me estudou por um longo momento, silencioso, deslizando os olhos por minhas curvas com intenções ardentes.

—É um glorioso ego o que tem.

—Ganhei-o. Você, entretanto, provavelmente jamais...

—É suficiente, meninos —disse Michael, enchendo de repente a entrada.

Demos a volta e o confrontamos. Com uma despreocupação fingida, apoiava-se no grosso marco de madeira, sustentando uma fumegante xícara de café numa mão e um cigarro sem acender na outra...

—Saio e os deixo a sós algumas horas e se lançam um contra o outro. Ou trabalham juntos nisto ou buscam um novo emprego.

Meu pai sacudiu a cabeça e me dedicou toda sua atenção.

—Pensei em te dar mais tempo, mas aconteceu algo —logo se dirigiu à Lucius— Termine seu treinamento, logo explique para Eden o que quero que façam hoje.

Com isto, deixou-nos sozinhos.

—Explique isso agora —disse, olhando airadamente para Lucius.

Teria açoitado Michael, mas isto, estou segura que divertiria meu companheiro.

—Alguém alguma vez te disse que se tiver amabilidade com um homem, é mais provável que seja amável com você?

—Por favor, me explique o que Michael quer que façamos —disse, as palavras rasgando minha garganta.

—Não antes de treinarmos —replicou, desfrutando de cada sílaba. Olhou meu lado ferido.

—Biscoitinho, precisa desesperadamente.

Tive que engolir uma fila de maldições. Quando Lucius conseguiu o comando?

—Estou pronta quando você estiver —disse através dos dentes apertados.

Como um Raka, não tinha habilidades de luta especiais e instintivas. Como assassina treinada sim. Não seria a presa fácil que obviamente me considerava. Ferida ou não.

Ele reclamou seu lugar sobre a grande esteira azul no centro do ginásio.

Reunindo minha energia, por fim centrada, fiquei a centímetros dele. Minha força não estava no nível que desejava, mas por agora teria que bastar. Refleti sobre minha estratégia na luta. Centrei-me, mantendo meus pensamentos claros. Sem me permitir reações emocionais.

—Não serei delicado com você —disse Lucius— Não me importa que seja mulher ou que



esteja ferida.

Eu tinha treinado com hologramas mais ferozes e mortais que este homem, assim que sua advertência não me assustava no mínimo.

—Planeja me derrubar sozinho? —Ri— Boa sorte, Sparkie.

Pronunciando um grunhido baixo, saltou sobre mim.

Num movimento fluido, inclinei de lado, evitando com eficácia o impacto. Ele passou diante de mim, tropeçando com seus próprios pés.

—Tsk, tsk, tsk. Está deixando que a cólera te domine.

Girando, ele avançou. Dei um chute no estômago, mas isso não reduziu sua marcha. Alcançou-me muito cedo e me agarrou pelos ombros. Desta vez não pude esquivá-lo; moveu-se muito rápido. Abateu-me e golpeei a esteira. Estremeci ante a aguda dor em meu lado, mas saltei rapidamente sobre meus pés. Ao mesmo tempo, antes que pudesse tomar fôlego, Lucius estava sobre mim de novo, me empurrando para baixo, suas mãos envolvendo minha garganta para me afogar.

—É muito lenta —disse.

Sabia. Quanto mais devagar me movia, mais tempo tinha meu oponente para considerar meu seguinte movimento. Rompi o aperto de Lucius com um rápido impulso do meu cotovelo. Não o suficientemente forte para partir seu braço em dois, mas o bastante para doer. Logo dei um chute no peito, o enviando tropeçando para trás. Quando recuperou o equilíbrio se lançou na minha direção. Retorcendo-me, saltei e esquivei. Dei outro fluido giro. Chute. Contato.

Meu pé golpeou o tórax dele, tirando o ar de seus pulmões. Enquanto se dobrava, levantei o cotovelo com força e com um corte descendente, conectei-o em sua maçã do rosto.

O homem bramou.

Sorri abertamente.

—Ainda muito lenta?

—Não foi um mau movimento —disse, esfregando a bochecha. Depois de um momento de assombro, se elevou em toda sua estatura— Vejamos o que tem para oferecer —se agachou, girando sobre seus calcanhares, ao mesmo tempo em que fazia um varrido com a bota. Esperando esse movimento, saltei.

Não o bastante longe, apesar de tudo.

O calcanhar de sua bota amassou minha panturrilha. Meus joelhos chocaram, dobrando, e caí de cara. A fria espuma encontrou minha quente pele e eu perdi minha arrogância.

Ele saltou sobre mim, seu peito fixando minha cara no chão. Seu quente fôlego soprou em minha orelha e bochecha. Por todas as partes sua pele tocava a minha, me eletrizando como um cabo vivo, me chamuscando, provocando desconforto... mas não de dor, mas sim de luxúria. Tinha problemas para respirar, mas quando o fiz, inalei seu selvagem aroma. Sua rudeza.

—O que deveria fazer nesta posição? —disse Lucius com calma.

Eu deveria colocar uma palma contra minha bochecha, estender meu outro braço e girar. Mas os longos e grossos dedos dele eram surpreendentemente apazíveis enquanto deslizavam por meus braços, e permaneci no lugar, sem fazer nada. Seu toque não era como o de um inimigo,



mas sim como o de um amante.

Uma indesejada onda de necessidade e desejo cresceu em meu interior, ficando mais e mais quente. E não ajudava que ele tivesse uma ereção. Grossa. Dura. Ardente.

Sabia que não me desejava. Não realmente. Os homens simplesmente se excitavam com o contato físico e, definitivamente, isto era físico.

Saber que teria desejado qualquer mulher debaixo dele falhou em diminuir minha própria luxúria como deveria ter feito. Fantasias escuras e perigosas saltaram à vida. Corpos nus, gemidos de entrega... enquanto pensava, arqueei meu traseiro contra ele, procurando mais de seu calor, ansiando um contato mais profundo.

E então foi quando uma fragrante nuvem de canela e mel nos rodeou. No momento que a cheirei, minhas bochechas arderam em vermelho vivo e lutei desesperadamente para me liberar. Se Lucius soubesse algo sobre os Rakas, saberia que só emitíamos esse aroma quando estávamos terrivelmente excitados.

—Me solte —gritei. Não poderia erguer uma fachada calma e fria embora minha vida dependesse disso— Solte agora mesmo.

Estendi o braço como deveria ter feito desde o princípio e tentei girar.

Lucius me pressionou com mais peso, me mantendo imóvel.

—O que acontece com você? —Ladrou— Fique quieta, mulher. E quando diabos pôs esse perfume?

Não sabia.

Imediatamente relaxei. Uma coisa era o desejar, e outra completamente diferente era que ele soubesse. Parecia o tipo de homem que usaria isso contra mim, zombando.

—Saia de cima —disse com mais calma.

—O que fará se não fizer? —perguntou ele— Tenho-te imobilizada, e sabe o que? Não há uma maldita coisa que possa fazer a respeito. Assim me parece que tem um pequeno problema.

—Você acha? —Respondi, quase sem fôlego.

Tinha que conseguir que saísse de cima antes que fizesse algo estúpido. Como choramingar... ou abrir as pernas.

—Acho —disse ele com segurança. Fez uma pausa e logo continuou— fui muito rude? — Perguntou bruscamente.

Obrigui-me a não lutar.

—Acontece que eu gosto de rude.

—Mentirosa —sua voz agora era baixa e rouca. Carregada de energia sexual— Acredito que gosta de lento e terno.

Meu Deus, se continuasse me falando assim ia arrancar seus shorts e exigir que me tomasse bem aqui.

—Maldito. Não queria me ensinar uma lição?

—Talvez da próxima vez —fez uma pausa— Quando um homem te prender assim, o melhor que pode fazer é morder seu braço e usar a distração para girar.

Antes que pudesse seguir o conselho, ele saltou sobre seus pés.



Sentindo-me estranha, privada, rodei sobre minhas costas e lancei um chute, golpeando seus pés e passando uma rasteira. Lucius caiu e eu ri quando golpeou o chão.

—E se fizer algo assim? —Perguntei.

Sua risada se mesclou com a minha, o som puro e autêntico. Lucius não se moveu para levantar, mas permaneceu convexo.

—Um bom movimento.

—Obrigada.

Quando nosso riso morreu, escorou um de seus braços atrás do pescoço e franziu o cenho.

—Quero esse bastardo do EenLi morto. Não porque seja nossa missão, mas sim porque merece morrer.

Dei uma olhada em seu perfil; era tão áspero e selvagem como a vista frontal.

—Faz soar como algo pessoal.

—Cada missão é pessoal, mas estou seguro que Michael te contou que EenLi costumava trabalhar para nós.

—Fez.

—Quando partiu, matou vários agentes. Agentes que eram meus amigos —Lucius deu meia volta para me confrontar, o brilho em seus olhos selvagem, duro— Se em algum momento acreditar que vai me atrasar, juro por Deus que te matarei eu mesmo.

Meus olhos se estreitaram.

—Só vou dizer isto uma vez —sustentei um dedo, no caso de precisar de uma demonstração visual— Falarei devagar para que entenda. Se você me atrasar, te enviarei de volta chamando sua mãe como uma menina pequena.

Outro brilho de diversão brincou nos cantos de seus lábios.

—Boa com as facas, não?

—Muito —disse com absoluta confiança.

—Está bem. Advertência recebida.

Rápido como um raio, rodou sobre mim e prendeu meus ombros na esteira com os joelhos.

Rapidamente levantei minhas pernas atrás dele e envolvi meus tornozelos ao redor de seu pescoço. Minhas coxas doeram quando o empurrei para trás. Enquanto Lucius caía, eu subia. No momento que suas costas golpearam o chão, usei o ímpeto para terminar de subir e plantei o cotovelo no seu estômago.

Seu fôlego saiu de seus pulmões.

—Esta é a segunda vez que me dá uma cotovelada —ofegou ele.

— EenLi reapareceu outra vez? —Perguntei, levantando rapidamente. Só por diversão, caí e cravei o cotovelo nos seus pulmões.

—Maldita seja! —Quando recuperou o fôlego, Lucius disse— mais algumas vezes em Novo Dallas. Acreditam que assassinou uma mulher humana.

—Este não é seu modus operandi habitual. EenLi sequestra, viola e tortura. Poucas vezes mata. Não há nenhum benefício com um morto.

—Sei. Acredito que estava desesperado e cometeu um erro.



Lucius deu um giro e repartiu golpes a torto e a direito, golpeando meu antebraço com seu pé. Em minha ferida.

Estremeci, mas me mantive em equilíbrio. Deus, que dor! Ele pretendia que gritasse “isso é armadilha”, mas não lhe daria essa satisfação. Em vez disso saltei, dando uma volta no ar, com o punho levantado e pronto. Impacto. O cravei na têmpora.

Sua cabeça girou de lado.

—Em geral leva meses para reunir os adequados candidatos a escravos, já que só quer aqueles que tenham condições específicas de seus compradores —disse— Por que agora tem tanta pressa?

—Pelo que contou para Michael —disse ele, movendo-se de lado quando me aproximei de novo, fazendo que perdesse uma oportunidade— Uns poucos de seu último envio morreram de algum tipo de enfermidade. Os compradores não devem ter gostado. Estou certo que pediram certo número, assim tem que subministrar. E não se esqueça que matou o segundo em comando, por isso agora tem que fazer ele mesmo o trabalho sujo.

—Tem sentido.

Já que o movimento tinha funcionado antes, me agachei e lancei um chute. Minha perna conectou com seus tornozelos. Quando caiu, saltei e finquei meus joelhos sobre seus ombros, minha entre perna perto de seu rosto.

Lucius encontrou meus olhos e depois, intencionalmente, deslizou seu penetrante olhar para baixo.

—Bonita vista.

Tremi e tentei deter o novo brilho de excitação que faiscou em meu interior. Com as curtas e negras mechas sobre a testa, tinha um aspecto de recém-saído-da-cama.

—Olhe. Não sou como as outras mulheres que conhece. Sou mais resistente do que acredita. Estive em lugares e fiz coisas que a maioria das pessoas teme.

—Ainda é uma mulher —disse, como se isso explicasse todos os segredos do universo— E é uma Raka, a raça mais pacífica que alguma vez caminhou discretamente sobre este planeta.

Discretamente? Deveria romper seu nariz por isso.

—Sou uma mulher Rakan que tem por profissão matar pessoas. Não tenho medo de você, e não tenho medo de EenLi. Vou matá-lo.

Uma emoção ilegível brilhou tenuemente em seus olhos, e me perguntei o que ele sentia. Admiração? Era o que desejava. Dúvida? O mais provável.

—Por que decidiu matar outros-mundos quando é uma deles? Não é como matar seus próprios irmãos?

—Meus motivos são meus e não te dizem respeito.

—Li seu relatório —disse ele— Não menciona nenhum motivo.

Surpreendida, pisquei. Michael teve a desfaçatez de apagar o relatório de Lucius para que eu não soubesse nada dele, e entretanto deu meu relatório ao homem para que o lesse atentamente em seus momentos livres? A fúria me queimou, e estalei a língua.

—Como meus motivos, meu relatório é assunto meu e só meu.



Lucius permaneceu impassível.

—Serei honesto. É uma contradição que ainda não entendo. Matando outros-mundos protege às pessoas —disse— mas essas pessoas caçam sua gente por sua pele dourada.

—Sou tão terrícola como você. Nasci e me criei aqui. O fato que seja Raka... —encolhi os ombros— Você é humano. Mataria um humano se tivesse que fazê-lo?

—É óbvio —respondeu Lucius. Suas sobrancelhas se arquearam— E você?

—Totalmente —respondi— A você, em particular. Algumas pessoas, não importa sua raça ou gênero, são más e devem ser destruídas. Esse é o único modo de alcançar a paz.

Aqueles lábios cheios se curvaram sensualmente, e tive o repentino e inoportuno impulso de me inclinar e o morder.

—Quer saber o que Michael planeja que gente faça hoje ou o que? —perguntou Lucius.

Assenti com a cabeça e lutei contra um rubor, porque tinha esquecido as ordens do Michael tão facilmente.

Estúpida luxúria. Não gosta deste homem. Lembra?

—Ontem à noite um de nossos agentes prendeu Sahara Rose e a retêm em New Dallas —disse ele, sem se incomodar em tentar me tirar de cima— Michael quer a gente voando até lá, a interrogando e tirando toda a informação que pudermos.

Quase saltei sobre meus pés de entusiasmo e antecipação, mas consegui permanecer onde estava.

—Quando partimos?

—Em duas horas —prende minhas coxas com suas mãos e apertou. Não o suficiente para doer, mas o bastante para conseguir minha atenção— Quero interrogá-la sozinho, o que significa que tem que ficar aqui.

Não pude evitar rir.

—Está de brincadeira, verdade?

—Não há forma que consiga respostas dela. Seu aspecto dá tanto medo como uma quente tigela de mel.

—A beleza não determina a capacidade —grunhi, perdendo todo rastro de humor.

Escutei palavras similares toda minha vida. Quando era uma mimada e consentida adolescente, gostava daquele tipo de declarações. Em adulta, e em vista do meu fracasso recente, odiava, odiava! escutar tal coisa.

—E sem falar de sua boca —continuou ele.

—O que tem minha boca? —Perguntei lentamente.

—Essa é uma boca de duzentos-dólares-a-hora, não uma boca de conte-todos-os-seus-segredos-ou-te-matarei.

—Sabe o que? —Disse. OH, isto ia ser divertido. Obviamente Lucius não tinha nem ideia de como devia agir em um interrogatório— Estou disposta a fazer uma aposta com você. Darei-te dez minutos para que consiga uma só resposta de Sahara Rose. Uma só.

Segui à mulher por dias. A conhecia-a. Lucius, com sua grande constituição e seu exigente lado não-te-dou-uma-merda, a intimidaria até o absoluto silêncio.



Uma travessa intenção brilhou em sua expressão.

—E quando conseguir uma resposta dela?—perguntou, com ambas as sobrancelhas levantadas.

—Te deixarei ter minha boca grátis.

Não vacilou.

—De acordo.

—Não quer saber o que conseguirei se falhar?

—Não pretendo falhar.

—Ainda tem que me oferecer algo que quero.

Agora vacilou.

—O que? —Perguntou com desconfiança.

—Quando seus dez minutos terminarem, quero que se afaste e feche o fodido bico. Conseguirei a informação que precisamos. Depois, se ajoelhará e elogiará minha habilidade.

Seus lábios se estiraram num sorriso cheio de antecipação.

—Trato feito. Mas se prepare, biscoitinho —Lucius levantou e se aproximou tanto que senti seu quente fôlego sobre meu rosto — Quero sua boca por todo o meu corpo.

CAPÍTULO 4

Quero sua boca por todo meu corpo.

Tentei não pensar nas palavras de despedida de Lucius enquanto desfrutava da suavidade e decadência do jato privado de Michael. Um ITS (Transporte de Sistema Lônico) que funcionava com vibrações de sub-partículas, uma energia melhor que a gasolina, complementado com quatro canhões laser e asas retráteis. Tentei não imaginar minha boca devorando o duro e musculoso corpo de Lucius, seus gemidos de prazer soando em meus ouvidos, suas mãos agarrando meu cabelo, seu sabor gracejando minha língua.

Infelizmente, pensei em algo mais e passei quase todo o tempo do voo para New Dallas perdida numa neblina sensual. O enjoativo aroma de mel ainda me seguia... e não havia uma maldita coisa que pudesse fazer a respeito. Pelo menos Lucius não mencionou meu “perfume” de novo. Poderia morrer de pura mortificação se o fizesse... até podia imaginar o título da minha necrológica:

Assassina de Alienígenas Sobrevive a disparos, lasers, feridas de faca, veneno e Explosões, só para sucumbir ao estúpido comentário de um macho humano.

Suspirei e me acomodei mais profundamente no fofo assento de couro. O privado e luxuoso ITS oferecia, além de uma suave viagem, um esplêndido sofá azul e uma mesa dourada. Se não fosse pela vista panorâmica de nuvens brancas e céu azul, poderia me convencer que estava em



casa, refletindo sobre o êxito da minha última missão.

Em vez disso, aqui estava. Com um fracasso. Com um companheiro. Desejando um humano.

Os Rakas eram sensuais por natureza. Criaturas de paz, prazer, e decadência... qualidades contra as quais lutei por anos, e que pensava ter vencido. Ou melhor, matado, como todas as minhas vítimas.

Suspirei. Não foi minha intenção me converter numa assassina. Pedi para treinar com Michael e seus agentes simplesmente para passar mais tempo com meu pai. Impressioná-lo. Ele respeitava seus homens, e queria esse mesmo respeito para mim. Queria ser mais que a mimada, consentida e preguiçosa filha... algo que ele incitou.

Frequentemente me tornada entediante e ele jamais se queixou, na realidade desfrutava me agradando, mas começou a notar a diferença entre seus homens e eu.

A contra gosto, Michael concordou em me deixar participar. Durante os treinamentos, fui tratada igualmente duro como os homens. Lutei, cacei, aprendi as complexidades das armas. Depois, observei meus colegas machos partir e retornar de suas missões enquanto eu ficava atrás. Escutei-os falar das atrocidades que cometeram os objetivos e senti seu orgulho ao proteger aqueles que eram mais fracos que eles.

Tornar-me um agente logo se converteu em meu autêntico objetivo. Enquanto os dias passavam, era menos por Michael e mais por mim. O que eu poderia fazer para ajudar.

Finalmente, Michael me concedeu uma oportunidade para demonstrar do que era capaz... aquela primeira morte foi mais fácil do que eu esperava. Mais fácil do que todos esperavam. Eu era uma autêntica Raka, sensual, amante da paz, mas acabava com facilidade com uma vida. Então foi quando compreendi que a destruição do mal era um baile sensual e meu meio para manter a paz. Matar estava em minha natureza.

Lucius estirou as longas e musculosas pernas, invadindo meu espaço pessoal. Estava sentado em frente a mim e nenhuma parte de nossos corpos se tocava. De todo modo sentia seu calor e não gostava. Não gostava dele e ponto. Transtornava meu equilíbrio interior. Um equilíbrio que precisava desesperadamente. Depois de tudo, ganhava a vida eliminando alienígenas e humanos, violentamente, sem pensar ou lamentar. Uma só distração podia acabar comigo.

Sabia isso. De verdade. Mas aqui estava, consumida por um homem que me causava dor de um modo que nada tinha a ver com feridas físicas.

Dei uma rápida olhada, meus olhos se fixando em seus lábios. Embora rosados e exuberantes de algum modo, neste momento, pareciam duros. Abrasivos. Como o resto dele. Mas não acreditava que fossem duros beijando uma mulher. Não, seriam tenros e sedosos. Quentes. Perfeitos. Absolutamente perfeitos.

Um homem com sua aparência, composto por fios e garras, músculos e tendões, pertencia à guerra. Não sobre uma mulher, dando um prazer inexprimível. E ainda assim estava disposta a apostar que se sobressaía em ambas às coisas... não que alguma vez fosse averiguá-lo de primeira mão.

Mudando de lado, me permiti observá-lo. A mudança em seu aspecto ainda me surpreendia. O homem, de algum modo, se transformou antes de abandonar o Novo México. Depois de nossa



inocente briga no ginásio subterrâneo de Michael, nos separamos para tomar banho e trocar de roupa.

Lucius saiu com seu negro cabelo tingido de um loiro quase branco, com a sobrancelha esquerda perfurada, e a base de seu pescoço ostentava a tatuagem de um crânio. Parecia tão sexy como o inferno.

—Quer me dizer no que pensa? —Perguntou-me casualmente.

Meu coração acelerou ante o som de sua voz. Sim, claro. Como se fosse contar.

Não me disse nenhuma palavra sobre sua mudança, e tampouco perguntei. Podia supor por que o fez. Obviamente, Lucius foi a New Dallas antes... sob uma identidade diferente. Esta identidade. Provavelmente já trabalhou com os homens com quem nos encontraríamos, e o conheciam com esta aparência.

Notei que Lucius continuava me olhando, seu olhar azul decidido. Pelo menos a cor de seus olhos era a mesma. Aquele atrativo e elétrico azul que jamais deveria ser escondido.

—Pode me dizer— Arrancarei isso cedo ou tarde, e faria um favor a você mesma se fosse cedo.

—Simplesmente imagino seu fracasso com Sahara Rose —menti.

Sua negra sobrancelha perfurada se arqueou, levantando o pendente de prata.

—Se pensar em meu fracasso põe essa expressão de foda-me-agora, continue pensando nisso. Por favor. —A última palavra pareceu estranha em sua língua, como se jamais a houvesse dito antes.

Lutei para manter minha expressão neutra, me impedindo de franzir o cenho. Com suas palavras, Lucius colocou a imagem de me-dê-prazer bem no fundo de minhas fantasias.

—Tem que ser tão grosseiro? —Grunhi.

—Matamos gente para viver, biscoitinho, e se incomoda com minha linguagem?

Os dois poderíamos ser assassinos, mas diferentes em muitos outros níveis. Eu trabalhava para a paz, para o bem-estar das pessoas. Ele trabalhava por dinheiro. Minha lealdade jamais fraquejava. A sua, provavelmente, mudava com o vento.

—OH, espere —acrescentou ele— Você é uma princesa, uma mimada menina rica. E não tente negar. Ouvi histórias de seus anos de adolescente. Chorava e fazia cara feia quando não conseguia o que queria. “Pedi um vestido azul, papai, não verde” —imitou com um tom agudo— Buaaaah! —Fez rodar os olhos— É obvio que se incomoda com minha linguagem. As garotas como você nunca ficam contentes, sem importar as circunstâncias.

Meus olhos se estreitaram. Já não era essa garota. Não era há muito, muito tempo. Quando comecei meu treinamento, inclusive deixei de chamar Michael de “papai”. O chamava como todos os outros agentes.

—É uma pena que não haja uma recompensa por sua cabeça —resmunguei— Seria um objetivo que estaria encantada em eliminar.

—Quem diz que não há preço por minha cabeça?

Minhas sobrancelhas se arquearam.

—Há?



Lucius encolheu os ombros.

—Você é a perita rastreadora. Diga-me você.

Nossos olhares se chocaram e se sustentaram. Alguma força invisível se negava a me liberar de seu agarre enquanto o estudava. Seus traços eram tão duros e ilegíveis como sempre. Nada na expressão ou na linguagem corporal traía seus pensamentos.

—Bom. Possivelmente haja mais de um —disse— Não é o tipo de homem que sabe jogar limpo. O mais provável é que tenha inimigos em todas as cidades, em todos os países e em todos os horríveis lugares nos quais entrou.

No momento que disse a palavra “jogar”, seus olhos caíram sobre meus lábios. A palavra realmente ficou suspensa entre nós como se tivesse vida própria, como se respirasse. Imaginava corpos nus, suarentos? Aditivos beijos e prazer?

Olhei-o airadamente, ordenando silenciosamente que afastasse o olhar. Não o fez. De fato, seu penetrante olhar enfocou mais atentamente na minha boca. Tal intenso escrutínio me acovardou, mas estava acostumada a controlar minhas reações. Meu corpo obedeceria à vontade da minha mente, não de minha luxúria. Quis me retorcer e virar, mas me proibi inclusive de me mover um centímetro. Por meu trabalho, frequentemente sentava em um lugar por horas, observando minha presa, sem delatar minha posição nem por um só fôlego.

Decidi desafiá-lo devolvendo sua própria pergunta contra ele.

—No que pensa você?

Arqueou a sobrancelha perfurada outra vez.

—Quer uma resposta honesta ou a mesma merda que me deu quando perguntei?

Não me deu tempo para responder, então continuou.

—Responderei honestamente —se inclinou para frente, a boca se curvando para cima, os olhos escurecendo. — Penso em como quentes, úmidos e impacientes serão seus lábios quando ganhar nossa aposta.

—Nem sequer gosta de mim.

—Não gosto, mas te desejo.

Típico dos homens. Graças a Deus a equipe de aterrissagem gemeu enquanto se desdobrava, me salvando de apagar esse sorriso satisfeito de sua cara com a faca de três fios que tinha presa em meu tornozelo. Não importava que tampouco gostasse dele e assim mesmo o desejasse.

O auto-dirigido ITS deslizou brandamente em sua programada posição, uma pista privada de aterrissagem em New Dallas. Lucius e eu saímos. Um passo atrás dele, encontrei-me observando a forma como seu traseiro se movia. Precioso. Maldição!

O sol brilhava bem no alto, fazendo o calor do meio-dia se abrigar ao meu redor. Minha dourada pele queimava facilmente, mais facilmente que a de um humano. Quando era possível, usava camisetas de manga longa (com acessíveis aberturas para lidar com minhas armas) e folgadas calças negras (também com acessíveis aberturas). Deslizei meus escuros óculos de sol no lugar. Como pertencia a uma raça caçada, também escondi meu dourado cabelo sob uma boina negra.

Formou-se um fino brilho de suor e uma brisa carregada de sujeira se levantou. Apressei-me



a entrar como uma bala no assento traseiro de um Hummer negro a prova de lasers. Dois dos empregados de Michael esperavam adiante. Ambos eram humanos, de uns trinta e pouco anos e em plena forma física. Reconheci-os e os saudei com a cabeça. Ren, o musculoso bruto do assento de passageiros, me chamou para sair em numerosas ocasiões. Sempre recusei e suas paqueras me irritavam.

—Obrigado pelo passeio —disse.

—Sem problema, neném —respondeu Ren, me dando um sorriso de boas-vindas— Por você, o que for.

Enquanto falava me piscou o olho.

Ele até percorreu meu corpo com o olhar, e não duvidava que mentalmente me forçasse a separar minhas pernas.

Qualquer réplica de minha parte só o animaria. Sabia por experiência, assim mantive a boca fechada.

O relaxado ambiente mudou quando Lucius entrou no veículo e dobrou sua grande compleição ao meu lado. Ren evitou olhá-lo diretamente, mas seus lábios se franziram com desdém. O motorista, Marko, girou e nos olhou. Seu olivácea tez e escuros olhos estavam avermelhados com... fúria?

—Suponho que já se encontraram antes —murmurei.

—Quebrou meu fodido nariz —grunhiu Marko.

Lucius permaneceu impassível.

—E quebrarei de novo se não girar seu traseiro e nos levar onde temos que ir.

Houve uma sufocante pausa, um segundo suspenso em que a tensão se intensificou e em que fiquei cem por cem segura que os três homens iam matar um ao outro. Espere. deixe-me dizer de outra forma. Estava cem por cem segura que Lucius mataria Ren e Marko. Duvidava que alguém ou algo pudesse fazer mal para Lucius Adaire.

E não era essa uma graciosa revelação? Quando conheci pela primeira vez o homem, o acusei de ser toda força física sem nada de inteligência, muito bonito para lutar realmente. Tinha demonstrado ser muito capaz durante nossa sessão de treinamento. Conceder-lhe-ia isso.

Ajustei os óculos de sol sobre meu nariz. Obviamente, Lucius serviu um tempo no exército. Nas Forças Especiais, possivelmente em operações encobertas. Talvez até tenha trabalhado para o A.I.R em certa época. Movia-se silenciosa e correntemente, com a evidente calma de um predador. Não recuava diante da ideia da violência; abraçava-a.

Ainda assim, não o queria como companheiro. Como poderia provar a mim mesma? Como poderia demonstrar meu valor e habilidade com este duro homem ao meu lado? Apesar das ameaças de me matar se entrasse em seu caminho, Lucius simplesmente ficaria diante de mim quando os disparos explodissem. Os agentes eram protetores por natureza, e Lucius não seria capaz de se deter.

—Não me pagam por horas, senhoras, assim terminemos este trabalho —acrescentou Lucius.

Observei como o rubor de Marko se tornava escarlate e seus olhos se estreitavam em



escuras frestas. Lentamente deu a volta. Suas costas e ombros estavam rígidos, e uma aura de fúria irradiava dele. Ren demorou mais em virar. Olhava de Lucius para mim e de mim para Lucius. Jamais me viu com outro agente antes e indubitavelmente se perguntava o que fazia com este. Não ofereci nenhuma explicação e voltei minha atenção para a janela.

As árvores estavam secas e amareladas pela falta de água. Círculos de plantas se desdobravam pelo cercado recinto da pista de aterrissagem e decolagem e, vários homens se precipitavam em tirá-las. Segundos mais tarde nossas coordenadas foram programadas no carro e entramos por um sinuoso atalho.

Ninguém falou. No silêncio, minha consciência de Lucius ficou elétrica, uma faísca que rogava para irromper em chamas. A dura longitude de sua coxa pressionava contra a firmeza da minha. Onde nossa roupa se tocava, minhas terminações nervosas chispavam. Cheirava tão bem. Muito bem. A sabão e homem com um toque dos aromáticos cigarros de Michael.

Para preservar minha saúde mental, obriguei minha mente a se afastar desse perigoso terreno e se concentrar na iminente confrontação com Sahara Rose. Uma aprazível e frágil criatura, e essa fragilidade a convertia no elo débil na cadeia de EenLi. Sempre me perguntei por que o escravagista usava a garota. Estupidez? Ou desejo? O último era a resposta mais provável. O desejo podia empurrar até a pessoa mais sensata a fazer coisas estúpidas. Eu não era uma prova?

Logo o Hummer parou na frente de uma velha e dilapidada granja à beira do desmoronamento. As aparências frequentemente enganavam, e sabia que esta era uma daquelas vezes. Dentro, aquelas estilhaçadas paredes eram sólidas e impenetráveis. Cabos e minas de terra enchiam a propriedade circundante. Computadores e outros equipamentos protegiam “a casa” de invasores... assim como vigiavam os prisioneiros dentro.

—Dez minutos —recordei à Lucius enquanto saltava.

Não queria que ninguém abrisse a porta e me estendesse à mão. Feminilidade e delicadeza eram duas coisas que não queria projetar agora mesmo. Fechei a porta com mais força que a necessária.

—Olharei o relógio.

O calor me golpeou imediatamente, me envolvendo de novo como uma grossa manta. Os brilhantes raios de sol fritavam tudo no caminho. A estéril terra. Os ramos e rochas. Lucius ficou rapidamente ao meu lado, as longas e musculosas pernas cortando logo à distância. Irradiava um calor próprio, mas este deixava em meu interior um sentimento diferente ao do sol.

—Não se surpreenda —disse com brio— quando ganhar depois de só cinco minutos.

Sorri em segredo. Tão arrogante e ainda assim tão condenado ao fracasso. Não me divertia tanto em anos. Ou possivelmente nunca. Mas não mostrei nenhuma reação externa às palavras. Em vez disso, girei e caminhei adiante. Ele ficou ao meu lado.

Não havia ninguém nos esperando na porta. Em vez disso, os guardas e agentes abundavam dentro, uns quantos observando nossos movimentos enquanto atravessávamos a aparentemente raquítica soleira. Já que jamais teríamos cruzado o pórtico sem autorização, não tivemos que suportar explorações de retina ou identificações de digitais. Além disso, nos esperavam. E já que Michael Black controlava este pequeno edifício assim como todos e cada um no interior — e não



estava aqui — suponho que, por agora, isso me convertia na chefe.

Meus ombros se endireitaram com o pensamento.

A porta principal fechou automaticamente. Minhas mãos permaneceram perto das facas presas às minhas coxas. Um hábito, na realidade. Imediatamente examinei meu novo entorno. Onze homens ocupavam o primeiro quarto. Dois estavam sentados de costas no terminal de computadores; três estavam no único sofá, limpando e provando suas armas. O resto, descansava e tomava um café.

Um ar frio me deu boas-vindas com os braços abertos. Aliviada, puxei minha boina e meu cabelo caiu solto sob minhas costas. Odiava usar chapéus porque conservavam o calor, mas tampouco gostava do cabelo na cara. As douradas mechas restringiam minha visão... e um bom assassino tinha que ver tudo ao seu redor. Deveria ter cortado isso há muito, mas lembrava minha mãe — a única lembrança que tinha, na realidade — e jamais o fiz. Elevei os ombros e o recolhi em um rabo-de-cavalo.

—Levem Lucius até a prisioneira —disse a ninguém em particular.

Um baixo e fornido humano imediatamente deu um passo para meu companheiro resmungão.

—Por aqui —disse, sem encontrar o olhos de Lucius.

Lucius começou a segui-lo, mas o detive com uma mão sobre seu antebraço. Ele fez uma pausa, me dando uma inexpressiva olhada.

—Deixe suas armas comigo —disse calmamente.

Ele riu. Realmente riu, um retumbante som que encheu o quarto. Mas quando falou, sua voz era tão calma como foi a minha.

—De maneira nenhuma.

—Não ouviu o que aconteceu ao agente do A.I.R Dallas Gutiérrez quando outro agente tirou sua arma num interrogatório?

Seu sorriso permaneceu, abrandando os ásperos planos de seus traços.

—Posso lidar com isso. Além disso, não te farei o favor de provocar minha morte antes que tenha reclamado meu prêmio.

Com isto, se liberou de meu aperto e se afastou a pernasadas. Pelo menos não tinha me chamado de “biscoitinho” diante dos homens.

Girei para Ren, que nos tinha seguido.

—Onde posso observar?

Um músculo palpitou em sua mandíbula, mas respondeu amavelmente.

—Mostrarei isso.

Entrei num vestíbulo bem iluminado, estreito e que se inclinava abaixo, clandestinamente.

A cada passo, a temperatura ficava mais úmida e fria. As paredes eram simples e um pouco sujas mas não havia câmaras visíveis ou sensores. Mas ambos estavam aí, sabia, observando nossos movimentos. Sabia como trabalhava Michael, e o homem não deixava nada ao azar. Inclusive embora as câmaras de segurança fossem ilegais sem uma apropriada licença — que Michael não tinha porque não queria que ninguém soubesse de seus negócios — sabia que aqui



havia.

—O que há entre você e Adaire? —perguntou Ren, rompendo o silêncio.

Não lhe dei nem uma olhada.

—Por que pergunta?

—Lucius Adaire é um assassino.

Tive que rir diante disso.

—E eu. E você também, na realidade.

—Não. Quero dizer que é um assassino depravado. Mata o que seja. Mulheres. Meninos. Se fosse você, vigiaria minhas costas.

Não me permiti reagir diante de suas palavras.

—Bem, você não é eu — ainda usava os óculos de sol, assim que os levantei e olhei com olhos acesos — Além disso, sempre vigio minhas costas, inclusive enquanto estou com você.

O vestibulo terminou finalmente e ficamos de pé em frente ao que parecia uma parede normal. Ren pôs a mão contra uma seção do canto e dois painéis se abriram. Uma agulha, dirigida por um computador, cravou seu índice e tomou uma pequena amostra de sangue.

Quando o computador reconheceu seu DNA, a parede (que consistia em duas placas prateadas) abriu pelo meio, nos admitindo. Não sabia se Ren disse a verdade a respeito de Lucius. Os dois homens não eram muito amigos, por isso havia uma grande possibilidade que Ren estivesse enfeitando a história. Entretanto, não gostava de pensar em Lucius como um assassino de inocentes... inocentes que eu mesma me esforçava tanto para proteger.

—Venha, vamos —se queixou Ren, descontente pela falta de reação que teve de mim.

Conduziu a um pequeno quarto onde uma parede inteira alardeava uma tela holográfica, que emitia o que acontecia no outro quarto. Observei uma pequena, simples e azul sala com duas cadeiras de madeira. Sentei sobre a única cadeira da sala de observação, um tamborete acolchoado, obrigando Ren a permanecer em pé ao meu lado.

Olhei como Lucius cruzava os braços sobre seu peito e fulminava com o olhar uma pálida e trememente Sahara Rose... que não falava. Ela choramingava, mas isso não contava. Seus olhos azuis estavam aquosos e arregalados e ela continuava puxando seu claro cabelo.

Sorrindo abertamente, dei uma olhada no relógio.

Dez minutos, e logo entraria.

CAPÍTULO 5

Cinco minutos menos. Cinco minutos para entrar.

Quase lamentava que os dez minutos terminassem. Simplesmente, Lucius era muito divertido. Quando gritar com Sahara Rose não deu resultado, tentou enrolá-la. Quando a intimidação por meio do silêncio falhou, mudou para sou-um-homem-amável-e-pode-me-contar-qualquer-coisa. Sempre que se aproximava dela, o tremor e os soluços aumentavam, mas não



disse nenhuma palavra.

Quando finalmente começou a chiar histericamente, Lucius deu as costas. Elevou uma mão como se quisesse coçar a cabeça e me mostrou o dedo médio.

Ri. O desespero se aderiu a ele, a escuridão aumentava em seus traços e seus ombros ficavam mais rígidos. O melhor, tinha que admitir, era que suas palhaçadas mantinham afastados da minha mente EenLi e meu próprio fracasso.

Passaram outros três minutos sem resultados.

Lucius tentou ocultar, mas o peguei dando várias olhadas nervosas ao relógio de pulso. Tive que engolir outra ronda de gargalhadas. Jamais desfrutei tanto com o mal-estar de outro. Mas, por favor! Observar este tenso homem sem saber absolutamente o que mais fazer ou dizer foi como comer uma tigela inteira de pêssegos cobertos de açúcar... minha maior debilidade.

Dei uma olhada ao relógio digital ao lado da tela. Só faltava um minuto. Lucius começou a passear desesperadamente, realmente implorando a Sahara Rose que pronunciasse uma só palavra. O pendente na sobrelancelha cintilou à luz.

—Por favor —disse, a palavra inflexível em seus lábios— Por favor, só me diga seu nome. Maldita seja! Algo. Pagarei-te. A quantidade que queira.

Ela continuou tremendo em seu canto com lágrimas nos olhos e os lábios selados. Pelo menos tinha parado de gemer...

—Imploro isso. Diga-me seu nome. É tudo que tem a fazer. Logo sairei. Jamais terá que me ver de novo.

Cinco... e quatro... três... e dois...

Um.

Resisti ao impulso de levantar com um salto e gritar. Lucius explodiu numa fileira de escuras e sujas maldições e Sahara Rose quase ficou presa ao pânico. Na verdade, desmaiou e seu cabelo voou em leque ao redor dele.

—Vai matá-la —ofegou Ren. De repente tirou sua unidade móvel e aproximou à negra e pequena caixa dos lábios— Necessitamos reforços...

Agarrei a unidade e a joguei no chão, o som do plástico quebrando chegando aos meus ouvidos.

A boca de Ren se abriu e piscou para mim com surpresa.

—Por que fez isso? Tenho que proteger a suspeita. Ela está...

—Bem —disse com segurança— Está bem. Lucius não lhe fará mal.

—Uma porra que não o fará! — Ren caminhou para diante e para trás, sua agitação se manifestando de modo enérgico enquanto se movia. Passou uma mão pelo cabelo. — Está raivoso. Não será capaz de se controlar.

—Por Deus, se acalme, Ren. Não entende nada. Sua raiva é dirigida a mim. Não à Sahara Rose.

—A você? —parou por completo. Um brilho de confusão brilhava em seus olhos, como se eu falasse uma língua estrangeira, e tivesse que traduzir as palavras— Não entendo.

—Tampouco precisa.



Entrecerrando os olhos, Ren tentou desencapar a arma, mas rapidamente segurei seu pulso.

—Lucius tampouco me fará mal —disse.

—Como diabos sabe?

Sorri docemente.

—Intuição feminina.

Lucius destrambelhou na cela de Sahara Rose mostrando uma expressão de completa violência no rosto. Os olhos brilhavam com um fogo azul, as bochechas estavam vermelho vivo. Os músculos tensos e preparados para entrar em ação. Eu ri. Ren empalideceu e me olhou como se estivesse louca. E possivelmente estava. Quem mais ria da cara furiosa de um homem como esse?

Embora Lucius merecesse. Esteve tão crédulo do êxito. E perdeu. Tinha a oportunidade de envergonhá-lo, vencer. Ri outra vez. Que divertido seria!

Não estou segura de quantos segundos passaram antes que Lucius irrompesse no quarto de observação.

Ao meu lado, Ren congelou no lugar. Os olhos de Lucius se fecharam sobre os meus. Afastou as pernas e apertou as mãos em punhos ao lado.

Nem sequer tentei ocultar minha diversão.

—Perdeu —disse.

Seus olhos se estreitaram.

—Isso não significa que você ganhou.

—Mas significa que perdeu.

Lucius apertou a mandíbula, mas não respondeu.

—Vou desfrutar disto —disse— E muito.

Desabotoei os três primeiros botões da minha blusa, fazendo o material abrir e revelar a borda do meu sutiã de encaixe. Ambos os homens me olharam, Ren com fascinação (não demorou muito em esquecer seu medo, né?) e Lucius com fogo. Fogo bem-intencionado, ou fogo escuro, zangado? Perguntei-me, enquanto desfazia o rabo-de-cavalo e penteava o cabelo com os dedos. Lambi os lábios.

—Voltarei em cinco minutos —disse.

Os olhos de Lucius se entrecerraram mais, até que meras frestas ocultaram completamente a cor de sua íris.

—Está segura?

—OH, sim. Se me perdoar Ren, Agente Luscious¹ —disse, cabeceando para Lucius antes de passar à frente dele e sair do quarto.

Upsss. Esqueci de mencionar que Sahara Rose não gostava de homens? Poderia ser a amante de EenLi, mas achava os homens sexualmente repulsivos. A pequena senhorita Sahara Rose gostava de falos de plástico e pilhas. Quanto mais delicada e atrativa fosse uma mulher, mais suscetível ficava.

¹ Em português: *Sedutor ou Delicioso* (N.de T.)



Sentia-me culpada ou envergonhada, ou inclusive que impróprio um agente usar a feminilidade como arma? Diabos, não!

Veja tudo que Lucius tentou. Como falhou radicalmente. Um bom agente usava qualquer meio ao seu dispor para ganhar. Podiam zombar de meus métodos se assim quisessem, mas, vou ser honesta. Fariam o mesmo se pudessem. Os homens jamais vacilavam em usar a força, portanto por que não deveriam fazê-lo as mulheres?

Dois guardas armados vigiavam a porta de Sahara Roses que se limitava com o quarto no qual estive. Seus olhos pareceram me devorar. Sabia que não era por minha condição de mulher que estavam tão encantados. Fazia muito tempo que aprendi que as pessoas eram muito suscetível a tudo que fosse dourado.

Arqueei uma sobrancelha insolentemente, e um dos homens rapidamente teclou um código e abriu a porta. Entrei sem uma palavra. Havia duas cadeiras, sem nenhuma cama ou mesa. Uma grande e negra tela compunha a parede mais afastada; isso era tudo. Este não era um quarto planejado para comodidade, mas para intimidação. Michael esperava que quanto mais incômodo fosse o quarto, menos tempo o suspeito queria ficar dentro dele.

Agachei ao lado da inconsciente Sahara Rose, crescendo meu aborrecimento por Lucius. Ele nem sequer tentou segurá-la. Suspirei. Seu corpo estava estendido no chão na posição exata que desmaiou. Caiu para trás, mas pelo menos não abriu a cabeça.

Era uma garota jovem com a pele pálida e um bonito cabelo de cor clara. Formosa, sim, mas sua beleza já murchava e mostrava os sinais da idade. O estresse podia fazer isso às pessoas antes do tempo.

Embalando sua cabeça numa mão, afastei com suavidade as mechas que caíam sobre as têmporas.

—Sahara Rose —disse brandamente— Acorde, querida.

Ela gemeu e murmurou algo ininteligível.

—Venha, vamos amor. Acorde.

Suas pálpebras revoaram até abrir. Quando lembrou onde estava, um pânico absoluto alagou seus olhos azuis. Lutou contra meu aperto, mas a sustentei com firmeza, mantendo-a no lugar. Podia parecer frágil por minha cor dourada e meus delicados ossos, mas meu intenso treinamento me mantinha forte.

—Não vou te machucar — sussurrei contra o ouvido dela, deixando que meu fôlego acariciasse sua bochecha.

No momento que falei, ficou completamente quieta. Seu desesperado olhar me buscou, e seja o que for que viu em meu rosto a fez relaxar.

—Aquele homem. É... —tragou ar e tremeu.

—Já foi—disse, acariciando sua mandíbula— Depois da forma como te assustou, o enviei para limpar privadas. É para o que todos os homens servem, de todo modo.

—Obrigado —disse Sahara Rose, afundando mais profundamente em meu aperto, se agarrando em mim porque era a única corda salva-vidas que encontrou.

—De nada, amor. Pode sentar?



Mordeu o lábio, assentiu com a cabeça e sentou lentamente. Usava uma simples camiseta branca combinando com calças de cordão. Ambas, cortesia de Michael. Como os agentes eram criaturas noturnas em geral vestiam negro, mas sempre mantínhamos nossos prisioneiros de branco.

—Quero ir a casa —disse Sahara Rose com voz tremente.

—Logo, amor —prometi, sabendo que era mentira.

Esta mulher, não importava seus motivos nem sua doçura, ajudou um extraterrestre predador e seria castigada de algum modo. Era a lei. Experimentei uma pontada de culpa e pesar, mas as deixei de lado.

—Primeiro tenho algumas perguntas a fazer.

Levantei e curvei meu braço ao redor de sua cintura, ajudando-a a fazer o mesmo. Assegurei-me que meus seios tocassem seu lado. No caso disso não a fazer me notar como mulher, deixei que meus dedos escorregassem sob a camiseta e tocassem o nu estômago dela. Quando Sahara sentiu o calor da minha palma, inspirou profundamente. Já que meu desejo por Lucius ainda tinha que se dissipar, sentiu meu aroma de mel.

—Para a cadeira —eu disse.

Ela se deixou cair sobre mim mais que o necessário, e a ajudei com facilidade a chegar ao assento.

—Cômoda?

Olhando-me fixamente através de suas pestanas, ela assentiu.

—Sim. Obrigado.

Rocei sua bochecha com meus nódulos e ajoelhei na frente dela, afastando gentilmente os joelhos e colocando meu corpo entre suas coxas. Seus olhos se arregalaram e molhou os lábios.

—Realmente preciso de sua ajuda, amor —disse— Sua vida depende disso.

—Não posso contar o que quer saber —disse, me suplicando com os olhos que entendesse.

—Pode —insisti. Meus dedos se moveram à cintura de suas calças, fazendo que apertasse o estômago— Quer me ajudar, sabe que quer.

—Não, não posso —disse ela, mas podia ver a luta em sua cabeça.

Provavelmente EenLi ameaçou sua vida ou a vida de sua família se alguma vez se atrevesse a contar suas atividades. Por isso não queria se meter em mais problemas.

—Por favor —disse, todo desejo feminino.

Sahara puxou ar.

—O que quer saber? —perguntou hesitantemente.

Compus uma expressão de relutância em meu rosto, como se não quisesse implicá-la, mas não tivesse mais remédio.

—Tenho que saber de EenLi e seu negócio de... gado.

Seus lábios se comprimiram de medo e ela sacudiu a cabeça.

—Não posso. Não sei nada.

Estendi meus dedos sobre suas coxas e os movi para cima até que a agarrei pelos quadris. Sua boca ficou aberta pela surpresa, mas não se afastou. Minhas pálpebras baixaram até meia



haste, provocando sombras sobre minhas maçãs do rosto. Sabia que ela vislumbrava meu sutiã porque quando dei uma olhada, afastou o olhar com ar de culpa e suas bochechas arderam com uma atrativa cor rosada.

Bem. Tinha sua atenção e respondia à minha feminilidade.

—Sahara Rose —disse, pronunciando seu nome como se fosse meu prato favorito.

Ela puxou ar de novo.

—Sim?

—Por favor, me ajude —devolvi minhas mãos à sua cintura, brincando com os cordões de suas calças— Em troca, te ajudarei em tudo que puder. Jamais terá que ver EenLi outra vez (e era certo, já que planejava matar o bastardo). Vamos começar com algo pequeno. Por que não me conta como começou a ajudar EenLi primeiro? Isso é bastante simples, verdade?

Ela mordeu o lábio e assentiu vacilante.

—Eu vivia nas ruas. Ele me encontrou, recolheu e me fez sua amante. Deu-me dinheiro, comida e um lugar onde ficar e me disse que...

A mataria se o traísse ou o abandonasse, terminei por ela.

—Confiava em você o suficiente como para que o ajudasse com seu gado.

Aquela guerra em seu interior continuou batalhando vários minutos mais. Devia ou não devia falar? Devia se arriscar a zangar EenLi, ou se arriscar e acreditar em minha ajuda? Finalmente, suspirou, e seus ombros afundaram.

Soube então que a vitória era minha, e lutei para conter um sorriso.

—Se não o ajudasse, teria me convertido em lucro —as lágrimas alagaram os olhos de Sahara e transbordaram por suas pálpebras— Teria me vendido, e seria levada a outro planeta.

Agora chegávamos a algum lugar.

—Me fale de quem está os tirando do planeta.

—As pessoas que fazem os pedidos —respondeu, agarrando minhas mãos e unindo nossos dedos. Estava tremendo e procurava consolo— Como um menu de restaurante. Cabelo vermelho, olhos negros, etcétera.

—Quem compra os escravos?

—Humanos. Outros-mundos. As origens não importam. Alguns compradores nem sequer vivem na Terra.

—Então como fazem os pedidos para EenLi?

Encolheu os ombros.

—Suponho que vêm através de portais.

Os músculos das minhas costas se esticaram de antecipação com suas seguintes palavras.

—Sabe onde estão esses portais?

—Não.

Uma onda de decepção me golpeou. Elevei a mão e joguei de lado seu cabelo. Seus olhos fecharam e se inclinou com meu toque.

—Nunca me disse —acrescentou isso— Meu único trabalho era cuidar dos doentes.

—Se um humano quisesse fazer um pedido, como o faria?



Ela pressionou seus lábios por um momento.

—Há um homem, Jonathan Parker. Herdeiro de uma velha fortuna. Em petróleo, acredito. Celebra festas em sua casa e as pessoas pedem o que querem. Logo passa para EenLi.

Sabia que no momento que Sahara disse o nome, todos os agentes que escutavam começaram a procurar em nossa base de dados por Jonathan Parker. Teríamos todo seu histórico em minutos.

—Sabe que tipo de pessoas procuram agora EenLi?

Sahara sacudiu a cabeça.

—Nunca me dá esses detalhes.

—E quanto às datas? Quando está previsto um envio?

—Não sei —mordeu o lábio inferior e agarrou minha mão— Posso ir a casa agora? —Uma nota de súplica tingia sua voz— Nunca fiz mal a ninguém, juro. Cuidava deles.

—Sei que o fez. Mas tem que ficar aqui um pouco mais, se por acaso temos mais perguntas. Além disso, aqui estará a salvo de EenLi —acrescentei, apertando sua mão— como prometi.

Mas mais que isso, se alguma vez decidíssemos usá-la como isca, estaria facilmente disponível.

Insensível, sei, mas a vida dos inocentes eram mais importantes que a desta mulher. Às vezes tinha que fazer coisas desagradáveis para conseguir a paz.

—Verei que lhe dêem algo para comer e a mudem para um quarto mais cômodo. De acordo?

—Sim —disse a contra gosto— Certo.

—Realmente fez o correto, Sahara. Estou orgulhosa de você.

Abarcando a mandíbula dela, a elevei pouco a pouco e rocei seus lábios com os meus. Ela imediatamente abriu a boca para aprofundar o beijo, mas o mantive doce, apazível, aspirando seu aroma e ela o meu. Sentindo sua suavidade e ela a minha. Era uma garota triste, com uma vida triste, mas não era má.

—Me dirá se lembrar de algo mais, verdade?

—Sim —sussurrou.

Levantei e me afastei um passo, meus dedos deslizando por sua mandíbula enquanto o fazia. Dando um último e prolongado olhar, fui para a porta.

—Espere —me chamou, ficando de pé rapidamente, fazendo a cadeira patinar atrás dela.

Não me virei totalmente, dando uma olhada sobre o ombro.

—Sim?

—Como se chama? —Perguntou.

—Eden Black —fiz uma pausa— Assassina de Extraterrestres. Não se preocupe. Eu me encarregarei de EenLi.

Seu “obrigado” se repetiu em meus ouvidos enquanto as porta fechavam atrás de mim.



Apagando minha expressão “toda emoção”, entrei no quarto de observação. Lucius estava sentado, sozinho. Ren provavelmente saiu no momento que eu terminei o interrogatório. Isso ou Lucius o tinha chutado, não querendo ter audiência para o que estava a ponto de acontecer.

Permaneci na entrada, absorvendo a cena e permitindo que minha antecipação se desdobrasse. Lucius ocupava a única cadeira, seus olhos fixos nos meus, as pernas estendidas na frente dele, os braços fechados atrás da nuca. Nunca um homem pareceu mais relaxado e a vontade. Apertou um botão do controle remoto que sustentava, e a tela holográfica ficou em branco, apagando a imagem de Sahara.

—Feche a porta —disse ele com sua rouca e dura voz. Senti um pingo de fúria em seu tom. Não tão relaxado afinal.

Um estremecimento percorreu minha coluna vertebral quando continuei olhando fixamente o homem, meu indesejado companheiro.

Queria escutar “Por favor.” Mas sabia que era mais possível a cabeça de EenLi cair do céu como um maná, que isso ocorresse.

Dei um passo dentro, fazendo as duas portas batentes deslizar e fechar automaticamente. Lucius lançou o controle remoto no chão. A cada segundo que passava, algo... assassino crescia em seus olhos, um brilho que contrariava a postura ocasional mas que encaixava perfeitamente com seu tom.

Fingindo eu mesma estar despreocupada, apoiei um ombro contra a parede.

—Já estamos sozinhos, Sparkie. Quer dizer algo? Alguma coisa que tenha a fazer?

Seus olhos se entrecerraram, bloqueando qualquer cor daqueles lasers azuis claros. Permaneceu muito quieto.

—Tsk, tsk. Sabe que essa não é a posição requerida —não mostrei nenhuma piedade.

De todo modo continuou sentado.

—Perdeu.

—Sei.

—De joelhos.

—Por que não faz isto interessante —grunhiu— e tira suas calças?

Suas palavras projetaram uma imagem dele se ajoelhando entre minhas pernas nuas e reprimi um estremecimento antes que começasse a se formar. Minhas sobancelhas se elevaram.

—Faltará com sua palavra?

Muito devagar, Lucius levantou, elevando pouco a pouco seu corpo mais e mais alto. Dediquei toda minha atenção às minhas unhas e escutei seus dentes chiando, inclusive acreditei escutar a mandíbula se romper. Lançando uma despreocupada olhada, tampei a boca para sufocar um falso bocejo. Aquele cruel brilho saiu de seus olhos e agora consumia toda sua expressão.

Sua roupa negra rangeu enquanto ficava de joelhos.

Estudei minhas unhas de novo, esperando, minha respiração suspensa, minha falsa postura ocasional, a única coisa que impedia que minha boca se abrisse com assombro.



—Fez... um bom trabalho —grunhiu ele.

Quando a última palavra abandonou sua boca, saltou sobre seus pés e limpou o pó de seus joelhos, mantendo os olhos fixos nos meus.

Não acreditava que o fizesse. Este homem era um quebra-cabeças. Eu poderia ter assentido com a cabeça e não dizer nada, salvando assim pelo menos um pouco de seu obstinado orgulho. Poderia tê-lo feito... mas não fiz.

—Não volte a me subestimar de novo. Ou sempre terminará sobre seus joelhos.

Lucius passou a língua pelos dentes, mas não respondeu.

—Da próxima vez, investigue seu suspeito antes de interrogá-lo. Aí foi onde se enganou.

Sua cara avermelhou de vergonha e fúria renovada. Renovada? Não duvidava que não a perdesse na primeira vez. Não gostava de perder, e mais, não gostava de perder contra mim. A princesa mimada. Bom, que se fodesse. Foi melhor do que eu desde a primeira vez que nos encontremos, assim tinha toda a intenção de saborear esta vitória.

—Estava condenado ao fracasso antes sequer de dar um passo na sala de interrogatórios. Tentei dizer isso, mas não escutou. Rejeitou considerar a possibilidade que eu soubesse algo que você desconhecia. Bem, sabe o que? Eu a segui por dias. A conhecia, sabia tudo sobre ela. Seu tolo orgulho te custou esta guerra.

—Guerra? —Riu entre dentes, o som desprovido de humor. — Foi só uma escaramuça menor, biscoitinho.

Girei os olhos.

—Grandes palavras para um perdedor.

Lucius deu um passo ameaçador para mim.

—Fez bem, certo. Aí está. Esta é a segunda vez que digo isso. Achei antes e acho agora. Mas um dia teremos uma recontagem, você e eu.

Aproximei-me dele, fechando ainda mais a distância, a adrenalina correndo por minhas veias.

—É obvio que o faremos... se não nos matamos um ao outro primeiro.

—Vou te foder, Eden —ele deu um passo mais perto— O assassinato é opcional. Depois.

As janelas de meu nariz flamejaram enquanto fechava a distância restante. Estava excitada, admito. Nossos narizes se tocavam e meus endurecidos mamilos empurravam contra seu peito. Seu fôlego soprou sobre meus lábios, roçando cada greta. O aroma de canela e mel nos envolveu imediatamente. Nossa acalorada confrontação fazia estragos em meus hormônios.

—Nunca me terá.

Lucius jamais afastou sua atenção de mim.

—Consiga um condenado perfume novo! —Gritou.

Pisquei, sentindo um tênue brilho de satisfação.

—Por quê? Não gosta deste?

Lucius passou a língua pelos dentes e se negou rotundamente a responder.

—É o que importa uma merda o caso? Quer saber o que temos sobre Jonathan Parker ou não?



Afastei-me de Lucius e fui para a porta, abri e chamei Ren. Quando apareceu, disse:

—Leve Sahara Rose para um lugar mais cômodo. E seja agradável com ela.

Ren lançou para Lucius uma olhada nervosa e logo foi correndo fazer o que foi ordenado. Não girei, mas continuei apoiada contra a porta.

—O que sabe de Parker? —Fingindo despreocupação, acomodei o cabelo.

—Contarei isso no almoço —disse ele com tom satisfeito.

Adorava saber algo que eu não sabia. Adorava escolher quando e onde diria isso.

Já que se ajoelhou por mim, concedi essa vitória. Por enquanto.

—Estava a ponto de sugerir o mesmo —disse com um falso e despreocupado encolhimento de ombros.

Ante minha calma complacência, seus lábios fizeram uma careta. Esperava uma briga, sei.

—Vamos sair daqui. Há muitos ouvidos.

—Precisamos das chaves do Hummer.

—As enfiei em meu bolso —replicou, pendurando o jogo em seus dedos.

Minhas mãos se apertaram em punhos. Não gostei que pensasse nisso e eu não. Saí a pernadas do quarto sem uma palavra, sabendo que me seguia bem atrás de mim.

Apesar de tudo, quando abandonamos a granja, fui à última a rir. Vários homens assobiaram e disseram adeus com a mão para o “Agente Luscious.”

Lucius comprou em um drive-thru meia dúzia de burritos² e jogou a sacola no meu colo. Segurei-a sem uma queixa enquanto dirigia por mais de uma hora. Finalmente, entrou num frondoso caminho que dava numa propriedade privada rodeada de água. Abriu as fechaduras do portão e entramos.

Dei-me conta que ambos comprovávamos os espelhos continuamente, nos assegurando que não nos seguiam. Quantos menos soubessem de nossos assuntos, menos possibilidades de fugas.

Lucius disse para o carro “estaciona”, pegou a sacola, e indicou:

—Primeiro comeremos e logo falaremos.

Peguei o burrito que me lançou sem nenhum cuidado e comi o quanto pude, já que não tinha apetite. Além disso, preferia mantimentos doces, com muita açúcar. Sempre. Frequentemente me perguntava que tipo de alimentos cresciam em Raka, o que comeria se estivesse lá.

Era triste que não soubesse muito de minha própria gente ou meu planeta natal. Mas, perseguidos como fomos, não havia muitos Rakan vivendo aqui a quem perguntar. Uma vez, Michael contratou para mim um tutor Rakan, mas este durou menos de seis meses. O homem saiu um dia folga e jamais voltou.

Sabia que o planeta possuía dois pequenos sóis, três luas grandes, e uma grande quantidade de água. Sabia que jamais haviam guerras, que a taxa de criminalidade era baixa, e a pena para

² Burrito é um célebre prato tradicional da culinária mexicana consistindo de tortilla de farinha geralmente recheada com carne.



qualquer crime era a morte. Sabia que toda a população era governada com mão de ferro por um ditador e que muitos Rakans partiam simplesmente para escapar dele.

Por isso meus pais fugiram? Teria gostado de perguntar se os conhecesse. Foram arrebatados tão de repente! Estavam cantando para que dormisse, e no minuto seguinte, se afogando em seu próprio sangue.

Assassinados. Eliminados. Sentia sua falta mais do que nunca admitiria.

Recostando-me em meu assento, esperei pacientemente que Lucius consumisse seus gordos e gordurentos rolinhos. Mastigava devagar, sensualmente, como um homem que saboreia cada pedaço. Observei a forma como sua boca e garganta se moviam em harmonia, e as repentinas imagens dele me comendo invadiram minha mente. Obriguei-me a olhar pela janela.

Ao que parece, não gostou da minha mudança de foco.

—Vamos dar um passeio —disse, jogando o último saco no assento detrás, junto com os outros.

Saímos por nossos respectivos lados. Frondosas e verdes árvores enchem toda a área, proporcionando uma ostentosa sombra. Tinha deixado o chapéu e os óculos de sol no carro, por isso a fria e vibrante brisa ao nosso redor foi muito bem-vinda. Viajei pelo mundo muitas vezes, mas em raras ocasiões desfrutei de uma natureza como esta...

A tranquilidade da zona me surpreendeu.

—New Dallas está sob um feitiço seco desde que EenLi e seus homens chegaram. Como é possível esta garganta?

—Michael a mantém bem provida de água —respondeu Lucius, ficando ao meu lado.

Meus olhos se estreitaram, e experimentei uma faísca de cólera porque Lucius sabia algo sobre meu pai que eu não... Espere. Michael me disse que comprou um pedaço de terra em New Dallas. Tinha esquecido. Possuía muitos terrenos. Agora bem, se conseguisse que me falasse de Lucius!

—Qual é seu verdadeiro nome, OH homem de muitas identidades? Duvido seriamente que seja Lucius.

—Tenho muitos nomes —me replicou vagamente.

Caminhei lentamente, um ao lado do outro, ziguezagueando através das grossas árvores e seus ramos. Pisando nas folhas e raminhos sob nossos pés.

—Entendo —disse— Mas quero saber seu nome real.

Deu-me uma olhada.

—Te dou três tentativas para que adivinhe.

—Estamos sozinhos e não há nenhuma possibilidade que alguém escute nossa conversa. Pode me dizer.

—Talvez só o diga às mulheres que vejo nuas.

—Seu nome é Bastardo? —Pestanejei para ele.

—Incorreto —um pingo de diversão tingia seu tom— Restam duas oportunidades.

Franzindo o cenho, me detive e dei um pisão no chão. Quando compreendi o que fiz, meu cenho se intensificou. Odiava quando retornava minha velha atitude de princesa mimada!



—Não era uma autêntica hipótese, assim não pode contar.

—Que pena—disse Lucius, sem ir mais devagar— Porque o sou.

Meu cenho ficou mais escuro e saltei de novo em movimento.

—Esquece. Não me diga isso.

—Não o faria. Mas agora que tenho sua permissão, sinto-me muito melhor. —Respondeu, o sarcasmo gotejando de cada palavra.

—É um idiota.

Um brilho zombador iluminou seus olhos, abrandando todo seu rosto.

—Minha mãe sempre me disse que as mulheres gostam de homens misteriosos. Se disser isso, perderei meu mistério.

—Você tem mãe? —Não queria que a pergunta soasse tão impressionada, mas as palavras saíram da minha boca antes que pudesse detê-las.

—Sim, tinha uma mãe. Não passei muito tempo com ela, mas era uma de verdade. O que achou? Que fui engendrado magicamente pelo pó de fadas?

—Não. Achei que foi engendrado magicamente pelo diabo.

Lucius riu, um som tão rico, rouco e tão intrinsecamente sensual que esquentou meu sangue.

—Leu meu relatório —disse— viu que sou Eden F. Black. Diga seu verdadeiro nome e direi o que significa o F.

Franzi o cenho de novo quando compreendi que roçava a necessidade de implorar pela informação. Por que demônios me importava seu nome sequer? Perguntei-me. A resposta me evitava, mas esse fato não impediu que continuasse me importando. Tinha que saber.

—Esse seria um bom trato se estivesse, embora vagamente, interessado em saber seu segundo nome.

Minhas mãos se apertaram em punhos enquanto Lucius acelerava o passo, sem dar nem uma olhada atrás de seus ombros para ver se o seguia. Depois de um momento, o fiz. Tinha muita curiosidade para ficar atrás e fazer joguinhos. Além disso, não queria que soubesse o muito que me incomodava sua falta de interesse.

Quando cheguei ao seu lado, me disse:

—Está pronta para falar de negócios?

—Sempre —grunhi.

—Jonathan Parker é herdeiro de uma velha fortuna, tal e como disse Sahara Rose. Fiz um trabalho aqui em New Dallas há uns quantos anos. O irmão de Jonathan sequestrava meninos outros-mundos, assim como meninos humanos, e os obrigava a... ficar juntos.

Nossos olhos se encontraram num tácito entendimento. Pornografia infantil. Vi coisas muito más, mas crimes cometidos contra crianças sempre me repugnaram e me enfureciam mais.

—Terminou o trabalho —ambos sabíamos que eu perguntava se matou o irmão.

—Com gosto —disse— Lentamente e com muita dor.

—Bem.

Muito bem.



—A questão é que poucas pessoas, muito poucas pessoas, entram na vida de Jonathan. Podemos capturá-lo, mas não falará nem sob tortura. Seu irmão não o fez. Isso significa que temos que ganhar sua confiança, entrar em seu círculo íntimo.

A vacilação em seu tom me advertiu de uma ira iminente por minha parte. Poderia passar por cima, mas estava extremamente enfocada em tudo que este homem fazia.

—Por nós, quer dizer...

—Eu. Eu já estou.

É obvio. Cada músculo em meu corpo se esticou.

—Ele me conhece como Hunter Leonn —disse Lucius — o filho rico e mimado de um contrabandista morto de Onadyn.

—Hunter³ — disse, brincando com o nome em minha língua — Que bonito. Pequena ironia. Também gosto da parte de mimado. Assim passa por um pequeno príncipe encantado e malcriado — passei a mão pelo meu rabo-de-cavalo. Suponho que então quer que fique sentada e observe como faz o trabalho.

—Não —Lucius moveu a cabeça da direita para a esquerda, provocando que os ossos do pescoço rangessem. Quando falou de novo, explicou a situação como se fosse uma criança.

—Entro como um caçador. Você entrará atrás de mim como a isca.

—Bem. De... de que tenho que passar?

—De você mesma. É uma Raka, uma raridade. Caçaram seu povo por sua pele e agora estão quase extintos. Não podemos mudar sua identidade. E mais, Michael é muito conhecido. Faz-se passar por um rico distribuidor de armas, e muitas pessoas a conhecem como sua filha.

—Estou contigo —ultimamente, Michael cultivava uma imagem de distribuidor de armas. Depois de trabalhar para o governo, precisou de uma boa cobertura, algo que o fizesse popular entre os criminosos e os afastasse de sua verdadeira identidade.

—Espere —disse depois de pensar um momento— EenLi costumava trabalhar para Michael. Se entrar como eu mesma, suspeitará que seja um agente. Saberá que Michael me protege.

—Entretanto, não saberá nada de mim, e isso é o mais importante. Pelo que li sobre ele, acredito que achará divertido sequestrar uma agente.

—De acordo. Estou a bordo.

—Bem. Vamos correr a voz que Eden Black se mudou para New Dallas. Ficou adulta, afinal, assim precisa de um lugar próprio onde viver.

Inspirei profundamente, o aroma de sol, pinheiro e fragrantes flores zombaram de mim com sua vibrante frescura. Fulminei-o com o olhar. Uma boa desculpa, sim, mas não algo que queria me inteirar.

—Na realidade, diremos às pessoas que está se mudando para evitar um caçador. Satisfaz sua vaidade?

Dei-lhe um murro no braço.

—Agiu como intérprete de outros-mundos para Michael no passado —me disse, esfregando

³ Caçador



o machucado músculo— Averiguaremos que humano com alto poder precisa de um intérprete outro-mundo. Como sua empregada, terá que assistir a funções e festas políticas, e isso te porá em contato com Parker. E comigo. Seu perseguidor... —olhou-me de cima abaixo, detendo-se em meus seios— Acredita que poderá fingir?

Uma onda de excitação lutou contra outra de irritação. Ignorei a estúpida pergunta, fazendo já uma lista mental das coisas que tinha que fazer. Alugar um apartamento aqui. Conseguir novas roupas. Acostumar meus pés com saltos altos.

—Me ocuparei de voltar ao círculo de Jonathan — continuou Lucius — e mencionarei que te conheci, que soube que estava se mudando para cá e te segui. O deixarei saber que te desejo, te persigo, mas que me rejeita.

—Não será difícil, já que é a verdade.

—Cale-se e escute —me olhou airadamente— Começará a participar de todas as festas e eu fingirei ser um idiota doente de amor.

Abri minha boca para oferecer outra pequena gema. Era sempre melhor contornar a verdade, assim não seríamos pilhados numa mentira. Lucius me cortou.

—Continuará me rejeitando. Com força. E ficarei mais desesperado.

—Já vejo onde leva isto —disse— Depois que te rejeitar, fará um pedido por mim.

—Isso. Outros homens provavelmente a quererão também, se não o próprio Jonathan. De uma forma ou outra, haverá uma petição por você, e será sequestrada. Tudo o que tem a fazer é deixar que a agarrem.

Assenti em aprovação.

—Eu gosto. Como procederemos depois?

—Te comprarei, seja qual for o preço, logo comprarei o bilhete para outro planeta, onde possa te reclamar e manter sem me preocupar com as legalidades.

—E uma vez que saibamos como saltam de um planeta ao outro, atacamos.

—Exatamente. Vai precisar de roupa nova —disse, me dando outro intenso repasse.

Um repasse em que tirou minha roupa e devorou meu corpo nu. Quando seus olhos alcançaram meus seios, meus mamilos endureceram. Quando alcançaram meu estômago, meu ventre tremeu. Quando alcançaram a união de minhas coxas, uma acalorada umidade se reuniu ali.

—Já tinha pensado nisso —disse, minha voz rouca e seca— Ainda me conhecem como a mimada e protegida filha de Michael. Sei me vestir em consonância.

—Bem. Porque um sofisticado intérprete não usaria... —assinalou minhas calças de couro e minhas botas de caminhada— o que seja que está usando.

—Obrigado pela lição de moda, Sparkie. Sempre quis que um garoto de inflados músculos, loiro e cheio de tatuagens e piercings me dissesse quão incompetente era meu sentido de moda.

Seus lábios se estiraram.

—Veja com Michael. Diga...

—Sei o que fazer —arqueei uma sobrancelha— Pode dizer o mesmo?

—Sim. Sabichona. Como disse, vou renovar minha relação com Jonathan. Dê-me três



semanas antes de aparecer. Mas não mais tarde, me ouviu? Três semanas.

Bati minhas pestanas e percorri seu peito com os dedos.

—Por que, Lucius Adaire, aliás Hunter Leonn e Bastardo Excepcional. Vai sentir saudades?

—Não, boneca, mas você sim vai sentir saudades.

Sem mais advertência, me puxou contra a dureza de seu corpo, seus lábios imediatamente inclinando-se sobre os meus. Sua língua penetrou em minha boca, numa profunda sondagem. Gemi de prazer, pelo embriagador sabor, e afundei mais nos braços dele. Não protestei, embora soubesse que deveria fazê-lo.

Não. Enredei minha língua com a dele. Meus dentes se chocaram com os dele. Agarrei sua cabeça e a sustentei. Acredito que desejei isto desde a primeira vez que o vi.

Os braços de Lucius pareciam braceletes de aço enquanto me abraçava, com as palmas estendidas sobre minhas costas e baixando mais... e mais... até que cavou meu traseiro e me apertou contra sua ereção. Estendi as pernas para um melhor contato e inclusive através da roupa pude sentir o longo e grosso pênis.

Jamais ansiei um homem tanto como ansiava a ele... Não gostava, lembra?

E daí, respondeu meu corpo. O teria e o tiraria de meu sistema. De minha mente.

A fragrância de mel e flores gotejou de mim, nos rodeando tão certamente como as árvores, flutuando docemente no vento. Desta vez não entrei em pânico com o revelador sinal, mas lhe dei boas-vindas. O embriagador aroma se mesclou com o aroma de sabão e pinheiro de Lucius, criando um sedutor afrodisíaco.

Com suas mãos ainda me agarrando, me levantou e envolvi minhas pernas ao redor da cintura enquanto ele apoiava minhas costas contra um grosso tronco. Pedacinhos de casca transpassaram minha camisa, mas não me importou.

—Esteve me deixando louco, biscoitinho —sussurrou com voz rouca ao longo da coluna de meu pescoço, o apelido soando como uma carícia.

Não disse nada. Era incapaz de falar. Tudo em que podia pensar era em ficar completamente nua e empalada sobre ele. Cavalgá-lo duro e rápido. E frequentemente.

—É por essa tua boca —continuou. Mordiscou minha mandíbula e passou os dentes pelo lóbulo da minha orelha— Não posso deixar de pensar nela. E odeio. Deveria odiá-lo.

Enquanto ofegava, me obriguei a encontrar minha voz.

—Gosta mais minha boca quando te diz que me beije outra vez? —Disse cruamente— Quando te diz que tire a roupa porque quero te ver nu?

Lucius gemeu.

Meus mamilos endureceram e os esfreguei contra seu peito, desejando que já estivéssemos nus, desejando que estivesse já dentro de mim. Não que o desejasse, me assegurei. Só era sexo. Simplesmente sexo.

Em vez de me despir, Lucius se afastou de mim e minhas pernas caíram no chão.

—Merda —grunhiu, enredando uma mão em seu cabelo— Este não é o momento nem o lugar.

Passaram vários segundos antes que conseguisse me acalmar e quando o fiz, sua rejeição me



golpeou. Entretanto, mais que a rejeição, me incomodava sua capacidade para parar o que começou, quando eu teria percorrido com impaciência o resto do caminho. Inclusive embora ele tivesse razão. Os dois tínhamos trabalho a fazer e nos prender sexualmente agora mesmo era uma estupidez.

Meus olhos se entrecerraram enquanto a fúria corria através das minhas veias, fúria por mim mesma por permitir que me distraísse.

—Me toque outra vez, e Michael terá um empregado a menos. Entendido?

Lucius permaneceu calado por muito tempo, me olhando, estudando meu rosto. Obviamente não gostou de minha ameaça. Deliberadamente, estendeu a mão e tocou um de meus seios, remontando com a gema do dedo o mamilo.

Não o detive, não recuaria ou demonstraria debilidade.

—Por quê? —Disse, entrecerrando os olhos como eu— Teme morrer de prazer?

—Não. Você morrerá. E não de prazer. Verá, agarrarei esta faca — acariciei a lâmina atada perto de seu orgulho e alegria— e jogarei uma pequena partida de bilhar.

Lucius se afastou completamente de mim e franziu o cenho. As linhas ao redor de sua boca estavam tensas, e um fogo brilhou nos geralmente, árticos olhos.

—É a segunda vez que ameaça minhas bolas.

—Ameaçar? —Ri, o som sardônico— OH, não, Sparkie. É uma promessa. E será um prazer.

—Se apenas jogar com elas, suponho que não me importará que o faça. Mas terá que ser paciente e esperar o final da missão.

Minha mão se moveu com o impulso de deixar um olho arroxeadado. Possivelmente quebrar o nariz.

—Em geral, não costumo ter mal humor —disse— mas você me empurra ao limite.

—Duas semanas —me disse guturalmente, como se eu nunca tivesse falado— Quero-te de volta em duas semanas.

—Antes disse três.

—Duas semanas —repetiu— Ou te perseguirei, e então terminarei isto.

Ameaça ou promessa?

Que Deus me ajude, mas estupidamente esperava que fosse a última.

CAPÍTULO 7

Uma angustiante dor me consumiu.

Meu corpo se esticou contra o assalto que ainda continuava. OH, Deus. Tinha sobrevivido à extração de balas de cobre. Tinha sobrevivido às rajadas das granadas e explosões de C4. Mas isto...

A dor era muito aguda, muito forte, se estendendo de uma seção de meu corpo à outra.

Com os punhos apertados e os olhos fortemente fechados, gritei, emitindo um chiado mais



animal que humano. Minha garganta já tinha suportado vários gritos similares na última meia hora e agora parecia em carne viva, dolorida.

Se apenas tivesse minhas facas perto! Minhas armas. Algo! Mas estava desarmada, tombada sobre uma branca maca, me agarrando nas bordas. Sentia-me vulnerável, exposta.

—Estou pronta para fazer a outra perna —disse a mulher responsável por minha tortura. O perverso e maléfico diabo reencarnado, a esteticista.

—Não —disse entre os dentes apertados— Nem sonhe.

Há anos, tinha que suportar isto a cada mês. Não usava mais que roupa de marca e sempre pareci alguém rica e sofisticada. Parecia que passou toda uma vida.

—Me depilar uma perna com cera foi suficientemente ruim. Não tocará na outra.

—Menina grande —resmungou a mulher, juntando as provisões.

O longo cabelo loiro caía em cascata pelos ombros, emoldurando um delicado e pequeno rosto. Era uma mulher baixa, de só um metro e meio, com ossos frágeis e delicados. A cara de anjo ocultava a besta em seu interior.

Poderia quebrar seu pescoço como um raminho... e rir alegremente enquanto o fazia. Por anos matei mais pessoas que podia contar. Menina grande? Eu? Não acredito.

—Melhor que tome cuidado com o que me diz, querida —adverti. Antes que pudesse responder, entretanto, acrescentei sobriamente— simplesmente faça. Já. E depressa.

A boca como pétala de rosa da minha torturadora se estirou. Se os caras maus aprendessem a depilar com cera, seriam capazes de levar a tortura a um novo e completo nível.

—Esperava mais de você —me disse com um sorrisinho, aplicando a quente, pegajosa e jorrante cera na minha perna direita.

Depois dos tratamentos a laser e cremes que queimavam os folículos, a cera se converteu a muito num método antiquado para os humanos. Infelizmente, tais tratamentos permanentes danificavam as células da pele dos Rakas, me obrigando a utilizar estas arcaicas práticas.

Enquanto minha torturadora puxava um lado da cera, seguido rapidamente pelo outro e de outro, eu golpeava os punhos contra a maca. Obriguei-me a pensar em outra coisa. Michael já tinha comprado e mobiliado um apartamento para mim em New Dallas, embora ainda tivesse que vê-lo. Perguntava-me, mais frequentemente o que deveria ... se Lucius o invadiu e descobriu os melhores caminhos para fuga ou achou algum ponto débil para entrar.

Era o mais provável.

Aquele homem não deixaria nada ao azar. Mas mais que isso, duvidava que confiasse em mim para me ocupar disso. Lucius era como todos os agentes que conhecia. Pensavam que as mulheres não eram tão competentes como os homens. E estava decidida a demonstrar que se enganavam.

E mais, tinha vontade de mostrar para Lucius que se enganava.

Lucius... sua imagem se formou na minha mente. Maçãs do rosto sobressalentes. Nariz aquilino. Penetrantes olhos azuis claros. Inclusive em minha mente, me olhava com um algo parecido à superioridade. Deus, o desprezava!

O desejava. O odiava. Ansiava. Meus dentes morderam meu lábio inferior. Não o via há sete



dias. Sentia sua falta. Sim, e o odiava.

Com um beijo, consumiu minha mente, minhas boas intenções, meu bom senso. Roubou-me a prudência e abrasou meu coração, de alguma forma marcando seu nome em cada uma de minhas células. A maior parte do dia, não podia pensar em nada mais. Via sua cara quando me banhava. Ouvia sua voz quando dormia. Sentia seu calor quando caminhava.

Em toda a minha vida, só tive dois amantes e nenhum me afetou tanto. Tão profundamente. E Lucius o fazia. Um homem que me irritava e que queria fora da minha vida o quanto antes. E ainda assim queria vê-lo de novo. Estava ansiosa por vê-lo. E minha ânsia não tinha nada a ver com o caso.

O que estaria fazendo agora? No que pensava? Pensou em mim, embora fosse apenas uma vez?

Só isto, Eden. Simplesmente para... O que pensava Lucius não importava. Tudo o que importava era que renovasse sua amizade com Jonathan Parker, e que nosso plano transcorresse tranquilamente.

—Pronto—disse a esteticista— Por fim terminei com suas pernas. Não foi tão mau, verdade?

—Uma navalhada não seria tão mau —me queixei e sentei. Observei à longitude das minhas pernas, examinando a suave e dourada pele— Ser presa a uma parede e esperar a chegada de meu inimigo não seria tão mau.

Ela soltou um divertido sopro.

—Comporta-se como um homem. Não, na realidade, a maior parte dos homens pelo menos finge ser forte.

—Continue. Ria.—sorri misteriosamente, me inclinando mais perto— Mas se assegure de dormir com uma arma esta noite.

Impassível, ela me devolveu o sorriso.

—Mas se nem sequer fizemos a linha do biquíni.

Franzi o cenho.

Vinte minutos mais tarde, ela se afastou sorrindo.

—Jamais escutei tantos gritos.

Agarrei minhas calças e as vesti. Depois (Deus!, alguma vez terminaria esta tortura?) calcei um par de sapatos de salto alto. Meus pés se acostumaram às botas e saí garbosamente (bom, com dificuldade e tropeçando) do quarto. Terminada a dolorosa depilação, passei o resto do dia em meu quarto, tirando as medidas para um novo guarda-roupa. Os pés doíam constantemente. Não me importava em usar trajes de vestir ou fluídos vestidos, desde que estes ocultassem minhas armas, já que não podia ir desprotegida por nenhum motivo. Jamais. Os sapatos, entretanto...

—Não esqueça —disse à costureira— deixe lugares para minhas armas.

Ela fez rodar os olhos e ajoelhou ao meu lado, cravando alfinetes no tecido azul claro.

—Quer também acrescentar um protetor genital?

Lancei um irritado olhar.

—Só se puder fazê-lo extragrande —Ninguém me achava ameaçadora?! Merda. Minhas mãos estavam manchadas de sangue; tinha passado a vida matando gente.



—Que graciosa —disse a mulher secamente— Trabalhei para Michael há muitos anos. Já sei o que terei que fazer.

Por fim me encontrei sozinha, mas isso não durou muito. Não tive nem tempo de me trocar ou tombar na cama quando Michael bateu na porta.

—Entre.

A porta deslizou se abrindo, e ele entrou com vacilação.

—Não me faça mal —disse, indo nas pontas dos pés até a janela e sentando nas macias e douradas almofadas.

Rindo, tirei os sapatos e os deixei cair no chão com um golpe. Que alívio!

—Não posso acreditar que costumava fazer isto todo o tempo. A roupa, a depilação. Os saltos altos.

—Lembrança daqueles dias —ele sorriu amplamente com carinho e apoiou a cabeça contra o bordo da poltrona— E como se sente?

Sentei na branca poltrona em frente a ele. Meu vestido cavou ao redor. A costureira me ordenou que tirasse isso e o pendurasse no momento em que saísse. Senti um pequeno prazer ao desobedecer.

—Pareço à princesa mimada que sempre me acusaram de ser.

Michael tirou um longo e grosso charuto do bolso da jaqueta e o colocou na boca. Não o acendeu ainda, mas sim o saboreou enquanto me estudava.

—O que quis dizer é, como estão suas feridas? Estou preocupado por você, céu.

—Cem por cem curada.

Suas sobrancelhas se juntaram e seus olhos mostraram dúvida.

—Nem sequer uma leve pontada de dor ou debilidade?

—Não —disse, completamente inexpressiva. Não me sentia culpado por mentir a Michael sobre minhas feridas. Quase estavam cem por cem curadas. Mas não queria que se preocupasse. Ou pior, que duvidasse de mim...

Ele fez rodar o charuto entre os dedos enquanto me dizia:

—Diria se não estivesse bem?

—Não.

Outro sorriso iluminou sua cara.

—É o que pensava. Moça obstinada. Isso é o que é, e isso é o que sempre será —seu sorriso se apagou um pouco— Sabe?, nunca quis que fosse uma agente.

—Sei —respondi num tom suave.

—Veio e me pediu que te deixasse treinar, e eu... —encolheu os ombros— Só queria que aprendesse a se defender. Caçam os de sua espécie. E os da minha, bom, poderiam te sequestrar e te usar para chegar a mim. Queria-te preparada. Mas se mostrou obstinada e não permitiu que te separasse das cenas.

Ri entre dentes.

—Lembra como fazia os médicos jogarem com os agentes feridos para me mostrar o tipo de dor a que me exporia. “Olhe o sangue”, dizia. “Olhe a dor em seus olhos porque isto é o que



conseguirá se escolher este tipo de trabalho.”

—Mas nunca duvidou —havia orgulho em sua voz.

—Não. Nunca duvidei. Queria que me visse como alguém forte e capaz. Como seus homens.

—Sei.

—Adoro que confie em mim agora, que me tenha dado outra oportunidade. Jamais serei capaz de expressar o muito que significa para mim.

Michael levantou e se dirigiu ao mini-bar. Insistia que instalassem um para meu uso pessoal em cada uma de suas casas. Às vezes, esse era o único modo que podia relaxar.

—É minha filha —disse ele— Seja qual for o sangue que corre por suas veias, é minha filha e te amo.

—Eu também te amo.

Um silêncio nos rodeou por vários minutos antes que Michael dissesse rindo.

—Que tipo de assassinos somos, tendo tal conversa branda? —depois de cortar a ponta do charuto, pegou o acendedor mais próximo e o acendeu. A fumaça logo ondeou ao redor. Os charutos eram ilegais, já que eram agentes poluentes do ar. Mas Michael vivia num mundo onde não seguia nenhuma regra, salvo as suas próprias.

Serviu-se um uísque escocês.

—Quer um? —perguntou.

—Sim. Obrigado.

Deu-me o copo e meus dedos envolveram o frio cristal enquanto servia outro. Bebendo a goles, deleitei-me pelo modo como o suave líquido me esquentava e apagava as pontadas de dor de meu braço e lado.

—Alguma vez lidou com Jonathan Parker? —Esta era a primeira oportunidade que tínhamos de falar do caso.

—À distância.

—Gostaria de ver seus arquivos.

—É óbvio. Estão no escritório.

Não me incomodei em pôr os sapatos, então parti com os pés nus e levando minha bebida comigo. Deus sabia que a necessitava. Hoje me sentia mais no limite como não acontecia há muito tempo. Silenciosamente, descemos a escada, passamos os vasos Orientais, as esculturas metálicas de deuses e deusas, e a fonte de pedra que Michael incorporou em uma das paredes. Quando a fechada porta do escritório sentiu nossa presença, abriu-se automaticamente. A equipe de limpeza já tinha ido, por isso estávamos sozinhos e não tínhamos que nos preocupar com olhos curiosos.

—Sente-se — disse, me indicando uma poltrona de couro marrom escuro com uma inclinação de cabeça— Fique à vontade.

Obedeci sem vacilar, sentando na poltrona ao lado de seu escritório. Inspirei o familiar aroma de couro.

Meu pai sentou atrás da mesa, apoiou o charuto num cinzeiro, e agarrou um controle remoto. Pressionou uma série de botões e as luzes atenuaram e um holograma se materializou na



parede. A imagem de um homem cintilou no centro. Humano, de trinta e tantos, loiro e com um longo nariz aristocrático. Lábios finos, mas um formoso rosto entretanto. Olhos negros e arrogantes que olhavam o mundo com um brilho de nada-pode-me-machucar.

Inclusive com as advertências sobre quão perigoso eram os raios solares, obviamente Jonny Boy passava muito tempo fora. Sua pele estava intensamente bronzeada e mais enrugada do que deveria estar. Um aura de presunção o envolvia.

Fui tomada por aversão imediatamente.

—Gosta de mulheres ou de homens? —Perguntei.

—Gosta do poder.

—Típico.

—Foi casado três vezes. A primeira esposa morreu num acidente de carro.

Michael pressionou outro botão, e a imagem de uma linda jovem encheu a tela. Cabelo negro, olhos verdes. Pele impecável.

—Seus pneus novos arrebentaram.

—Que conveniente para ele.

—A segunda esposa também morreu num acidente de carro.

Outra jovem, esta com um prateado cabelo branco e grandes olhos azuis, alagou a tela.

—Me deixe adivinhar. Os novos pneus arrebentaram?

—Não, seus sensores pararam de funcionar.

—Que acidente de trânsito aconteceu a sua terceira esposa? —Perguntei.

—Embora pareça incrível, ela ainda está viva.

Não por muito tempo, pensei. Não se Jonathan Parker continuasse em sua linha. Observei atentamente a imagem da terceira esposa. Brilhante cabelo vermelho, radiantes olhos negros. Uma onda de sensualidade irradiava dela.

—Obviamente Parker gosta de mulheres jovens e bonitas. Desgraçadamente, não vivem muito tempo —tamborilei com os dedos meu joelho, golpeando meu volumoso vestido de cetim— Não existirá a possibilidade de ir e dar uma surra nele, verdade?

Toda o rosto de Michael se iluminou com diversão, apagando as rugas de ao redor de sua boca.

—Por agora, não. Não podemos dar uma surra em Parker.

—Que pena—tomei outro gole do meu uísque escocês e saboreei o rico sabor em minha boca por um momento. Perguntei-me que tipo de personagem Lucius, aliás Hunter, estaria usando para se meter no mundinho de Parker. Não usaria tatuagens, nem tampouco piercings e o mais provável é que tivesse que usar terno e gravata, possivelmente até um par de óculos. Soltei um suspiro enquanto deixava o copo sobre a pequena mesa ao meu lado. Seja qual for o personagem que interpretasse, estaria tão sexy como o inferno.

—Me fale do homem para quem trabalharei de intérprete.

—Seu nome é Claudia Chow, e é um peixe gordo no movimento pró direitos extraterrestres. Sua dedicação à igualdade dos outros-mundos a converteu na primeira embaixatriz humana de boa vontade alienígena —sorriu amplamente, um sorriso que dizia adivinha-o-que-fiz-agora— É



obvio, está nas minhas listas de nomes.

—Embaixatriz de boa vontade alienígena? —Soprei— O que contou sobre mim?

—Só que minha filha desejava uma mudança de ares e precisava de um novo trabalho. Quase não a pude convencer que me ajudasse. Entretanto, no momento que soube que sua intérprete era uma Raka, se acalmou. Acredito que te vê como uma nova e querida mascote a quem levar para passear e mostrar.

—Mal posso esperar —disse, com um forte sarcasmo.

Ele me assinalou com um dedo.

—Não se atreva a matá-la.

Toda inocência, bati minhas pestanas.

—Me conceda algum crédito. Realmente posso me reprimir quando a situação o requer.

Uma faísca de humor brilhou em seus olhos.

—Pensava assim também, até que te vi com Lucius. É... diferente com ele. Por que será?

—Esse homem... —apertei as mãos em punhos.

Michael tinha razão. Era diferente com Lucius. Mais emocional. Lasciva. Inquieta. Por quê? Não sabia e não podia responder à pergunta de Michael.

—Confia totalmente nele?

—Certamente —lentamente, franziu o cenho— Jamais te emparelharia com ele de outra forma —Michael levantou o charuto, rodando-o entre os dedos e fazendo a fumaça ondular ao redor de sua mão— É um bom plano o que pensaram juntos.

—Ele. Não eu —cruzei os braços— Lamento não poder levar o crédito —Assim que o disse, compreendi como eram certas essas palavras e como era grande minha amargura. Poderia desejar Lucius, mas também estava ressentida com ele.

Esta atribuição deveria ser só minha. Não de Lucius. Mas até agora, ele movia as peças do jogo todo sozinho.

Estava mal da minha parte me sentir assim? Sim. Importava-me? Não

Michael sacudiu a cabeça.

—Querida, foi ferida. Não seja tão dura consigo mesma. Não é uma competição entre você e Lucius.

Sim, era. Às vezes parecia estar competindo com todo mundo. Queria ser a melhor. Sempre. Em tudo.

—Vá descansar, Eden. Continuaremos falando pela manhã.

Não havia razão para discutir. Planejava me deitar como ele sugeriu, só que não para descansar. Primeiro havia algo que tinha que fazer. Levantei, fechei a distância entre nós e beijei sua bochecha sem barbear.

—Boa noite —disse.

Olhou-me com desconfiança, já que não era normal que eu obedecesse a suas ordens.

—Te amo—acariciei a bochecha que beijei e fui para a santidade do meu quarto. Meus pés afundaram no tapete enquanto rodeava um dourado abajur e entrava no closed. Troquei o vestido por uma camisa e calças negras e com as botas calçadas, já sem saltos, avancei lentamente sobre a



aveludada colcha verde.

A luz da lua se derramava através das cortinas, e os sons da noite se filtravam pelos alto-falantes da parede, oferecendo uma preguiçosa e quase sensual melodia. Os grilos cantarolavam, e os carros zumbiam. Fechei os olhos contra o programado ruído.

Estava a ponto de começar um caminho espiritual.

CAPÍTULO 8

Enquanto meus olhos fechavam, me enfoquei na parte mais profunda de meu interior, reunindo ali minha energia. O calor logo se formou em meu estômago, deixando o resto do meu corpo frio. Com determinação, comecei a empurrar mentalmente aquela energia, separando a etérea alma da pesada carne.

Um quebrado som encheu meus ouvidos. Lentamente, muito lentamente, meu espírito se elevou do meu corpo. Embora a façanha ficasse mais fácil com os anos, tal desconexão, porque isso era exatamente o que era, requeria muita força e intensa concentração.

Quis visitar Lucius desta forma muitas vezes durante a última semana, mas resisti. Ligava a cada noite para me dar um relatório sobre como iam às coisas, e a cada noite esperava ansiosa aquela ligação. Muito ansiosa. Mas resistindo a visitá-lo, tinha demonstrado a mim mesma que não precisava vê-lo. Ele não era uma necessidade. Tinha o controle e minhas defesas contra ele estavam bem fortificadas. Embora hoje pensasse constantemente nele.

Sentia um prazer imenso pelo fato que Lucius jamais saberia que o tinha visitado.

Estávamos localizados em diferentes estados, mas isso não importava. O encontraria. Em geral, meu objetivo devia estar no raio de quase dois quilômetros ou assim porque tinha que caminhar a distância real para alcançá-lo. Nunca foi o caso com Michael, a quem podia alcançar em qualquer lugar e a qualquer momento. Depois do meu beijo com Lucius, sabia que com ele tampouco seria o caso.

Com meu espírito liberado completamente, fiquei suspensa num lugar entre a realidade e a morte, experimentando só uma efêmera ligeireza. Estava na borda da cama e deslizei o olhar por meu corpo físico. Embora fizesse isto incontáveis vezes, sempre experimentava um choque quando via a mim mesma estendida na cama... aí, mas não realmente aí.

A primeira vez que meu espírito saiu do corpo foi um acidente. Era uma menina de apenas quatro anos e acabava de descobrir os corpos sem vida dos meus pais estendidos sobre um atoleiro de sangue. Em meu quarto. Fugi correndo, gritando por ajuda. Michael me recolheu e me meteu no quarto mais próximo. O quarto dos meus pais. Colocou-me sobre a cama e disse:

— Fique aqui. Não te mova. Eu me encarregarei deles.

Então foi fazer justamente isso.

Enquanto eu estava ali, soluçando violentamente, escutei um quebrado ruído, como se algo se rompesse.



Naquele tempo, naquele tempo, pensei que era meu coração. Mas a seguinte coisa que soube, foi que olhei para baixo e me vi. Mal tive tempo para racionalizar o que aconteceu antes de flutuar até outro quarto, com Michael.

Nunca soube que estive ali, nunca soube que o observei. Ele esteve em meu dormitório, os corpos e o sangue desapareceram... como se nunca estivessem ali. Essa noite Michael se embebedou para esquecer, as mãos tremendo, como se tivesse visto muito para suportá-lo. Mais tarde, me disse que o assassino era um homem que tinha intenção de roubar a casa. Também me disse que matou o bastardo por mim.

Tinha caminhado em espírito muitas vezes após, cada vez começando e terminando por própria vontade. Meu tutor Rakan mencionou vagamente que uns poucos de nossa espécie tinham essa capacidade, mas que ele não a tinha, por isso não podia me ensinar. Por anos, entretanto, afinei minha habilidade e agora controlava todos os aspectos: quando, onde, quanto tempo.

Jamais disse a ninguém. Nem sequer a Michael, embora o amasse mais que qualquer um no mundo. Suponho que queria que ele me visse o mais humana possível, como uma verdadeira filha. Quase disse uma vez, depois que me deu de presente o carro que pedi que me comprasse. Afinal, não quis estragar o momento.

Os outros, bom, se as pessoas descobrissem que abandonava meu corpo desprotegido, indefeso e vulnerável ao ataque, seria uma fácil presa para meus inimigos. A caçadora seria a caçada.

Com um suspiro, voltei para a tarefa que tinha nas mãos. Agora mesmo, meu corpo físico estava convexo como o da Bela Adormecida no bosque do conto de fadas. Completamente quieta, o dourado cabelo derramando ao redor de meus ombros e braços. Se não fosse por minha brilhante pele dourada, facilmente poderia ter passado por uma humana.

Fechei os olhos e imaginei Lucius. Imaginei os duros e planos ângulos de seu rosto, a calidez sedosa de seus lábios. Seu largo e musculoso peito. Logo um vento fantasmal alvoroçou meu cabelo. Perdi o apoio sob meus pés e meu espírito começou a se mover, puxado por uma corda invisível. Mais e mais rápido, as luzes passaram zumbindo, cintilantes e imprecisas. Rapidamente, uma mescla de vozes — uma rouca mas com um timbre culto, outra de uma suave barítono — ganhou volume.

Parei de repente, com brutalidade, e ofeguei.

Estava de pé em um escritório muito parecido ao de Michael. Entretanto, sabia além de toda dúvida, que não era o de meu pai. Os painéis de madeira eram mais claros, os móveis diferentes, mais modernos. Uma púrpura e vermelha coluna se elevava sobre a mesa. Estantes de cor fúcsia e amarelo adornavam uma parede. Uma prateada mesa e uma turca de falsa pele ocupavam um canto. Um cerimonioso tapete vermelho sangue cobria o chão de carvalho, e um grande retrato de uma nua ruiva, claramente uma ruiva natural e a terceira esposa de Jonathan, pendurava sobre a apagada chaminé.

Minha atenção se desviou ao centro do quarto. Lucius vadiava sobre uma poltrona verde, com um brandy numa mão e um charuto na outra. Tingiu o cabelo de novo, desta vez de um rico



tom marrom, e a cicatriz de uma navalhada descia de sua têmpora direita. Usava lentes de contato que escureciam seus claros olhos azuis à mesma cor de seu cabelo. Como predisse, os piercings e tatuagens desapareceram e encaixava seu musculoso corpo num caro traje de seda.

Quase não o reconheci, embora seus lábios o traíssem já que não podia mudar o tão exuberantes, sexys e suaves eram. Lambi meus próprios lábios quando uma imagem atravessou minha mente, uma imagem dele me beijando, me devorando. Meu corpo explodiu em chamas. Estava destinada sempre a responder a este homem?

Outro homem sentava na frente dele. Jonathan Parker. O desenfreado e mata-esposas playboy. Seu retrato falhava em revelar essa auréola de depravação que o abrangia, uma depravação que em pessoa não podia mascarar. A fumaça de cigarro o rodeava enquanto ria diabolicamente de algo que Lucius disse.

—Assim encontrou outro-mundo que acende seu sangue, não? —disse Jonathan. Bebia a goles do líquido âmbar de seu copo, seus pés apoiados sobre a cara mesa de centro. Seu sorriso se alargou, revelando dentes brancos e perfeitos— E ela é uma Raka, certo? —Suspirou melancolicamente— Serei honesto. Sempre quis foder com uma Raka. Todo esse dourado...

—Esta é minha —o cortou Lucius bruscamente. Seus olhos se entrecerraram, sem nenhum pingo de fumaça, só terrível ameaça— É a única razão pela qual voltei. A quero. É minha —repetiu.

Recuando para trás, Parker estirou o lóbulo da orelha com sua mão livre.

—É quente, verdade?

—É fogo e gelo. Lava num minuto, glacial no seguinte. E não quer nada comigo —admitiu, perdendo sua escuridão e assumindo uma atitude vergonhosa.

—OH, Hunter. Eu não deixaria que isso me preocupasse. As mulheres gostam de brincar de se fazer de difícil. Querem romantismo. Estão desesperadas por isso. Como acha que ganhei cada uma das minhas mulheres?

—Também acreditava que isso era o que queriam as mulheres. Enviei trezentas orquídeas, e as usou como fertilizante. Comprei um Corvette e o usou para uma demonstração de choque. Enviei um colar de diamantes, e me enviou uma ordem de afastamento.

Jonathan riu entre dentes.

—Se ela for tão difícil, por que não busca outra?

—Quero esta.

Dei um passo para Lucius, passando a ponta de meus dedos sobre a desgastada e suave poltrona de couro. A cada passo, imaginei seu aroma, o perfume de sabão e pinheiro que tanto admirava. Até imaginei seu calor. O que está fazendo? Pare!

Os ombros de Lucius se esticaram ligeiramente. Se não estivesse tão pendente dele, teria evitado a ação. Minha cabeça se inclinou de lado enquanto o observava dar uma olhada a esquerda e direita, como se procurasse algo... ou alguém? Um frio tremor me percorreu, e fiz uma pausa. Não havia forma que pudesse me ver. Verdade? Alguma coisa não estava bem? Explorei o quarto, procurando algo que pudesse o ter posto em guarda. Não encontrei nada fora do normal.

—Consegui-la-ei de uma forma ou outra —disse Lucius, mas agora havia um fio em sua voz que não estava antes.



—Espero que tenha razão. —Jonathan não parecia agir diferente. Deixou cair à cabeça para trás para olhar o abovedado teto, uma ação que fez o líquido do copo chapinhar. Deu uma tragada no charuto— Se a mulher está tão pouco disposta como diz, poderia não gostar que a seguisse até aqui. Bom, que a acosse aqui, deveria dizer.

—Posso assegurar que não gostará. —A determinação brilhou em seus olhos— Mas a persuadirei que veja as coisas da minha maneira, sem dúvida.

—Está muito seguro. —Parker se endireitou e o olhou fixamente e de forma significativa. Isso Lucius é o que sempre gostei em você. Nada apaga sua determinação.

Lucius cabeceou em reconhecimento ao elogio. Reassumi minha exploração de Lucius. Não o vi ou toquei em uma semana. Embora parecessem anos. O impulso jamais me abandonou, é obvio, mas agora que de alguma forma estava aqui... o anseio se intensificou.

Quando o alcancei, permiti que meus dedos se enredassem em seu cabelo. Não podia sentir os fios, mas imaginei sua qualidade sedosa e desejei poder solidificar de algum modo meus dedos. O melhor que podia fazer era reunir minha energia e empurrá-la através de seu cabelo. Mas tal ação requeria mais concentração da que estava disposta a dedicar neste momento. Além disso, Parker e Lucius poderiam estranhar a repentina brisa.

Suspirando, movi a carícia para sua mandíbula. Ele ficou rígido e inclusive inspirou e emitiu um leve assobio. Minha mão congelou no lugar. O que acontecia? Não deveria me sentir. Nem sequer um pouco. Ninguém, nem Michael, adivinhou nunca meu segredo. Apressadamente, retirei a mão.

—Sente o cheiro de canela? —perguntou Lucius.

Meus joelhos quase cederam ante a surpresa.

—Não. —A testa de Parker se franziu. Contemplou Lucius silenciosamente por um momento, logo inclinou a cabeça e disse— Está bem?

—Sim, muito bem —disse Lucius— Só pensava em Eden. Certamente me cuspirá na cara quando souber que estou aqui.

—Inclusive embora te despreze, é um homem afortunado. Nunca me obcecou tanto uma mulher como esta obceca você.

—Nem sequer sua esposa?

—Qual delas?—Parker soprou— Dá no mesmo. Não importa qual. Eram todas umas putas.

As sobrancelhas de Lucius desceram sobre seus olhos.

—Eram? Cybil não está viva ainda?

—Por enquanto. Se tiver sorte, logo se matará de overdose.

Minha atenção se centrou em Parker, escurecendo. Se tivesse uma arma, poderia tê-la usado. Tal indiferença por sua esposa merecia algum castigo.

—Estar obcecado por uma mulher não é uma experiência agradável —se queixou Lucius— Quase desejaria não tê-la conhecido nunca.

Houve uma parte de verdade em sua voz que me insultou. Girando para confrontá-lo, entrecei os olhos, estendi a mão e puxei seu cabelo. Infantil da minha parte, sei, um ato próprio de uma princesa mimada. Como antes, ele se esticou. Franzi o cenho. Por que o fazia? A conexão



entre nós o permitia me sentir?

Meu sangue gelou com a ideia. Não queria estar unida a ele dessa forma. Engoli e me afastei até ficar parada num canto, fora de seu alcance. Fora da tentação.

—Falando de Eden —disse Lucius, reatando a conversa como se nunca tivesse parado — preciso que faça uma festa para mim.

Parker sorriu astutamente.

—Uma para dar boas-vindas à cidade, possivelmente?

—Não. —Lucius sacudiu a cabeça— Não quero que ela saiba que é a convidada de honra. Fará uma festa política. Uma festa a que, é obvio, assistirei.

—E quanto à ordem de afastamento?

—A lei pode me beijar o traseiro. Ela é uma alienígena, assim realmente não tem direitos, verdade?

O sorriso de Parker se alargou, e bebeu um gole de seu brandy.

—Para quem trabalha sua Eden?

—Para a Embaixatriz Claudia Chow.

Uma pesada pausa deslizou no quarto enquanto Parker meditava suas seguintes palavras.

—Eu não gosto de Claudia Chow —disse— E serei honesto. Na realidade não tenho tempo para fazer uma festa.

Isso era mentira. Sabia, e Lucius também. Parker simplesmente procurava algum tipo de favor.

—Fico te devendo uma —disse Lucius.

Com a cabeça inclinada de lado, Parker o estudou.

—A mulher realmente significa tanto?

—Você disse. Estou obcecado com ela —suspirou.

—Sei que é uma Raka, mas, maldita seja!, continua sendo uma vadia e pode conseguir outra em qualquer lugar. Diga-me de novo por que esta é tão especial.

Um perverso brilho iluminou os olhos de Lucius.

—Tem uma boca que poderia sorver um homem até deixá-lo seco.

Sim, uma arma estaria bem. Eu esculpiria meu nome em seus bolas, logo tiraria cada gota de sangue, assim não teria nada mais a chupar.

—Nesse caso, é obvio —disse Jonathan— farei esse favor e felizmente prepararei uma festa onde possa renovar sua amizade.

Os dois homens continuaram conversando um pouquinho mais antes de se despedirem finalmente. Parker acompanhou Lucius à porta e, com uma palmada sobre o ombro, o viu sair.

Tinha que admitir que Lucius fizesse seu trabalho bastante bem, e também tinha que admitir que precisasse conseguir um pouco de descanso se quisesse estar em minha melhor forma quando me unisse a ele.

Embora quisesse segui-lo, fechei os olhos e imaginei meu dormitório. Aquele vento fantasmal logo voltou e senti um forte puxão. Senti a mudança de lugar e vi cintilantes luzes brancas. Depois de uns minutos, meu espírito retornou ao meu corpo e abri os olhos.



A luz da lua se filtrava através das familiares cortinas do meu dormitório. Minhas costas descansavam sobre o suave colchão de plumas às que tanto estava acostumada. Velas apagadas com aroma de baunilha perfumavam o ar, mesclando-se com um rastro de aroma do charuto de Michael.

Rodei de lado, me obrigando a tirar Lucius de minha cabeça. De outro forma, jamais conseguiria dormir. Estranhamente, pensei, me senti mais despojada e só que nunca.

Maldito fosse aquele homem!

CAPÍTULO 9

No dia seguinte, arrastei meu corpo recém depilado através de um exaustivo treinamento de três horas, seguido por duas horas adicionais enfurecendo o assalto e a defesa pessoal usando uma diversa gama de armas, já que uma garota jamais sabia quando precisaria usar suas habilidades especiais. As facas, armas de fogo, combate corpo a corpo na câmara de realidade virtual, começaram a cobrar seu preço, assim optei por deixar as provas do guarda-roupa para o final. A costureira já tinha minhas medidas. Que mais queria de mim?

Meu fracasso com EenLi parecia uma pesada carga de culpabilidade sobre meus ombros. Mais que antes. Possivelmente fosse porque me exigei muito hoje. Ou possivelmente observar Lucius encaixar tão facilmente na vida de Jonathan Parker me pôs ciumenta. Ele era melhor agente do que pensei em nosso primeiro encontro. Agora tinha que demonstrar meu valor.

Só quando fiquei completamente esgotada fui para o meu quarto, embora não dormi a sesta. Ainda tinha muito a fazer. Tomei banho, troquei de roupa e desci correndo para fazer uma refeição rápida e recuperar as energias. Servi-me de trufas de chocolate, cobertas com chantilly e pêssegos, tudo orvalhado com açúcar. Meus favoritos. Comi isso rapidamente e quando estava bebendo dois copos de água com açúcar, escutei a voz de Michael pelo sistema de alto-falantes.

—Eden, carinho. Tenho que te ver em meu escritório.

Com curiosidade, deixei a cozinha com seus deliciosos manjares e cheguei com uma pernada em seu escritório. Ele parecia exatamente como o deixei ontem, o mesmo traje, o cabelo ligeiramente alvoroçado e um charuto ao seu lado. Sentado atrás da mesa, me deu uma olhada sobre o grosso monte de papéis e sorriu amplamente em boas-vindas.

—É rápida. Terminou as provas já?

—Não, decidi não assistir. —Antes que pudesse responder, afundei na cadeira em frente a ele e disse—: Para que tinha que me ver?

Ele se recostou em seu assento e me observou em silêncio durante muito tempo.

—Sei que esteve inquieta. Também sei que, por agora, não há nada a fazer com o caso EenLi.

—Sim —disse, confusa. Aonde queria chegar?

Ele dobrou suas mãos sobre o estômago.

—Tenho outro caso para você.



O entusiasmo borbulhou em meu interior. Deus, amava este homem!

—Continua.

—Há um Morevv na Nova Florida que viola mulheres humanas. O A.I.R. Local foi incapaz de agir devido a babaquices políticas. O Morevv é o amante da prefeita. A prefeita Jeffries, para ser exato, uma mulher conhecida por seu punho de ferro na política. A morte do homem tem que parecer um acidente.

—Tem guarda-costas?

Michael encolheu os ombros.

—Dois humanos corpulentos, mas sempre saem precipitadamente quando a prefeita o visita.

O que significava que tinha que pegá-lo com as calças abaixadas. Literalmente.

—O A.I.R quer interrogá-lo primeiro?

—Não. Só o quer morto. Deve se encontrar com a prefeita amanhã.

Poderia entrar e sair em pouco tempo. Este era o tipo de desafio que precisava para combater minha agitação. Michael me conhecia muito bem.

—Fá-lo-ei —disse— Obrigado. —Possivelmente, com este êxito, poderia começar a apagar meu último fracasso.

Michael soltou um suspiro.

—Por favor, por favor, por favor tome cuidado. Depois de todos os esforços com EenLi, não quero que perca a cabeça por uma missão rotineira.

—Sempre sou cuidadosa. —Mandei um beijo voando— Sairei dentro de uma hora e espero estar de volta amanhã de noite. Se reorganizar minhas provas, ficarei muito agradecida. —Pisquei um olho, levantei e saí correndo do escritório.

O nome do meu objetivo era Romeo Montaga.

Sim, assim era como se chamava o Morevv. Romeo.

Os Morevvs eram famosos por sua beleza, assim suponho que o nome combinava. Sobretudo quando a beleza deste extraterrestre ultrapassava tudo que jamais vi. Possuía um loiro cabelo beijado pelo sol que chegava aos ombros e um rosto divinamente inocente que só os anjos deveriam ter. Só sua bifurcada língua delatava sua condição de alienígena. Embainhava seu alto e magro corpo em calças negras de couro e uma camisa branca aberta. Acredito que achava que era um pirata Casanova.

Tinha uma cadela lobo em vez de um louro, mas a cadela era tão ameaçadora como o pássaro. Estava tombada sobre um aveludado almofadão ao lado da cama e nem piscou duas vezes quando entrei. Com a cabeça descansando sobre suas patas, olhava Romeo com um completo desinteresse, inclusive um pouco de medo.

Passei o dia anterior aprendendo seus padrões. Gostava de garotas jovens, gostava de olhar e se esfregar sem cerimônias contra elas enquanto passava ao seu lado.

Ele me enojava.



E agora mesmo o repugnante bastardo tinha à prefeita de Nova Florida, de sessenta e quatro anos, atada e nua na cama. Sabia que tinha que flagrá-lo com as calças abaixadas, mas esperava chegar depois que o ato acabasse. Não antes.

Entre os gritos de estímulo da mulher, ele se despiu rapidamente, arrancando a roupa de um só e dramático puxão. Ao ver seu corpo nu, pisquei e sacudi a cabeça. Não podia acreditar. Suponho que os Morevvs tinham mais que uma qualidade alienígena. Uma língua bifurcada e um duplo pênis. Dois pênis, entre todas as coisas.

Enquanto Romeo ficava nu na borda da cama, a prefeita gemeu e se revolveu como se estivesse entrando nos corredores do paraíso. Notei que o Morevv permanecia flácido e que teve que fechar os olhos e esfregar a si mesmo para alcançar uma (dupla) ereção.

Dentro do armário como estava, desejei poder arrancar meus olhos e cortar as orelhas. As lembranças iam me atormentar continuamente. Se apenas a porta do armário não fosse vazada!

—Me monte, meu semental —gritou a prefeita Jeffries— Monte-me com força. Como já sabe que gosto.

—Não fale, mulher —grunhiu ele, açoitando-a brandamente no traseiro com a mão— Eu sou quem comanda aqui.

Ela gemeu em êxtase.

Bateu outra vez, mais forte desta vez.

Embora ele jamais admitisse em voz alta, acredito que estava enojado diante de seu prazer. Não estranharia que assim fosse como Romeo violava às demais. As prendendo a uma cama e as deixando observar seu equipamento.

—Agora é minha. —As palavras não sustentaram nenhuma indireta de possessividade. Não, pareciam ensaiadas. Subiu à cama e se deixou cair de repente sobre a prefeita. Isso trouxe outra ronda de gemidos por parte dela. Graças a Deus, foram só cinco minutos antes que o semental Morevv terminasse seu rodeio. Bom, antes que seu par terminasse, em todo caso. Seu corpo inteiro convulsionou num orgasmo. Com seus traços tensos, o extraterrestre se separou dela, ainda quando era óbvio que ele não tinha culminado.

Desatou à saciada mulher e disse:

—Desfrutou, doce?

—Sabe que sim. Possivelmente... possivelmente possa fazê-lo mais duro da próxima vez — sussurrou ela, quase como se estivesse envergonhada de seu desejo.

—Mais duro?

—Sim. —A prefeita Jeffries saiu pesadamente da cama e recolheu seu traje verde hortelã do chão. Uma vez que o enrugado tecido esteve assegurado sobre seu igualmente enrugado corpo, retirou um monte de notas, deixou-os sobre a mesa e olhou fixamente Romeo.

—Estará livre amanhã —disse com voz cortante. Suponho que quando punha a roupa, também voltava sua sensação de poder.

Romeo deu uma olhada e sorriu devagar.

—É óbvio. Montarei-te tão forte que seus gritos se escutarão por todo mundo.

—Amanhã, então. —Ela tremeu antes de sair a pernadas do quarto. A porta fechou atrás



dela automaticamente, deixando-a fora.

Romeo perdeu rapidamente seu sorriso.

—Puta —murmurou.

Se por acaso antes não tivesse compreendido, o fiz agora. Não gostava. Nada. Era um amante pago e fazia o que ela queria. Dominação. Era irônico que uma figura política conhecida por seu punho de ferro na arena político permitisse a um homem, e nada menos que um alienígena, tivesse o controle em privado.

Já a sós, Romeo olhou abaixo e franziu o cenho à cadela.

—Deveria morder seu traseiro, pedaço de merda sem valor.

A cadela choramingou ante seu tom.

Franzi o cenho.

Romeo fechou os olhos e começou a acariciar suas ereções... para o que precisava das duas mãos. O término “dobrar seu prazer” tomava um novo significado. Fiz rodar o olhos. Poderia atordoá-lo agora e logo envenená-lo enquanto não podia lutar. Estaria morto antes que chegasse a manhã e ninguém saberia o porquê nem que eu estive aqui.

Mas...

Fazia várias horas que entrei pela força, evitando os dois guardas e um sistema de segurança robótico de última geração. Um sistema robótico que usava inteligência artificial para aprender sistematicamente o modelo de comportamento do proprietário e se ajustar em consequência sem necessidade de programá-lo pessoalmente. O componente de Segurança integrava um sistema que se armava e desarmava automaticamente, de acordo com aqueles que se alojavam no lugar. Para entrar na casa, tive que programar a mim mesma no sistema. Algo que levou muito tempo, mas valeu à pena.

Deveria ter mais guardas, mas suponho que a prefeita preferia manter sua relação o mais privada possível. Provavelmente porque não era nada mais que a puta de um Morevv. Eu tampouco queria que as pessoas soubessem se o fosse.

Assim que entrei pela primeira vez neste quarto, usei meu tempo para dar uma olhada ao redor. Encontrei a agenda holográfica de Romeo. Por que as pessoas usavam essas coisas? Deixavam um claro rastro a seguir. De todo modo, encontrei uma informação interessante.

Visitar casa, 9 p.m. Voltar 11:30.

O que queria dizer com casa? Tinha família aqui? Ou era alguma coisa mais complexa?

Significava que viajava através de um portal até sua casa e voltava um pouquinho mais tarde de seu planeta? Suspeitava que fosse o último e isso picou minha curiosidade. Na realidade, esperava que fosse. EenLi usava aqueles malditos portais. Michael queria saber onde estavam. Lucius queria saber onde estavam. Se eu pudesse subministrar essa informação... a embriagadora ideia me seduziu com tanta segurança como um apaixonante amante.

Quando Romeo (graças a Deus) terminou sua tarefa, ficou de pé.

—Você gostou do que viu, Assassina? —perguntou ao cão com um vil tom— Puta —disse— Todas são umas putas.

Deu um chute em Assassina no estômago, e ela grunhiu. Tentou mordê-lo, mas lhe deu



outra chute.

Com a cabeça baixa entre as patas agora, ela recuou lentamente, longe dele. Mordi o interior da minha bochecha. Se desse um chute de novo, pensei sobriamente, esqueceria os portais e o mataria agora mesmo.

Nu, procurou no armário algo que usar. Como o enorme espaço estava lotado de roupa, não me preocupei que me visse sobre o compartimento superior. Diabos! Não me surpreenderia que uma dúzia mais de assassinos se ocultassem aqui, e simplesmente não os visse. Só o que me incomodava nesta situação era o tão estereotipado era. Quero dizer, uma sofisticada assassina obrigada a se esconder num armário? Por favor! Mas já estive metida em um antes e o mais provável é que me metesse em outro de novo.

Romeo escolheu rapidamente outro par de calças negras de couro e optou por não usar a camisa pirata, selecionando em vez disso uma larga camiseta com pescoço alto. Suponho que podia ver por que algumas mulheres se apaixonavam por ele... além do duplo pênis. Sua beleza externa beirava o ilegal. Apesar de tudo, me deixava fria. Em parte porque sabia que possuía o coração de um monstro sob toda essa beleza masculina, mas também porque carecia da rica vitalidade que Lucius possuía. Comparar os dois homens era como comparar o quadro de uma natureza morta e uma escultura. A escultura, pelo menos, alardeava ser em três dimensões.

Terminando de se vestir, Romeo fechou o armário e eu desci silenciosamente e, me coloquei na frente da porta vazada. Estava concentrado em admirar a si mesmo num espelho de corpo inteiro. Dei uma olhada em seu relógio digital. Programou 'ir para casa' em trinta minutos, mas o passar do tempo não o apressou. Cantarolando baixo, caminhou sem nenhuma pressa até o aparador e pôs um colar ao redor do pescoço. Recordei ver o colar antes, quando registrei seu quarto. Era pequeno e triangular, com uma corrente de platina e uma pedra irregular no centro... uma pedra diferente a que nunca vi. Parecia cristal, mas brilhante e liso como o cobre.

Depois de se banhar em colônia, Romeo por fim abandonou o quarto. A cadela grunhiu na porta. Desesperadamente, quis elevar meu espírito e seguir todos seus passos, mas não me atrevia a deixar meu corpo desprotegido nesta casa. Em vez disso, tirei minha bolsa da prateleira. A preendi nas minhas costas e saí furtivamente do armário.

Assassina parou de grunhir e me olhou com seus emotivos olhos. Salve-me, parecia dizer. Não me atacou nem agiu como se quisesse me fazer mal de algum modo. Algo dentro de mim se comoveu. Não tinha tempo para isto, mas me inclinei, cavei seu focinho entre minhas mãos e travei meu olhar com seus grandes e marrons olhos.

—Não se preocupe —sussurrei— Esta é a última vez que terá que vê-lo. —Então parti da mesma forma como entrei... pela saliente janela. Não acreditava que o portal estivesse dentro da casa. O que queria dizer que ele sairia cedo ou tarde.

Tirei a máscara. Enquanto enganchava em meu cinturão o fino cabo que deixei pendurado, um frio e úmido vento penetrou pelas fibras do meu body negro. Usava luvas, por isso saltei do suporte da janela. Entre o sussurrante som das ondas próximas, me propulsei e desci os cinco andares. A escuridão da noite me oferecia algum amparo mas, infelizmente, a iluminação da segurança da casa afastava a maior parte das sombras.



Tinha escalado paredes mais iluminadas e visíveis que esta sem problemas, e desta vez não foi nenhuma exceção. Cheguei ao chão sem ser detectada. O sujeito estaria perto da esquina, se movendo rápida e silenciosamente, sem pausa.

Desenganchei o fechamento da fina corda metálica e, agachada, caminhei para frente da casa. O carro de Romeo ainda estava estacionado no caminho de entrada. Soltei um suspiro de alívio enquanto o Morev saía pela porta principal da casa. Supus corretamente.

Entretanto, não foi para o estacionado e solitário Porsche. Não, se dirigiu a pernas para a zona arborizada atrás da casa. Confusa e em silêncio o segui, me perguntando todo o tempo se não me enganei depois de tudo.

CAPÍTULO 10

Roemo se deteve numa pequena, circular e limpa área nos limites da propriedade, longe do oceano e a plena vista. Ao longo dos anos, outros objetivos tinham ido a áreas tão limpas como esta. Jamais soube nem me importei o por que. Sempre usava o isolado entorno a meu favor e atacava. Possivelmente deveria ter tido mais paciência.

Durante muito tempo, Romeo estive de pé imóvel, olhando silenciosamente o escurecido céu. Tinha que reunir-se com alguém? Suspeitava que o seguisse? Ou... esperava uma espaçonave? Possivelmente portal interestelar na realidade significava “nave.”

Os minutos passaram e desembainhei minha arma.

A frágil erva me picava. O sal no ar ardia. Estava escondida entre as sombras e os arbustos, agachada e imóvel, esperando enquanto o tempo continuava passando e não acontecia nada. Nada absolutamente. Ninguém vinha. Seus mínimos movimentos não indicavam nada suspeito. Levantei a manga da camisa e olhei o relógio de pulso. Passavam três minutos das nove. Franzi o cenho. A que ou quem esperava? Esperava viajar entre os mundos ficando simplesmente ali de pé?

Se Lucius estivesse aqui, agarraria Romeo e o golpearia até tirar as respostas. Eu poderia fazer o mesmo, suponho, mas isso não era sempre eficaz. Preferia observar o comportamento habitual dos outros-mundos.

Só rezava para que minha paciência fosse recompensada.

Um sub assobio soou vários metros atrás de mim. Uma pessoa? Ou simplesmente o vento? Com o coração martelando pela adrenalina, desviei minha atenção, mudando meu objetivo pela busca entre as árvores. Ali não havia ninguém que pudesse ver. As folhas rangeram, logo pararam... rangeram... voltaram a parar... como um tambor, sempre aumentando em intensidade. Não era o vento, já que não notava nada sobre o chão. Um animal?

Romeo não parecia notar ou se preocupar.

O constante som cresceu a mil gritos em dissonância, como o chiado de facas arranhando o metal. O ruído fendeu através de mim, me rasgando por dentro. Apertei os lábios para cortar meu



próprio grito, fechei os olhos com força e deixei cair minha pyre-arma, cobrindo as orelhas com as mãos. Mas isso não ajudou.

Quando compreendi o que ocorria, me encolhi. Explosão solar. Sempre me afetavam desta forma. Os humanos jamais pareciam ouvi-los ou sentir a queimação do violento bombardeio das partículas carregadas. Mas parecia que os outros-mundos sempre eram afetados. Para a maioria, a experiência era um prazer. Para mim, era um pesadelo. Os brilhos eram mais fortes no exterior, já que nada obstruía suas ondas destrutivas.

Obriguei-me a abrir os olhos e olhar para Romeo. Ele se deleitava com o som, estendendo os braços amplamente, dando boas-vindas à dissonância. Ele causou isto? Como? Por que? Não entendia.

O vento se elevava, alvoroçando e arranhando como um amante desesperado. As árvores se dobravam e retumbavam sinistramente. Uma brilhante luz pulsava no céu púrpura. Muito brilhante. Voltando-se cada vez mais brilhante. Aproximando-se mais. O que estava acontecendo? Que...

Romeo desapareceu.

Um segundo estava ali, no centro do círculo, e no seguinte se foi. A gritaria cessou. A luz apagou. As árvores ficaram quietas.

Estabilizando-me, levantei. Girei a cabeça de um lado para o outro, procurando meu objetivo. Procurei pistas por todo o claro. Não havia nada no círculo.

Minha confusão aumentou.

Repassei de novo a cena em minha mente. O grito, o vento, as luzes, a forma como Romeo os abraçou. Meus olhos se alargaram quando a compreensão me golpeou. Meu Deus! De algum modo viajou de um mundo ao outro através da explosão solar.

Entretanto, saber o que fez só aumentava o número de perguntas que tinha. Por que não viajei com ele? Não estava a mais de dez passos de distância. Deveria ter desaparecido também.

Ele tinha programado voltar em duas horas, assim o interrogaria então. Transbordando de antecipação, me acomodei em meu esconderijo e esperei sua volta.

Onze e meia chegou e passou.

Já deveria ter retornado com Michael, ou pelo menos ligado, mas não me atrevia a sair deste ponto. Mantive-me acordada toda a noite, ultrapassando amplamente à hora atribuída para a planejado volta de Romeo. Mas nenhuma explosão solar ocorreu, por isso Romeo não retornou.

A manhã trouxe os intensos raios de sol, fazendo o calor cair sobre mim. Fazendo a erva ficar rígida. Possivelmente calculei mal. Possivelmente quis dizer onze e trinta da manhã. Esperaria.

O suor gotejava por minha cara e peito e desejei ter trazido um cantil de água com açúcar. Mas isto, supunha-se, seria um trabalho rápido. Entrar e sair. Assim não trouxe nenhuma provisão, salvo as próprias para o assassinato. Uma hora deu passo a outra, com o canto dos insetos como minha única companhia. Sem dúvida Michael já teria enviado um grupo de busca. O homem, realmente, adorava se preocupar.



Chegaram às onze e meia da manhã sem nenhum sinal de explosão solar. Romeo, entretanto, retornou conforme o programado. Mantive o olhar fixo no círculo e, ante meus próprios olhos, simplesmente apareceu. Sem nenhuma advertência. Simplesmente pisquei e ali estava ele.

Um entusiasmo e uma antecipação renovada me alagaram. Ele sacudiu a cabeça para se orientar, e percebeu meu movimento. Levantei-me de um salto e saí disparada para ele, tomando uma contida postura de não-se-atreva-a-me-foder diretamente na frente dele. Minha pyre-arma se apoiou sobre seu coração e seus olhos se abriram como pratos quando me viu. Coberta de negro dos pés à cabeça como estava, parecia tão ameaçadora e mortal como na realidade era.

Sem uma palavra de advertência, o golpeei no nariz para chamar sua atenção. Sua cabeça girou de lado e o sangue derramou por sua boca e queixo.

—Onde foi? —exigi.

Sua boca caiu aberta, e tropeçou para trás, se afastando de mim.

Em vez de tentar me dominar, quis fugir. Não esperava o contrário. A maioria das pessoas, inclusive os que usavam a força física quando estavam zangados, recuavam quando se usava essa mesma força física contra eles.

—Tem três segundos para responder minha pergunta, ou derreterei a carne de seus ossos. Um.

Vi as rodas girando em sua cabeça antes que ele adotasse uma postura sedutora e me oferecesse um sorriso tipo vamos-nos-deitar.

—Não há necessidade disto. Podemos...

O asco me invadiu.

—Dois.

—Sei como agradar às mulheres —sussurrou sugestivamente.

—Três...

—Em casa —disse com um grito afogado, seu corpo começando a tremer como uma menina pequena— Fui à minha casa em Morevv.

—Através da explosão solar?

—Sim, sim. —Ele lambeu os lábios, e seus olhos começaram a olhar de um lado a outro— Por favor não me faça mal.

—Como funciona a explosão solar?

—N-não sei.

—Mente —Dei um passo e o golpeei de novo.

As lágrimas alagaram seus olhos e caíram por suas bochechas. Ele caiu de joelhos.

—Juro que não sei como funciona. Só sei que é o portal de trânsito. Por favor, não me faça mal. Por favor.

Lamentava que ele não pudesse ver minha expressão quando disse:

—Foi assim que as mulheres te pediram piedade? Suplicando de joelhos? Mostrou alguma?

Sua bronzeada pele empalideceu, lhe dando uma lividez fantasmal.

—Nunca violei uma mulher.



Engano.

—Acaso mencionei violação?

—E o que? —disse Romeo com um alarde repentino— No final gostaram do que lhes dei. Todas as mulheres o fazem.

—Agora sei, carinha de anjo, que não gosto de mentirosos. —Apertei o gatilho. Uma luz azul saiu, golpeando-o justo no peito.

Ele congelou, preso e sem poder se mover. Seus traços projetavam surpresa e medo. Retirei um pequeno frasco do meu bolso, me aproximei e verti o líquido em sua garganta.

—Onadyn —disse, sabendo que escutava cada palavra— Totalmente imperceptível. Uma droga desoxigenante que alguns outros-mundos utilizam para poder respirar o ar da Terra. Você, um dos que necessita de oxigênio para viver, se asfixiará em minutos, cada respiração inútil, parecendo que saiu para dar um passeio e morreu de uma falha orgânica. —Vi um músculo palpitar em sua mandíbula e um completo terror encher seus olhos. Acariciei sua bochecha e dei meu sorriso mais doce — Não se preocupe. Cuidarei de seu cão.

Romeo chamava de Assassina à cadela mas, já que não era, seu novo nome seria Agente Luc. Em honra à Lucius. Esperava que se irritasse muitíssimo, especialmente quando descobrisse que este peludo cão marrom de grandes e aquosos olhos negros era uma fêmea. Sorri. OH, a vida de repente era maravilhosa!

O Agente Luc e eu chegamos num acordo no voo para casa. Ela ansiava afeto e eu o daria. Não foi nada mais que o saco de boxe de Romeo e merecia que há mimassem um pouco.

Quando saímos do ITS, ela viu Michael esperando no fim do corredor de saída. Sua expressão estava preocupada até que me viu e então um grande sorriso de alívio iluminou sua cara. Imediatamente, o Agente Luc começou a choramingar. Suponho que não gostava de machos, nem sequer dos que sorriam.

Mulher sábia, pensei. Brandamente acariciei seu pescoço e cantarolei:

—Não te fará mal. Só parece rude mas não é. —Entortei os olhos ante a intensa luz do dia e escutei outro ITS passar no alto com um aprazível zumbido.

O confuso olhar de Michael passou do cão para mim.

—Chegou tarde e não me chamou —foram as primeiras palavras que saíram de sua boca.

—Fui atrasada. Sinto muito. —Levantei minha bolsa mais alto em meu ombro. Agarrei a correia do Agente Luc com a outra mão e cruzei do um limiar da pista de aterrissagem privada até chegar ao sedan de Michael que nos esperava. O Agente Luc resistiu no princípio, me olhando com aqueles tristes olhos negros— Venha, vamos, menina grande —disse— Pense nisto como uma aventura. — Ela, a contra gosto, deu um passo ao meu lado e saltou no assento traseiro, enroscando-se numa protetora bola. Parecia fora de lugar contra o fino couro negro.

—Quem é seu amigo? —perguntou Michael, assinalando o cão.

—Costumava pertencer ao Morevv, mas agora é sua agente mais recente.

Ele fez rodar os olhos.



—Terei que pagar?

—É obvio. —Deslizei no assento em frente a Luc e Michael se colocou atrás do volante—
Missão cumprida—disse.

Com movimentos rígidos, girou para me olhar.

—Só? Isso é tudo que tem a dizer? Estava muito preocupado por você. Depois de suas últimas feridas...

—Lamento não ter chamado. —Me estirei e apertei sua mão— Pegaram-me de surpresa. De todo modo, deveria ter procurado tempo. Foi meu engano. Admito. —Sabia que estava muito apreensivo e precisava cuidar melhor dele— Perdoa-me?

—Como se pudesse continuar zangado com você—disse sem ardor. Só afeiçoado.

Sorri abertamente.

—O que sabe das explosões solares?

—Pouco, e só porque a incomodavam muito quando pequena. Por que?

Esquivei a pergunta.

—Me diga o que sabe primeiro.

Ele programou o veículo para que nos levasse automaticamente para casa e logo encolheu os ombros.

—São repentinas erupções de energia, luz e calor.

O carro se pôs em movimento, mas Michael não teve que afastar a atenção de mim. O carro conduziu brandamente ao passar pelo caminho, entrando espertamente entre o tráfego. Como era habitual nos homens, Michael sempre gostou que seus brinquedos fossem caros, rápidos e de última geração.

—Que mais? —perguntei.

—Os humanos não podem vê-los, mas acreditam que muitos outros-mundos podem. Ocorrem com mais frequência quando o sol se aproxima da cúspide máxima de seu ciclo. Agora, conte-me o que isso tem a ver com tudo?

—Experimentei um.

—E? —incitou-me.

Inclinando-me atrás no assento, apoiei meus pés sobre o painel.

—E vi um extraterrestre desaparecer no meio de um.

—Desaparecer? —Michael franziu o cenho— Até algumas semanas, não sabia que ninguém dominasse a transferência molecular.

—Não acredito que foi isso o que aconteceu.

—Por? —continuou ele.

—Por que isso ocorreu ao redor. Ventos violentos. Gritos agudos. Não era só uma transferência molecular. E se as explosões solares não são o que pensávamos que eram? E se ocorrem quando os extraterrestres abrem os portais?

—Então por que não podemos abrir um? Por que você não pode? —O cenho de Michael se tornou mais profundo— Talvez perdesse o cara. Talvez...

—Não —lancei— O busquei, procurei rastros. Não correu nem se ocultou, Michael.



Desapareceu.

—Assim acredita... em que?

—Recorda que EenLi disse que os portais não estavam sempre abertos?

—Sim, recordo.

—Isso quer dizer que abrem e fecham. Poderiam abrir e fechar através das explosões solares. Por causa das explosões solares. devido às explosões solares. Por tudo.

—São possibilidades, sim, mas isso me faz perguntar por que nunca desapareceu durante um. Ao longo dos anos, estive no meio de vários. —Certo. Minhas mãos se apertaram em punhos. Estava assim de perto da verdade. Sabia. Mas perto não bastava— Tem que haver uma razão, um catalisador que os absorve através deles. Quando chega a próxima explosão? Sabe?

—Comprovarei.

Esfreguei minha testa.

—Lamento que meus pais não estejam vivos. Assim poderíamos perguntar como viemos para este mundo.

Michael ficou rígido, como sempre a cada vez que mencionava meus pais biológicos. Imediatamente, lamentei minha saudade. Suspeitava que quando falava deles, Michael sentia que estava de algum modo insatisfeita com ele. E não estava. Michael se esforçou muito para me criar. E muito duramente. Não contratou babás ou me mandou com outros agentes. Não, me manteve perto dele, se ocupou de todas as minhas necessidades e me deu tudo o que queria. E o amava muitíssimo mais por isso.

Apressei-me a mudar de assunto.

—Poderiam os outros-mundos usar algum tipo de dispositivo de busca?

—É novo, é uma possibilidade —disse— Investigarei um pouco das explosões solares e te mantereii informada do que encontrar.

—Obrigado.

Ele acariciou minha mão.

—Espero que faça sua prova quando chegarmos a casa —disse— Essa costureira... Como se chama? Celeste?

Encolhi os ombros. Tampouco sabia.

—Quase me arrancou o coração com sua agulha e fio quando disse que estaria fora todo um dia.

Ri.

—Dê um aumento a ela. Gosto de seu estilo.

Alcançamos a casa minutos mais tarde. Movi-me para ordenar ao carro que abrisse a porta, mas Michael me agarrou o pulso. Seus traços estavam tensos.

—Eden —começou— Sabe que te quero, verdade?

Meu estômago se apertou imediatamente.

—Acontece algo mau? —perguntei, minha preocupação tornando as palavras mais agudas do que pretendia. Dizia-me que me queria todo o tempo, mas desta vez havia algo em sua voz... algo profundo e cheio de dor.



—Nada—disse, se afastando e dando a volta— Não aconteceu nada. Só queria recordar o que sinto por você, isso é tudo.

—Michael...

Ele saiu do carro sem outra palavra, me deixando desconcertada.

CAPÍTULO 11

Ainda aturdida pelas palavras de Michael, agarrei minha bolsa e tirei o Agente Luc do carro. Rapidamente entramos na casa, deixando o calor da tarde atrás de nós, como as árvores, os pássaros e as vistosas flores que contornavam a casa. Tinha toda a intenção de perseguir meu pai e exigir uma explicação. Não engolia seu simples só-queria-te-recordar-isso, adorava me recordar isso sim, mas nunca com tal crua dor em seus olhos.

Entretanto, antes que pudesse encontrá-lo, a costureira Celeste me encontrou.

O agente Luc se deixou cair aos meus pés de maneira protetora enquanto Celeste descia correndo as escadas, agulha e fio na mão.

—Onde esteve? —me arreganhou— Tenho onze vestidos e seis calças para terminar, e sai e me deixa na fase mais primitiva do meu trabalho.

—Não precisa de mim aqui para terminar. —Franzindo o cenho, levantei minha pesada bolsa sobre o ombro— Já tem minhas medidas.

A exasperação revoou sobre seus bonitos traços, e ela lançou as mãos ao ar.

—Muito bem. Se quiser que a roupa escorregue de seus ombros, que rasgue quando correr e revele suas preciosas armas, por mim de acordo. Costurarei o nome de outra na etiqueta e assim ninguém saberá que são meus.

—Grande ideia —disse e girei para o escritório onde sabia que Michael estava.

As portas estariam fechadas, provavelmente com chave.

Celeste chiou, o agudo som ressoando nas paredes.

—Sobe para seu quarto e prove essa roupa, Eden Black. Agora!

Dei a volta e a confrontei. Abri a boca para oferecer uma picante réplica, mas notei como seu peito subia e baixava e como seus olhos brilhavam. Era tão apaixonada por seu trabalho como eu era pelo meu. E respeitava isso.

—O que espera? —cravou ela— Um convite impresso do rei Rakan? Vá.

—Este não é um bom momento.

Soltou um suspiro entre seus apertados lábios e seus ombros se afundaram ligeiramente.

—Com você nunca é um bom momento.

Dei uma última olhada à porta do escritório e a contra gosto subi a escada com o Agente Luc me pisando os calcanhares.

—Da próxima vez que alguém me fale dessa forma, ataca. Entendido?

Ela choramingou.



Fiz rodar os olhos. Cachorra inútil. Graças a Deus, os beliscões e espetadas da minha prova só duraram uma hora e Celeste, muito contente, continuou seu caminho.

Enquanto o Agente Luc dormia sobre a cama, me permiti uma longa e tardia ducha, deixando que o vapor da água tirasse e lavasse as provas dos últimos dias. Depois, escovei o cabelo e pus calças e camisa cômodos e me dirigi ao escritório de Michael. Não estava, mas duas mulheres estavam limpando e tirando o pó. Lutei contra uma onda de decepção.

—Voltem mais tarde —disse às mulheres.

Assentiram e se apressaram a partir. Realmente precisava de meu próprio espaço, compreendi. Algum lugar privado que fosse todo meu. Diferente de Michael, inclusive faria a maldita limpeza eu mesma. Não gostava da liberdade que permitia ao seu pessoal. Sim, adotou medidas contra roubo e espionagem, mas alguma vez eram suficientes?

A sós, me registrei no computador dizendo:

—Eden F. Black.

Enviei um correio eletrônico para Colin Foley, um professor de física quântica com quem saí uma vez, pedindo informação sobre as explosões solares e suas potenciais propriedades de transporte. Poderia não saber nada, ou poderia saber algo. Terminamos nossa relação cordialmente há dois anos, assim não duvidava que retornasse a mensagem. Acentuei a importância de uma rápida resposta... que esperava receber antes que saísse de New Dallas.

Enquanto olhava fixamente a tela, esperando uma resposta já, meus olhos começaram a arder e a lacrimejar. Bocejei. Não descansei nada nos dois dias anteriores e precisava dormir. Soltando um suspiro, fechei o computador e saí do familiar e consolador escritório.

Subi fatigosamente às escadas até chegar ao meu quarto e me joguei na cama, ao lado do Agente Luc. Com a esperança que uma hora de descanso conseguisse centrar minha energia e me dar certa paz e serenidade, fechei os olhos e ordenei a cada membro, célula e órgão de meu corpo que relaxasse. Lentamente, limpei a mente, começando a descer gradualmente à calma e a tranquilidade. Pouco a pouco, meus caóticos pensamentos se fundiram e se concentraram num tudo. O batimento de meu coração se harmonizou com a corrente estável da minha mente.

Justo quando me felicitava por um trabalho bem feito, uma imagem de Lucius apareceu, transtornando meu equilíbrio. Meu pulso acelerou e pulou com impaciência; meu sangue esquentou. Mordendo o lábio inferior expulsei mentalmente sua imagem da minha cabeça.

Esta deslizou de volta, zombando de mim.

Minhas pálpebras revoaram e girei de lado. A cadela abriu os olhos e comprovou seu entorno. Quando compreendeu que tudo estava bem, fechou-os de novo e continuou dormindo placidamente sobre a cama. Se apenas pudesse encontrar tão facilmente a paz! Lucius, decidi no próximo instante, era uma enfermidade. Uma pestilenta e purulenta enfermidade que envenenava meu sentido comum e muito bem poderia me levar até a morte. Precisava de algum tipo de antídoto.

A batalha para expulsar a atormentadora imagem estava em pleno apogeu quando meu telefone explodiu numa série de assobios.

Pronunciando um grunhido baixo, recolhi a unidade da mesinha e pus o aparelho na orelha.



—Sim.

—Sentiu saudades? —crepitou uma rouca voz ao final da linha.

—Senti tanta quanto à bala de cobre que me tirou do estômago.

Lucius riu, o áspero e rico som me alagando. Nenhum dos dois comentou o fato que não tivemos que dizer nossos nomes, que só nos conhecíamos há pouco tempo, mas que já reconhecíamos as vozes de cada um.

—Adoro quando se faz de dura. Diga-me como vão as coisas —disse, mal tomando fôlego.

—Dentro do programado.

—O que é isso que me inteirei sobre as explosões solares?

Meus olhos se entrecerraram e olhei airadamente a parede em frente.

—Quando falou com Michael?

—Me responda primeiro.

Fiz, e meu discurso foi seguido de um longo silêncio.

—Temos que investigar —disse finalmente— Michael está fazendo algumas investigações, mas acredito que temos que fazer algumas próprias. Quantas melhor, não é certo? —Fez uma pausa— Fez bem com essa merda de explosão. Bom trabalho.

Ser elogiada por alguém tão duro e inflexível como Lucius era embriagador.

—Obrigado —disse, tentando ocultar a alegria em minha voz.

Devo ter falhado porque ele disse:

—Está chorando de alegria?

Minhas bochechas arderam.

—Vá ao diabo.

—Não me arranque à cabeça. —riu.

—Qual? —resmunguei.

—Nenhuma. —Outra pausa reinou antes que soltasse um suspiro— Sabe biscoitinho? Cada vez que falo com você, mais gosto.

Imitei uma preguiçosa voz do sul - e bastante bem - por certo.

—É por isso que me chamou, Agente Luscious? Para que assim eu goste mais?

—Não me chame assim —grunhiu— Tive um minuto de descanso e pensei que poderia ver como estava.

—Michael não te disse o que eu fazia?

—Queria ouvir de você, certo?

—Certo —disse, e deixei ficar. Não admitiria que me alegrasse que tivesse chamado, que queria notícias suas — Terminemos nossa conversa sobre as explosões solares. Estava me dizendo o bom trabalho que fiz...

Soprou.

—Só estude-os. Podemos comparar apontamentos quando chegar aqui.

Minhas sobrancelhas se elevaram ao máximo quando uma onda de antecipação me golpeou.

—Por certo que terei mais informações que você.

Ele riu entre dentes com voz rouca.



—Meu Deus —disse.

—O que?

—Escuta você mesma? Terei mais informação que você —imitou— Duvido que alguma vez tenha ouvido um desafio mais óbvio. Tem que ser a mulher mais competitiva do mundo.

—Essa não é uma afirmação justa. Não conhece todas as mulheres do mundo.

—Não importa. Aceito o desafio. Veremos quem tem mais informação.

Sorri amplamente, revigorada.

—Assim, como vão as coisas com você?

—Parker se compadece da minha obsessão por você e vai me ajudar a te conquistar. Celebrará uma festa e se assegurará que sua nova chefe receba um convite.

Já sabia, quase disse, mas graças a Deus me detive. Não tinha nem ideia que escutei e observei sua interação com Jonathan Parker, e tinha que mantê-lo assim.

—O que planeja fazer exatamente para me conquistar?

—Deixemos que seja uma surpresa e assim sua reação será autêntica. Não me preocuparia exceto que sua atuação seja boa.

Apertei o agarre sobre o receptor e perdi meu sorriso.

—Sei atuar.

Não respondeu.

Soltei um suspiro. Muito bem.

—E como é meu apartamento? —grunhi.

Não negou que entrou nele.

—É bom. Espaçoso. Bem protegido. Caro. Não terá nenhum problema em viver nele. E caso perguntem, sua cama é o suficientemente grande para duas pessoas.

—É bom saber. Estou segura que o Agente Luc se alegrará que caibamos os dois.

Silêncio. Um silêncio escuro, pesado que rangeu de tensão.

—Quem diabos —disse com voz entrecortada— é o Agente Luc?

—Meu amigo. —Acariciei a suave pele do cão, e ela soprou de felicidade em sonhos— Luc me ajuda no caso.

—Não tinha minha permissão para incluir esse homem em nossa missão.

Não corriji sua presunção que Luc fosse um macho.

Como é minha atuação agora?

—Não preciso de sua permissão para nada.

—Merda, Eden. Michael sabe?

—O que? Vai correndo te queixar ao chefe? —zombei.

Ouvi um agudo chiar de dentes e imaginei que era a mandíbula de Lucius. Sorri, já que me assegurei que não perguntaria a Michael sobre Luc por nenhuma razão. OH, o orgulho masculino! Tão previsível.

—Se este homem puser um maldito pé no interior de seu apartamento, o virarei pelo traseiro até que saía pela boca. Entendido?

Meu sorriso se ampliou. Não podia evitá-lo.



—OH, entendo muito bem.

Fez uma pausa.

—O que supõe que significa isso?

Não parecia mais zangado. Parecia inseguro.

—Que seu ciúme é lindo, isso é tudo.

Click.

A abrupta desconexão e o repentino silêncio me provocaram zumbidos nos ouvidos. Meu sorriso se converteu numa risadinha, rodei de costas e deixei a unidade ao meu lado. Até beijei Luc sobre seu úmido nariz.

Minutos mais tarde, o telefone soou outra vez. Ainda sorrindo, respondi no quarto toque.

—Sim —disse.

—Nunca faço ameaças, Eden. Só promessas. Não queria um companheiro, mas me resignei a ter você. Não tolerarei ninguém mais neste caso.

Nem eu tampouco, mas não ia deixar que esse homem pensasse que suas ameaças (upssss, promessas) me intimidassem. Não o deixaria pensar que estava no comando.

—O agente Luc e eu estaremos ali segundo o previsto —disse.

Com isso, cortei a conexão.

Sentindo-me melhor que se tivesse dormido dez horas, acariciei carinhosamente a peluda cabeça marrom de Luc. Abriu os olhos e me olhou com adoração.

—Melhor vigiar suas patas, garota. O Agente Luscious é um homem ciumento.

Ri, feliz.

CAPÍTULO 12

Por fim chegou o dia.

Fingindo ser uma empregada de Michael enviada para comprovar o apartamento de sua filha, voei para New Dallas. Depois de uma rápida parada na granja de meu pai, visitei meu apartamento. Para isso, usei uma peruca de pontas negras e uma falsa barriga de grávida sob o vestido de algodão sintético. Minha pele estava pesadamente condensada pela maquiagem. Era todo um espetáculo, estava segura, mas tinha que riscar um caminho de fuga. Tinha que saber o que esperar quando eu, como a mimada Eden Black, chegasse.

Deus, tinha calor. O suor me empapava enquanto caminhava rua abaixo.

Culpava EenLi pelo extremo calor e não me surpreenderia saber que fosse um dos Mecs capazes de controlar o tempo. Realmente gostavam de quente e seco, mas as altas temperaturas quase estavam acabando comigo.

Situado no coração da ocupada New Dallas, o edifício de apartamentos de oitenta e sete andares de altura era construído de cromo e cristal a prova de balas. Dei um passo dentro. Havia exploratórios de digitais e guias holográficos. Tudo de alta tecnologia, bem como Lucius disse.



Agradecida pelo ar condicionado, manobrei entre a multidão no bem iluminado e automatizado vestíbulo e entrei no elevador mais afastado, de uso exclusivo para o apartamento de cobertura. Meus dados – os reais e os falsos - estavam programados no computador e os exploratórios me aceitaram quando se asseguraram não ter problemas.

O passeio dentro da luxuosa cabine foi longo mas tranquilo. Um banco coberto de cetim ocupava a parede mais afastada e havia um refrigerador com um dispensador de vinhos ao lado.

Quando cheguei acima, as portas deslizaram para se abrir e entrei num mundo de total auto-complacência. Observando fixamente ao meu redor, inalei os aromas das matérias primas do couro e algodão, muito caros nesse sintético mundo, onde a guerra entre humanos e extraterrestres destruiu tantas coisas preciosas. Poltronas felpudas, amaciados sofás, mesas de cristal. Dois televisores holográficos e dois balcões de bar totalmente abastecidos.

Tudo protegido com exploratórios de voz e digitais.

Fiz uma varrição rápida... para me assegurar que estava sozinha. Estava. Bem. Encontrei as duas entradas ocultas que Michael instalou, me assegurando que abriam corretamente. A que encontrei no chão da cozinha chiava, assim a engraxei. Não podia permitir que os caras maus conhecessem minha posição. Essa conduzia a um quarto seguro. Outra porta, que abriu brandamente, conduzia a um tobogã que me levaria diretamente ao porão do edifício.

Minha cama, notei, estava coberta de seda azul e tinha um dossel que parecia de encaixe. Sabia que era um material protetor que selaria ante venenos e gases. E sim, poderiam caber facilmente duas pessoas aí dentro.

Tudo estava em ordem. Era tudo que precisava saber.

Tomei um táxi por vários quilômetros e logo andei o resto do caminho até a granja, todo o tempo me assegurando que não me seguiam... Uma garota jamais era muito cautelosa.

O agente Luc me esperava. No momento que entrei pela porta, saltou de seu almofadão no chão. Ren, o agente que deixei para cuidá-la, grunhiu um cortante:

—Fica quieta, vira-lata.

—Vigia seu tom —disse com brutalidade. Agachei e acariciei a suave e lisa pele de Luc. Suspirou feliz— Sentiu minha falta, né?

Rapidamente tomei banho e pus um luxuoso traje. Depois Marko levou a mim e Luc ao aeroporto para esperar que me recolhessem. Até agora, foi um dia muito ocupado e sabia que a partir de agora se tornaria mais ocupado.

Agradecida, meu chofer civil, ou melhor o de Claudia Chow, chegou pouco depois, e logo me encontrei sentada e olhando fixamente pelo guichê da limusine. Mudei de postura com impaciência no suave assento de couro.

A missão, para mim, acabava de começar oficialmente.

O agente Luc sentava ao meu lado e descansava o focinho sobre minha perna. Distraidamente, acariciava a pelagem dando golpezinhos com meus saltos altos contra o piso de madeira. Essa parte de New Dallas oferecia abundantes paisagens, a maior parte tristes. Num



momento, via-se uma série de edifícios muito altos e carros que se apressavam, e no seguinte espaços totalmente abertos, com arbustos levados pelo vento e árvores mirradas.

Sempre pensei em mim como uma mulher paciente. Mas agora mesmo, tudo dentro de mim gritava depressa. Não porque desejasse ver Lucius, me assegurei, mas porque queria, por fim, começar a ajudar nesse caso.

Passou uma hora. Meus lábios fizeram uma careta e mudei de postura de novo. Por que não podia a embaixatriz da boa vontade alienígena viver mais perto do aeroporto?

Li o arquivo de Claudia Chow. Nasceu no seio de uma família privilegiada e se casou jovem... com um homem também procedente de uma família privilegiada. Jamais passou dificuldades em nenhum momento de sua vida. Quando seu marido vivia, os dois desfrutavam caçando animais e viajando pelo mundo.

Agora passava seu tempo lutando pelos direitos alienígenas. Isso não tinha sentido, não parecia encaixar com sua educação. E eu devia a traduzir nas festas, reuniões e qualquer outro acontecimento a que decidisse assistir. Suspirei.

Ela possuía um rancho nos subúrbios da cidade... um rancho que se estendia por todo o horizonte visível. Graças a Deus! Endireitei meu traseiro e, de repente, sorri amplamente. Feliz.

—Estamos quase chegando — disse para Luc, o entusiasmo fluindo da minha voz.

Ela piscou e me lambeu a mão.

Acariciei entre suas orelhas.

—Tome cuidado com a embaixatriz. Costumava caçar animais. Pode ser que ainda o faça.

Luc me lambeu de novo. Confiava em mim para mantê-la a salvo e eu gostava.

Devolvi minha atenção ao rancho. Era vermelho e branco, amplo e extenso, com marcados postes de madeira que ancoravam o primeiro andar ao segundo. Guardas armados vagavam pelos limites da propriedade, assim como ao redor da própria casa. E não eram humanos. Eram Ell-Rollis, criaturas de uma raça tão estúpida que só podiam seguir as ordens de seu amo.

—Tem que mostrar muita coragem enquanto está aqui, moça —disse para Luc— Se alguém sugerir a esses guardas que te façam mal, o farão sem pensar duas vezes. Assim não saia sem mim. —Passei uma mão pelo cabelo trancado e murmurei— Talvez deva te deixar com Michael. — Não queria que a ferissem.

Não tive a intenção de trazê-la. Entretanto, quando cruzava a porta, Luc saltou atrás de mim, choramingando a cada passo. Recordei que sempre que Michael me deixava durante uma missão, eu chorava e queria que me cantasse uma canção de ninar para dormir. Não era capaz de fazer o mesmo para Luc.

Quem diria que ficaria uma lerda por um vira-lata?

Lambeu-me a perna.

Com uma companheira tão feroz, pensei sarcasticamente, não parecia precisar do modificado rifle, o silenciador e as balas de ponta oca que levava na bolsa. De todo modo, de nós duas, eu era a que mais perigo corria. Michael me disse que a embaixatriz Claudia Chow gostava de se reunir com outros-mundos. De todas as raças.

—Por certo que me dissecaria e penduraria se fosse legal.



O agente Luc me deu outra lambida.

Francamente, desprezava as pessoas que usavam os outros-mundos como troféus.

—OH, olhe meu extraterrestre — imitei com uma açucarado doçura. Não me importava que o condutor ouvisse. Era uma princesa mimada. Uma diva— Não é precioso? —Apertei os lábios.

Se Claudia me tratasse dessa forma...

Um dos guardas devia ter notificado Claudia da minha chegada porque no momento que a limusine entrou no tortuoso e longo caminho de cascalho, ela deu um passo na varanda de madeira. A estudei. O negro cabelo estava recolhido num severo coque, perfeitamente maquiada e seu alto e elegante corpo estava moldado por um negro e conservador traje de seda. Supunha que rondava os trinta mas sabia que acabava de completar quarenta e seis. Era uma mulher muito atrativa, que obviamente conhecia seu poder e se deleitava nele.

O carro parou, e minha porta abriu imediatamente. Um Ell-Rollis deu um passo para mim e estendeu a mão.

—Obrigado —disse impassível e me armando de coragem.

O doce ar condicionado deu vez a um quente e cheio aroma de verão e cavalos, e enruguei o nariz enquanto dava um passo fora.

O Ell-Rollis não falou, simplesmente sorriu, revelando seus amarelos e bicudos dentes. O sorriso parecia fora de lugar sobre seus traços parecidos com os de um lagarto. Deviam ter ordenado que me saudasse com um sorriso de boas-vindas.

Agente Luc saltou ao meu lado e sentou, minha sempre vigilante guardiã. Ao menos não dormiu. Como se prestasse atenção à minha advertência, olhava o Ell-Rollis com cautela.

Sem nenhuma expressão absolutamente em seu rosto, Claudia se aproximou de nós e me envolveu entre seus braços. Para aparentar? O mais provável. Não devolvi o abraço, mas o tolerei. Era uns centímetros mais baixa que eu, por isso me viu obrigada a se esticar nas pontas dos pés para me beijar em ambas as bochechas.

—Bem-vinda —disse, sua voz cultivada, refinada.

Seus olhos eram marrons, e de perto podia ver algumas sardas dispersadas por seu nariz.

—Obrigado. —Sorri docemente, sem nenhum pinga de falsidade. Ou isso esperava— Estou muito contente por estar aqui.

—Me deixe te olhar —disse, me liberando e se afastando um passo. Seus escuros olhos me percorreram, tomando lentamente as medidas de todo meu corpo— Tanto ouro. É atordoante, realmente.

Quer comprovar meus dentes? Talvez uma etiqueta em meu dedo do pé?

Ampliei meu sorriso.

—Obrigado. É muito amável ao dizê-lo.

—Alguém manipulou seu DNA? —Perguntou com inocência— Ou são todos os Rakas tão resplandecentes e dourados como você?

—Somos todos assim, ou isso me disseram.

—Estou simplesmente morta de ciúmes. Deve se olhar no espelho mil vezes por dia.

—Sim. —A resposta de uma princesa.



—Nos asseguraremos que ninguém tente ir atrás de sua pele. Tomarei medidas para te proteger. —Acariciou minha bochecha, como eu fazia com meu cão— Você e eu vamos nos dar às mil maravilhas, estou segura. Giles —gritou sobre seu ombro. Até deu umas palmadas— Leve as malas da senhorita Black ao quarto amarelo. — Para mim acrescentou— O amarelo harmonizará estupendamente com sua dourada pele.

—Não preciso que levem minhas malas ao quarto amarelo. Tenho um apartamento na cidade.

—Tolices. Quero que fique aqui. Não há razão para que viaje daqui para lá.

OH, não, não.

—Prefiro ter meu próprio espaço. É uma das razões pelas quais me afastei de meu pai.

Os marrons olhos de Claudia endureceram e se moveu pouco a pouco a uma sutil postura de eu-mando-aqui.

—Prefiro ter você aqui. Com seu cão, é obvio. É bem-vindo a ficar também, e aqui terá mais espaço para correr e brincar.

—Sinto muito, mas devo insistir...

—E eu devo insistir em que fique. —Seus olhos brilharam com determinação.

—Não era parte do nosso trato —disse, me esforçando para manter a calma.

Deveria lançar uma ofensiva?

—Agora converti em parte do trato. Se for um problema...

Então encontraria outro intérprete. E eu perderia minha cobertura. Por que tal insistência que ficasse? Perguntei-me apertando os punhos. De todo modo, chiei os dentes e não ofereci mais desculpas. Estudar o apartamento, engraxar a porta secreta, não serviu para nada. Genial.

—O quarto amarelo parece encantador.

No momento que falei, sua expressão se abrandou e sorriu feliz. Seus dentes eram brancos e perfeitamente alinhados.

—Maravilhoso. Sabia que chegaríamos a um acordo. Giles —chamou de novo.

Um Genesi vestido de smoking apareceu atrás dela. Sua raça possuía uma pele enrugada e cinza que se dobrava em camadas. Matei um Genesi uma vez. Uma fêmea. Emitia algum tipo de murmuradora energia que tilintava como sinos enquanto lutava comigo. Aqueles sinos cresceram em intensidade e quase arreventaram meus tímpanos antes de terminar com ela.

Sem me olhar nos olhos, o Genesi caminhou rigidamente diante de mim e do carro, levantou minhas malas em seus braços e girou sobre seus calcanhares. Permiti sem protestar. A maior parte de minhas armas estavam bem escondidas entre meus artigos de higiene diária. Inclusive se buscasse entre minhas coisas por horas, jamais descobria nada extraordinário.

—Agora, me fale de seu amigo —disse a embaixatriz, assinalando o cão— Como se chama?

—Ela se chama Luc e receia os homens —acrescentei, acariciando sua cabeça— assim será melhor que seus criados machos a deixem sozinha.

—Acredito que é maravilhoso que tenha uma companheira nascida na Terra. —A cara da embaixatriz Chow se cobriu com um pingo de tristeza— Meu companheiro morreu. Um vírus o levou.



Não mencionei que eu mesma nasci na Terra.

—Lamento sua perda.

Ela agitou a mão no ar e forçou um sorriso.

—Foi há muito. Tem sede, querida? Com certeza sim —respondeu por mim— Vamos ao salão. Tomaremos uma limonada e nos conheceremos melhor uma à outra.

Com Luc trotando ao meu lado, segui a embaixatriz e entrei com impaciência. Minha saia, larga até as panturrilhas, balançou a cada movimento. O frio ar me açoitou, soprando através de minha roupa e minha quente pele. Aquela breve estadia sob o sol me acalorou, compreendi.

Pisquei para afastar da minha visão as manchas vermelhas e douradas provocadas pelo sol e estudei minha nova e temporária casa. Parecia cômoda, sim. Mas... minhas mãos se apertaram em punhos de novo. Queria meu apartamento. Enquanto passávamos por um comprido vestíbulo, uma das primeiras coisas que notei foram às cabeças de animais que decoravam algumas paredes. Cervos, coiotes, javalis, todos os quais em perigo de extinção, e eram ilegais de possuir ou matar.

Esperava algo diferente da elegante Claudia Chow. Sim, sabia que caçou animais, o que agora era ilegal sem uma licença do governo, mas achava... não sabia o que achava.

Ela me deu uma olhada sobre o ombro.

—O que acha da minha casa?

Decidi ser sincera. Era menos complicado assim.

—As cabeças de animais me parecem asquerosas.

—De verdade? —Franziu o cenho, uma genuína surpresa brilhando em seus olhos— A maioria de sua gente parece desfrutar delas.

Minha gente? Queria dizer Rakas ou todos os outros-mundos? De uma forma ou outra, não parecia algo que uma embaixatriz de boa vontade alienígena devia dizer.

Finalmente entramos no salão, um quarto cheio de crânios de animais e plumas de pássaros.

Dispersos por toda a parte, os cadáveres eram toalhas de mesa decorativos ou floreiros cheios de flores. Meu Deus! Isso devia ser o inferno.

Ocultando uma careta, esperei até que Claudia sentasse numa poltrona floral antes de reclamar o pequeno e rosa sofá situado em frente a ela. Luc sentou aos meus pés, ainda parecendo cautelosa. Entre Claudia e eu havia uma pequena mesa com rodas onde se amontoavam bolachas e limonada.

Exceto pelos animais mortos, a cena recordava um quadro de época. Possivelmente um velho filme, com damas, cavalheiros e maneiras apropriados. Suspeitava que Claudia lavrasse essa imagem para seu benefício. Para relaxar seus convidados? Desarmá-los?

Como uma cortês anfitriã, serviu-me um copo de forte limonada, e bebi um tentativo gole. Odiava coisas azedas, e essa demonstrou estar completamente desprovida da doçura que eu preferia.

—Marta —disse ela— por favor, traga para Luc um tigela de água. —Dadas as ordens, Claudia me ofereceu uma bolacha.

Aceitei rapidamente. Pelo menos, tinham um pouco de açúcar. Se pudesse escolher um só alimento no mundo inteiro, seria esse. Puro açúcar granulado. Mordisquei as bordas da bolacha e



suspirei com satisfação.

—Não estou segura do que te contaram sobre suas obrigações —disse Claudia— mas tudo o que quero de você é sua presença em todas as funções políticas e sociais às que frequento, que me acompanhe quando outros-mundos me visitem para me contar seus problemas e preocupações, e traduzir qualquer chamada que receba.

Isso era tudo, né?

—Meu último intérprete só falava seis línguas, assim frequentemente os extraterrestres ficavam frustrados por sua incapacidade de se comunicar comigo. Seu pai mencionou que fala vinte e sete línguas. —Houve um toque de incredulidade em seu tom.

—Não exagerou, asseguro isso.

A surpresa revoou sobre seus refinados traços, como se esperasse que o negasse.

—Como conseguiu aprender tantos?

Um criado feminino chegou com a tigela de água de Luc. A moça era alienígena, Brin Tio Chi, uma raça tão escura como o café e que se movia com fluída graça, virtualmente flutuando. Colocou a tigela na frente de Luc e deslizou longe, seu branco vestido ondeando em seus tornozelos. O cão bebeu com gula.

—Um tutor dos meus me disse uma vez que os Rakas têm afinidade para os idiomas. Toda nossa espécie parece aprendê-los com tanta facilidade como os meninos humanos aprendem o alfabeto.

—Isso é maravilhoso. —Sorrindo amplamente, Claudia agarrou as mãos— Iremos a uma festa esta noite, e espero que venham muitas espécies diferentes. Algumas delas não dominam o inglês, por isso terá que traduzir para mim.

A festa. Não podia esperar.

—Será um prazer.

Ela suspirou.

—Algo que precisa saber sobre mim é que sempre misturo os negócios com o prazer. Espero que muitos outros-mundos se aproximem esta noite com seus problemas. Sabem que podem vir para mim em qualquer parte e a qualquer momento.

Inclinei a cabeça de lado.

—Que tipo de problemas?

—Discriminação, sobretudo. Os humanos frequentemente agem com superioridade frente a seus compatriotas alienígenas... e com ciúmes quando algum deles sente que são indignos de ter dinheiro e poder. Aí é quando intervenho. Asseguro-me que as necessidades alienígenas sejam representadas no Senado.

Um bonito discurso. Ensaiado? Ou verídico?

—Quando Yson -meu marido- estava vivo, viajamos pelo mundo e fomos testemunhas de muitas atrocidades cometidas contra os extraterrestres. Juramos fazer o que pudéssemos para ajudar. —Seu rosto se tingiu de tristeza— Então os Zi-Karas vieram e trouxeram aquela praga horrível que matou tantos humanos e animais. Yson foi um dos primeiros a morrer, me deixando sozinha para que os ajudasse.



—Acreditava que isso a faria odiar todos os extraterrestres —disse as palavras como uma observação tardia.

Ocasional. Mas observei sua expressão atentamente.

As finas linhas ao redor de seus olhos pareceram ficar mais profundas.

—Durante um tempo, sim, os odiei realmente. Mas Yson não gostaria que abrigasse tal ódio. Gostaria que mantivesse meu voto. E assim o fiz. —Agitou uma mão no ar— Já basta de dor, falemos de coisas felizes.

Que quebra-cabeças, mas um que planejava resolver. Que as peças encaixassem de forma inocente ou traiçoeira, não sabia. Só sabia que teria que ficar em guarda a respeito dela. Michael parecia confiar - um pouco - nela, mas eu não podia. Ainda não.

Conversamos durante uns minutos mais sobre o tempo, sobre minhas comidas favoritas e meus hábitos noturnos.

—Por que não sobe? —disse— Pode desfazer as malas ou descansar. Ou o que seja que tenha que fazer antes de ir à festa.

—Onde será a festa? —perguntei, incapaz de ocultar a antecipação em meu tom.

Já conhecia a resposta.

—Na casa de Jonathan Parker. É rico e poderoso, e um bom homem para se ter do seu lado.

—Fez uma pausa, sorrindo amplamente— Insistiu, e muitíssimo, para que fôssemos.

Devolvi seu sorriso com um próprio.

—Tenho vontade de conhecê-lo. —E tinha.

Deus, como tinha!

CAPÍTULO 13

Passei a seguinte hora procurando microfones e câmaras ocultas em meu dormitório.

Havia só uma cabeça morta de animal pendurada em minhas paredes-amarelas-que-harmonizavam-tão-bem-com-minha-pele. Um cervo. O resto da decoração era de bom gosto, embora puramente texana. Um abajur com guizos, ferraduras sobre as paredes. Colunas de madeira que se apoiavam numa cama com forma de carrinho de mão. Cestas de pele de serpente sobre as mesinhas de noite.

Encontrei duas câmaras, mas nenhum microfone. A embaixatriz de boa vontade alienígena substituiu os olhos do cervo por redondas e negras lentes dirigidas para a cama. Que Claudia Chow fosse simplesmente uma pervertida que gostava de olhar, que tivesse motivos perversos para me querer sob vigilância, ou que quisesse a câmara para ajudar a “me proteger” dos amantes do ouro, não me importava. Reafirmei minha determinação em ser cautelosa ao seu redor.

Ela desconhecia meus verdadeiros motivos para estar aqui, mas conseguiria penetrar na festa de Jonathan. Por isso, aguentaria seu adulator caráter.

Não me preocupava que ela soubesse que encontrei as câmaras. Simplesmente as tirei, abri



e inutilizei. Gravar imagens era comum há anos, mas o governo opinava que câmaras como estas eram ilegais sem uma permissão. Duvidava muito que ela a tivesse.

—O Senhor não o queira — murmurei. Podia dirigir o problema das câmaras de duas formas. Mostrava a câmara na mão diante da embaixatriz e a advertia que não as colocasse em meu quarto de novo, ou não as mencionava absolutamente.

Depois de pensar um momento, decidi não as mencionar. Estava disposta a apostar que ela soube no momento exato que as encontrei. Se me calasse, se perguntaria sobre minha reação, meus pensamentos e talvez pisasse com mais cuidado ao meu redor.

Segura agora da minha intimidade, comecei a memorizar a distribuição do meu quarto com a vista e depois com os olhos fechados, comprovando o espaço entre os móveis e a longitude do chão. Luc me observava curiosa todo o tempo. Até caminhou ao meu lado por um momento antes de ficar aborrecida e voltar para a cama.

Algum dia poderia precisar percorrer este quarto na escuridão para sobreviver. Devia riscar a melhor rota de fuga, assim como uma segunda em caso que a primeira falhasse.

Depois, me permiti uma longa ducha. A limpeza a seco a base de um orvalhado de enzimas não oferecia a mesma sensação de relaxamento como a vaporosa e quente água de Michael, mas desfrutei ao sentir minha pele limpa.

Sobretudo agora, sabendo que logo veria Lucius. Sabendo que logo encontraria cara a cara com Jonathan Parker. Sabendo que um “pedido de escravo” logo seria colocado sobre mim, e seria sequestrada, possivelmente encerrada clandestinamente. Suja e fria.

Logo... sim, logo.

Lucius assistiria à festa de Jonathan Parker esta noite. O veria em pessoa. Falaria com ele.

E pensaria só em nosso caso, me prometi a mim mesma. Tinha averiguado ele algo novo sobre as explosões solares? Sobre EenLi? Segundo Michael, ainda não tinham descoberto o bastardo. Era como se tivesse desaparecido.

Talvez o fizesse.

Talvez, como Romeo, usou uma explosão solar para voltar para casa.

Se fosse assim, encontraria um modo de persegui-lo até Mecca.

O rocio começou a chispar, assim fechei a unidade e dei um passo fora do branco recinto ladrilhado.

O ar quente saiu por umas frestas, ao lado e debaixo de mim, me mantendo quente até que me vestisse. Atei de novo minhas armas ao corpo: uma pequena pyre-arma no interior de minha coxa, uma faca, e um diminuto frasco de Onadyn. Nunca sabia o que precisaria, assim gostava de ter acesso aos três.

Embora decidisse que precisava de algo mais desta vez. Algo mais que meu arsenal habitual. No caso de. Este era um novo entorno, com gente que não conhecia e a quem não tinha seguido. Grampeei uma cornetinha ao redor do tornozelo... uma cornetinha que contava com alucinógenos em forma de diamantes.

Feito isto, escorreguei um apertado vestido azul claro sobre minha cabeça. O fino material beijou meus peitos e quadris, mas ondeou livre ao redor das minhas panturrilhas em lenços de



diferentes longitudes. Deixei a maior parte do meu dourado cabelo solto, recolhendo só umas mechas atrás e dando forma com pentes de prender cabelos salpicados com safiras... que também se convertiam em facas retráteis.

—Não está mal —murmurei, estudando meu reflexo no espelho. Gelo dourado.

Aborreci-me dos meus altos saltos, mas supus que poderia tolerá-los por esta noite. Quem sabe? Se fosse necessário, poderia usá-los como arma. Atei um par de sapatos de tiras nos pés da mesma cor exata do meu vestido. Um pouco de rímel e brilho nos lábios. Pronto. Feito.

Luc ladrou em aprovação.

Comprovei meu computador se por acaso havia uma mensagem de Colin. Nada. Suspirei. O relógio marcou a hora. Cinco. Duas horas antes que a embaixatriz e eu tivéssemos que partir. Isso me dava muito tempo para fazer perguntas sobre Jonathan Parker.

Claudia resultou ser uma fofqueira total e estive mais que feliz em me contar tudo que sabia de qualquer um que conheceu alguma vez. Nossa conversa durou duas horas completas, antes que ela se precipitasse até acima para se trocar para a festa.

Durante nosso bate-papo, descobri as seguintes pérolas de informação:

1. River Garwood preferia cerveja caseira que champanha caro, embora realmente tivesse uma adega excelente.

2. O aumento de seio de Norine Smith a deixou com um seio maior que o outro. A mulher agora usava um sustento unilateral acolchoado.

3. Jonathan Parker odiava ervilhas com uma paixão que não podia ser igualada. Talvez pudessem usar este conhecimento se alguma vez decidíssemos torturá-lo?

4. Gladys MacGregor, que todos sabiam ter perdido todo seu dinheiro em maus investimentos, pagou ao seu dentista por suas jaquetas de porcelana com uma operação oral própria... realizada sobre seus joelhos.

Assimilei o fato que aquelas duas horas foram uma perda de tempo e que não foi um de meus melhores planos.

Quando Claudia voltou dez minutos mais tarde, usava um vestido violeta com lantejoulas que abraçava seu corpo e cintilava como o rico azeite sob a luz. Seu cabelo estava recolhido em um turbante combinando.

Parecia elegante. Refinada.

—Claudia —disse enquanto ela descia a escada— Importar-se-ia de pedir a uma de suas empregadas que levasse Luc para passear mais tarde?

—É obvio. —Ela olhou para sua criada e a ligeiramente escura e flutuante Martha cabeceou.

—Martha o fará. Está pronta?

—Mais do que posso expressar.

Subimos à limusine e nos pusemos a caminho da casa de Parker. Claudia reatou nossa conversa como se nunca a tivéssemos deixado. Quem diria que uma acolhedora limusine, com seu couro negro e seu mini-bar, podia ser usado como um instrumento de tortura? Escutei pela



metade, esperando pilhar alguma informação que pudesse usar.

Por fim, ela mencionou o nome de Hunter Leonn. Lucius. Endireitei-me e adotei uma expressão de fingida angústia e consternação. Recorde, ele me acossou. Abusou de mim. Uma intensa rajada de impaciência e entusiasmo me golpeou.

—Hunter Leonn, disse? —Perguntei bruscamente, saltando adiante em meu assento.

—Sim —respondeu ela, piscando com surpresa. Seus traços se iluminaram de impaciência e se inclinou para mim— Por que? O conhece?

Contei a mesma história que Lucius contou para Jonathan.

—Perseguiu-me sem piedade. Sem piedade! Sempre que dava a volta, estava ao meu lado. Tentei dizer que não gostava, que não o queria na minha vida, mas não me escutava. Negava-se a me deixar sozinha.

—OH, que horrível!

—Sim, é. Hunter é a verdadeira razão pela qual me afastei de Michael. Queria desesperadamente escapar dele. —Agarrei os joelhos num falso ato de agitação— E agora me diz que está aqui?

—Se preocupa que te incomode de novo? Bom, não o fará. Minha casa está bem protegida, Eden. Não será capaz de te alcançar.

—Isso pensei antes. Com Michael. Mas por muito que dizia não ao Hunter, um dia me pegou na rua e me meteu em seu carro. Levou-me para sua casa e me trancou. Quase me violou, e o faria se eu não escapasse. O que vou fazer?

—OH. meu Deus. Sinto tanto! Não compreendi a gravidade da situação. —Com seus traços tensos pela preocupação, me agarrou pelas mãos— Deve estar tão assustada, e agora está metida no mesmo apuro. Lamento que não pudéssemos detê-lo, mas... —Ela suspirou com tristeza— Os humanos simplesmente não são castigados por fazer dano aos extraterrestres. Ainda não, em todo caso.

—E se me sequestrar de novo? —Perguntei, mordendo o lábio inferior. Estava exagerando muito?— Por certo descobriu que ia viver aqui e decidiu se mudar também. É provável que esteja lá agora mesmo, me esperando.

—Sinto dizer que realmente estará na festa, mas não acredito que faça uma cena. Haverá muita gente. —Ela me apertou a mão— Por favor, não se preocupe. Não vou deixar que Hunter te faça mal. Prometo isso. Falarei com Jonathan e me assegurarei que Hunter se mantenha afastado de você. De acordo?

Tal tenacidade por parte dela me surpreendeu. Sua cara perfeitamente maquiada mostrava preocupação e afronta, e a tensão era evidente em seu corpo. Autêntica inquietação? Por mim, outro-mundo? Se isto fosse minimamente verdade, tal interesse pela segurança alienígena era a razão pela que esta vã, mimada e fofqueira mulher fosse escolhida como embaixatriz de boa vontade alienígena.

Não esperava isto dela. Poucas vezes alguém demonstrava ser mais do que eu previa. Primeiro Lucius, agora Claudia. Teria perdido meu toque?

—Obrigado por sua preocupação —disse, relaxando visivelmente.



—Só lamento não poder fazer mais. Os extraterrestres têm sentimentos, como os humanos. Por que mais gente não pode ver isso?

—Viu? Hunter, quero dizer?

—Uma vez. —Ela liberou minha mão. Seu olhar se dirigiu à janela, e observou fixamente a paisagem iluminada pela lua. Passamos a pequena garganta viçosa de Michael, um brilhante e úmido refúgio. Um contraste total com a restante terra seca ao redor— É um jovem intimidante, devo dizer. Seus olhos são... há algo neles. São escuros, frios e insensíveis.

—Sim —concordei, estremecendo— Recordo isso dele. —Isto estava funcionando melhor do que o planejado— Fala muito bem de Jonathan Parker. Como pode ser amigo de um homem como esse?

—Estou segura que Hunter finge ser civilizado quando está com outros homens. Os homens como ele sempre o fazem. Mas asseguro que contarei ao Jonathan tudo e faremos algo.

Ao contar ela confirmaria completamente a história que Lucius lhe deu, por isso, obrigado à Embaixatriz Chow!

—Isso me tranquilizaria realmente. —Coloquei meus dedos sobre meu coração numa demonstração de alívio— É maravilhosa, Embaixatriz Chow. De verdade.

—Por favor. Chame-me de Claudia. E faria o mesmo por qualquer alienígena. Opino que os outros-mundos deveriam ter os mesmos direitos que os humanos.

—Claudia —disse— Se apenas todos os outros pensassem como você!

A limusine foi mais devagar e logo parou completamente na frente de uma grande mansão branca de pedra, rodeada por um estreito fosso azul e uma cerca elétrica. Meu coração começou a pulsar mais rápido num errático baile. Chegamos. Carros de todas as marcas e cores se pulverizavam pelo recinto e uma multidão de gente vestida formalmente serpenteava pela arqueada ponte que conduzia a casa. A luz da lua se estendia e iluminava todo o lugar, tão dourada como eu mesma.

Tentei não sorrir, mas sentia, realmente sentia, o zumbido da energia de Lucius. Ele estava dentro, me esperando.

Nossa missão estava a ponto de alcançar o próximo nível.

CAPÍTULO 14

A festa estava abarrotada de humanos e outros-mundos, resplandecendo com suas joias e ricos tecidos. Autêntica seda e algodão, autêntica, não a versão sintética que usavam a maioria. O limpo espaço fervia de atividade. Entre a espessa névoa da fumaça dos ilegais cigarros e o caro perfume, as ruidosas e risonhas vozes se mesclavam no ar com a cadência das ondas do oceano. As velas brilhavam nos candelabros de parede, refletindo uma fraca e antiga luz. O álcool fluía como um vertiginoso rio.

Chãos de mogno, suaves tapetes. Cada peça de arte que pendurava das paredes



representava a mulher em diferentes etapas de desinibição e sedução. Várias colunas de alabastro, rodeadas de hera em toda sua longitude, elevavam-se para o abobado teto. A elegância me surpreendeu. Este vestibulo e salão não se pareciam com o moderno e vibrante escritório que vi em minha fantasmal forma.

Segui a Embaixatriz Chow enquanto abríamos caminho através da multidão de convidados. Tanto homens como mulheres, humanos e outros-mundos, constantemente me olhavam com especulação. A especulação dos humanos logo se tornava apreciação ante a dourada cor da minha pele. Quase podia ver a direção de seus pensamentos... minha pele e cabelo decorando suas paredes.

Esquadrinhei entre a pessoas em busca de Lucius, EenLi ou Jonathan, mas só vi estranhos. A cada poucos minutos, Claudia fazia uma pausa para falar com alguém. Forcei um casual estou- - exatamente-onde-quer-estar em meu tom cada vez que traduzia suas conversas com outros-mundos.

A maior parte das queixas, como Claudia predisse, eram sobre discriminação. Um MEC se queixava que os humanos destroçaram seu escritório. Um Arcadian (uma raça conhecida por seu cabelo branco, suas capacidades psíquicas e seus escarcéus com controle mental) queria que as leis mudassem para assim poder se casar com sua amante humana. Um felino Taren foi encarcerado pelo A.I.R por duas semanas, acusado de roubar o vestido de uma humana, e quando o vestido foi descoberto no armário da dita humana, o extraterrestre foi liberado mas sem uma só desculpa.

Claudia assegurava fervorosamente a todos que discutiria no Senado e faria todo o possível para solucionar seus problemas. Esperava que o fizesse. Eu era outro-mundo, mas jamais conheci esses danos, e me incomodava que outros o fizessem. Michael sempre me protegeu. Se alguém me olhava de forma estranha, jamais era permitida sua entrada na casa de novo. Se alguém me dizia uma palavra depreciativa, jamais se tinha notícias dele outra vez.

—Não estará se aborrecendo, verdade? —sussurrou Claudia quando ficamos um momento a sós.

—Certamente que não.

—Não vi Hunter. —Seu olhar se lançou a esquerda e direita enquanto se assegurava que ninguém nos escutava por acaso— Espero ter me enganado e que não se atreva a mostrar sua cara por aqui.

Nesse momento, um alto e formoso homem saiu da multidão e se aproximou de nós. Jonathan Parker. O reconheci imediatamente. Loiro. Forte. Usava um traje de seda negro que caía perfeitamente. De perto, cheirava a dinheiro, autoindulgência e confiança.

—Olá! —me disse, mal dando a Claudia uma olhada. Seu baixo e sedutor timbre arranhou através das minhas terminações nervosas.

—Olá! —respondi, usando meu tom mais rouco. Inclusive o brindei com um suave e caloroso sorriso sem engasgar enquanto oferecia a mão.

—Sou Jonathan Parker. —Ele envolveu meus dedos, os levou à boca e colocou uma linha de beijos em cada um de meus nódulos— Deve ser a nova ajudante da Embaixatriz Chow.



—Sim, sou. —Pensava que ficaria enfeitiçada com tal demonstração? Certamente achava. Imaginava a si mesmo como um enganador de mulheres. Desfiz-me da minha repulsão enquanto as imagens de suas esposas mortas apareciam em minha mente, e bati minhas pestanas. Com acanhamento, retirei minha mão— Sou Eden Black.

—Um nome encantador. —Seu quente olhar percorreu meu corpo, atrasando-se em meu decote.

—Eden... o paraíso dos homens.

Soltei uma risadinha de maneira sedutora, como se jamais fosse tão adulada. A ação levou minha atuação ao limite do meu talento.

—Certamente, isso espero. —Bastardo. O homem estava casado e se supunha que ajudava Lucius a me conquistar. Mas aqui estava, tentado flertar comigo como se eu fosse saltar imediatamente na sua cama. Nua e preparada.

—Jonathan —disse Claudia com uma ponta de severidade em seu tom. Naquele momento, era toda seriedade e o deteve com um olhar igualmente severo— Alegro-me de nos encontrar. Tenho que falar com você de algo muito importante.

Mesmo assim, os olhos dele não se separaram de mim.

—Sabe que sempre estou disposto a escutar suas causas, Embaixatriz Chow. —Sua voz perdeu sua borda sensual e agora era seca e cheia de formalidade— Mas primeiro me diga onde encontrou esta visão tão formosa.

—Ela me encontrou e estou muito agradecida que o fizesse.

—Precisava uma mudança de ares para escapar de uma situação um pouco... desagradável —disse— e Claudia precisava de um tradutor.

—Desagradável? —respondeu Jonathan, com os olhos fixos nos meus— Por favor, me diga que não estava presa ao tipo de discriminação que a Embaixatriz Chow tanto se queixa.

Olhei – timidamente - para longe.

—Oxalá fosse tão simples.

Talvez eliminasse Parker depois de EenLi. De gorjeta, se preferir chamar assim. Tudo nele me irritava. Mudando de assunto, disse:

—Claudia me falou muito bem de você, Senhor Parker.

—Por favor, me chame Jonathan.

—Jonathan —disse, fingindo saborear o nome. Definitivamente merecia um prêmio por minha atuação. Como podia Lucius dizer que não era uma boa atriz?

—Jonathan, tenho que falar com você. —Claudia ficou de frente para mim, numa demanda silenciosa para ser escutada— Tenho medo que Eden esteja em perigo. A situação desagradável que mencionou a seguiu até aqui.

Movi-me ao lado dela e observei Jonathan arquear uma sobrancelha perfeitamente esculpida.

—Perigo? —sorriu lentamente— Que sinistro soa isso. Quem iria querer machucar uma criatura tão deliciosa?

—Você —disse ela.



—Eu? —Sua cara escureceu e se esticou ante a ofensa e pilhei uma ponta do assassino que tentava ocultar— Posso assegurar que jamais machucaria uma mulher, e certamente não esta.

—Não você pessoalmente, mas através de sua associação com certo indivíduo. —A voz de Claudia se elevou, projetando-se para aqueles que estavam ao nosso redor.

Ele franziu o cenho, e olhou atentamente às pessoas numa silenciosa ordem que se ocupassem de suas coisas.

—Possivelmente deveríamos ter esta conversa em outro lugar —sugeriu ele.

Claudia me lançou um sorriso triunfante.

—Sabia que nos ajudaria. Só será um minuto, Eden. Jonathan, pode se assegurar que esteja a salvo enquanto ficamos fora?

Acredito que ele quis perguntar quem acreditava que me faria mal, mas pensou melhor. De todo modo, já sabia a resposta.

—É obvio —disse. Ele me girou— Se alguém a abordar, ali nas esquinas da sala estão Ell-Rollis. Cada um deles tem uma pyre-arma sob sua jaqueta e ordenei que submetessem qualquer convidado rebelde.

Claudia também empregava Ell-Rollis para se proteger. Os tinha dado Jonathan? Poderiam estar cumpinchados. Depois de tudo, teria que me perguntar por que ela queria falar com ele sem mim.

—Vocês dois continuem —disse— Estarei bem. Vou fazer uma visita rápida ao serviço de senhoras.

Os olhos de Jonathan se cravaram em mim durante muito tempo, a música clássica fluuando ao nosso redor como uma aprazível brisa, antes que levasse Claudia. Quando desapareceram entre a multidão, segui o caminho que tinham tomado. Passaram por dois meio homem - meio lagarto Ell-Rollis e logo Jonathan colocou seus dedos num exploratório digital. Uma brilhante luz azul envolveu sua mão e uma porta deslizou aberta, podendo vislumbrar a lustrosa madeira, as colunas vermelhas e púrpuras, e aquelas estantes fúcsias e amarelas de seu escritório, antes que a porta fechasse e ficassem fora da minha vista.

Tinha que entrar naquele quarto. Mas como? Por uma porta secreta? Pisquei. Sim! É obvio.

Em todas as casas de Michael, instalaram uma porta secreta em cada uma das salas. Ele queria ser capaz de entrar a qualquer momento e em qualquer lugar que fosse necessário. Por certo que Jonathan era igual. Os homens com algo a ocultar, assim como homens que procuravam algo, gostavam de ter um acesso ilimitado. Gostavam de olhar e escutar quando outros não sabiam que eram observados e escutados.

Michael podia ir a qualquer sala de sua casa através de um corredor oculto que começava em seu dormitório. Jonathan também o teria. Sabia. Sentia-o. Poderia trancar-se em seu dormitório por horas e fazer o que quisesse sem que ninguém mais soubesse.

Não restava muito tempo antes que Jonathan e Claudia terminassem seu bate-papo, assim tinha que agir rapidamente.

Durante uma de nossas conversas telefônicas, Lucius me deu a disposição desta casa, só no caso de. Bom, esse no caso de tinha chegado. Sabia que o dormitório de Jonathan era acima, a



terceira porta à esquerda. Provavelmente haveriam guardas acima, assim deveria ser cuidadosa.

Precisava de uma distração. Nada exagerado, só o bastante para tirar a atenção da escada. Girei devagar ao redor, pensando, observando atentamente, estudando. Uma ideia me golpeou de repente e sorri amplamente. Quando o garçom passou com uma bandeja de vinho tinto, reclamei duas taças. Ali, sob os degraus, havia uma mulher vestida de branco que falava com vários homens. Seu cabelo estava tingido de vermelho, sua pele bronzeada e sua maquiagem perfeitamente aplicada. Obviamente passou horas se preparando para este acontecimento.

Decidida, me dirigi a passos largos para ela. As diferentes camadas de lenços que usava dançavam em meus tornozelos. Outra mulher passou pelo grupo bem em frente a mim, e sustentando sua própria taça de vinho. Quando a alcancei, tropecei e (por acaso) derramei minhas duas taças de vinho. Ambas as mulheres gritaram enquanto o vermelho líquido caiu a correntes por seu cabelo e roupa.

Todo a sala pareceu se voltar para elas, com a intenção de averiguar o que aconteceu.

—Toalhas —disse. Vários outros começaram a murmurar sobre toalhas— Consegurei toalhas. —Sem outra palavra, corri escada acima tão rápido como foi possível.

Ninguém tentou me deter. Quando alcancei o topo, grudei na parede e entrei num escuro canto. Justo mais à frente, podia escutar passos caminhando para frente e para trás. Um... dois pares, compreendi.

Não tinha tempo para viajar em espírito nem aprender seus movimentos ou escapulir ao seu redor, assim, decidida, elevei os braços para tirar os pentes de prender cabelos... mas me detive e deixei cair às mãos de lado. Matá-los não era necessário e não queria manchar de sangue meu vestido. Silenciosamente agarrei a mini pyre-arma atada em minha coxa e a programei no nível imobilizar. A adrenalina bombeava em minhas veias e meus pés doíam. Malditos saltos!

Digam olá! meninos, pensei, saltando à ação, correndo diretamente para eles, sem nem sequer fingir que estava perdida. Meu cabelo balançou adiante e atrás. Imediatamente vi que ambos os Ell-Rollis empunhavam suas armas. Os dois se assustaram ao me ver e levantaram suas armas dispostos a disparar mas fizeram uma pausa quando compreenderam que eu era uma mulher, suas escamosas e amareladas caras escurecendo pela confusão. Aquela pausa custou caro.

Despedi dois tiros em rápida sucessão. Uma corrente de luz azul explodiu e cravou num. A segunda golpeou o outro. Ambos congelaram no lugar, onde ficaram presos e imobilizados por horas, incapazes de se mover. Mas não podia permitir que mais tarde contassem para Jonathan o que viram, assim lhes dei os alucinógenos. Com eles não saberiam distinguir o que era verdade do que não. Até poderiam se culpar de aturdir um ao outro. Rodeei-os e rapidamente me pus a trabalhar no exploratório de identificação digital que fechava a porta do quarto. Segundos e dois arames cortados mais tarde, estava dentro do quarto, à porta fechando atrás de mim, e embainhei minha arma.

Antes que pudesse me deleitar com minha vitória, uma mão tampou minha boca e me empurrou contra um quente e duro corpo. Reconheci o decadente aroma de Lucius. Reconheci os contornos de seu peito.



O senti naquele dia no bosque, o vi em meus sonhos. Mesmo assim... tentando me agarrar, não? Entrecerrei os olhos. Era hora de demonstrar a este homem que nem sempre teria a mão ganhadora comigo.

Lancei meu cotovelo contra seu estômago uma vez, duas vezes. Ele expulsou o fôlego, e seu agarre afrouxou. Girando ao redor, dei-lhe um joelhada. Com força. Sem me conter. Ele caiu sobre o macio tapete branco com um gemido aflito. Enquanto estava abaixo, desatei um murro na têmpora e sua cabeça girou de lado. Não queria romper seu nariz ou pretejar um olho. Não porque gostasse, mas sim porque isso faria que as pessoas soubessem que estive em uma briga.

—Jamais volte a me agarrar outra vez —disse baixinho.

—Deus querido —disse ele. Havia dor em seus olhos, mas também respeito. E admiração. — Usa um vestido muito ajustado e parece uma dama. Não deveria fazer isto a um homem.

—Farei o que seja necessário. Sempre.

—É bom saber. —Ele se elevou sobre seus pés e massageou as bolas— Jamais volte a fazer dano aos meus moços outra vez. Fico violento quando são ameaçados.

Pus os olhos em branco.

—O que faz aqui?

—O mesmo que você, estou seguro, e não podemos perder tempo. Por aqui. —Ele me agarrou pela mão (não o ataquei desta vez) e me conduziu diante de um mural de casais nus e desinibidos. Estendeu a mão e acariciou com seus dedos entre as pernas estendidas de uma ruiva.

—Que est...

O mural se abriu, revelando uma escura entrada. Quase aplaudi de entusiasmo. Tive razão com sobre o corredor! Lucius me lançou um sorriso, ainda um pouco afligido, sobre o ombro antes de me puxar para dentro. A porta fechou, e uma escuridão total nos rodeou. Silêncio total.

Lucius jamais desacelerou o passo enquanto descíamos por uma escada.

—Espero que saiba aonde vai. —Minhas palavras se repetiram através do pequeno e apertado espaço.

—Estive aqui milhares de vezes. Conheço o caminho.

Uma eternidade passou, ou possivelmente apenas uns minutos, quando ele parou abruptamente e liberou minha mão. Ouvi um arranhão, um clang, uma surda maldição de Lucius e logo outra porta deslizou aberta. Os raios de luz entraram na minha linha de visão.

—Aqui —disse ele.

—Podemos falar? —sussurrei.

—Paredes a prova de som.

Demos um passo dentro de uma simples sala cinza que dispunha de uma só janela e nada mais. Aquela janela dava para a biblioteca, onde Jonathan vadiava sobre um sofá verde lima e Claudia se sentava na frente dele. Ambos sustentavam um copo de um escuro e rico líquido.

Parei e olhei fixamente, mas Lucius caminhou até a janela e apertou uma série de botões. Os alto-falantes funcionaram e, de repente, pudemos escutar o que estavam dizendo.

—...aqui não lhe fará mal, prometo —dizia Jonathan.

—OH, de verdade? Seu amigo veio a New Dallas porque sabia que Eden estaria aqui. É um



perseguidor, Jonathan. Um criminoso perigoso que uma vez a sequestrou e a prendeu. Agora, pode me assegurar cem por cem que a deixará em paz?

Jonathan riu entre dentes.

—Isso soa como algo que Hunter faria. O homem tem as bolas de aço. Mas não sou seu pai, e não posso controlá-lo.

A cólera brilhou nos escuros olhos de Claudia.

—Ri de tudo isto?

—Claudia...

—Não. Eden é uma extraterrestre e minha empregada, e portanto sou sua protetora. Vai manter seu amigo controlado e afastado dela ou irei aos meios de comunicação. Já sabe que alguns deles são meus simpatizantes e o crucificarão.

Pisquei surpresa. Ela me defendia, lutava por mim. Não recuava. Estava determinada a me ajudar. Naquele momento, compreendi que não trabalhava com ou para Jonathan. Que realmente importava seu trabalho, os extraterrestres.

Um músculo palpitou na mandíbula de Jonathan.

—Muito bem —disse— Falarei com ele. —Dando por finalizada a conversa, levantou. —Vamos. Escoltarei-te de volta à festa.

Claudia também ficou em pé. Não esperou Jonathan, mas girou sobre seus calcanhares e saiu de um limiar da sala. Antes que ele partisse, lançou o copo contra a parede, e os fragmentos choveram sobre o chão. Toda esta confusão por uma pequena gota de conversa.

Dei uma olhada em Lucius, que me observava. Nossos olhares se encontraram. Chocaram. A intensidade em seus olhos era desconcertante. Confusa.

—Melhor retornamos, também —disse.

Ele me agarrou pelo braço, me detendo.

—Pode dirigir isto? —perguntou, se aproximando— Uma vez que abandonemos este quarto, não haverá volta atrás. —Duvidava de mim outra vez?

— Posso dirigir-lo, Hunter. Não tem que se preocupar por mim.

—Estas são pessoas perigosas. —Ele ficou rígido, mas lenta, muito lentamente relaxou e me surpreendeu dizendo—: Outro dia, você disse que tive uma mãe. Ela me criou os dez primeiros anos da minha vida. Era uma drogada e uma puta, mas me amou a seu modo. Acredito que se alegrou quando o Serviço Social me levou.

Não poderia abrir a boca nem para salvar minha vida. Estava fascinada com suas palavras. Por que me contava isto agora, não sabia.

—Me deram a uma família agradável, conservadora, mas fui criado nas duras ruas e usava isso para fazer o que queria, de modo que não durei muito tempo.

Quando fez uma pausa, engoli e por fim encontrei minha voz.

—O que aconteceu?

—Fui enviado a um sádico casal que gostava de vender seus filhos adotivos.

Um suor frio rompeu sobre minha pele ante a implicação de suas palavras. Deveria deixar o assunto. Saber dele, de seu passado, não era necessário e na realidade poderia danificar minha



resolução de resistir a ele. De ter aversão. Deveria deixar, sim, mas não podia. Tinha que saber.

—Vender?

Seus ombros se elevaram num rígido encolhimento.

—A primeira vez que me deram a um homem, estava assustado e envergonhado. Alguma vez foi violada, Eden?

Meus olhos se arregalaram e sacudi a cabeça em negação.

—É mil vezes pior do que te contaram, e é o que vai te acontecer se algo sair mal.

—Posso me proteger —disse hesitantemente.

—Isso eu também pensei e na segunda vez que fui vendido tentei lutar. Era forte para minha idade e estive em muitas brigas. Ele me prendeu no chão em minutos, como se minha resistência não significasse nada. Jamais me senti tão desamparado em minha vida.

—Sinto muito. —Não sabia o que mais dizer. Tive uma infância privilegiada. Sim, presenciei o assassinato de meus pais, mas não me fizeram nada fisicamente. Eu só conheci o amor e a segurança— Sinto muitíssimo.

—A terceira vez, entrei em raiva. Antes que pudesse ser submetido, apunhalei o fodido pedófilo no estômago. Ele morreu, e passei os próximos sete anos preso.

—Mas era um menino.

Ele encolheu os ombros de novo.

—Devia passar outros três anos mais dentro, mas Michael tropeçou com meu caso e me tirou. Não te disse para que se compadecesse, assim tire essa expressão de sua cara. Disse porque quero que compreenda que esse é o tipo de gente que lidamos aqui. Não importa nada mais que o dinheiro e o prazer. Violarão-te, venderão sem nem sequer piscar e estamos a ponto de te envolver em papel de presente e te entregar.

Endireitei os ombros e fortaleci minha determinação.

—Se não o fizer, ninguém mais o fará. As pessoas continuarão sendo compradas e vendidas, serão escravos de seus amos. Tenho que fazê-lo. Eu, pelo menos, sei o que esperar. Sei me defender. Eles não.

Ele não falou durante um momento. Somente me olhou, me estudou. Não sabia o que esperava dele, mas foi o que fez. Sem advertência, me empurrou contra seu peito e seus lábios caíram sobre os meus.

Não pensei em resistir. Não podia. Ele foi ferido há muito tempo e havia uma profunda necessidade em meu interior para acalmar aquela dor. Fazer que partisse, envolvê-lo numa total segurança. Sua língua empurrou e lutou. A minha também empurrou e lutou, cada um de nós ansiando algo do outro. Algo que não deveríamos ansiar.

Seus fortes e poderosos braços me rodearam e deslizaram acima e abaixo por minhas costas antes de cavar meu traseiro e me levantar contra sua ereção.

—Me excita—grunhiu, e não pareceu feliz com a ideia.

—Sim, você também me excita. —Eu, definitivamente, não estava feliz com a ideia— E também me enfurece.

Ele lambeu a comissura de meus lábios.



—Hoje me pôs de joelhos e isso é algo que ninguém mais fez.

—Merecia isso. —Mordisquei sua mandíbula.

—Sim, merecia. —Ele fez uma pausa, se separando de mim— É melhor agente do que acreditava.

A inesperada adulação me impressionou. Emocionou-me. Sacudiu. Meu coração, realmente, saltou um batimento.

—O-obrigado —gaguejei.

Ele soltou um profundo e estremeedor suspiro. Os raios de luz outorgaram ao seu rosto um ameaçador ar quase angélico. Contraditório, como o próprio homem era.

—Bem, então. Já que está resolvida, vamos comprar seu ingresso ao inferno.

Viajamos através do túnel outra vez e retornamos ao quarto de Jonathan. Precisei daquele tempo para recuperar o controle. Para deixar de pensar em Lucius e seu beijo, Lucius e seu elogio, Lucius e seu passado, e me concentrar na missão.

Ele me conduziu através de um caminho traseiro e logo entramos de novo na festa sem ser detectados, nos tornando parte da risonha multidão. Como num sonho, a fumaça nos rodeou.

—Esta dança é a minha —disse ele.

Seus fortes e calosos dedos se abrigaram ao redor de meu pulso enquanto sua áspera e rouca voz tremia ao longo da minha coluna. Sem esperar resposta, Lucius me arrastou à pista de baile.

Retornando ao meu personagem, dei um olhar desamparado sobre meu ombro, procurando Claudia ou Jonathan. Não vi nenhum.

Suave e tranquila, a música saía de alto-falantes estrategicamente colocados e ocultos nas paredes. Lucius enrolou seus fortes braços ao redor de minha cintura e lutei contra o impulso de me afundar completamente contra ele e continuar com nosso beijo, retomando-o do momento em que o deixamos.

Brindei-lhe minha total atenção, tentando parecer temerosa e furiosa. Enquanto isso, meu corpo estremecia com o prazer de seu calor e seu aroma de pinheiro. Se apenas não tivesse elogiado minhas habilidades...!

À luz, vi que seu negro cabelo emoldurava seu cinzelado rosto e seus simulados olhos marrons brilhavam com... o que? Não podia ler a emoção, só a extrema intensidade. Meus dedos picaram por tirar a falsa cicatriz que descia por sua têmpora. Minha boca inchou por saboreá-lo outra vez. Os pequenos bocados que me deu não eram suficientes. Nunca seriam suficientes.

A música começou a se desvanecer em meus ouvidos, e as pessoas ao meu redor desapareceram da minha visão. O traje cinza que Lucius usava encaixava a perfeição, moldando todos e cada um de seus músculos. Embora seus olhos fossem agora marrons, suas pestanas eram as mesmas: largas, negras, e pontudas.

—Maldita seja!, apresente algum tipo de luta —grunhiu ele entre dentes— Supõe-se que me odeia e me teme. Não me foda com os olhos.

O sentido comum me golpeou com força. Apertei os dentes, entrecerrei os olhos e o esbofetei tão forte que sua cabeça girou de lado. As pessoas ao nosso redor ofegaram, mas



Lucius não afastou seus braços de mim, não, apertou mais. Lentamente, girou e me enfrentou outra vez.

—Melhor —disse, seus olhos agora brilhando com humor.

Só por diversão, esbofetei-o outra vez.

Ele perdeu seu brilho divertido.

—Acredito que as pessoas pegaram a mensagem.

—Está seguro? —Meu tom era escuro, afogado em animosidade... e desejo.

Um músculo palpitou em sua mandíbula.

—Estou seguro. —Ele me empurrou mais profundamente em seus braços— Sentiu saudades? —perguntou, sua voz caindo uma oitava.

Talvez seu beijo tivesse debilitado minha resolução de lhe ter aversão, ou possivelmente o fizeram seus elogios, ou a confissão sobre sua infância, porque de repente quis lhe dar uma resposta honesta... a única coisa que não dei em todas nossas lutas sexuais. Mas tinha que ser fiel ao personagem, e ambos sabíamos.

—Tire suas mãos de mim—exigi e tentei me afastar dele.

Seu afeto se apertou inclusive mais.

—Gosta de bancar a difícil, Eden, mas ambos sabemos o fácil que será —disse ele, e houve um toque de verdade em seu tom. Não falava com meu personagem. —Gosta de estar onde está.

—Afasta suas mãos de mim, condenado!

—Primeiro, admite que gosta que te abrace. Quero te ouvir dizendo isso.

Apertei os lábios. Não admitiria nada, não com nossa audiência e certamente não a ele.

—Gritarei.

—Faça. Grita.

—Bastardo. Você gostaria, verdade?

—Não esperarei para sempre, sabe. Terei-te... —Ele se inclinou para mim, colocando seus lábios perto da minha orelha, como se pensasse me beijar e sussurrar doces palavras de amor. Brandamente, muito brandamente, disse—: É a coisa mais erótica que jamais vi. Seus mamilos estão duros e seu decotado vestido não faz nada para ocultá-los. —Esbofetei-o outra vez, mais forte que antes. Era isso, ou me esfregar contra ele. Lucius tropeçou para trás.

—Se afaste de mim —disse as palavras em voz alta, o bastante alta para as pessoas ao nosso redor escutar— Não te quero. Nunca te quis.

Dei a volta e por fim encontrei Claudia. Seus olhos se arregalaram quando me descobriu, seus traços empalidecendo ante o choque e a preocupação. Os de Jonathan escurecendo de cólera. Claudia disse algo e fez gestos a um Ell-Rollis que imediatamente correu para ele.

Alcansei-os, e a atenção de Jonathan voltou para mim. Esqueceu do guarda enquanto me agarrava à mão, girava e beijava meu pulso.

—Sinto se meu amigo a assustou.

De forma significativa me retirei de seu carinho e o olhei irada.

—Ele me arrastou à pista de baile e não me deixou partir. Poderia me ter feito mal. —Dei um forte pisão com o pé, à imagem perfeita de uma menina mimada.



—Não o teria deixado, asseguro. —Seus marrons olhos já estavam tão escuros que pareciam negros, mas se escureceram muito mais— Claudia me explicou o que aconteceu entre você e Hunter. Acredite, não deixarei que nada assim aconteça outra vez. Falarei com ele.

—Obrigado. —Mas permaneci rígida.

Isso, pensei com satisfação. Fazia meu trabalho. Eficazmente estabeleci minha aversão pelo Hunter. Demonstrei que não o queria perto, o que aumentaria seu crescente desespero por mim. Voltei minha atenção a Claudia.

—Sinto-me mal. Está pronta para partir?

Ela assentiu, sua cara ruborizada pela cólera. Ela, realmente, estava preocupada.

—Sim, certamente —disse— Vamos te levar para casa. Está tremendo. —Como uma mãe galinha, envolveu minha cintura com seu braço e me conduziu através da multidão para a porta principal.

—Vigia que cheguem ao seu carro a salvo —ordenou Jonathan ao Ell-Rollis.

Senti seus olhos fixos em minhas costas... e traseiro. Não pude me deter. Dei uma olhada sobre meu ombro, adiante do Ell-Rollis que agora estava colado em nós, e observei como Lucius se aproximava de Jonathan. Os dois homens começaram a discutir. As pessoas, pouco a pouco, se afastavam deles, mas não o suficiente para não poder escutar. Infelizmente, estava muito longe para me inteirar.

Jonathan o empurrou.

Lucius apertou a mão em um punho e parecia como se fosse golpear o estúpido homem até deixá-lo num monte sangrento, sem vida. Mas então Jonathan assinalou um dedo em sua cara, disse umas palavras, e Lucius cabeceou rigidamente.

Ambos os homens me deram uma olhada.

Não pretendi não entender do que eles estavam falando, e não fingiram entender que eu não os observava com interesse. Lucius, bruscamente girou e caminhou para a porta detrás, aumentando a distância entre nós.

Ainda franzindo o cenho pela cólera, Jonathan me olhou fixamente, me ordenando silenciosamente que apreciasse seus esforços em meu nome. Simplesmente ofereci um meio sorriso e dei a volta. Embora quisesse desesperadamente seguir Lucius e averiguar o que havia dito, me obriguei a seguir ao lado de Claudia. Que poder utilizava Lucius sobre mim que fazia eu esquecer meu trabalho, meu entorno, meu... tudo? Se soubesse, possivelmente então poderia lutar contra isso. Lutar contra ele.

O caminho de volta à residência da embaixatriz foi cheio de conversa... toda por parte de Claudia. Ela lamentou a praga que eram os homens, prometeu falar com Jonathan de novo, e me perguntou mais de mil vezes se estava bem.

—Não foi um bom primeiro dia de trabalho, verdade? —disse ela.

—Estarei bem —disse— Lidei com Hunter uma vez, e poderei dirigir de novo. —Infelizmente, mentia em ambas as coisas.



CAPÍTULO 15

—Por que diabos não está em seu apartamento? —grunhiu uma rouca e enfurecida voz.

Despertei imediatamente. Estava estendida na cama... minha nova cama com forma de carrinho de mão na casa de Claudia. Usava um fino Top e calças de dormir igualmente finas, uma colcha amarela cobria a parte inferior do meu corpo. O agente Luc dormia placidamente no chão no final da cama.

E Lucius estava agachado aos meus pés.

Quando compreendeu que estava acordada, saltou em cima de mim. Tinha minha faca em sua garganta antes que ele pudesse tomar seu próximo fôlego. Não estremeceu, nem pareceu se preocupar que sustentasse sua vida em minhas mãos. Sinceramente, estava assombrada. Não só evitou a segurança da embaixatriz; evitou a minha. Tinha forjado as fechaduras das janelas e porta antes de me permitir cair adormecida.

O peso de Lucius me empurrou profundamente no colchão, me fazendo ainda mais consciente do afresco material debaixo de mim, e o puro calor masculino em cima.

—Como entrou sem me despertar? —exigi baixinho, pressionando mais a faca mas não o suficiente para tirar sangue. Ainda não.

—Muito facilmente. Agora responde a maldita pergunta...

—Claudia insistiu em que ficasse.

—Claudia, huh? Vocês duas usam seu nome de batismo?

—Ela não é tão má. Quer me proteger de você.

—Neném, nada pode te proteger de mim. —A escuridão de sua voz cortou através da escuridão do quarto.

Tentei me mover sob ele, mas me tinha presa com força. Mais que isso, meu insignificante meneio não o deslocou nem um milímetro. Entretanto, isso provocou que meu desejo por ele alcançasse novas alturas, fazendo meus seios se cravarem em seu peito. O aroma de mel começou a nos envolver numa fragrante nuvem. E possivelmente, só possivelmente, intencionalmente estendi minhas pernas para que sua metade inferior se afundasse na minha.

As aletas de seu nariz flamejaram, e a tensão irradiou dele em decadentes ondas.

—Temos que fazer algo com seu perfume.

—Por que?

—Dá ideias a um homem —se queixou ele.

Engoli.

—Que tipo de ideias?

—Do tipo nu. —Seus olhos se estreitaram— Trouxe o Luc? —A ameaça gotejou de sua voz, desenfreada e sem diluir.

Quase ri. Quase.

—O agente Luc está aqui, sim.

Inclusive à luz da lua, os olhos de Lucius escureceram visivelmente. Seus claros olhos azuis.



Sem lentes de contato. Vinha para mim como ele mesmo. Meu coração pulsou a toda velocidade, ressoando com veemência em meu peito.

—Disse o que aconteceria se o trouxesse. Onde? Diabos? Está?

—No chão —disse, dobrando ambos os joelhos. Uma inocente (juro) ação que o embalou intimamente contra mim. Mantive a faca estável.

—A única coisa no chão é um fodido cão folgado.

—Exatamente. —A palavra surgiu com um ar satisfeito— E não é folgada. Ela finalmente tem um pouco de descanso depois de uma horrível vida ao lado de um predador.

Naquele momento, ele entendeu o jogo. Como o pus ciumento de propósito. Olhando-me, apertou os músculos de sua mandíbula.

—Vai me pagar por isso, biscoitinho.

—Sim, e você vai pagar por deslizar em meu quarto. —Por fim pressionei a faca com suficiente força para rasgar a pele e uma diminuta gota de sangue gotejou por seu pescoço— A chamei assim por você.

—Se não podia me ter, teria a seguinte melhor coisa, verdade?

—Não pode tomar um insulto como é devido? Agora sai de cima, diabos! —Se apenas soasse convencida... Zangada comigo mesma, pressionei a faca um pouco mais profundamente em seu pescoço.

Ele não respondeu ou comentou nada; estava muito ocupado olhando fixamente meus lábios. Por um momento, entretanto, pareceu querer dizer algo, algo pedante e mordaz, mas então mudou de ideia, pressionou contra a lâmina, e desceu abruptamente.

Ele beijou o fôlego diretamente de mim.

Sua língua inundou dentro da minha boca, e a abri com impaciência, incapaz de fazer outra coisa. Lucius tinha sabor de homem e calor, acendia meu sangue, acendia meus sentidos. Poderia me deixar viciada em seu sabor, pensei aturdida. Seus lábios eram suaves, muito suaves, o perfeito contraste com a batalha pela supremacia que empreendiam nossas línguas.

De repente, ele recuou, sua respiração desigual e instável e me fulminou com o olhar.

—Se envolver sentimentalmente com um agente é estúpido.

O fulminei com o olhar enquanto tomava meu próprio fôlego instável. A lâmina brilhou entre nós.

—Se envolver sentimentalmente com seu companheiro é mais estúpido.

—Se preocupa? —disse ele, arqueando as sobrancelhas.

—Não. —Deveria fazê-lo, mas não. Não aqui, e não agora.

—A mim tampouco. Solte a faca, Eden. Terminemos com isto.

—Nós? —Ri devagar, de maneira sedutora, embora como fosse capaz de tal ação quando minha mente há muito tinha esquecido tudo menos Lucius, não sabia. Movi a lâmina sobre seu pescoço como uma carícia— Poderia te matar, em troca.

—Solta-a.

—Não. —Usei a lâmina para cortar sua camisa. Seus olhos se arregalaram; as aletas de seu nariz flamejaram. Afastei os farrapos de sua camisa.



Ele agarrou a faca e cortou meu Top e logo jogou a faca de lado. Esta aterrissou no chão com um golpe. Estávamos peito contra peito. Meus mamilos o roçaram, e ele aspirou um fôlego.

—Valeu à pena esperar —disse.

Nenhum dos dois comentou o fato que realmente não nos conhecíamos há muito tempo. Simplesmente parecia que tínhamos esperado isto toda uma eternidade.

Quando ele não se moveu, incitei-o—: Precisa de um convite impresso?

Ele gemeu, um som mais animal que humano, e imediatamente seus lábios se fecharam sobre os meus. Gemi quando uma de suas quentes e calosas mãos encontrou meu seio, espremeu-o, e logo o cavou. Meus mamilos endureceram. Eu disse numa ocasião que se alguma vez me beijasse de novo, o mataria. Francamente, o mataria sem pensar nem vacilar caso se atrevesse a parar. Estivemos construindo este momento desde a primeira vez que pusemos os olhos um sobre o outro. Por que não fazê-lo, de forma que assim pudéssemos nos focar em nosso trabalho?

—Não é seguro aqui —disse ele, arrancando sua boca.

—Então faça depressa.

—Leu minha mente. —Ele pronunciou num sorrisinho desigual— Tudo em você me excita.

Lambeu meus lábios com sua língua.

—A forma que se move. A forma que fala.

As armas estavam presas por todo seu corpo. Com mãos instáveis, puxei as cordas que retinham as de seu peito. Lucius me deixou fazer. Todo o tempo, sua boca se inclinava sobre a minha, sua língua saqueava deliciosamente meu interior. Logo, suas facas e armas nos rodearam. Puxou suas calças. Tirei as minhas. Empurrei a colcha que separava nossa parte inferior até que finalmente entramos em total contato pele-com-pele. Inspirei profundamente ante o escarpado calor, ante a total exatidão.

Luc choramingou.

Lucius se afastou outra vez.

—Boa garota —disse sobre seu ombro. Seus olhos se encontraram com os meus, e seu tom mudou, voltando-se mais profundo com suas seguintes palavras— Muito boa, boa garota. —O suor gotejava de suas têmporas e respirava tão levemente como se tivesse corrido uma maratona costa acima. Linhas de tensão rodeavam seus olhos— É uma gritadora. Por certo. Só tenta não fazer ruído.

—Não sou uma gritadora—sussurrei bruscamente.

Um olhar de sublime prazer consumiu seus traços, suavizados só pelo humor e a satisfação.

—Então se prepare, neném, porque isto está a ponto de começar.

—Basta de falar. —Empurrei sua cabeça para mim e reclamei seus lábios num beijo que marcou todos meus ossos. Minhas mãos estavam por toda parte. Por todo seu corpo. Seus mamilos arranharam minha palmas, os músculos de suas costas saltavam ante meu assalto e seu traseiro estava apertado. Dobrei os joelhos... e senti as armas atadas em suas coxas. Outra barreira. Amaldiçoei baixo.

—Tire —sussurrei com ferocidade— Depressa.



Jamais vi um homem saltar tão rápido e se desfazer de suas armas tão rapidamente em minha vida. Ele me observou enquanto o fazia, seu olhar tão quente que me chamuscou. Meu sangue fluía através das minhas veias com uma necessidade e impaciência veloz enquanto permitia a meus próprios olhos deslizar por seu corpo. A larga longitude de seu pênis era grossa, muito grossa, e dura. Mordi o lábio inferior para me impedir de ofegar e agarrei os lençóis para me impedir de alcançá-lo...

Doía. Sentia a umidade se reunir entre minhas pernas. Queria-o por toda parte, dentro de mim, em cima de mim, enterrando-se profundamente.

Por fim estava completamente nu. Sem nenhuma arma. A próxima coisa que soube foi que estava sobre mim, entre minhas coxas. As armas e as facas ricochetearam ao nosso redor com a rapidez de seus movimentos. Sem uma palavra, empurrou em meu interior.

Ofeguei pelo extremo prazer, a embriagadora sensualidade. Era comprido e grosso e me estirava ao ponto da dor, uma dor que logo desapareceu e se converteu em prazer. Estive com outros homens, é óbvio. Ou não estive? De repente não podia recordar a cara de nenhum outro homem. Só existia Lucius. Só sentia suas mãos, sua boca, seu pênis.

—Eden, Eden, Eden. —Ele cantou meu nome a cada centímetro que se afundava mais em meu interior. Por fim, chegou até o punho. Mas não se moveu. Permaneceu completamente imóvel. Baixou a vista para mim, suas mãos em minhas têmporas— Não usei nenhum maldito controle de natalidade.

—Os humanos e os extraterrestres não podem conceber. —Ao menos, não sabia que houvesse ocorrido antes. Embora isso fizesse me perguntar por que o governo emitiu uma lei contra isso se não era possível. Entretanto, não disse em voz alta.

Apesar de tudo, ele não se moveu. Não respondeu.

O desespero cobrou vida em meu interior, reforçando todos meus desejos. Meu corpo gritou pela culminação. Necessitava-o, me desintegraria sem isso. Envolvi minhas pernas ao redor de sua cintura; agarrei-o pelo traseiro e tentei forçá-lo a se mover.

—O que espera? —grunhi baixinho— Acabe com isto.

Uma de suas ásperas mãos deslizou pelo lençol, logo cobriu meu joelho e o acariciou brandamente para cima. Foi o único movimento que fez.

—É impaciente, competitiva, consentida, e tão malditamente quente que penso em você todo o tempo.

Se ele não se movesse, certo como o inferno que eu explodiria. Arqueei minhas costas e fiz rodar meus quadris. OH, aí! Sim, justo aí! Fiz outra vez. Meus olhos se fecharam por acordo próprio, e percorri meus lábios com a língua.

Ouvi-o inspirar um torturado fôlego. Prendeu-me os quadris para me manter quieta.

—Sempre decidida a ir sozinha por isso, pelo que vejo.

—Foda-me, Lucius, ou o foderei. De uma ou outra forma, ambos vamos gozar.

O fogo explodiu em seus claros olhos azuis.

—Um de nós vai gozar mais que o outro —murmurou misteriosamente, mas se retirou lentamente e logo entrou de repente.



Ofeguei.

—Por certo que ganharei.

—Também estou certo que o fará. Gostei quando falou sujo. Faça outra vez.

—Outra vez? —A palavra surgiu como um gemido ditoso.

—Outra vez. —Uma vez mais, ele se retirou.

—Foda-me.

Seus lábios formaram um perverso sorriso enquanto deslizava adiante.

—Será um prazer. —Sujeitou com os braços ambos os joelhos e os empurrou à parte, mais e mais abertos, enviando-se assim tão profundamente que o senti em todas as partes. Nenhuma polegada de mim estava intacta dele.

Era tudo que precisava para chegar ao limite.

Rompi-me completamente, e um grito de alívio explodiu em minha garganta. Os espasmos consumiram meu corpo, e o espremi fortemente. Luc ladrou.

—Shh, Garota —disse, ainda voando através das estrelas.

Lucius riu entre dentes, um som curto, forçado.

—Você disse —soltou. Ele ficou quieto de novo, murmurando uma maldição— Maldita seja. Acha que precisaremos controlar os danos? —Ele saiu de mim e fez rodar um de meus mamilos entre seus dedos. Uma gota de suor gotejou de suas têmporas em minha bochecha.

Esperei escutar o repico de pés por vários minutos. Quando não ouvi nada, disse:

—Acredito que está tudo bem. —Engoli um ditoso gemido quando Lucius substituiu seus dedos pela boca, chupando com força meu mamilo— Da próxima vez serei mais cuidadosa.

Ele moveu sua atenção para cima e lambeu minha clavícula. Fechei meus olhos durante um momento enquanto saboreava a qualidade sedosa de sua língua. Elevando o braço, deslizei a mão sobre a corda de músculos que compreendiam seu estômago. Deus, ele se sentia tão bem! Como veludo sobre ferro.

Lucius mordeu o lóbulo da minha orelha, e ofeguei.

—Quer mais? —Ele retumbou de maneira ameaçadora— Porque eu morro por mais.

—Mais, mais, mais.

De novo, Lucius empurrou em meu interior. Sim. Sim! Enquanto o encontrava golpe a golpe, me arqueando contra ele, juraria nesse momento, sob um juramento de sangue, que nunca senti nada tão perfeito. O prazer já crescia a um ritmo constante de novo, me preparando para outro descomunal orgasmo.

Por certo que experimentei tal prazer com mais alguém. Certamente Lucius não significava mais para mim que qualquer outro homem. Tentei fechar os olhos, reviver uma cara que me tivesse dado um prazer comparável.

—Não se atreva a afastar o fodido olhar —pronunciou ele guturalmente, compreendendo minha intenção— Me olhe. Me observe. Sinta a mim.

Quase experimentei meu segundo orgasmo bem então, porque, enquanto ele falava, empurrava dentro e fora de mim com determinação, escorregando e deslizando, nossos corpos escorregadios pelo suor e o desejo.



O aroma de canela e mel se intensificou. Meus joelhos espremeram sua cintura.

—Pode aguentar uma cavalgada mais dura? —demandou ele.

—Mais duro. Mais rude.

Foi todo o estímulo que ele precisou. Balançou contra mim profundamente, mais fundo ainda, mais duro ainda. Mais rude ainda. Enquanto o fazia, inclinou-se e mordeu um sensível tendão em meu pescoço. Gozei então. Meu corpo estremeceu com força e reprimi outro grito que exigia liberação.

Lucius pegou nossos lábios num beijo brutal de línguas guerreantes. Seguiu golpeando, montando as ondas de meu orgasmo. Então seu corpo ficou rígido, dobrou-se, deu um espasmo, e eu traguei seu rugido de satisfação.

Um longo momento de respirações ofegantes passou. Quando o batimento de nossos corações por fim se acalmou, Lucius se derrubou sobre mim. Não me importou seu peso; dava boas-vindas. Ficamos como estávamos, fracos em consequência, cada polegada de nossos corpos saciados, temerosos de romper o letárgico feitiço.

—Você disse —respirou ele contra meu ouvido.

—O que? —Eu mal tive forças para tirar aquela única palavra.

—Que gozaria mais do que eu.

Ri contra seu peito.

—Isso significa que ganhei.

—Competitiva —me arreganhou.

Ficamos num cômodo silêncio por vários minutos.

—Falando de competições —disse— O que averiguou sobre as explosões solares?

—Não muito. E você?

—Tampouco. —Colin não se pôs em contato comigo, e não tive tempo para investigar como queria.

—Suponho que teremos que esperar para coroar o ganhador hmmm! Embora vença. —Ele fez uma pausa, soltando um suspiro— Não é a princesa mimada que acreditei que fosse —disse ele— Em nada.

Outra admissão de sua parte. Duas em um dia. E esta me abrandou tanto como a outra.

—Fui há tempos —admiti. Remontei meu dedo ao redor de seu mamilo— Michael me mimou terrivelmente. Independentemente do que queria, me comprava. Se não o comprava o bastante rápido, fazia uma cena como nunca viu.

Seu fôlego abanou minha bochecha quando riu entre dentes.

—E quanto aos seus pais? Os lembra?

—Não muito. —Talvez devesse calar meu passado, mas ele tinha compartilhado o seu comigo. E pela primeira vez, alguém parecia querer falar de meus pais, pessoas às que amei e que ainda sentia falta. Não podia fazê-lo com Michael— Tenho uma vaga imagem do rosto da minha mãe, bonita e dourada, mas isso é tudo. Às vezes, na tranquilidade da noite, ainda posso ouvir sua voz me cantando para dormir.

—Sonha como uma boa mãe.



—Era. Lamento não ter nenhuma lembrança dela, algo, algo, mas o dia depois de que meus pais morreram, nossa casa foi queimada até os alicerces, destruindo tudo. Michael me instalou em um hotel, por isso pelo menos não sofri nenhum dano.

—Por que deixaram Raka e vieram para cá?

—Acredito que procuravam algo melhor. Evitar ao ditador que os governava. Sempre quis poder perguntar mas...

Lucius beijou o topo da minha cabeça. Compreendi, então, que este tipo de vinculação propulsava a outro reino de consciência. Um reino perigoso. Ambos conhecíamos as desvantagens e complicações de se atar sexualmente com um agente. Mas emocionalmente... algum de nós tinha uma pista das ramificações?

Me obriguei a retornar ao trabalho. Mantê-lo simples, ocasional.

—Me diga o que discutiu com Parker na festa, depois que parti.

Ele rodou de cima de mim para depois sair completamente da cama. O frio ar me golpeou imediatamente. Um músculo palpitava em sua mandíbula enquanto Lucius começava a atar as armas em seu bronzeado peito e coxas.

—Lucius? —Enquanto o olhava, notei os sinais de dentadas e arranhões que deixei por todo seu corpo. Gostei disso. Gostei de ver minha marca sobre ele.

—Jonathan quer que te deixe em paz por um tempo —disse ele, as palavras arrudas e cruas— Te dar a oportunidade que se instale antes de te perseguir.

O que ocorre?

—Por que se preocupa? Duvido muito que tenha medo da ira de Claudia.

Ele encolheu os ombros, a ação tensa.

—Por que mais pode ser? Você disse que poderia acontecer. Deu-te uma boa olhada e quer te foder ele mesmo. —Lucius passou a língua pelos dentes, seus olhos cintilando como aço pressurizado, mas não disse nada mais sobre o assunto.

—Continuará te ajudando? —Luc apareceu ao lado da cama, silenciosamente pedindo um lugar seguro. Dei uns tapinhas sobre a cama e ela saltou ao meu lado, todo o tempo olhando Lucius com cautela. Acariciei sua pele, e pareceu ser suficiente para ela porque relaxou.

—Acredito que sim —respondeu— Inclusive se for simplesmente para ajudar a si mesmo com você. —Lucius soltou um longo suspiro— Sei que disse antes, mas merece ser mencionado outra vez. Fez um bom trabalho hoje.

—Sei. Rugiu de satisfação.

—Não me referia ao sexo, sabichona.

Soprei e levantei. Rigidamente pus meu rasgado Top e as calcinhas.

—Tudo que fiz foi te rejeitar. Não fiz nenhuma maldita coisa que ajudasse realmente no caso. —Tentei não passar a amargura em minha voz— Não fiz nada desde o dia que comecei.

Ele girou velozmente, me estudando com um duro olhar. O feroz cenho que mostrava tinha o suficiente impulso para matar a qualquer em seu caminho.

—Quem conseguiu que Sahara Rose falasse? Quem se aproximou mais de EenLi que algum outro agente alguma vez? Quem conseguiu a informação sobre as explosões solares? Quem



penetrou no dormitório de Jonathan sem ser detectada e sabia que teria que procurar uma porta oculta? —Antes que pudesse responder, ele acrescentou— Quer provar tanto a si mesma que se esquece de parar e reconhecer o que já fez.

Seu intenso olhar me manteve imóvel. Só Michael me elogiou assim antes. Era assombroso - e maravilhoso - que Lucius continuasse o fazendo.

Como se não acabasse de balançar todo meu mundo, ele girou e continuou se preparando despreocupadamente.

—Pus um de meus homens na casa —disse ele— me avisará das festas às que assistirá, assim poderei me assegurar de estar ali.

Obriguei-me a pensar em suas últimas palavras.

—Quem é esse homem?

—É o novo chofer de Claudia. Cabelo branco, olhos violetas. Um metro e oitenta de altura. Um humano fingindo ser um Arcadian. Vá a ele se precisar de ajuda imediata. Também deixei uma unidade móvel em sua bolsa. Está programada para marcar meu número no momento que o abrir.

Expulsando o fôlego, afastei o cabelo do rosto.

—Poderia me dar isso antes de voar aqui. Para que veio esta noite, Lucius?

Ele encolheu os ombros e não se virou.

—Arriscou-se muito —persisti.

—Não arrisquei nada.

—Poderia ser descoberto.

—Não fui.

—Como pode estar tão seguro?

Com movimentos cortados, ele deslizou uma faca na bainha sobre sua coxa.

—Porque sou malditamente bom em entrar e sair.

—Bem, sou boa conseguindo respostas, e você não respondeu. Para que veio? Me diga a verdadeira razão. —Queria te ouvir dizendo.

—Talvez quisesse te dizer que se assegurasse que Claudia Chow a leve para ver Jonathan amanhã. Quero que todos tenhamos um íntimo bate-papo e assim poderá me rejeitar de novo.

—Não veio para me dizer isso.

Ele se inclinou e fitou as botas — não recordava quando as tirou - me dando uma olhada de seu traseiro embainhado em apertados calças de couro. Ele se endireitou e fez uma pausa, os punhos apertados.

—Queria te ver. Essa é uma razão suficientemente boa para arriscar tudo? —Sem esperar minha resposta, caminhou até a saliente janela e desapareceu na noite.

Mais que suficiente, subministrou minha mente bobamente.

O pensamento me deixou rígida e entrei em pânico. Isso insinuava sentimentos mais profundos, mais... carinhosos. Não. Não, não e não. Deixei cair à cabeça entre minhas mãos e me obriguei a respirar. Era um agente e meu companheiro. Tivemos sexo, mas não podia haver mais que isso. Não permitiria que houvesse mais que isso. Havia muito em jogo.

—Nada importa, salvo a missão —sussurrei e logo disse com mais força— Nada importa,



salvo a missão.

CAPÍTULO 16

Na manhã seguinte meu corpo vibrava com as sensuais lembranças, zombando da minha resolução. A luz do sol se filtrava através das tênues cortinas amarelas e brancas enquanto eu ficava tombada na cama. Durante muito tempo, absorvi o persistente aroma de Lucius e deixei que a suavidade dos lençóis me acariciasse. Minha pele estava hipersensível, meus músculos machucados e ainda emitia a reveladora fragrância de mel.

—É uma agente, Eden Black. Não esqueça de novo. Passada a noite não importa. Recorda?
—Recordaria isso mil vezes se fosse necessário.

Os agentes que se envolviam emocionalmente se distraíam com facilidade, pondo constantemente suas missões em perigo. Michael não tinha uma regra contra isso porque sabia que proibir algo frequentemente se voltava uma obsessão. De qualquer maneira, todos sabíamos a verdade das relações entre agentes.

Obriguei-me a sair da cama. Levei Luc para dar um passeio, dei de comer e logo tomei uma rápida ducha de enzimas secas. Atei meu arsenal e me vesti com finas calças negras e uma camisa de seda branca. Com passos curtos, caminhei para meu computador portátil, que estava colocado sobre uma penteadeira de mármore na sala de estar do meu dormitório.

Enquanto ligava a azul e gelatinosa tela holográfica, Luc se aproximou silenciosamente e esfreguei sua cabeça. Uma mensagem de Colin apareceu ao final de segundos, e quase dei saltos de alegria enquanto as palavras se cristalizavam. Por fim!

Lamento a demora. Estive fora da cidade. As pequenas explosões solares, em geral, não têm nenhum efeito e são basicamente imperceptíveis — li — As grandes explosões solares, entretanto, criam a aurora. Num ângulo reto, podem nos alcançar e criar uma tormenta geomagnética que pode deformar o campo magnético da Terra. Se isso acontecer, rádios, televisores, celulares, comunicadores de aeroplanos, qualquer destas coisas relacionadas com magnetismo, podem ser afetadas. Suponho, que em teoria, um ser ou objeto poderia ser molecularmente transportado no ventre de qualquer explosão solar se carregasse algum tipo de dispositivo magnético. Que eu saiba, isso jamais ocorreu. Serve de ajuda, ou precisa de mais?

Colin

P.D. Vamos jantar logo. Sinto saudades.

Um sentimento de satisfação dançou através de mim. Eu tinha razão. Meus lábios se curvaram num sorriso. Tinha razão! Sorrindo, respondi:

Isto me ajuda. Obrigado. Pode me dar um exemplo de dispositivo magnético que funcionaria



melhor? Eden. P.D. Nada de jantares. É um amigo fantástico, mas um namorado horrível.

Um punho tocou minha porta.

Fechei rapidamente o computador e me dirigi alegremente para a grossa porta de madeira. Alegremente? Sim, havia uma alegria no meu passo que não podia ser negada. Não podia esperar para compartilhar a informação com Lucius... e ganhar nossa aposta sobre as explosões solares.

Depois de abrir os cilindros suplementares que coloquei na fechadura, abri a porta.

—Sim? —disse à mulher em frente a mim. Ou melhor às puramente brancas e deliciosamente fragrantes orquídeas diante de mim. Não, não de um branco puro, compreendi pouco depois. Pó de ouro foi orvalhado sobre as pétalas.

—Isto chegou para você —disse uma suave e poética lírica voz num vacilante inglês.

Enquanto contemplava as orquídeas, uma reação muito feminina brotou em meu interior. Derreti. Meus ossos se liquidificaram literalmente e meus músculos se tornaram mingau. Antes de as pegar, tirei o cartão e o li.

Obrigado pela noite passada.

Apertei os lábios para me impedir de franzir o cenho... ou sorrir, não estava segura. Grande forma de manter a missão, Lucius! Alguém que lesse o cartão pensaria “num admirador secreto”, mas eu sabia a verdade.

—Obrigado —disse à mulher e peguei o pesado vaso de cristal. Tentei fechar a porta com o pé já que desliguei o sensor automático.

—Espere —disse ela. Era uma Agamen. Não eram atraentes segundo os padrões humanos, devido aos pequenos chifres que sobressaíam do crânio que produziam veneno quando o Agamen estava assustado... embora seus olhos fossem como pura prata líquida e muito bonitos— Há mais.

Coloquei as flores sobre uma mesa próxima e me virei. Só lutei contra um Agamen ao longo dos anos. Tinha me corneado no estômago e passei seis semanas me recuperando do líquido tóxico que invadiu meu corpo.

Ela se inclinou e levantou outro vaso, este cheio de rosas vermelhas sangue.

—Estas também chegaram para você.

De novo li o cartão antes de pegar as flores.

Lamento seu desgosto de ontem à noite. Espero que me dê uma oportunidade para ressarcir-la. Jonathan.

A única reação que experimentei para este presente foi à satisfação por um trabalho bem feito.

—Obrigado —disse, pegando as rosas e as pondo atrás das orquídeas.

—A embaixatriz deseja falar com você na sala de jantar.

Massageei o pescoço e sufoquei um suspiro. Queria chamar Lucius para contar o que



averigui. Agora não teria tempo.

—Preciso de um momento. —Sem me incomodar em fechar a porta, revolvi minha mala por um par de sapatos. Negros de salto e sem ponteira. Meus pés imediatamente gritaram em protesto, mas de todo modo preendi as correias do instrumento de tortura. Para a Agamen, disse —: Por favor, me mostre o caminho — falando em sua própria língua.

Ela piscou com surpresa, logo sorriu devagar, revelando bicudos dentes cinza.

—Por aqui.

Quando passamos o elegante corredor e descemos pela tortuosa escada, o aroma de café ficou mais forte. Tentei não fazer uma careta; realmente odiava aquele aroma. Não sabia como as pessoas podiam beber isso. Era tão amargo. Se dependesse de mim, só teria comidas e bebidas de doce aroma.

Finalmente alcançamos nosso destino, uma sala com uma antiga mesa de madeira de cerejeira, bancos em vez de cadeiras e quadros de girassóis sobre as paredes. Nenhuma cabeça de animal. A embaixatriz sentava-se à mesa, repleta de comida. Seu escuro cabelo estava recolhido num severo coque, e usava um formal traje de calça negra.

—Sente-se, sente-se —disse quando me descobriu, assinalando com a mão a cadeira em frente a ela.

Fiz como pediu. Ela me examinou e franziu o cenho.

—Eden, querida, parece cansada. Ainda está alterada pela festa?

—Um pouco —menti.

—Bom, deixe de estar agora mesmo. Disse que falei com Jonathan, e ele me assegurou que velará por sua segurança, assim como do Hunter.

—Obrigado. Você foi maravilhosa com tudo isto.

—Falando de maravilhas — disse ela, cheirando o ar— Qual é esse perfume divino que usa?

Senti dois vermelhos círculos quentes ardendo em minhas bochechas e me movi incomoda em meu assento.

—Eu, uh, não uso perfume.

Sua testa se enrugou com confusão.

—Tem que fazê-lo. Cheira. De um modo delicioso — me assegurou apressadamente — Como mel.

—Não. Não é perfume.

—OH. Bem. Talvez seja a comida. —Ela abrangeu com a mão todas as opções da mesa— Tem fome?

—Um pouco. —Enchi meu prato com torradas e ovos. Havia um tigela de açúcar, provavelmente para o chá, mas orvalhei várias colheradas sobre minha comida. Tudo tinha sabor melhor com açúcar.

Tudo exceto estes ovos, compreendi depois da primeira dentada. Possuíam tanto sal para encher um oceano, e nem sequer o açúcar podia mascarar-lo. Consegui engolir um bocado antes de afastar o prato.

Claudia mordiscou uma parte de pão torrado.



—Te deram as flores que Jonathan enviou? Acredito que enviou as rosas e as orquídeas. Se sente terrivelmente mal pelo que aconteceu.

Lucius insistiu que me encontrasse com ele na residência de Jonathan hoje, assim disse— Se for possível, gostaria de agradecer pessoalmente.

Claudia se animou e deixou cair sua torrada no prato.

—É uma maravilhosa ideia. Poderia chamá-lo agora mesmo e ver se pode nos receber. — Deu umas palmadas e gritou—: Martha. Por favor traga o telefone.

Em segundos, Martha entrou flutuando no quarto segurando uma bandeja de prata, com uma negra unidade móvel descansando em cima. Claudia encaixou o auricular no lugar e disse—: Jonathan Parker.

Pausa. Ela sorriu amplamente.

—Jonathan. Claudia Chow. Eden Black e eu gostaríamos de nos encontrar com você... —Seus lábios se apertaram e fez outra pausa, esta mais longa— Não. Queremos nos encontrar com você, não com você e Hunter.

—Me encontrarei com ambos —soltei precipitadamente.

Ela piscou para mim com perplexidade.

—Mas... mas...

—Estou desejando consertar isto. —Tinha que ser cuidadosa com minha impaciência.

—Jonathan —disse Claudia ao receptor— Mudei de ideia. Nos encontraremos com ambos. Com você e com Hunter. —Pausa— Sim. Obrigado. Até então. —Jogou a unidade de volta à bandeja e Martha saiu flutuando do quarto com tanta graça como entrou— Nos encontraremos com eles esta tarde, depois de fazer minhas rondas matutinas.

—Excelente. Obrigado.

Suas “rondas”, como as chamava, consistiam em ir porta por porta e mexerica na residência dos outros-mundos. Passei as seguintes quatro horas traduzindo conversas sobre os cuidados médicos, necessidades dietéticas e o dinheiro na Terra enquanto Claudia Chow visitava seus integrantes. Admito que sua preocupação pelos extraterrestres de New Dallas me impressionou.

Por fim, nos metemos na limusine e fomos para a casa de Jonathan... o momento que tanto estive esperando. Desfrutei da viçosa paisagem verde, as colinas de um lado da janela e os planos prados do outro, que passavam zumbindo diante da janela.

—Acredito que não agradei o suficiente, Claudia, que defendesse minha causa. Realmente luta pelos outros mundos e te admiro por isso.

Suas bochechas avermelharam de prazer.

—Faço o que posso.

—Serei honesta —disse, confrontando-a— Não é o que esperava.

Ela enrugou a testa.

—E o que esperava?

—Alguém que visse os outros mundos como um prêmio, mas que na realidade não se interessava por eles.

—Os extraterrestres também são pessoas.



—Sim. Somos. Mas nem todos compreendem.

Ela se inclinou para frente e sussurrou:

—Penso visitar um Taren, que passou poucas semanas numa prisão do A.I.R. por, conforme dizem, roubar um vestido. Me pediu para sair em várias ocasiões mas sempre disse que não. Algum... —Ela tossiu— ...conselho para mim?

Não podia imaginar Claudia com um felino, já que isso é o que eram os Tarens. Andavam e falavam como humanos, mas sua pele estava recoberta de pelagem e suas línguas eram abrasivas. Alguns podiam andar através das paredes. Segui a vários ao longo dos anos e os vi fazê-lo.

—Conselho? —Eu não era a garota adequada para dar conselhos sentimentais— Um! Bom. Trate-o como um humano, suponho. E, frequentemente, como um animal doméstico. Os Tarens gostam disso.

Ela cabeceou, sua expressão absorta, como se absorvesse cada uma de minhas palavras.

—Animal doméstico. Sim. Boa ideia.

—Não sei mais o que dizer —admiti— Nunca saí com um Taren. —Conselhos para matá-los, entretanto, poderia dar.

Graças a Deus, nosso carro cruzou as altas portas de ferro do imóvel de Jonathan, finalizando eficazmente nossa conversa. Vi a alta mansão de tijolo branco e picos dentados. A grama estava perfeitamente cuidada, mas a erva era escassa. Meu coração pulsou velozmente... não de medo, mas sim de antecipação. Agora mesmo Lucius esperava lá dentro, preparado para empurrar nossa presa mais longe.

Vários guardas vestidos de negro vigiavam as paredes externas, notei, com rifles de fogo semiautomáticos presos de seus lados. Interessante. Jonathan tinha guardas humanos hoje, em vez de alienígenas.

Quando o carro estacionou em frente à entrada, saímos ao calor de tarde, caminhamos sobre a ponte e entramos no frescor da casa. As portas já estavam abertas, como braços nos chamando para dentro. Depois de tudo, nos esperavam.

Meu olhar se chocou com um dos guardas ao lado da porta. Outro humano. Seus olhos se arregalaram com... o que? Avareza? Deu um espontâneo passo para mim, até elevou a mão para me tocar, mas um homem mais velho, vestido com um traje negro conduziu Claudia e a mim diante dele. Seu braço caiu de lado.

Fomos levadas diretamente ao escritório de Jonathan, o mesmo que ele e Claudia ocuparam ontem à noite. Lucius estava ali, sentado sobre uma cadeira vermelha como sangue, seus pés descansando sobre o turco de pele falsa. Me olhou através dos olhos entrecerrados, seus lábios firmes e inflexíveis. Fingi o ignorar, embora cada célula de meu corpo gritasse com sua presença.

—Obrigado pelas flores —disse para Jonathan— E por aceitar se encontrar conosco.

Um músculo na têmpora de Lucius palpitou.

—Foi um prazer. —Jonathan, sentado atrás da mesa, indicou a Claudia e a mim que tomássemos assento no sofá verde ao lado de Lucius. Notei que ele tinha um corte no lábio...— Estou tão contente que pudesse vir —disse Jonathan com sua suave e culta voz de barítono. Ele me olhou, mas não senti seu aborrecido olhar como senti o de Lucius, me marcando, me fazendo



doer.

—Isto é difícil para mim. —Dei um sombrio olhar para Lucius. Era a única forma que podia me permitir a mim mesma estudá-lo. As lentes de contato que usava tornavam seus olhos tão escuros como à meia-noite, um céu sem estrelas, mas havia uma faísca dentro deles que jamais vi antes. Tinha uma contusão na bochecha esquerda. Tinham lutado os dois homens?

—Estou ansiosa para solucionar este problema.

—Como nós. —Jonathan cabeceou silenciosamente para Lucius— pode começar.

—Jamais te faria mal —disse Lucius, falando pela primeira vez desde que eu entrei.

Sua voz rouca deslizou sobre mim em sensuais ondas.

—É certo? Me sequestrou na rua. Me prendeu em sua casa. Ontem me arrastou à pista de dança e não me deixou partir.

—isso lamento. —Não parecia arrependido. De fato, me olhava com lascívia— Estava... ofuscado para te ver de novo. Mas tem que admitir que não te fizesse mal. —Pressionei meus lábios juntos, sem admitir nada.

—Todos somos adultos civilizados —disse Jonathan— E asseguro que Hunter aprendeu a lição.

—Quero acreditar. —Forcei meus olhos a se encherem de lágrimas— Realmente o faço, mas vê a forma como me olha? Ele não sente. Não realmente. —Não podia aceitar a desculpa de Hunter ou as garantias de segurança de Jonathan porque estava em jogo meu rapto. Tinha que parecer que Hunter não poderia ganhar meu afeto através dos meios convencionais. Mais tarde, quando partisse, seria capaz de falar com Jonathan sobre minha “compra”. Então, Jonathan falaria com EenLi. E logo EenLi viria por mim. Uma vez que descobrisse o dispositivo magnético com que EenLi costumava transportar seu “gado”, teria o prazer de matá-los.

OH, de repente a vida parecia tão boa!

—Acredito... acredito que preciso de um momento a sós —disse. Coloquei uma instável mão sobre o coração. Estava segura que Lucius já tinha revistado a casa, mas queria fazer minha própria busca. Poderia ter omitido algo. Se havia qualquer informação sobre EenLi, os sequestros, os portais ou as explosões solares, queria saber. — Me perdoam?

—Se quer tomar ar fresco, há uma galeria corredor abaixo. Bem à sua direita — disse Jonathan.

—Não ficarei fora muito tempo. —Sabia que Lucius os distrairia se não voltasse num tempo aceitável.

Isto seria divertido.

CAPÍTULO 17

É óbvio, não fui para a galeria.

Por privacidade, os guardas foram despedidos e estavam mais longe. Permanecendo alerta,



caminhei rapidamente até a primeira sala pelo qual vim. Surpreendentemente, não estava fechada. Dei um passo dentro. O aroma de limpeza e limão impregnava o pequeno e escuro espaço. Um armário de limpeza, compreendi felizmente. Frequentemente, eram tidos como insignificantes. Deslizei os dedos através de várias garrafas procurando um cubo de lixo.

Ali, no fundo. Sorrindo amplamente, inclinei-o e folhee o conteúdo. Guardanapos sujos, um par de sapatos velhos. Suspirei. As pessoas utilizavam computadores e cadernetas digitais, o papel (estranho como já era) mal era usado. Mesmo assim... uma garota podia ter esperanças.

Depois, encontrei um banheiro que também estava aberto. Chão azul e branco de mármore, e uma antiga tina de porcelana. Plantas falsas em cada canto. Mas nada de importância.

O único outro quarto neste vestíbulo era uma lavanderia. Grande e ampla, a área estava abarrotada de roupa e criados, postes para malhas e mangueiras de orvalho seco que expulsavam as enzimas limpadoras. Fiquei de pé na entrada, observando o trabalho das mulheres durante um momento, esperando espionar um pouco de Jonathan. Possivelmente, tinha esquecido algo em um bolso.

De repente um grosso e peludo braço me sujeitou por trás e tampou minha boca. Fui empurrada contra um duro corpo e não era o de Lucius. Seu aroma era diferente, não cheirava a limpeza. Parecia diferente, não musculoso e quente.

O homem deu uma patada em meus joelhos e me curvei para o chão. Fiz uma careta de dor, mas não lutei. Ainda não. Não antes que soubesse o que acontecia. Já tinha entrado em contato Jonathan com EenLi? Era este meu rapto?

—Tenho-a —sussurrou uma profunda voz masculina.

—Se apresse —disse outro homem, sua voz frenética— Antes que alguém nos veja.

Me arrastaram para fora, e dei uma olhada para cima, entortando os olhos diante da intensa luz. Meus raptos eram humanos e se vestiam completamente de negro, com armas presas dos lados. Os guardas de Jonathan, compreendi. De fato, o que me segurava era o homem que vi na porta principal quando cheguei. O entusiasmo correu por minhas veias. Tinha que ser isto! Não esperava que agissem tão rápido.

—Tome cuidado com ela. Não danifique sua pele. Nem puxe seu cabelo com muita força.

—Se calará? Faço tudo que posso. Temos que nos apressar, ou seremos vistos.

O homem que me agarrava pelo cabelo me deu um perverso e avaro sorriso.

—Vamos vender seu cabelo e pele por uma fortuna, bonita. —Ele se moveu aos trancos, me levantando pela cintura para me conduzir longe da casa. Outro homem nos seguia rapidamente atrás de nós, dando nervosas olhadas sobre seu ombro.

Não eram os que deviam me sequestrar. Estavam atrás da minha pele!

Uma fria e surpreendente fúria substituiu meu entusiasmo. Os bastardos queriam esfolar minha dourada pele diretamente do meu corpo. Vendê-la. Me ferir sem piedade. Minha fúria se intensificou a cada passo que meu atormentador dava, mas não emiti nem um som de protesto. A voz alienígena era tão incriminadora como o DNA humano ou as digitais. Por isso o A.I.R colocou estrategicamente registradores de alta frequência e satélites através de todo o globo. Se alguma vez um extraterrestre se via comprometido num crime, sua voz estaria registrada numa base de



dados, e logo seria usada para rastrear seu paradeiro.

Duvidava que meu nome estivesse em alguma base (Michael teria se ocupado disso), mas não podia me arriscar.

Não queria estar vinculada à matança que estava para ocorrer.

Meu captor me apertou ainda mais forte, quase cortando minha respiração. Uma vez que alcançamos uma série de espessos arbustos que nos ocultavam da vista da casa, enredei meus pés entre suas pernas, o fazendo tropeçar. Enquanto caíamos, me retorci para ele e fechei de repente minha palma contra seu nariz. O homem golpeou o chão, caindo em cima de mim e uivando de dor.

Ofegando, saí debaixo dele e saltei numa posição de ataque contra o segundo homem. Agachei-me e com um varrido de perna o derrubei no chão. Ele sacudiu os braços no ar e depois caiu com um ruído tão forte que não me surpreenderia se partisse o crânio. Enquanto ficava ali gemendo, saltei sobre ele, agarrei a faca de sua cintura (a mesma faca com que planejava me esfolar) e cortei sua garganta.

Ele gorjeou e se fez o silêncio.

Tudo ocorreu tão rapidamente, que o primeiro homem só agora compreendeu o que aconteceu. O sangue vertia de seu nariz rota enquanto ele olhava fixamente, com os olhos muito abertos para seu amigo. Um rugido de raiva e horror saiu de sua boca e saltou para mim, as mãos estendidas com intenção de me estrangular.

Sustentei a gotejante faca estável, aguardando, esperando até que estivesse mais perto. Só então baixei a faca em picado e a afundei em suas tripas, a prateada lâmina afundando na carne humana. Seu próprio ímpeto fincou a faca profundamente.

Ele ofegou quando seus joelhos cederam, e no próximo instante estava morto, caído aos meus pés. Inspirei com satisfação. Simples. Fácil. Mereceram o que obtiveram.

Não senti nenhum pinga de remorso.

Entretanto, não podia deixá-los como estavam já que não queria que ninguém compreendesse que eu era a responsável pelos assassinatos. Se soubessem, poderiam começar a se perguntar como uma delicada intérprete outro-mundo, uma pacífica Raka, tinha acabado com dois corpulentos homens humanos.

Embora eu não possuísse nenhuma digital, limpei a faca com sua roupa, eliminei qualquer prova que pudesse ter deixado e coloquei o punho na mão de um dos homens. O outro cara também precisava de uma arma, assim fiz uma cuidadosa busca e a encontrei presa em seu tornozelo. Banhei a ponta no sangue do outro antes de envolver seus dedos ao redor dela. Pronto. Terminado. Parecia que tinham brigado um contra o outro e ambos saíram perdendo.

Satisfeita com meu trabalho, limpei as mãos no mato o melhor que pude, e retornei a casa, assobiando ao passar pelo caminho.

—Onde estava? —perguntou-me Claudia no momento que me viu. Estava de pé no pórtico, me olhando de cima abaixo com ansiedade.

—Dando um passeio —disse, toda inocência.

—Mas... —Seus olhos se arregalaram com preocupação— Há sangue em sua camisa.



Dei uma olhada abaixo e descobri as manchas vermelhas. Jonathan e Lucius se uniram na entrada, observando com avidez e escutando nossa conversa. Senti o olhar interrogativo de Lucius abrindo caminho até o tutano de meus ossos.

—Jonathan —disse, forçando um tremor— dois de seus homens brigaram com facas um pouco além da colina norte. Devia chamar...

Os olhos de Lucius flamejaram.

Jonathan franziu o cenho.

Claudia correu para o meu lado. Enrolou um braço ao redor da minha cintura.

—Briga de facas? Querido Deus. Saíamos daqui.

Tive que conter um sorriso enquanto ela me enfiava na limusine.

Essa noite, esperei que Lucius viesse para mim.

Fiquei agachada sob a janela, nas sombras, virtualmente grudada na parede. Não era uma postura cômoda, mas não me importava à dor. Tudo para ser melhor que Lucius.

Tinha reforçado a fechadura do balcão com presilhas de aço, que o obrigariam a avançar lentamente para meu quarto através da janela menor e mais elevada acima de mim. Sorri amplamente porque sabia que teria que descer pelo terraço para caber nela. Faria tal esforço?

OH, sim. Fez.

Escutei o suave deslizamento do cristal, o que significava que Lucius já tinha inutilizado a caixa de segurança. Um momento mais tarde, vi suas botas atravessarem a janela. Silenciosamente, saltei acima, o agarrei pelos tornozelos e puxei para dentro. Sem esperar tal ação, Lucius se propulsou ao chão, estrelando com força com um grunhido. O cabo que usou para se desprender do terraço sustentou seus pés no alto.

Imediatamente, estava sobre ele, minha faca em sua garganta.

Lucius se vestia todo de negro, mas nenhuma máscara ocultava seu rosto da vista. Uma gota de suor descia por sua têmpora. Permaneceu onde estava, sua silhueta perfilada pelas sombras e a lua, me olhando.

—Acha que é graciosa? —sussurrou entre dentes.

Como Lucius, vestia calças e camisa negras. Esperava, usando esta roupa, me assegurar que não nos desviássemos do assunto.

—E bem? —disse ele.

—Sim, acho. —Dei um toque com a prateada lâmina contra sua bochecha— Acredito que sou graciosa.

Entrecerrou os olhos.

—Onde está seu cão?

—No banheiro. —A prendi e dei uma amaciada plataforma onde dormir. Não queria que se preocupasse se Lucius e eu brigássemos. Se aproximar às escondidas uma vez, foi mau para mim. Se aproximar às escondidas duas vezes, é para você. Cortei o cabo de seus pés.

Suas pernas caíram no chão com um golpe, e Lucius suspirou e passou uma mão através do



cabelo.

—Está resultando ser mais do que esperava. Disse isso já?

—Sim e ainda tomo como um elogio. —Saí pouco a pouco de cima dele e sentei, ainda agachada.

Ele sentou e encontrou meu olhar.

—É como pretendia dizer. Agora me diga o que aconteceu na casa do Jonathan. Por que havia sangue em sua camisa? Por que estavam aqueles dois guardas mortos?

—Explorei um pouco e aqueles homens me seguiram. Me arrastaram para fora, atrás de uns arbustos, esperando roubar minha pele e cabelo.

Seus claros olhos azuis endureceram, ficando irados.

—Pelo ouro?

—Sim.

—E? —incitou quando não disse nada mais.

—E os matei.

—Te fizeram mal? —Outra vez seus músculos se esticaram enquanto esperava minha resposta. Elevou a mão e agarrou meu braço com força.

—Nem sequer me machucaram —assegurei, largando a faca.

Ele relaxou imediatamente. Contei o que averigui sobre as explosões solares e cabeceou.

—Isto é importante. Aí há mais, sei. Continua investigando.

—Compreende que ganhei, verdade? Realmente te dei uma patada no traseiro.

Ele sorriu amplamente.

—Sim, compreendo que ganhou. Quer saber o que aconteceu quando saiu da casa de Jonathan ou não?

Tentei não mostrar minha impaciência.

—Conta.

Primeiro, me surpreendeu me empurrando ao seu lado. Não protestei, mas todo o tempo recitei para mim mesma que não teria sexo com ele de novo. Já estivemos ali, já o tínhamos feito. Não precisávamos complicar as coisas. Outra vez. Uma de suas mãos acariciou brandamente minhas costas e a outra agarrou minha mão.

—Os homens foram encontrados, mas Jonathan assumiu que simplesmente mataram um ao outro. Depois que limpamos a confusão, Jonathan me levou ao seu escritório onde tivemos um bate-papo. Não mencionou o nome de EenLi, mas se ofereceu para me pôr em contato com um homem que poderia me ajudar “a te obter.”

A alegria me alagou. Chegou o momento. Estávamos muito perto. Sem tirar minha mão da dele, me joguei para trás e descansei meu peso sobre um de meus cotovelos. Meu cabelo se estendeu sobre meus ombros e seu estômago, ouro contra nossa negra roupa.

—Já não falta muito.

—Não. Não falta muito.

Cabeceei enquanto a satisfação se mesclava com meu entusiasmo.

—Me alegre. —EenLi logo enviaria alguém para me sequestrar. Deus, não podia esperar!



Com sua mão livre, Lucius enrolou os longos fios do meu cabelo ao redor de sua mão e puxou até que meu rosto ficou perto do dele.

—Sei que estamos seguindo o plano, mas espero que esteja armada. A partir de agora, use suas armas vinte e quatro horas por dia.

—Sempre o faço.

—Também se injetará isótopo que trouxe. Se vinculará às suas células e nos ajudará a te rastrear.

Franzi o cenho.

—Por quanto tempo?

—Três meses.

—E se a missão for completada em dois dias?

—Não discuta. —Sua expressão se tornou dura, inflexível— Compreenda o porquê disso.

—Não gosto do fato que alguém que conheça isótopos e computadores tenha acesso a minha posição.

—A colocaremos nas mãos de algum bastardo escravagista. Com sorte, eu mesmo, mas possivelmente não. Quer se arriscar a ser capturada e que ninguém saiba onde te encontrar?

Maldito seja! Odiava quando alguém tinha um bom ponto (um ponto que aniquilava o meu). Ele tinha razão. Havia uma possibilidade que fosse levada clandestinamente, escondida longe por um estranho.

—Tem razão. —Suspirei— Injetarei isso.

—Boa garota.

—Injetarei —acrescentei isso— com uma condição.

—Que condição?

—Me diga seu verdadeiro nome.

Ele sacudiu a cabeça.

—Ainda tem duas oportunidades, e não direi nenhuma maldita coisa.

—Pelo menos me diga com que letra começa seu nome de batismo.

—Por que importa? —perguntou, com uma borda afiada em sua voz, coberto por uma forçada naturalidade.

—Não gosto de te chamar por um nome falso durante o sexo, certo?

—Teremos sexo de novo? —Seus lábios se estiraram, e senti meu coração saltar um batimento. Parecia tão relaxado agora mesmo, tão sexy! Gostava quando perdia seu ar reservado e simplesmente desfrutava do momento. Não acreditava que se permitisse fazer muito frequentemente. Nem eu tampouco.

—Não? —disse, mais uma pergunta que uma declaração. Maldição!

—Mentirosa. Me diga o que significa o F de seu nome.

OH, OH, OH. O que era isto?

—Acreditei que não se importava.

—Possivelmente, como você, menti.

—Não vou dizer isso —disse com voz cantante. Eu gostaria, realmente gostaria, que quisesse



saber.

Seus olhos baixaram a minha boca, e rastelou seu lábio inferior entre seus dentes.

—Tampouco direi isso, assim suponho que estamos empatados.

—Parece. —Perdi o sorriso. Ele parecia puro desejo neste mesmo momento. Prazer total. Engoli e me apressei a mudar de assunto, a levar nossos pensamentos por um bom caminho— Quando for sequestrada quero que leve Luc daqui e que a cuide até que eu volte.

—Considere-o feito. —O brilho zombador se extinguiu lentamente de seus olhos. Antes que pudesse protestar, Lucius deu a volta e me prendeu no chão.

Contive o fôlego enquanto me percorria com o olhar. Diabos, até o quarto parecia conter o fôlego!

Um débil raio de lua se filtrou através das cortinas da janela e iluminou sua bronzeada pele. Uma suave brisa fez aquelas cortinas dançarem sobre nós, nos envolvendo num etéreo e privado refúgio. Meu pulso saltou.

Ele se apoiou sobre suas mãos, e seu intenso olhar varreu sobre minha roupa. Seus lábios se estiraram.

—Realmente achou que fechar as portas do balcão me deteria?

Permanece forte. Não se deixe levar.

—Olhe, temos mais coisas de que falar.

—Tem razão. Temos mais coisas de que falar. —Alcançando atrás dele, tirou a camiseta pela cabeça.

Me fez água na boca ao ver seus peitorais... seus musculosos abdominais.

—Ponha de novo a camiseta. —Não soei convincente, absolutamente.

Enquanto me olhava intensamente nos olhos, estalou a língua.

—Moça tola. Vai ser minha morte, sabe? —Ele se inclinou abaixo, colocando sua boca justo num sussurro da minha.

Seu quente aroma de sabão me envolveu.

—Fale depois. Foder agora.

Então me beijou e eu devolvi o beijo. Esqueci o que queria dizer, esqueci tudo, menos este homem e sua perversa boca. Sem diminuir a velocidade de nosso beijo, ele se desfez da minha roupa e armas, como se não fosse o bastante estúpida para pôr isso.

Arranquei suas calças, necessitando do contato de pele contra pele. Sua dureza contra minha suavidade.

Nada mais importava. Poderia me odiar por isso mais tarde, mas não agora. Sabia como ele era enterrado profundamente em meu interior, e ansiava por tê-lo outra vez. Sabia como soava meu nome em seus lábios enquanto encontrava seu prazer.

Devia tê-lo de novo.

—Não cortou minha pele desta vez —sussurrou com voz rouca contra meus lábios. Ele ficou de pé, me levando nos braços e me jogando em cima da cama. O colchão afundou sob meu peso e estive ao meu lado imediatamente— Isso é um progresso.

—Por que fala? —Empurrei-o até colocá-lo em cima de mim e me cobriu com seu completo



e musculoso peso.

Embalei sua longa e grossa ereção entre minhas pernas, me esfregando contra ele. Já estava úmida, disposta. A fricção quase fez que subisse como um foguete. Meu aroma de mel se mesclou com seu aroma de pinheiro, perfumando o ar.

Ele fez uma pausa enquanto eu mordiscava sua mandíbula e pescoço, e piscou. Retirou-se, procurando meu olhar. Então, lentamente, sorriu amplamente.

—Cheira a mel quando está excitada.

Fiquei quieta. Sem negar, mas tampouco confessando.

Sua risada se alargou.

—Posso ser lento, mas finalmente entendi. Aquele dia no ginásio...

—E o que? —exclamei, minhas bochechas ardendo.

—Admita, neném. —Ele riu com genuína diversão— Balancei seu mundo então, e balancei seu mundo esta noite.

Sua superioridade masculina me irritou. Meus olhos se estreitaram, e de maneira sedutora lambi os lábios.

—Só por isso —disse— vai ser castigado.

O calor flamejou em seus olhos, derretendo o gelo num fogo azul.

—Como? Me açoitará?

Ele parecia tão impaciente, que quase ri.

—Nada de açoites. —Embora gostasse da ideia de infligir um pouco de dor inocente e depois aliviar a picada.

—Segura? —Uma gota de suor rodou por sua têmpora e pendeu em seu queixo— Provavelmente mereça uns bons e duros açoites.

—Terá que me dar três orgasmos.

—Três? —Ele sorriu com satisfação.

—A última vez só consegui me dar dois. —Coloquei a mão entre nossos corpos, deixando que meus dedos roçassem sua ereção.

—Maldita seja, é má —disse ele, mas havia uma borda de antecipação e prazer em seu tom— Mas por sorte, estou capacitado para realizar a tarefa.

Ele desceu em picado e me deu outro beijo, empurrando freneticamente a língua. Suas mãos e dedos percorreram meu corpo, cavando meus peitos, beliscando meus mamilos, acariciando entre minhas pernas, antes de se afastar correndo.

Ao fim de alguns minutos, eu me retorcia e gemia seu nome. Ele baixou lambendo meu corpo e meu estômago estremeceu. Sem uma pausa para tomar fôlego, Lucius conduziu sua língua ao centro do meu corpo. Tive que morder a mão para conter os gritos que não podia me permitir emitir, fazendo que surgissem sufocantes e famintos gemidos. Sua língua me atormentou, me fez doer e arranhei seus ombros.

—Tem gosto igual como cheira —murmurou ele contra mim— Mel e canela.

No momento que colocou dois dedos em meu interior, explodi. Arqueei e retorci, cantarolando seu nome em minha cabeça. De todos os modos, ele não se deteve. Trabalhou com



seus dedos, esfregando-os deliciosamente, sem chegar a entrar em mim, até que culminei duas vezes mais.

—Foram três orgasmos —ofeguei quando fui capaz.

—Vou te dar um extra por seus travessos pensamentos. Para este, te convido eu.

Teria rido se tivesse forças.

—Estou perdoado por zombar de você? —perguntou ele, seu queixo descansando sobre meu osso púbico, seu fôlego soprando sobre meu estômago.

Deus, sim. Assenti com a cabeça.

Continuava estremeando e palpitando pela força do meu último orgasmo quando ele subiu por meu corpo e entrou em mim. Com força. Rápido e expertamente. Enrolei minha mão ao redor de seu pescoço e puxei sua cabeça. Nossos lábios se encontraram, nossas línguas chocaram. Ele tinha sabor de fogo, como eu, como ele mesmo. Pura paixão. Um sabor que ansiava como um vício.

Suas mãos percorreram meus quadris, os agarrou e me impulsionou mais alto, fazendo que o tomasse mais profundamente. Seus dentes beliscaram meus lábios e eu o belisquei de volta. Fomos ferozes e grunhíamos com nossa necessidade.

—Não deveria ser tão bom —disse ele com voz rouca, escuramente. Enquanto falava, uma de suas mãos se moveu ao meu seio e apertou meu dourado mamilo entre seus dedos. Seus quadris começaram um baile rotativo crescente.

Gozei outra vez, apertando suas costas, agarrando-o.

Seu orgasmo rapidamente seguiu o meu e mordeu o tendão do meu pescoço para conter seu rugido. Tão bom, tão bom, tão bom, cantarolou minha mente enquanto flutuava para as estrelas.

Depois ficamos estendidos juntos, em silêncio. Ele rodou de lado, me mantendo entre a força e o calor de seus braços. Um sensual feitiço nos envolveu. Poderia ficar assim para sempre, pensei. E isso me assustou.

O caso, recorda. Afastei o cabelo do meu suarento rosto e assinalei.

—Jonathan disse algo mais? —perguntei, retornando ao trabalho.

Lucius não falou por vários minutos, e o relógio da parede marcou o passar do tempo. Finalmente, disse—: Depois que fez a oferta de me ajudar, começou a agir de uma forma estranha.

—De uma forma estranha como?

—Não encontrou meu olhar e me colocou pressa para sair de seu escritório. Trama algo, estou seguro. Algo mais que te conseguir para mim.

—Alguma ideia do que?

Ele soltou um frustrado suspiro.

—Acredito que vai atrás de alguma coisa. Que alguma outra garota vai ser sequestrada. Recebeu uma chamada e, bom, escutei por outro receptor. Comentou que precisava de uma garota para um de seus sócios enquanto olhava um arquivo de fotografias. Tentei averiguar mais, mas jamais o mencionou de novo.



Isso era. Outra garota muito bem poderia ser sequestrada e eu não podia deixar que acontecesse. Não quando podia fazer algo a respeito.

—Posso averiguar o que planeja —disse hesitantemente.

Os olhos de Lucius se cravaram em mim.

—Como?

Minhas seguintes palavras congelaram em minha garganta. Mantive em segredo esta parte de mim durante muito tempo. Nem sequer Michael sabia. Contar agora a alguém era difícil. Isto me exporia, me deixaria vulnerável.

Lucius não me faria mal, lutaria para me proteger. Sabia profundamente em meu interior. Jamais teria me deitado com ele se fosse de outra maneira. Mas...

—Posso caminhar em espírito —disse, afastando o olhar.

Sua cabeça se inclinou de lado enquanto estudava meus traços.

—Não entendo.

—Meu espírito abandona meu corpo e vaga livre em outro plano ou dimensão. Como um fantasma. Ninguém pode me ver, mas eu os vejo. Ninguém pode me ouvir, mas eu os ouço. Se for até Jonathan em espírito, o observarei, escutarei e ele jamais saberá que o fiz.

Durante muito tempo, Lucius continuou me estudando. Afastou o olhar, seus claros olhos azuis ilegíveis. Então disse—: Fez isso comigo. —Seu tom também estava desprovido de emoção.

Não tentei negá-lo.

—Sim.

—Com o Jonathan.

—Sim —disse outra vez— Como sabe? —Suspeitava que me sentisse, mas o pensamento era ridículo. Antes. Agora não.

—Te cheirei. Ninguém cheira como você, a rico e quente... mel —Ele fez uma pausa— E sexo.

Esperava que ficasse zangado pelo que fiz, mas me surpreendeu acrescentando—: Um bom truque. Pode levar suas armas?

—Levo o que estiver preso ao meu corpo.

—Michael sabe disto?

Olhando longe, sacudi a cabeça.

Sua expressão se voltou pensativa.

—Por que não? Qual é inconveniente?

Odiava admitir uma debilidade de qualquer tipo, mas ele tinha que saber.

—Se estiver fora muito tempo, meu corpo se debilita. E, enquanto estou fora, meu corpo é totalmente vulnerável a qualquer ataque. Qualquer um poderia me ferir, me matar, e não haveria nada que pudesse fazer a respeito. Não poderia lutar de maneira nenhuma.

Ele fez uma pausa, esticando-se enquanto minhas palavras penetravam em sua mente.

—Assim se o quarto onde estiver seu corpo físico explode em chamas...

—Queimo com ele.

Pausa. Depois—: Seu espírito fica alguma vez em perigo?

—Só se meu corpo for ferido.



O silêncio nos rodeou enquanto ele considerava minhas palavras. Finalmente, assentiu.

—Então faça-o. Temos que saber o que vai acontecer.

—Se alguém se aproximar da porta...

—Sei o que fazer.

Sim, ele sabia exatamente o que fazer. Mataria se tivesse que fazê-lo. Criaria uma distração se tivesse que fazê-lo. Ninguém entraria neste quarto sem sua permissão.

—Onde posso encontrar Jonathan?

Lucius mencionou vários lugares. Assenti com a cabeça, me apoiei contra ele e coloquei um suave beijo em seus lábios.

—Não se preocupe. Eu também sei o que terei que fazer.

—Você só retorna aqui inteira. Entendido?

CAPÍTULO 18

Depois de me vestir, deitei sobre os lençóis amarelos e fechei os olhos. Um deliciosamente nu mas acordado Lucius descansava ao meu lado. Nem sequer seu sensual aroma pôde me distrair da minha inquietação. Estava nervosa por fazer isto diante dele e o fato de sentir seus intensos olhos azuis fixos em mim não ajudava. Simplesmente faça.

Inspirei profundamente e inalei mais do aroma de Lucius. Se concentre. Tomei outra profunda respiração e soltei o ar pouco a pouco. Salvar à garota. Isso era o importante. Muito lentamente, minha mente ficou em branco e meu corpo relaxou no colchão. Minha energia se centrou no interior do meu estômago, formando redemoinhos e insistindo para sair. Meu espírito começou a se elevar mais e mais acima de mim, e em seguida me encontrei de pé ao lado da cama, me observando. E Lucius.

Sua pele nua brilhava a luz da lua. Meu cabelo o cobria como uma manta, tampando parte de seus mamilos. O matiz dourado da minha pele completava o tom cor bronze da dele. Quando ficou de lado sobre mim, seu grande e duro corpo poderia ter devorado e eclipsado completamente o meu, menor e aparentemente delicado. Mas não o fez. Parecia protegê-lo. Quase... amá-lo?

Fugi daquele pensamento, embora o sentimento de exatidão persistisse.

Ele acariciou várias mechas do meu cabelo entre seus dedos.

—Tome cuidado —sussurrou.

A rouquidão de sua voz enviou um tremor através de mim. Não deveria fazê-lo, mas me entusiasmava sua preocupação por mim. Instintivamente, estendi a mão para ele, para seu calor. Permite que meus dedos acariciassem seu peito. Às vezes, se me concentrasse muito, podia atrair um objeto a este enigmático reino comigo. Agora, entretanto, meus dedos simplesmente o roçaram.

Ele aspirou um fôlego, e seus músculos se esticaram sob meu toque.



Obriguei-me a me afastar, a abandonar a casa totalmente. Tinha um trabalho a fazer.

Como não estava vinculada ao Jonathan, tive que encontrá-lo sozinha, sem nenhum puxão invisível. Quando vi um sedan ao lado de um escuro caminho, escorreguei dentro. O condutor, um velho humano, dava impaciente toques com o pé contra o piso enquanto esperava o carro esquentar os pneus. Logo voávamos estrada abaixo, escutando canções sobre cerveja, mulheres mal-intencionadas e caminhonetes.

Quando o homem girou bruscamente numa saída diferente da que precisava, simplesmente me propulsei fora através da porta do carro, como névoa que se desvanecia à primeira luz da manhã. Flutuei ao chão e andei mais de três quilômetros através do bosque antes de alcançar finalmente meu destino. A maior parte das luzes interiores estavam apagadas, fazendo a casa parecer escura e coberta de sombras. Com antecipação, deslizei pela ponte e atravessei a porta principal. Aquela antecipação escureceu depois de uma cuidadosa busca por todas as salas.

Jonathan não estava em casa, nem havia nenhum criado ao redor, mas pude dar uma olhada em sua esposa. Estava tombada numa cama, mais idônea que uma princesa de conto de fadas, e observei como a esquelética mulher aspirava uma mescla alterada de Onadyn como se fosse seu caramelo favorito. Enquanto a droga abria caminho por seu corpo, sua mente voou mais e mais alto, como se estivesse se asfixiando. Um dia destes, acabaria morta.

Sacudindo a cabeça, fui a outro dos lugares que Lucius mencionou; um escuro e cheio de fumaça bar privado. A música ressonava de cada canto. Havia aproximadamente trinta ocupantes, e uma dúzia ou mais de homens se misturavam com nuas bailarinas. Algumas mulheres eram outros-mundos. Uma MEC, como EenLi, com uma acesa pele esverdeada que proclamava sua excitação, deslizava provocativamente acima e abaixo de uma barra. Não tinha seios, só um peito plano que parecia mais suave que seda. De uma forma bastante estranha, os machos humanos não podiam conseguir bastante dela. Constantemente acariciavam sua pele como se fossem viciados em seu toque.

Mas eu por fim encontrei meu homem.

Jonathan estava sentado sozinho, bebendo o líquido dourado de um copo de cristal. Observava às mulheres dançando silenciosamente, sua expressão pensativa e gasta. Uma mulher, uma Delensean com o cabelo e pele azul, e quatro braços se aproximou dele, com um biquinho sedutor em seus lábios azul celeste. Ele grunhiu e a despediu com uma rígida ondulação da mão.

Reclamei o assento na frente dele e estudei meu inimigo. Sua roupa estava enrugada e linhas de tensão marcavam sua boca. Aqui, não era o homem calmo e elegante que foi na festa.

Permaneceu no lugar por uma hora. Por que estava aqui? A quem esperava? Nenhuma só vez falou com ninguém, só levantava o índice de quando em quando para assinalar que queria outra bebida. Depois que terminou sua quarta taça, o relógio da parede marco 5 a.m. Um olhar de determinação cruzou seus traços, e com muita calma ficou de pé e saiu a pernas do edifício.

Pisquei com surpresa, mas o segui. Um carro e seu chofer o esperavam fora, em frente à saída.

—Para casa —disse ao condutor, sua primeira palavra da noite.

Ele se instalou no luxuoso assento de trás e me lancei ao seu lado enquanto a porta se



fechava sobre a metade inferior da minha forma fantasmal. Um leve zumbido me percorreu, a única reação de meu espírito.

O carro se pôs em movimento e Jonathan olhou fixamente pela janela todo o caminho. Quanto mais se aproximava de sua fazenda, mais profundas as linha de ansiedade ao redor de sua boca ficavam. Que demônios acontecia? Merda, queria estar dentro de sua cabeça!

Uma vez que alcançou sua casa, o segui enquanto subia pisando forte as escadas e entrava em seu dormitório. Não o de sua esposa, notei, mas um próprio, um quarto decorado em masculinos tons verdes e azuis. Não tinha tive tempo para estudá-lo da última vez que estive aqui. A grande cama de quatro colunas tinha lençóis de seda vermelha e espelhos no teto. À direita, arnês penduravam do canto mais afastado, e um claro tapete plástico cobria o chão sob eles... para acautelar que qualquer fluido corporal manchasse seu antigo chão.

Assim gostava dos duros jogos sexuais. Que surpresa.

Não trocou de roupa, mas permaneceu com suas calças, gravata e jaqueta. Caminhou diretamente para o telefone ao lado da cama, levantou o receptor, e disse—: Wayne.

Meu coração galopou em meu peito e corri ao seu lado, “Wayne” era o nome humano que EenLi frequentemente usava.

Não ouvi a pessoa responder do outro lado da linha, mas imediatamente Jonathan disse—: Mudei de ideia. Esquece a mulher que te falei antes. Não funcionará.

Silêncio. Amaldiçoei baixo por não poder escutar a outra voz.

—Só consegue à Raka. —Uma pausa. Então—: Hunter está disposto a pagar o que for. Faça-o. E logo.

Esfreguei as mãos e sorri amplamente. Não queria a outra garota. Bem. Estavam planejando meu rapto para Lucius. Inclusive melhor. Tudo segundo o plano.

EenLi disse algo que fez Jonathan sorrir e que relaxou seus ombros.

—Não —disse— Se assegure que está ilesa. Para cada contusão que seus homens façam, para cada diminuto arranhão, o preço por ela diminui.

Não duvidava que o “sem danos” vinha diretamente de Lucius.

Os homens desligaram, mas esperei que acontecesse algo mais. Observei como Jonathan se despia completamente, cantarolando felizmente baixinho. Tinha um sorrisinho satisfeito quando subiu à cama. Esperei que o telefone soasse, mas não o fez. Minutos mais tarde, Jonathan começou a roncar. Caminhei à borda da cama e o olhei fixamente. Seus traços estavam totalmente relaxados pelo sono, lhe dando um aspecto infantil, inocente.

Que enganoso.

Que fácil seria matá-lo neste mesmo momento.

Infelizmente, ainda o necessitávamos.

Saí. A lua já começava a descer, cedendo passo ao sol. Acelerei o passo, enfocando minha mente em Lucius e meu próprio corpo. Muito em breve, senti meu espírito sendo absorvido de volta, mais e mais perto. Perdi meu agarre e vi brilhantes luzes brancas.

Logo peguei um rápido vislumbre da casa da embaixatriz, uma olhada ainda mais rápida do meu dormitório, Lucius passeando ao redor da cama, e Luc seguindo-o a cada passo, antes que



meu corpo e alma chocasse. Click. Por um momento, só vi escuridão. Então minhas pálpebras se elevaram.

Lucius deve ter sentido minha presença porque de repente estava bem ao meu lado, me olhando. Luc saltou e se apoiou nos pés da cama, observando nossa interação.

—Onde? Demônios? Esteve? —grunhiu Lucius brandamente, de maneira ameaçadora— O que levou tanto tempo, maldita seja?

—Ele não estava em casa. Tive que procurá-lo.

Seus olhos pegavam fogo, furiosos, enquanto baixava a cabeça mais perto, até que nossos narizes se tocaram.

—Tem alguma ideia, alguma fodida ideia, do que estive imaginando?

Devolvi seu fulgor com um próprio.

—Que estava fazendo o trabalho que disse que faria?

—Não exatamente —se queixou ele.

—Que sou uma mulher capaz?

—Merda, Eden. —Seu quente fôlego açoitou sobre minha cara— Isto não é pela sua tola necessidade de demonstrar que é tão forte e capaz como eu.

—Tola! —foi tudo o que pude dizer— Tola?

—Caso não notou, é alvorada. Te esperava há uma hora. Ou mais. Você teria se preocupado se eu tivesse demorado tanto tempo, e não tente negar. —Quando permaneci tercamente calada, acrescentou—: Ou não?

—Sim. Contente agora? —Empurrei-o de cima de mim e me movi aos tropeções— Sim, teria me preocupado como você.

Satisfeito com isso, deitou ao meu lado e me puxou para baixo.

—Me conte tudo que aconteceu.

—Jonathan chamou EenLi —disse, relaxando e me curvando contra seu lado— Estabeleceram meu rapto, e Jonathan cancelou o pedido da outra garota. Não sei por que. Simplesmente disse que ela não funcionaria.

—Quando? —Seu tom endureceu como granito— Onde?

—Não entraram em detalhes. É evidente que já falaram sobre mim antes.

Lucius esfregou o pescoço, sua expressão escurecendo.

—Não gosto disto.

—Por que? É o que estávamos esperando.

—Não gosto do plano. Deixar que a agarrasse.

—Por que diabos não? É um bom plano. E agora mesmo é a única forma de salvar os outros escravos que EenLi sequestrou. É o único modo de averiguar de que forma usa as explosões solares como portais.

—Poderia ser ferida.

Fiz rodar os olhos.

—Não é você o homem que me disse que me mataria se me interpusesse em seu caminho? Não é o homem que não se preocupa com ninguém e por nada?



—Isso foi antes —resmungou ele, afastando o olhar.

Conhecia o sentimento. Não devia ter tido sexo com ele da primeira vez e, definitivamente, não deveria tê-lo tido outra vez. Mas o fiz, e não havia volta atrás. Não podia fingir que tinha aversão por mais tempo. Eu gostava dele. E muito.

—Maldição! —Ele saltou sobre seus pés— Jamais devíamos nos prender, porque não posso deixar de me preocupar com você. Não voltarei aqui —disse— É muito perigoso. —Colocou a mão no bolso de sua calça e tirou uma pequena seringa de injeção. Um brilhante líquido vermelho formava redemoinhos dentro e Lucius me deu isso— Não sabemos quando agirão, e não posso estar com você quando o fizerem.

—Isso é o isótopo?

—Sim. injete isso na perna. Fá-lo-ia eu, mas...

Não queria me machucar. Tentei não abrandar com respeito a ele ainda mais. Envolvi os dedos ao redor do frasco, cravei a agulha no interior da minha coxa, fiz uma careta de dor ante a picada... e empurrei. Uma queimação se estendeu por minha perna, bifurcando-se pelo resto de meu corpo. Fulminei com o olhar Lucius enquanto empurrava a vazia seringa de injeção em sua palma.

—Feito.

—Obrigado.

Deixei cair à cabeça entre minhas mãos.

—Tudo aconteceu muito mais rápido do que imaginei —disse, e ambos sabíamos que me referia a algo mais que o caso. Agora não sabia de que forma tratar Lucius. A nós.

—Muito rápido? —Ele riu entre dentes, mas o som carecia de humor— Talvez. Mas por agora pensemos no caso. Nada mais. Sua vida poderia depender disso.

CAPÍTULO 19

Passaram dois dias sem nenhuma tentativa de rapto. Dois dias cheios de angústia.

Passei-os acompanhando à embaixatriz em suas rondas, traduzindo ociosos bate-papos e conversas mais profundas sobre a discriminação, projetando uma fachada de despreocupação. Vi Lucius só uma vez, numa festa oferecida por um dos amigos da embaixatriz para outro amigo. Ele se manteve a uma distância segura de mim mas me esteve observando toda a noite.

Seu intenso olhar era uma entidade viva, me recordando o modo como me beijou e acariciou, a forma que me gozar tantas vezes. Obriguei-me a ignorá-lo, a pensar só no caso.

No dia seguinte, recebi outra mensagem de Colin e usei a unidade celular que Lucius me deu para ler. A conversa foi breve e cordial.

—Tenho um amigo que trabalha na investigação sobre explosões solares, e me disse que começou a experimentar com pequenos objetos inanimados para averiguar que tipo de dispositivos magnéticos seriam os melhores condutores para uma transferência molecular dentro



de uma explosão solar. Até agora, não teve sorte.

Sua frustração rangeu sobre a linha.

— Esperava mais por agora.

— Sei. Mas ele mencionou que com um ímã pequeno a base de moléculas funcionaria melhor. Isto ofereceria uma foto modulação magnética, poderia armazenar dados, e proporcionaria um escudo magnético e indução. E, diferente dos ímãs a base de metal, pode ser depositado como um filme fino e transparente ou inclusive inserido dentro de outro objeto.

— Sim, mas pode algo tão pequeno gerar bastante poder para transportar um corpo astronomicamente?

— Perguntarei.

— Me avise se averiguar algo mais.

E esse foi o final de nossa conversa.

Desconectei e me enfiei na cama, com a luz da lua me banhando. Agente Luc estava já dormindo no banheiro. Não queria me arriscar que fosse ferida quando me sequestrassem. Quando seria sequestrada? Odiava esperar.

Um grilo cantarolava uma preguiçosa melodia, e uma fresca brisa, perfumada de rocío, entrou através das janelas abertas. Tornava fácil para meus captores. Também estava preparada. Usava calças de dormir e uma grande camiseta, ambas prateadas. Me permitiam mover facilmente mas eram difíceis de arrancar. É obvio, usava duas facas pequenas presas nas costas e outra no interior da minha coxa. Minhas forquilhas do cabelo eram muito estranhas para dormir, como as meias três - quartos. Parte de mim esperava que Lucius aparecesse a qualquer momento, mas permaneceu fiel à sua palavra e não me visitou.

Fulminei com o olhar o abovedado teto. Homens! Quem os entendia? Eu não, por certo. Bom, isso não era certo. Uma vez acreditei que os entendia. Necessitavam de sexo, comida e água para sobreviver, e cada uma de suas ações dependiam do que mais necessitassem nesse momento. Lucius era... diferente.

Ele trabalhava duro, mantinha a mente em seu objetivo. Fazia o que fosse necessário para ter êxito, apesar de suas próprias necessidades e do que queria. Respeitava isso. Respeitava-o. Era o melhor agente com quem jamais me encontrei. Um companheiro que não desejei, mas que não podia negar que foi o melhor que me aconteceu neste caso.

Se não estivesse tão perdida em meus pensamentos jamais seria pilhada tão despreparada. Uma mão saiu da escuridão e se fechou sobre meu nariz. O pânico me invadiu no princípio, e instintivamente agarrei a mão para afastá-la. Até abri a boca para tomar ar. O homem, quem quer que fosse, verteu um ácido líquido por minha garganta no momento que abri os lábios. Tentei cuspi-lo, mas ele apertou tanto meu nariz como minha boca, me obrigando a engolir.

— Isso— disse ele, sua voz baixa e tranquilizadora. Não a reconheci— Dorme agora — acrescentou com suavidade— Não te faremos mal.

Por fim, os homens de EenLi chegaram.

Quase sorri enquanto meu pânico se desvanecia...

— O que me deu? Veneno? — perguntei ao meu atacante, como faria uma mulher sensata.



Dei-lhe chutes e, como uma pequena fêmea assustada, deslizei para a cabeceira.

Uma máscara negra ocultava seus traços, mas não podia ocultar a força e o tamanho de sua figura. Só ligeiramente mais baixinho que Lucius, enchia seu negro uniforme militar de maneira ameaçadora.

—Te dei um opiáceo para te ajudar a dormir —disse— Não queremos te matar, prometo isso.

Isso demonstrava exatamente o que este homem sabia dos Rakas. Nenhuma maldita coisa. Eu era imune aos opiáceos e à maior parte das drogas humanas. Teria melhor sorte com um agradável e antigo uísque escocês ou um rico brandy.

—Gritarei —disse, arrastando minhas palavras de propósito.

Ele riu entre dentes.

—Não importa que grite, menina. Também drogamos todos os outros no interior da casa. Dormirão toda a noite.

—Você... bastardo. —Fingi relaxar, não obstante, e depois de segundos, aparentei cair inconsciente. Contrariamente ao que Lucius dizia, minha atuação não era uma merda, muito obrigado.

Os homens de EenLi estiveram de acordo comigo.

—Foi fácil —disse um deles.

Entretanto, se o homem decidisse me violar, despertaria milagrosamente e mostraria quão doce podia chegar a ser. Havia algumas coisas que nunca faria por meu trabalho.

Incrivelmente, me beijou brandamente a testa, um apazível e inocente roce de seus lábios contra minha pele. Possivelmente não devia estar tão surpreendida. depois de tudo, Jonathan deixou muito claro que não deviam me fazer dano de nenhuma forma.

EenLi provavelmente enviou seus raptos mais doces.

Que contradição tão encantadora.

—Olhe todo este ouro —sussurrou ele.

—Precioso —disse outro homem, maravilhado. Tampouco reconheci sua voz— Sabe quanto dinheiro poderíamos tirar se vendêssemos sua pele?

—Não lhe fará mal. Devemos entregá-la como a encontramos. Seremos cortados em diminutos pedaços e vendidos se a ferirmos.

—Sei, sei. —Ele suspirou— Mas... possivelmente poderíamos cortar um pouco de cabelo. Talvez umas poucas mechas. — Ele se lançou— Nada que seja notado.

—Não.

—Por que não? Nós...

—Não. Agora feche o bico. Estamos sem tempo.

Fortes braços deslizaram debaixo de mim e me levantaram. Deixei minha cabeça pendurar, mas não antes de pilhar um cheirinho de colônia cara, de almíscar. O aroma não podia mascarar a carne ou a roupa suja. Não, quem quer que me levasse era limpo e curioso, obviamente bem pago e não os empregados baratos que em geral EenLi usava.

O bom aroma continuou em seu fôlego.



—Saíamos daqui.

Com cuidado fui levada ao balcão, o mesmo balcão que Lucius usou da primeira vez que entrou em meu quarto. É obvio, tinha tirado os arames extras quando descobri que meu rapto estava sendo planejado, facilitando a entrada ao meu quarto.

Sendo um agente, espreitava e caçava minhas vítimas. Jamais fui uma eu mesma. Deixar que estes homens me conduzissem longe guerreava contra todos os instintos que possuía. Minha mente queria que lutasse, que impedisse que isto acontecesse. Que matasse. Como podia permitir que estes homens me fizessem uma escrava?

Não havia outro modo melhor de encontrar e destruir EenLi e salvar àqueles que foram escravizados. Sabia, e me consolava o fato que estes homens não me revistaram e não sabiam das minhas facas. O mais provável é que considerassem que uma intérprete outro-mundo, e uma pacífica Raka, além disso, não estaria armada.

Os dois homens se alternaram em me segurar enquanto enganchavam um cabo, depois também fui presa e reforçada contra um deles. O frio ar da noite deslizou ao meu redor enquanto era baixada ao chão.

—Com cuidado, com cuidado —disse uma rouca voz da janela.

—Vou com cuidado —respondeu o homem que me sustentava.

—Deixe-a cair. Agarre-a mais forte.

O vento soprou com força, e meu corpo oscilou perigosamente, e eu também quase gritei a ordem que me segurassem com mais força.

—Agarre-a —disse ele, sua voz dura pela rebelião— Se há segurar um pouco mais forte, cortarei sua respiração e morrerá. —O bastardo apertou meu peito (com determinação) quando reforçou seu aperto, tal e como predisse.

Fingindo um espasmo muscular, fechei de repente meu punho em suas bolas (também com determinação). Ele uivou de dor, um torturado chiado que ressoou em meus ouvidos.

—Putá —grunhiu Roda Bolas quando recuperou o fôlego.

Acredito que pensou em me dar o troco, mas Colônia Cara o deteve com um ameaçador—: Lhe faça dano e te matarei eu mesmo.

Meu captor amaldiçoou baixinho. Pude escutar as rodas girando dentro de sua cabeça enquanto decidia se me der uma bofetada valeria a pena sua morte.

—Rompeu-me as bolas.

—Está fodidamente adormecida, traseiro mole. Simplesmente vamos tirá-la daqui antes que alerte a segurança.

—A segurança dorme a sesta.

—Com todos seus uivos, não dormirão por muito mais tempo. —Pausa— Maldito seja, agora a está agarrando muito forte. Está ficando azul.

—A ouve se queixar? —espetou Roda Bolas.

—Está adormecida, imbecil. —Outra rajada de vento nos rodeou— Não pode se queixar. Relaxe seu aperto de morte.

—Deveria deixar de merda e descê-la você mesmo.



Quando a terra tocou meus pés, não sujeitei meu peso sobre as pernas, em troca as deixei se dobrar como se dormisse placidamente. Meu captor teve que carregar todo o meu peso.

Ele grunhiu.

—É mais pesada do que parece.

—Ou você é mais fraco do que parece.

—Desce aqui e carregue você. E espero como o inferno que golpeie suas bolas — acrescentou brandamente.

Ouvi um estalo de metal quando Colônia Cara alcançou o chão. Liberou-me e me elevou entre seus braços. Imediatamente começou a correr, fazendo meu pescoço, braços e pernas saltarem acima e abaixo. Pagavam para me manter ilesa, mas neste ritmo iam me partir pela metade. Finalmente, os três alcançamos o veículo de fuga. Ao mesmo tempo, um grito soou ao longe e as luzes se conectaram e iluminaram a área.

—Vê o que fez? —grunhiu Colônia.

—Inferno de merda! —Bramou Roda Bolas— Dirige, simplesmente dirige.

Fui jogada sem olhar no assento de trás e abandonada num monte enquanto os dois homens se apertavam ao meu lado. O som de pneus explodiu.

Quase suspirei. Meu rapto foi um êxito. Para todos nós.

CAPÍTULO 20

O passeio de carro demonstrou ser longo e aborrecido. Os homens, agora em três, devido ao condutor, falavam e riam de meu destino.

—Ele vai fazer duro —disse um deles.

Falavam de Lucius, que devia ser meu novo amo. Minha reação? Mentalmente pus os olhos em branco e senti arcadas... O fato que Lucius já me tinha “feito isso” foddidamente duro não seria levado em conta.

—Homem de sorte —resmungou o condutor.

Dedos ásperos começaram a acariciar minha mandíbula e quase me afastei do indesejado toque, mas consegui me refrear. Aqueles dedos mudaram, puxando meu cabelo. Vários fios se liberaram, arrancados, e observei através de meus olhos entrecerrados como o homem furtivamente os colocava dentro de seu bolso. Seus movimentos trouxeram uma brisa de aromas díspares: entusiasmo, medo, e... rosas? Que estranho. Por que ele cheirava a rosas?

—Gostaria de tomá-la para um rodeio. —O condutor riu grosseiramente— Yeeehaaaw, neném. Yeehaw.

—A quem importa cavalgá-la? Ela é puro ouro. —A admiração gotejava das palavras de Bolas— Poderíamos vendê-la e repartir o dinheiro. Seguro que tiraremos muito mais do que nos pagam.

—Sim, e também pareceríamos mortos no dia seguinte —disse Colônia— Esses caras não



reparariam em gastos.

Condutor—: Exatamente. Assim nem brinque vendendo-a. Wayne nos mataria com seu vodu MEC.

Bolas soprou—: Não tenho medo desse bastardo outro-mundo. —O matiz de apreensão em sua voz desmentia sua valente afirmação.

Honrado Deus, faria um favor ao universo se cortasse a garganta de cada um! E poderia fazê-lo uma vez que acabasse com EenLi. Quanto tempo esperavam que dormisse? Quanto tempo teria que escutar toda esta merda sem reagir? Mantive minhas pestanas ligeiramente abertas, tentando pegar um vislumbre da paisagem de fora. No princípio só vi o noturno céu, mas as árvores logo entraram na vista. Seus ramos estavam nus.

Finalmente o carro parou. Colônia me tirou com cuidado e transportou a um pequeno edifício sombrio. Uma residência? Uma loja? Não podia dizer. Não havia nenhuma casa circundante, nem sinais. Nenhum som revelador. A luz da lua dançava sobre o telhado, transbordando e gotejando sobre a frágil e seca erva.

—Coloque-a dentro e ponha com os outros —disse o condutor.

—Sei o que fazer.

Com os outros? Isto significava que ainda não foram vendidos. Que podiam ser salvos. O entusiasmo se desdobrou em meu interior.

Meu captor empurrou a porta da rua e a abriu com um chute, sem se incomodar em utilizar um exploratório de identificação digital.

Que grande segurança. Dentro, ouvi o rangido da velha madeira, depois uma grade de ferro oxidada. Meus braços e pernas balançaram acima e abaixo enquanto Colônia descia por uma escada. O ar se tornou frio, úmido e com aroma de almíscar. Na distância, ouvi o estalo contínuo de correntes e gemidos femininos.

Meu entusiasmo se desinflou quando compreendi que também seria acorrentada. Que também seria feita uma escrava. Como podia, sem importar a razão, permitir de bom grado que isso acontecesse? Perguntei-me de novo. Se algo fosse mal... Se Lucius...

Não. Não! Não entre em pânico. Este era o plano. Estive encantada e completamente de acordo com isto, sabendo o que aconteceria. Lucius não falharia. Eu não falharia. Tinha minhas facas, e sabia me defender. Ficaria bem.

Esta era a única forma de encontrar EenLi. Este era o único modo de encontrar o dispositivo magnético que usava em suas viagens interplanetárias. Era a única maneira de salvar todos os outros que foram tomados como escravos. Agora não recuaria.

—Quanto tempo acha que ela ficará aqui? —perguntou Bolas a Colônia.

—Não estou seguro.

—Acredita que poderíamos...?

—Não.

—Nem sequer escutou o que ia d...

—Não.

Bolas se adiantou indignado com Colônia. Franzindo o cenho, inseriu uma chave numa



fechadura e logo a empurrou para abrir as portas metálicas. As dobradiças chiaram em protesto.

—Fora do meu caminho, puta. —Bolas chutou uma mulher agachada no chão.

Mais correntes agitadas. Pés revoltos; mulheres choramingando. Minha determinação para ver se intensificou. Falhei em salvar as duas humanas que EenLi e seus homens torturaram naquele depósito, mas podia salvar estas mulheres.

—Por que não pode deixá-las tranquilas? —Grunhiu Colônia— Vai machucá-las.

—Não devemos machucar à Raka. Estas fêmeas não importam.

—Elas também serão vendidas. Importam. Possivelmente tenha que falar com Wayne sobre sua atitude.

Bolas estremeceu—: Faça e te matarei.

Fui posta sobre um frio chão. Meus pulsos foram tomados num quente e caloso agarre antes de ser presos por frios grilhões. O pesado metal mordeu minha pele. Me manter ilesa! Dentro de uma hora meus pulsos estariam em carne viva.

—Vamos —disse Colônia— Temos que chamar Wayne e avisar que ela está aqui.

Bolas vacilou. Acredito que pensava em espremer meus seios ou minha virilha, mas pensou melhor. Os dois homens partiram, suas vozes discutindo e se apagando na distância. Apesar de tudo, não revelei que estava acordada. Permaneci exatamente onde estava, tranquila e quieta, escutando, esperando. Senti curiosos olhares me observando fixamente. Como reagiriam as mulheres ante mim? O que diriam? Minutos mais tarde, minha paciência foi recompensada.

—Odeio esse homem —cuspiu uma mulher.

—Todas o fazemos —interveio outra com desalento.

Passos engatinhando contra o maciço chão; correntes se arrastando e repicando. O aroma de rosas chegou à deriva até as aletas do meu nariz justo antes que uma quente perna se apertasse contra a minha, me oferecendo o calor de seu corpo. Rosas. Como Bolas. Sabia o que isso significava.

—Pobrezinha—disse à mulher que com tanta razão odiava Roda Bolas.

—Todas somos —replicou outra e mais amargurada voz feminina.

—Alguma vez viu tanto ouro?

—Eles a cortarão muito em breve —disse Amargurada— Se primeiro não a foderem.

Elas se compadeciam de mim, já me viam como uma delas. Uma escrava para ser violada e vendida. Já era suficiente. Gemi para avisar que “despertava”. Imediatamente a conversa cessou, e um pesado silêncio cresceu. Lentamente, entreabri meus olhos e depois deslizei a uma posição sentada.

As correntes eram pesadas, sobrecarregando meus pulsos e tornozelos. A mulher ao meu lado observou todos os meus movimentos, seus grandes olhos azuis abertos como pratos. Era uma coisinha bastante pequena, de ossos delicados e, comprido e reluzente cabelo loiro.

—Olá! —disse com cautela.

Dei uma olhada através da cela – e isso era exatamente o que era, a cela dez por dez de uma prisão - catalogando e memorizando cada detalhe. Havia cinco mulheres e nenhum homem. Eram jovens, de aproximadamente dezoito ou vinte anos, e humanas, vestidas com trajes que em



geral usavam nas Esquinas das Puta. Como eu, tinham os pulsos e tornozelos acorrentados. A longitude de nossas ataduras permitia caminhar ao redor de toda a cela. Não mais à frente.

Uma mesa repleta com carnes, pão e jarras de água se elevava contra a parede. Ao menos as garotas não passariam fome. Havia até um banheiro no final da cela, mas não tinha porta que o protegesse ou isolasse.

O único calor contra o úmido frio era um monte de grossas mantas... todas já agarradas. Não que eu necessitasse de alguma. Suportei coisas piores que o frio ar. Meu escrutínio continuou e descobri que a parede mais afastada tinha uma multidão de linhas gravadas. O número de dias que estavam aqui? Uma onda de cólera me percorreu por estas garotas tão jovens e inocentes. Esperava que o maldito isótopo que me injetei fizesse seu trabalho, que ajudasse Lucius a me rastrear até aqui.

Saberia já que fui sequestrada?

Com sorte não teria que esperar até minha “venda”. Queria começar a matança o quanto antes.

—Não se assuste —disse a loira com tom apazível— Alguém disse por que está aqui?

—Vamos ser vendidas a outros-mundos como escravas—me informou Amargurada, uma garota ruiva.

—Outros-mundos? —Obriguei-me a soltar um ofego... forçando a mim mesma a não saltar de entusiasmo ante sua resposta— Em outros planetas?

A tímida tragou ar e cabeceou.

Agarrei a garganta, como se tivesse medo.

—Como?

—Não é doloroso —se precipitou ela a me assegurar— Prenderão um colar ao redor de seu pescoço que de algum modo produz um vento. Num minuto está na Terra, e no seguinte se foi, mas não faz mal. Prometo isso.

Um colar... !Deus um colar! O entusiasmo se precipitou através de mim, mais potente que antes, e OH, tão excitante. Romeo pôs um colar antes de se dirigir ao claro. Agora tudo fazia sentido. Segundo Colin, para que fosse possível qualquer tipo de viagem interplanetária, uma tira magnética devia ser sustentada perto do corpo. Que melhor modo de ocultar um ímã perto do corpo que uma jóia?

—Ainda tem o colar? —perguntei.

—Não. —Ela sacudiu a cabeça, balançando os pálidos cachos ao redor de seus ombros— Por que?

A porta de metal abriu e um homem entrou em nossa cela, me salvando de responder. As mulheres imediatamente se encurvaram para a parede, se agachando. Inclusive a ruiva, quem mostrava um pouco de espírito, se afastou com medo. Não tinha visto este homem antes. Tinha o cabelo escuro e uma cara normal. Era alto, muito musculoso e irradiava um ar ameaçador. Arqueei uma majestosa sobrancelha.

Ele lançou uma manta para mim.

—Não adoeça —ordenou— ou te farei lamentar ter nascido.



—Me acredite, o aroma de seu fôlego já me faz lamentá-lo.

Vários ofegos femininos encheram meus ouvidos.

Seus olhos verdes se estreitaram.

—Melhor vigiar como se dirige a mim, mulher. Posso fazer que sua permanência aqui pareça uma viagem ao inferno. —Ele sorriu com ar de suficiência— Só pergunte às demais.

—Ah sim? —Não gostei de tão temerosas as mulheres se mostravam diante dele. Isso me fazia pensar que lhes fez coisas más, coisas horríveis. E isso me fez querer lhe fazer mal— Bom, posso te cortar as bolas e te dar para comer. O que acha disso?

Grunhindo sob sua garganta, se moveu para mim. Mal deu três passos, recordou as ordens de seu chefe de não me fazer mal e se deteve. Ficou de pé no lugar, apertando os punhos, os verdes olhos lançando faíscas com a necessidade de me ensinar uma lição. Me submeter e me dominar. Finalmente saiu da cela, fechando a porta com uma portada atrás dele.

As mulheres me olharam fixamente e em silencio durante muito tempo.

A loira finalmente disse entrecortadamente—: Poderia ter te matado. Violado. Golpeado. Gosta disso —admitiu ela com uma borda vergonhosa em suas palavras. Um rubor apareceu em suas bochechas, tão vivo que pareceu febril.

—Sim —disse com uma cabeça— poderia ter feito todas essas coisas, mas não sairia ileso. —Querida tanto as ajudar e tirar sua dor! Mas não podia. Ainda não. Assim faria por elas o que pudesse. Tentaria ensinar o que precisavam fazer se o bastardo se aproximasse delas de novo— Nunca permita que um homem te veja abaixar. Se souber que é mais forte que você, sempre te atacará. Essa é a natureza masculina. Ataque-os. Com palavras, com seus punhos. Golpeie com sua palma seu nariz. Afunde os olhos. Não tenha medo de fazer mal. Ele não terá medo de fazer isso a você.

—Mas... mas...

—Pode perder —disse— mas juro que pensará duas vezes antes de voltar por você outra vez.

—A não ser que a mate —acrescentou à ruiva, soando melancólica.

Independentemente do que fosse necessário, conseguiria tirar estas mulheres daqui.

CAPÍTULO 21

Não tive que esperar muito para minha entrega.

Depois de uma hora, dois homens entraram na cela para me levar. Colônia Cara e Roda Bolas. Que encantador. Uma reunião.

—Hora de ir, carinho —disse Colônia. Curiosamente impaciente, me desacorrentou e tentou me ajudar a levantar.

Afastei suas mãos e me pus em pé sozinha.

Ele franziu o cenho quando viu o inchaço e a vermelhidão de meus pulsos e tornozelos.



—Devia ter dito que tinha a pele tão delicada —me recriminou.

—Quando deveria ter dito? Antes que me sequestrasse? Enquanto dormia? —Idiota.

—Vai haver problemas por isso —resmungou ele.

—Que pena para você.

Franzindo o cenho, ele sacudiu a cabeça.

—Gostava mais quando estava adormecida.

—Bem, nunca gostei de você —poderia ser o mais amável de todos os guardas, mas isso não o tornava menos escravagista.

Suspirou e fez um gesto com a mão.

—Vamos.

—Por que? —Permaneci onde estava— Aonde me leva?

—Feche a boca! —Espetou Roda Bolas — Você não faz as perguntas. Simplesmente obedece as ordens.

De todo modo permaneci tercamente no lugar.

—Temos que te limpar —Colônia me fez gestos com os dedos outra vez— Vamos.

—Te levam ao banheiro para te dar uma ducha —sussurrou a loira.

—Gostam de olhar —acrescentou a ruiva desafiante, a voz alta e clara.

Bolas deu um passo ameaçador para ela, com a evidente intenção de esbofeteá-la com a mão elevada. Entrecerrando os olhos, me pus na frente dele. Seu braço ficou quieto.

—Estou pronta —endireitei os ombros— Mostre o caminho.

Ele lançou a ruiva um furioso olhar de “me pagará por isso mais tarde” e girou sobre os calcanhares. O segui fora da cela e Colônia se colocou atrás. Estavam tão confiados em suas capacidades e sua força que não me cobriram os olhos nem tentaram ocultar suas identidades. Idiotas, pensei de novo.

Embora alerta, dei uma olhada ao meu redor. Sem dúvida, estávamos numa zona subterrânea. A água gotejava do teto e a sujeira cobria o chão. A única luz saía de finas e débeis lâmpadas que penduravam de cabos igualmente finos.

Minha mente pululava com estratégias. Planejavam me espiar durante a ducha e eu planejava os frustrar. Mas como? Me superavam em força numérica. Inclusive poderiam me atordoar com uma pyre-arma e depois me limpar, tocar ou me violar sem que eu fosse capaz de protestar. Isso trouxe a pergunta de por que não o fizeram antes. Por que não aturdiram para me trazer até aqui?

O tempo, compreendi imediatamente. O atordoamento durava vinte e quatro horas. Deviam precisar de minha cooperação para... que? Apertei as mãos em punhos, mas nunca reduzi a marcha de meu passo. Levantei o queixo, ainda alerta enquanto entrávamos no vestíbulo da casa. Roda Bolas e Colônia Cara pararam para conversar com três homens que limpavam e passavam o aspirador, preparando o quarto para... um visitante? Para Lucius?

Chegaria logo para me comprar? Meus joelhos quase cederam de alívio ante essa possibilidade. EenLi também estaria aqui. O observando por semanas, sabia que fiscalizava todas as transações pessoalmente. Tudo poderia estar transformado em questão de horas. A



possibilidade que assim fosse era tão maravilhosa que parecia muito bom para ser verdade. Surrealista, inclusive.

Enquanto conversavam com os homens sobre o que as mulheres da cela precisavam, terminei meu escrutínio do quarto. Havia uma espaçosa sala de estar de um lado, completada por um sofá, uma grande tela holográfica e várias aveludadas cadeiras estofadas. Vazias garrafas de cerveja pulverizavam sobre uma mesa de centro retangular.

Embora não houvessem janelas, cortinas cobriam uma seção da parede, criando a ilusão do vidro.

Muito caseiro e acolhedor.

Umhas fortes mãos masculinas me empurraram com suavidade adiante.

—Caminhe —disse Colônia, terminando sua conversa com os outros.

Segui Bolas corredor abaixo. Lisas e sujas paredes amarelas se elevavam ao nosso redor. Estavam desprovidas de qualquer decoração, provavelmente para que os escravos não tivessem acesso a uma improvisada arma. Havia quatro portas no final do vestíbulo. Um delas conduzia a um pequeno e apertado banheiro, que foi na que entramos. Tinha paredes de gesso marrom e um chão estilhaçado. Uma mangueira de rocío de enzimas pendurava da parede mais afastada e um vaso sanitário descansava ao lado.

Diante de mim, Bolas parou, girou e dobrou os braços sobre o peito. Era muito magro e sua pele parecia seca e escamosa. E estava ficando calvo. Não era assombroso que tivesse essa atitude tão problemática.

—Tire a roupa —sorriu devagar, malvadamente— Logo se banhe. E se assegure de se limpar bem, ou terei que te lavar eu mesmo.

Ouvi o rangido da camisa de Colônia quando também cruzou os braços sobre o peito. Isto realmente me irritou. De todos os homens que encontrei nesta casa, Colônia parecia o mais amável, o mais preocupado pelas mulheres. Se estava disposto a me humilhar assim, também estaria disposto a uma rapidinha.

Girando de lado, fiquei de perfil para os dois homens e me mostrei indiferente.

—Me despirei quando os dois saírem.

Bolas arqueou as sobrancelhas com presunçosa diversão. Queria que resistisse. Queria me assustar.

—Se dispa. Agora. Ou o farei por você.

— Saía. Agora —respondi— Ou o farei por você.

Colônia suspirou e o som vagou através do pequeno banheiro.

—Não vamos te fazer mal. Só olharemos.

—Só violarão minha intimidade, quer dizer.

—Esta é sua última oportunidade. Se dispa você mesma —disse Bolas— ou se dispa com nossa ajuda.

Primeiro, não queria que vissem minhas armas. E segundo, ficar nua provavelmente seria convidá-los à violação. Não, obrigado. Um suor frio explodiu sobre minha pele. Isso não era bom. Diferente dos humanos, o suor me deixava mais atrativa. As gotas de umidade faziam que minha



carne parecesse ouro polido e polvilhado. Resplandecia. Como uma fada. Não queria ficar atrativa neste momento. Queria parecer feia e mesquinha, capaz de fazer qualquer maldade.

Saber que outras mulheres suportaram isto, que não tiveram nenhum modo de evitá-lo, tornou meu medo em força.

—Se me ajudar a me despir —disse devagar, com cuidado— haverá uma luta. Uma luta de morte. Entende?

—Raka, é uma mulher —Colônia deu um passo para mim e com cansada expressão me pediu que o entendesse— Não pode nos fazer mal.

Bolas também se moveu para mim. Tentavam me rodear, me ameaçando e me intimidando com sua força.

—Mas serei ferida e isso me converterá num bem prejudicado. Verão, falei com as garotas. Sei por que estamos aqui. Estamos sendo vendidas como escravas. Seu chefe quer um preço superior por mim, verdade?

O silêncio reinou enquanto consideravam minhas palavras. Não sabia por quanto tempo ou com que frequência poderia usar essa ameaça em particular, mas a usaria enquanto pudesse.

Graças a Deus, funcionou.

—Você ganha —disse Colônia com um resignado suspiro.

—O que! —gritou Bolas.

—Aqui não há janelas. A única saída é pela porta. Ficaremos ali, esperando, e se tentar escapar a castigaremos. Tanto se isso diminuir seu valor como se não. Entendeu?

—Covarde! —Bolas fechou seu punho contra a palma de sua mão— Não iremos. Segure-a e eu arrancarei essa maldita roupa de seu corpo.

Esperando um ataque dele, dobrei meus joelhos ligeiramente e centrei minha energia. Apesar de tudo, jamais se moveu para mim. Colônia o agarrou pelo braço e o jogou fora do banheiro. O homem menor se chocou contra a parede e deslizou num monte sobre a podre madeira do chão.

—Nem sempre se sairá com a sua —me disse— Será melhor para você que compreenda logo —entrecerrando os olhos, cruzou rapidamente o banheiro e fechou a porta atrás dele. —Tem quinze minutos. Se lave e ponha a roupa que descansa sobre a tampa do vaso.

Dei uma olhada no vaso. Um transparente tecido rosado cobria a tampa. Levantei o material com dois dedos. Calças e um Top que mostrava o abdômen. Me vestiam como uma puta de harém.

Genial!

Franzindo o cenho, conectei a ducha apertando os etiquetados botões. Um quente rocio empanou a banheira de porcelana. Entretanto, não entrei. Passei a maior parte dos meus quinze minutos observando a porta e procurando um modo de ocultar minhas facas sob meu novo e transparente traje.

Só uma vez alguém tentou entrar. Quando a maçaneta deu uma volta, gritei—: Faça e morrerão.

A porta permaneceu firmemente fechada depois disso, sem abrir até que eu disse—:



Terminado.

No final, só consegui ocultar uma faca. Atei ao redor da tira do ombro do sutiã interno. A outra... tive que atirá-la entre as lajes de madeira do chão.

Teria gostado de observar meu reflexo num espelho. Estou segura que parecia delicada e frágil, uma escrava sexual desesperada pelos cuidados de seu amo. A baixa cintura das minhas calças começava em meus brilhantes quadris, e minha blusa “se podia se chamar assim” terminava justo abaixo dos meus seios.

Meus dois guardas franziam o cenho quando abriram a porta, mas seus olhos se arregalaram e suas bocas caíram abertas quando me viram. Bolas até elevou a mão para passar seus dedos sobre minha clavícula, mas agarrei o ofensivo apêndice e o retorci. Ele uivou e usou sua outra mão para me esbofetear.

Senti uma aguda picada, e minha cabeça girou de lado. Lentamente, o confrontei com os olhos entrecerrados e esfreguei meu agora palpitante lábio. Uma quente umidade saudou meus dedos.

Um brilho de horror brilhou em seus negros olhos.

—Diga a alguém que te fiz isso —disse brandamente, de maneira ameaçadora— e te matarei.

OH, como quis cortar sua garganta neste mesmo momento! Mas não fiz nada. Cabeceei como se me assustasse a advertência. Ele recuou, girou sobre seus calcanhares, e se afastou de uma pernada.

—Está bem? —perguntou Colônia, sua preocupação indesejada e desnecessária.

—Estou bem.

—Hora de ir, então.

Deu-me uma cotovelada no ombro numa demanda para que me movesse. Meus olhos se fixaram nas costas de Bolas enquanto o seguia até a sala de estar que os guardas estavam limpando antes. No momento que dei um passo dentro e vi quem me esperava, congelei. Minha abrupta parada fez que Colônia se chocasse contra minhas costas, me empurrando adiante. Tentou me ajudar a recuperar o equilíbrio, mas afastei suas mãos com um tapa.

Quando meus pés se estabilizaram, meu pulso saltou e meu sangue tanto esquentou como esfriou. Aqui estava. Minha venda. A equipe de limpeza partiu e em seu lugar estavam Jonathan Parker, Lucius e outro homem, outro-mundo que não reconheci.

Meu olhar se fechou sobre Lucius. Estava tão contente de vê-lo! Deu-me uma quase imperceptível cabeçada antes que seus olhos se estreitassem sobre a contusão de meu lábio.

Lutando para não sorrir, me obriguei a enfocar minha atenção em outro lugar. O outro-mundo sentado junto dele era um Targon, a raça mais temida de guerreiros que já chegou a Terra. Nosso governo faria tudo para ter alguns deles lutando junto a nós. Eram uma raça alta e corpulenta, sem dúvida alguma, mas esse não era seu principal valor. Suas habilidades telequinesias ultrapassavam até a dos Arcadians.

Este era formoso e mais musculoso que qualquer homem que jamais vi. Tinha o cabelo negro, misteriosos olhos cor âmbar e uma pele muito clara. Usava um colar de ouro com uma feia



pedra incrustada no centro. Meus olhos se estreitaram nele. Seria usado para as viagens interplanetárias?

Quando chegaria EenLi? Uma onda de impaciência estalou contra mim, e não estava segura de como reagiria quando visse o bastardo.

—Estou tão contente de que todo mundo tenha vindo —proclamou uma voz gravemente acentuada de repente.

EenLi.

Meu coração começou a pulsar de forma irregular e rapidamente explorei o quarto. Onde estava? Não o via e... inspirei profundamente. Ali, sobre uma grande tela holográfica sobre o sofá, estava EenLi, com um sorriso autossuficiente em sua feia cara. Seu tom era de um brilhante rosado, demonstrando o satisfeito que estava consigo mesmo.

A decepção quase me derruba, quase me fez cair de joelhos. Esperava-o aqui, se ocupando pessoalmente dos detalhes da venda. Maldito seja. Maldito seja!

Sua calva cabeça brilhava intensamente sob a luz fluorescente. Aquela mesma luz o tornava maior, as pupilas de seus brancos olhos menores e sua pele rosada parecia translúcida. Muito misterioso. E completamente em desacordo com sua camisa vaqueira e o vermelho lenço preso ao redor do pescoço.

Querida esse bastardo morto com desespero. Era o mal encarnado e merecia morrer. Sentia como se esperasse para sempre, e agora parecia que teria que continuar esperando ainda mais tempo. A tecnologia avançou muito, mas ainda não podíamos assassinar um homem através da televisão. Condenação por isso, e condenação por mim!

Lucius e eu agora estávamos em maior desvantagem. Se um de nós não atuasse bem e não convencesse EenLi, desapareceriam nossos disfarces, e o mais provável é que nos matassem no conseguinte tiroteio. E ali haveria um tiroteio. Os guardas estavam colocados por toda a casa e no momento que ouvissem os disparos e gritos, entrariam no quarto. Se matassem Lucius e a mim, as mulheres abaixo estariam condenadas a uma vida de violação, humilhação e servidão. Não podia deixar que isso acontecesse.

Exalei um fôlego, lutando para superar minha decepção, sem saber o que fazer a partir de agora.

Dei uma olhada aos homens que sentavam no sofá, notando pequenos detalhes que omiti antes.

Cada homem sustentava um charuto e um copo de uísque escocês. Que pitoresco! Um verdadeiro momento de vinculação entre eles.

—Você —disse para Lucius, tentando parecer impressionada e horrorizada, ainda quando vê-lo me dava o único sentimento de paz.

Se EenLi sabia que eu era uma agente, não queria que suspeitasse que na realidade trabalhasse com ele. Dirigi um falso olhar de suplica para Parker, e inclusive tentei correr para ele antes que Bolas me agarrasse pelo braço e me detivesse.

—Jonathan, tem que me ajudar. Fui sequestrada, e...

—Sei, querida —ele bebeu um gole de uísque enquanto a fumaça do charuto ondulava em



frente à sua cara— Não deveria ser uma garota tão travessa.

Pronunciei um assustado ofego enquanto mentalmente imaginava seu falecimento. Apodreça no inferno, filho da puta.

—Toquem minha propriedade outra vez —grunhiu Lucius, seu escuro e entrecerrado olhar lançando chispadas de fogo a Colônia e Bolas— e cortarei suas mãos.

Deixou de repente seu copo e charuto na mesa, causando um forte boom.

Ambos os guardas saltaram imediatamente longe de mim. Realmente, realmente gostava quando Lucius tomava o comando.

Da tela, EenLi riu. O som da voz se repetiu pelos alto-falantes próximos.

—Paciência, humano —disse. Sua pele ruborizou ainda mais... —não é tua ainda.

Com uma simples ondulação dos dedos, ordenou aos seus guardas que voltassem.

—A segurem.

Vacilantes, os homens agarraram meus antebraços e me seguraram no lugar. Enquanto estava ali de pé, os homens sentados no sofá me inspecionaram.

—Quero saber quem a golpeou —exigiu Lucius— Devia ser entregue aqui ilesa.

Ao meu lado, Bolas tremeu. Só houve silêncio.

—Quem a golpeou? —repetiu Lucius, com um fio de perigo em seu tom que jamais escutei.

—Nós insistimos que estivesse ilesa —reiterou Jonathan com um cenho.

—Exijo reparação —disse Lucius.

EenLi perdeu seu sorriso.

—Responde, moça. Quem te golpeou?

Assinalei Bolas com uma acusadora inclinação de queixo.

—Ele o fez.

—Putá! —chiou Bolas, quase me arrancando o braço de um puxão. Ele olhou em tom de súplica para EenLi.

—Mente. Juro que ela mente.

—Disse a verdade —lançou Colônia com firmeza.

—Não, não, Eu não a toquei...

—Vi como o fez —soltou Colônia outra vez.

Com a compreensão que não podia continuar refutando suas palavras, Bolas mudou de tática.

—Sinto muito, Wayne —me liberou e caiu de joelhos, com as lágrimas derramando de seus olhos— Não queria feri-la, juro. Tropeçou e entrou em contato com minha mão. Isso é tudo que aconteceu. Por favor, não me faça mal. Me dê outra oportunidade.

Indiferente, EenLi cabeceou para Colônia. Entre os gritos de Bolas por piedade, meu guarda retirou uma electro-arma da cintura traseira das calças. A surpresa explodiu em meu interior enquanto compreendia o que estava observando e minha boca caiu aberta. O corpo da arma era transparente, os brilhos de eletricidade visíveis no interior. Esse tipo de arma não estava ainda no mercado porque Michael, que era seu criador, ainda tinha que aperfeiçoá-la.

Inclusive eu ainda não tinha usado uma.



Havia um traidor entre nós? A ideia converteu meu sangue em gelo porque isso fazia reluzir outra pergunta mais terrível. EenLi sabia que Lucius era um agente? Não, me assegurei. Embora tivesse a electro-arma, não acreditava que soubesse quem era Lucius. Teria matado meu companheiro imediatamente.

Bolas começou a soluçar. Com olhos cheios de resignação, Colônia colocou rapidamente o cano na têmpora do outro homem e apertou o gatilho. Para nós, pareceu que não acontecer nada. Nenhum brilho de luz. Nenhuma emissão de som. O corpo de Bolas tremeu e estremeceu enquanto a eletricidade vertia através dele. As aletas de seu nariz logo se contornaram de negro, e o vapor saiu de suas orelhas. Então caiu de barriga para baixo sobre o tapete.

Colônia embainhou a arma. EenLi e Jonathan cabecearam com satisfação. A expressão de Lucius estava em branco enquanto cruzava os braços sobre o peito, discretamente pondo seus dedos ao alcance de suas armas.

Em que diabos nos tínhamos metido?

CAPÍTULO 22

Ninguém se incomodou em mover o corpo.

O aroma de carne humana carbonizada se mesclou com o aroma da fumaça do charuto e o caro uísque escocês enquanto a reunião continuava. Colônia retornou à sua posição atrás de mim e me agarrou pelos ombros para, uma vez mais, me manter no lugar. Não protestei.

Estava preparada para que esta “compra” acabasse.

—Jonathan, Hunter, Devyn —disse EenLi com outro malicioso sorriso— Que comece a luta.

Ante as palavras, não entrei em pânico. Assim iam se enfrentar numa luta por mim? Lucius e eu já tínhamos suspeitado que pudesse acontecer. Meus olhos viajaram para ele. Se ele, como se supunha, me comprasse, depois compraria nossa viagem a outro planeta por motivos “legais.” Uma vez que tivéssemos aquela informação, poderíamos matar EenLi. Entretanto, havia uma boa possibilidade que alguém mais me adquirisse.

Lucius parecia relaxado, completamente tranquilo, como se soubesse exatamente o que fazer. Bem. Sabia que faria tudo que estivesse em seu poder para me conseguir, e se não o fizesse, faria o que fosse necessário. Como eu. Confiava nele. Total e completamente, compreendi. E estava bastante segura que ele confiava em mim.

—Se vire—me ordenou EenLi em tom imperioso.

Minhas bochechas avermelharam ao ser tratada como se fosse uma de seu “rebanho.” Cada homem presente me observava, me estudando, procurando defeitos. O Targon esfregou sua mandíbula, a expressão em branco, enquanto seu fixo olhar deslizava sobre mim.

O aperto de Colônia se intensificou.

—Faça.

Se não girasse para eles, me obrigariam. E não haveria mais indultos para mim sob a



desculpa de não me machucar. Vi nos agora brilhantes olhos vermelhos de EenLi. Quer terminar com esta venda, recorda?

Levantei o queixo e dei a volta. Lentamente. Dando a todos a oportunidade de observar como minhas curvas enchem minha rosa e diáfana vestimenta. Senti o calor de seus olhares me tocando por toda parte, me despindo.

Quantas vezes suportaram isto outras mulheres? Quantas vezes foram forçadas a mostrar seus corpos a homens que desprezavam? Minhas mãos tremeram com a força da minha humilhação. E sob tudo isso, um novo sentimento de respeito e admiração para as cinco mulheres presas abaixo cresceu em meu interior. Eram sobreviventes.

Sim, eu as salvaria; minha determinação aumentou ainda mais. Custasse o que custasse.

Quando confrontei os homens de novo, EenLi sorria feliz na tela, a feia cara estirada numa monstruosidade dentuça. O vermelho descolorido a um rosado.

—Quase me tentam a manter à pequena agente para mim —disse— É poderosa sob toda essa delicadeza.

Já estava. Sabia que eu era uma agente. Provavelmente por isso estava aqui em holograma e não em pessoa. Só me surpreendia que não desfrutasse da minha captura.

—Qualquer que seja seu preço —disse Lucius, sua áspera e grave voz me reclamando — eu pago.

—E eu o dobrarei —disse Jonathan.

Lucius assobiou um fôlego.

—O que disse?

—Já me ouviu —Jonathan ficou na defensiva— Também a quero. Não acreditou que te ajudei pela bondade do meu coração, verdade? —Deixou cair à cinza do charuto sobre os caros mocassins italianos de Lucius.

—Por favor, me diga que não foi tão estúpido.

Meu companheiro grunhiu sob sua garganta “e não pensei isso fosse uma mera farsa”.

—Não posso acreditar que seja a sério com isto. É minha. Sabe que a quero.

—Isso já veremos, não acha? —Jonathan arqueou suas sobrancelhas, sua expressão arrogante.

Um terrível silêncio encheu o quarto, deslizando sobre as paredes como uma serpente pronta para atacar. Vamos, meninos. Simplesmente comprem já.

Inclinando-se para diante, Lucius disse escuramente.

—Está seguro que quer enfrentar a mim?

Jonathan riu nervosamente e assumiu uma fingida postura ocasional, com as pernas estiradas e as mãos unidas sobre as lapelas da jaqueta azul escura.

—Poderá tê-la quando acabar com ela.

—Nenhum de vocês a terá —o Targon permaneceu calado até aquele momento e agora seu profundo timbre se repetiu pelas paredes. Enquanto ele me estudava, acariciava a dourada cinta que levava ao redor do pescoço, seus dedos rodeando a feia pedra marrom do meio.

—A levarei —disse, como se fosse o final de todo o assunto.



—Números, cavalheiros —EenLi esfregou as mãos como um menino avaro— Preciso de cifras reais.

—Um milhão —disse Jonathan.

—Dois. —soltou o Targon.

—Cinco —contra-atacou Lucius.

Ele relaxou em seu assento, sentindo-se mais seguro da vitória. Fosse qual fosse a quantidade necessária, pagaria. Ou fingiria pagar, deveria dizer.

O Targon respondeu.

—Cinco milhões de dólares da Terra, mais dois guerreiros Targon.

—Feito —sorrindo abertamente, EenLi deu várias palmadas— A mulher é tua.

—Não —num movimento escuro, fluido, Lucius saltou sobre os pés.

Os olhos de EenLi se estreitaram em diminutas fendas.

—Te encontrarei outra Raka, Hunter.

—Eu quero esta —disse, me assinalando— É minha. Me prometeram isso . Encontre outra para ele.

—Na realidade, me prometeram isso —Jonathan agarrou seu charuto tão forte que este se partiu pela metade.

—Por favor me diga que não é tão parvo para pensar que eu a reservaria para você, Jonathan —disse EenLi, repetindo as palavras que antes disse para Lucius— Já possuo sua alma. Que necessidade tenho de te manter contente?

—Respeitei seu pai, e estarei feliz de trabalhar contigo num futuro para te conseguir outra Raka. Mas esta, tenho uma melhor oferta desde o começo —disse para Lucius.

—Ela é minha, maldito seja —grunhiu Lucius. Isto é mau para o negócio. O que dirão seus outros clientes quando compreenderem que não é um homem de palavra?

Outro silêncio explodiu, este mais pesado que o anterior.

A pele de EenLi pulsou de um escuro carmesim.

—Não me converta em seu inimigo —seus lábios se apertaram, as palavras saindo só de uma diminuta fatia.

Lucius olhou para a tela.

—Falemos disto.

—Não.

Enquanto escutava, compreendi que EenLi sempre pensou em me vender ao Targon. Que melhor modo de ganhar uma aliança com tais guerreiros invencíveis? Depois de perder o Mris-ste e descobrir que ele mesmo era objetivo do governo para ser eliminado, EenLi provavelmente via isto como sua oportunidade para adquirir um escudo impenetrável. Ou dois.

—Quero falar —insistiu Lucius— De homem a homem. Cara a cara.

—Não! Está bastante zangado para tentar me matar agora mesmo.

Sabia o que ele fazia, tentava chegar a EenLi, e o forçava. Entretanto, não queria ser tirada deste edifício até que as mulheres abaixo estivessem a salvo. Teria que mostrar algum tipo de luta, possivelmente correr. E logo... o que? Suponho que o averiguaríamos. Furtivamente, movi pouco a



pouco os dedos para a pequena adaga presa em minhas costas.

O Targon ficou de pé, seus olhos observando cada um de meus movimentos. Jamais vi olhos como os seus. Como chamas fundidas de ouro, acesos com veemência, quase hipnóticos. Seus traços bem definidos brilhavam com diversão.

—Vêem —me disse, até a voz sustentava uma qualidade hipnótica.

De uma forma estranha, me obrigou a obedecer. Algo profundo em meu interior ouviu e respondeu à sua voz, querendo fazer tudo que estivesse em meu poder para o agradar. O resto do quarto apagou até que só vi o Targon. Meus pensamentos se dispersaram, perfilando-se ao redor de sua formosa imagem.

—Vêem —disse de novo.

Se concentre, Eden. Se concentre. Não escute sua voz. Pense só no que tem que fazer.

Lutar. Sim, tinha que lutar, salvar as mulheres. Com aquele pensamento, rompi o feitiço.

Onde o Targon seria vulnerável? Seu pescoço? Peito? Nunca matei um antes.

—Vêem —disse pela terceira vez.

Me movi para ele, deslizando minha adaga da tira, usando meu braço e pulso para protegê-la de sua vista.

Lucius se colocou em frente a mim e confrontou o Targon.

—Já que Wayne se recusa a se encontrar comigo, lidarei com você. Me permita comprá-la. Pagarei o que quiser.

—Ela já não está à venda —disse o outro-mundo com um pingo de irritação.

—Não a levará deste planeta.

Toquei com meus dedos as costas de Lucius, o avisando silenciosamente que sabia o que tinha que fazer e ia fazê-lo. Ele não se afastou. Sabia que sentiu meu toque, entretanto, porque seus músculos se esticaram com o primeiro contato.

O Targon levantou as sobrancelhas.

—Se planeja me deter, humano, sugiro que nem sequer tente. As pessoas tendem a se machucar quando me incomodam.

—Agora que nossos negócios concluíram —lançou EenLi, quando alguém se aproximou de sua imagem por trás— deixo-o sozinho para que recolha seu prêmio. Espero esses guerreiros Targon na soleira da minha porta amanhã pela manhã, Devyn.

A tela holográfica ficou em branco.

Jonathan tocou Lucius, mas Lucius agarrou seu braço e torceu, rompendo o osso. Jonathan uivou de dor e caiu de joelhos. Depois Lucius saltou para o Targon. Sem se mover nenhuma polegada, o outro-mundo atirou Lucius no chão, ao lado de Jonathan.

Eu também saltei adiante, minha faca levantada e preparada para atacar. Mas imediatamente, meus pés congelaram no lugar e a faca caiu da minha mão. Não podia me mover. Mal podia respirar.

—Não se assuste, pequena Raka —o Targon me enviou um sorriso tranquilizador— Te liberarei da paralisia muito em breve.

O bastardo me controlava com a mente. O pânico se desdobrou em meu interior, mas lutei



contra ele, tentado erguer algum tipo de escudo. Seu poder demonstrou ser muito forte, apesar de tudo...

Ainda sorrindo amplamente, jogou uma dourada tira para mim. Como uma serpente, a cinta enroscou por si mesma na base da minha garganta, não o suficientemente apertada para me afogar, mas o bastante para ficar presa no lugar.

Lancei um assustado olhar abaixo; uma gema âmbar brilhava sobre ela. Quis arrancar a cinta, mas não podia. Voltei a olhar para Lucius, o observando impotentemente, assim como horrorizada.

Desde que golpeou o tapete, ainda não tinha se movido.

—O que fez? —Exigi.

—Simplesmente dorme —disse o Targon.

Confirmando as palavras do outro-mundo, Lucius gemeu. Seus olhos abriram e levantou fracamente a cabeça. Quando me viu, tentou avançar lentamente para me proteger.

—Acredito que deveria dormir eternamente —disse Jonathan, tirando de repente uma arma antiga. Realmente não pude fazer nada salvo gritar, cravada no lugar como estava, enquanto ele disparava. Uma bala se alojou abaixo do ombro esquerdo de Lucius, causando um espasmo em todo seu corpo. Em seu coração?

Uma fria raiva cortou através de mim. O Targon afastou seu olhar de mim e franziu o cenho de volta ao agora sangrento Lucius. Sua desatenção me liberou da paralisia. Imediatamente recolhi minha faca e, sem pensar nem um segundo, lancei-a contra Jonathan. O afiado metal se cravou na sua garganta. Seus olhos se arregalaram, e ele gorjeou enquanto seus joelhos cediam e afundava no chão. Eu já saltava para frente e alcançava a faca quando uma nuvem escura cobriu minha mente.

Me afundando... afundando. Lutei contra isso, arranhando com garras mentais.

De improviso, a névoa se dissipou.

—O que aconteceu? —Perguntei, aturdida.

O Targon piscou com surpresa.

—Tem escudos mentais, embora não muito fortes.

Ele suspirou, e congelei no lugar outra vez. Ele retirou um pequeno frasco do bolso, afastou o cabelo da minha cara, e verteu o conteúdo sob minha garganta. Eu o expulsei de volta, mas devo ter cuspido muito tarde o amargo líquido. Soube no momento que o sabor golpeou minha língua, que não era um opiáceo como o que Colônia me deu.

Este homem fez seus deveres sobre os Rakas. Sabia que o medicamento humano chamado anti-histamínico, misturado com álcool, nos deixava sempre aturdidos. Quando a letargia me golpeou, chegou rapidamente e com força. A última imagem que foi à deriva através da minha mente, foi a de Lucius coberto de seu próprio sangue.



A imagem do vibrante e forte corpo de Lucius, sangrando e sem vida, transpassou de repente a negra névoa e a letargia da minha mente.

—Lucius! —gritei. O som de seu nome se repetiu ao meu redor.

—Bem-vinda à Targon —sussurraram em minha mente.

Targon. Não. Não! Minhas pálpebras se abriram de repente. Meu fôlego entrou em curtos e erráticos ofegos, como se acabasse de correr uma maratona colina acima. Procurei outras pessoas, mas não vi ninguém. E se foi um sonho?... Um pesadelo, possivelmente? Mordi o lábio inferior, provocando uma aguda ardência e uma gota de sangue. Lucius realmente recebeu um tiro. Recordava meu leilão e o estrondo da arma de Jonathan ao ser disparada, recordava o metálico aroma de sangue humano.

Lucius, pensei, com uma onda de medo me alcançando. Tinha que chegar nele. Agora mesmo estava ferido e indefeso numa casa cheia de guardas de EenLi, e ninguém sabia que estava ali, exceto eu.

Não me permiti pensar que estivesse... Não. Não o faria.

As mulheres, também, se encontravam necessitadas. Tinha que as salvar.

Sentei toda reta, levando comigo o suave cobertor branco que cobria meu corpo. Meus olhos dispararam em todas as direções do quarto. Desconhecido. Amplo e aberto. O tule branco ondeava de muitas janelas e portas. Estava sobre uma branca plataforma com almofadas parecidas com veludo. E não havia nenhum guarda postado que eu pudesse ver.

Onde diabos estava?

Targon...

Não estava segura se o isótopo que ingeri me rastrearía até aqui, e não havia tempo de descobrir. De todo modo, um resgate interplanetário parecia impossível, já que não conhecíamos todos os detalhes sobre as explosões solares. Não, teria que me liberar sozinha. E rápido.

Deus, tinha que chegar em casa!

Empurrei para sair dos lençóis e me pus de pé. Minhas pernas estavam instáveis, me perguntando quanto tempo passei dormindo. Ao menos o Targon não me despiu. Tinha deixado o traje rosa de harém. Elevei a mão, mas o colar que me transportou não estava. Necessitava-o para passar através de uma explosão solar. Onde estaria?

Inalando uma profunda baforada do doce e florido ar, explorei a espaçosa sala outra vez. Teria oculto o colar numa fruteira? Não. Vazia. Uma gaveta... possivelmente o meteu dentro. Saltei adiante, mas patinei ao me deter quando o escutei falar.

—Estou tão contente que por fim esteja acordada —me disse sua rica e sensual voz.

Dei a volta. O Targon se apoiava contra uma das muitas entradas, o branco encaixe da janela dançando sobre suas nuas pernas. Seus olhos formaram redemoinhos com vida própria; o negro cabelo fluía ao redor dos ombros, ambos os lados presos atrás das orelhas. Pude ver que estas eram bicudas, como a dos mágicos Fae dos contos infantis. Usava algum tipo de vestimenta escocesa, com um kilt negro e nenhuma camisa.

—Me dê o colar e me leve de volta —exigi.



Ele estalou a língua.

—Não fomos apresentados corretamente. Você é Eden Black, intérprete outro-mundo e agente do governo. Eu sou Devyn Cambrii, rei desta terra.

Rei. O fodido rei. Sabia um pouco da historia Targon. Um rei não era designado por nascimento, mas sim por sua força telesinésica. Mil nós diminutos retorceram meu estômago. Eu não tinha armas e meu oponente tinha o poder de me congelar no lugar. Como diabos ia combatê-lo?

—Por favor —disse, a palavra escapando de meus lábios franzidos— Me leve de volta.

—EenLi levou mais de um ano para me encontrar uma Raka —respondeu ele— Lamento, doce anjo, mas o único lugar em que te levarei é minha cama.

Meus punhos se apertaram.

—E se me nego?

Seus lábios se estiraram, e a diversão brilhou em seus também olhos âmbar.

—Sua recusa não será um problema.

Não, não seria, pensei sombriamente. Já tinha demonstrado suas habilidades muito amavelmente. Se decidia me congelar e me violar, não haveria nada que eu pudesse fazer para detê-lo.

Apesar de tudo, recusei a mostrar qualquer reação externa àquele comentário. Se gostava do medo numa fêmea, poderia chegar a excitar-se.

—Por que uma Raka? —Perguntei, mantendo-o falando e elevando o queixo— Não há nada especial em minha raça.

—OH, lamento não estar de acordo.

—Por causa do ouro?

Ele soltou uma deliciosa risadinha.

—Não sou humano. O ouro não me diz nada.

—Então por que?

—Nunca provei uma Raka. Há muito poucos dos teus na Terra devido a esses parvos humanos ambiciosos. E não permitem estranhos no planeta Raka. O que é uma vergonha, realmente. Poderia me ter dado um banquete há meses se a entrada fosse permitida. —Sua voz baixou uma oitava— Quis provar uma Raka durante muito, muito tempo.

Arqueei uma sobrancelha, fingindo despreocupação.

—Provar de forma passional? Ou como jantar?

Ele riu de novo, seus traços se abrandando. A mulher em mim apreciou sua varonil beleza, sua masculina sensualidade. Mas não era Lucius. Não teria nenhum homem, exceto Lucius. Em nosso curto tempo juntos, aprendi a respeitá-lo e apreciá-lo. E o desejava constantemente. Significava algo para mim. O que, não sabia. Só sabia que assim era.

—Passional, é obvio —disse o Targon— Provei mulheres de todos os cantos da galáxia. Preciso de algo diferente. Algo único. —Ele se endireitou e se dirigiu lentamente para mim.

—Pare —gritei, dobrando os joelhos e me preparando para a batalha.

Surpreendentemente, ele o fez. Ficou a uma distância segura enquanto seu olhar viajava por



todo meu corpo.

—Só desejo saber se é tão suave ao toque como parece. Certamente, não me negará um simples toque.

—Nego o direito inclusive de respirar na minha direção.

—Sua resistência é adorável, assim te concederei sua petição e não te tocarei. Por agora.

—Obrigado —disse com tom seco.

—De nada. —Ele sorriu abertamente— Me alegro de te acrescentar na minha coleção.

—Sua coleção?

—OH, sim. Como verá, amo às mulheres. Gosto de sua suavidade, suas complexidades, seus aromas. Decidi provar uma mulher de cada cor, raça e tamanho...

—E não se importa que alguma dessas mulheres possa não te desejar?

—Podem não me desejar... no princípio. —Seu sorriso se alargou— Sempre as faço mudar de ideia.

—Não te quero —grunhi— Quero outro.

O Targon simplesmente encolheu de ombros.

—Você também mudará de ideia. —Ele soou tão crédulo, tão completamente seguro de minha capitulação! Me observando através daqueles olhos âmbar cheios de diversão, ele renovou seu caminho em volta de mim— Poderia começar a mudar de ideia agora mesmo —disse, embora mudasse de direção e parou em frente a uma cômoda. Levantou a branca fruteira de pedra. Havendo-a inspecionado antes, sabia que dentro só haviam umas pequenas esferas azuis.

Não me movi quando se aproximou, embora cada um de meus instintos exigisse que o atacasse. Ele simplesmente me roçou ao passar junto a mim. Nossos ombros nus se encontraram, pele com pele, a sua surpreendentemente fria, a minha quente por meu desespero por partir. Ele sentou sobre um monte de almofadões. O aroma de exóticas especiarias o seguiu e ficou no ar. Se recostou, assumindo uma preguiçosa e sedutora postura, e acariciou o assento junto a ele.

—É esta a parte em que mudo de ideia?

—Que suspicaz, pequena Raka. —Ele meteu uma fruta na boca e mastigou— Infelizmente não. Este não é o momento-para-chegar-a-te-conhecer. Se preferir, podemos saltar isso. Não sou exigente. Vêem a mim.

Pensei em recusar sua demanda. Não queria chegar a conhecê-lo melhor; não queria sentar ao seu lado e brincar seu tolo jogo de sedução. A necessidade de chegar à Lucius e às mulheres se intensificava a cada segundo que passava. Maldito seja! Jamais me senti tão desamparada.

—Vamos —disse Devyn, seu tom mais firme e duro que antes. O brilho divertido se apagava de seus olhos, se convertendo em simples expectativa.

Me aproximei e afundei nos almofadões junto dele.

—Isso está melhor —disse ele, colocando a mão na tigela e retirando uma esfera. Seus brancos dentes afundaram nela, consumindo metade— Coma. —Quando tentou escorregar o resto diante de meus lábios, arranquei-a de sua mão e a joguei através do quarto.

Peguei uma parte de fruta sem sementes de Targon e meti na boca. O doce e caramelado sabor fez que cada uma das minhas papilas gustativas saltasse à vida e me encontrei estendendo a



mão por outra.

Ele suspirou, os pedaços de sua diversão voltando.

—Teremos que trabalhar sua obstinação. É uma honra comer com o rei, sabe?

—Tenho que voltar para a Terra, Devyn.

—Esta é agora sua casa.

Me inclinei adiante, suplicando com minha voz e meus olhos.

—Por favor. Me dê o colar e me leve de volta. Tenho um homem, uma missão, devo retornar.

Devyn estendeu a mão e acariciou meu cabelo entre seus dedos. Os dourados fios pareciam formosos cobrindo sua pálida pele.

—O homem em que dispararam. Hunter, acredito que se chama. É seu homem, verdade?

—Sim. —Apertei os almofadões, espremendo o material entre meus punhos— Como soube? Seus enormes ombros se elevaram num encolhimento.

—Pela forma como o olhava; pela forma que ele te olhava. Embora sinta curiosidade, se era seu homem, por que estava ali para te comprar?

Ignorei a pergunta.

—O feriram. Viu Jonathan disparar. Tenho que o ajudar, buscar assistência médica.

—Ele não está ferido, anjo. Está morto.

Tudo dentro de mim gelou. Frio e duro gelo. Meu forte e vital Lucius não estava morto. Sabia, sentia. Estávamos conectados de uma forma que não entendia mas que agora aceitava... e pela qual estava agradecida. Não podia aceitar que estivesse morto. Possuía muita vida, muita força. Era indestrutível. Por favor deixa que seja indestrutível.

—Como sabe? —disse brandamente, minha mandíbula tão apertada que poderia se romper a qualquer momento.

—Vi o sangue, como você. É humano, e os humanos não podem perder tanto sangue.

—Os humanos podem sobreviver com transfusões de sangue. É por isso que tenho que chegar nele.

—Se houvesse qualquer sinal de vida dentro dele, EenLi o curaria e o venderia como escravo. Isso eu garanto.

Sim, pensei, a esperança derretendo o gelo. Sempre um homem de negócios, EenLi não deixaria que um espécime de primeira como Lucius morresse quando poderia ter alguma vantagem.

—Não posso permitir que o faça escravo. E tampouco posso permitir que as outras mulheres encarceradas naquela casa sejam feitas escravas. Farei tudo que peça se simplesmente me levar de volta.

—O que te dá esse homem tão especial, tão diferente do que eu possa te dar?

O tom de Devyn era duro.

—Ele é... meu. —Essa era a única resposta que tinha neste momento.

Convertendo as mãos em punhos, ele levantou com ira e me fulminou com o olhar.

—Não te enviarei de volta porque não estou disposto a te deixar. Já tive suficiente conversa



sobre mortos e escravagistas de mulheres.

Já o veríamos. Poderia usar a telecinesia, mas possivelmente se me movesse o suficientemente rápido poderia derrotá-lo. Lancei minha perna e a conectei com seus tornozelos. Ele caiu para trás, a fruteira golpeando o chão com um som metálico. As esferas azuis se espalharam pelo chão enquanto saltava sobre ele e usava meu peso para cortar seu ar com um joelho em sua traquéia.

—Te matarei se ficar aqui —prometi.

Longe de estar intimidado, ele sorriu amplamente.

—Já vejo que terei que voltar a restituir meus guardas. Esperava que apreciasse a intimidade.

Lutei contra uma onda de derrota.

—Nem sequer está ofegante, verdade?

—Não. —Um travesso brilho revoou sobre sua divertida expressão— Posso te pôr para dormir com um só piscar e depois fazer o que quiser com você.

Joguei para trás meu cotovelo, apertando minha mão num punho no processo. Enquanto minha mão voava mais perto de sua cara, seu sorriso só ficou mais amplo... e os músculos de meu braço ficaram completamente rígidos, presos no lugar antes que eu pudesse alcançar seu nariz.

—Gosto de seu espírito —disse, as palavras carregadas de entusiasmo— Será minha mais bonita posse.

Chiei os dentes com tanta força, que poderia tê-los convertido em pó.

—Me deixe te dizer algo, Targon. Jamais me entregarei de bom grau, e se me forçar, vou te cortar em pedacinhos e alimentar sua gente com eles.

Seus lábios fizeram um bico.

—Não seria à força. Você é minha escrava...

—Seria à força. Hunter é o único amante que desejo.

Aquela faísca zangada acendeu uma vez mais no leonado olhar de Devyn.

—É minha propriedade, e não vou permitir que pense em outro homem.

—Pensarei nele e o desejarei, agora e pelo resto da minha vida —disse, aguilhoando seu orgulho masculino— Sempre que me tocar, fingirei que é ele. Que ele é o que me dá prazer.

Grunhindo baixo, Devyn me afastou com um empurrão e saltou sobre seus pés. Levantei de um salto, sem problemas, os músculos de meu braço liberados de seu feitiço, e nos enfrentamos.

—É mais do que aparenta, Raka —grunhiu entre dentes— e admito que começasse a gostar assim. Tem a coragem de um guerreiro, mas é tão tola como o resto das mulheres, e isso não gosto. Sou o rei aqui, e aprenderá a não jogar lenha no fogo da minha cólera.

—Por favor —disse então, desesperada. Como poderia conseguir que fizesse o que queria?

—Por favor o que? Por favor me toque? Por favor seja misericordioso?

—Por favor me envie para casa.

Uma pesada pausa explodiu, nossa respiração o único som. Então ele me agarrou pela mão e me puxou por um amplo e aberto vestíbulo, tão branco, puro e zombador como os lençóis de uma virgem.



No outro extremo havia um dormitório, tão aberto como o resto da casa e igualmente branco. As almofadas cobriam o chão, e uma piscina ocupava o espaço mais afastado.

Ele me jogou sobre as almofadas. Quando meu traseiro golpeou o fofo chão, o ar escapou dos meus pulmões. Me pus de pé imediatamente, ofegando em busca de fôlego.

—Disse que não me pedisse que te devolvesse de novo. Por isso, seu treinamento começará agora. —Ele cruzou os braços sobre o peito.

—Treinamento para que?

—Para meu prazer, é óbvio.

CAPÍTULO 24

Os olhos de Devyn permaneceram fixos nos meus enquanto tirava seu único objeto de roupa, a negra saia parecida com um kilt escocês. Posou diante mim sem nada mais que um sorriso satisfeito.

Sua pele era pálida. Seu negro cabelo caía em desordem ao redor de seus ombros. Sua imagem era assombrosa, formosa e forte.

Não queria nenhuma parte de seu corpo.

Infelizmente, estava determinado a ter todas as partes do meu.

Meu sangue esquentou ante sua arrogância e intenções, ante seu árduo egoísmo, e me obriguei a concentrar minha energia. Tinha que atacá-lo e a surpresa seria a única vantagem contra este Targon. Inspirei uma profunda e tranquilizadora baforada de ar.

Espera... Espera... Sua atenção desviou de mim.

Estava mais ou menos a ponto de saltar sobre ele, quando notei a entrada de duas nuas mulheres alienígenas através de uma porta lateral. Uma tinha uma grossa e sedosa pele azul, a outra a pele branca... e cinco braços.

O que acontecia?

Devyn fez gestos.

—Se aproximem, senhoras.

A primeira, uma bonita loira com a pele pálida e muitos braços, aplaudiu e riu bobamente. A segunda, a exótica azul, lambeu os lábios. Ambas possuíam corpos magros com esculpido músculos.

—Observe —me disse Devyn— E aprende.

Quase abri a boca pela surpresa. Não pensava em me violar, e em vez disso só queria que olhasse como as outras o agradavam? Sacudi a cabeça, insegura de ter escutado bem.

—Tampouco pense em partir enquanto estou distraído —disse ele, a reprimenda pronta em seu tom.

No seguinte instante, meus joelhos cederam de mútuo acordo e caí sobre as almofadas. Meus músculos congelaram no lugar. Tentei lutar contra a paralisia, mas foi em vão. Maldito!



As duas mulheres o alcançaram, arranhando com impaciência seu corpo e provocando sulcos âmbar pelo caminho. A mulher cinco-braços era capaz de cobrir muito território. Sem nem sequer tentar ser suaves, mordiscaram seu peito, tirando pequenas gotas de sangue dourado. Beliscaram com força seus mamilos e espremeram e bombearam sua ereção.

O Targon gemeu em êxtase e fechou os olhos.

Esta é, pensei, minha única oportunidade. Não podia mover meu corpo, mas ainda podia mover meu espírito. Me concentrei num ponto além de seu ombro, enfocando a energia para meu interior. Tinha que me arriscar a sair e deixar meu corpo vulnerável. Poderia ser minha única oportunidade de encontrar o colar que usou para me enviar aqui.

Logo meu espírito saltou do corpo, deixando-o frio, esquecido, e observei a mim mesma. Tinha os olhos abertos e parecia que olhava o escorregadio e enredado trio. Bem. A única coisa que me delataria era minha inexpressiva e imóvel expressão, mas duvidava que o Mestre do Sexo e suas aprendizes notassem.

Não havia móveis no quarto, nada onde procurar, assim o abandonei. Não sabia quanto tempo duraria o sexo Targon, assim acelerei o passo. Por sorte, não havia nenhuma porta fechada.

Devyn não mentiu quando disse que dispensou seus guardas. Não havia machos de nenhuma espécie -que eu pudesse ver- dentro. Só mulheres, um punhado de humanas que se estendiam em todos os tamanhos e cores e, todas estavam nuas.

Dentro de outro dormitório, procurei numa penteadeira. Não encontrei nada. Vi um cofre de madeira e procurei dentro mas só encontrei brinquedos sexuais. Procurei em cada móvel, em cada peça com que tropeçava... e não encontrei nada. Minha frustração crescia a cada segundo que passava.

Entretanto, por fim, entrei num vestíbulo que parecia diferente do resto da casa. Este era estreito e fechado. Em cada seção da parede havia um guarda armado. Aqui. Sabia. Sentia.

Os homens fortemente armados e também com saias escocesas, estavam colocados como sentinelas, guardando uma porta mais afastada.

Em minha forma de espírito, as portas não eram um obstáculo. Roci ao passar um homem escassamente vestido em frente à porta que parecia de aço. Onde nossos corpos se entrelaçaram, senti um zumbido. Ele deve ter sentido também, porque deu um salto.

—O que foi isso? —exigiu, agarrando sua larga e afiada espada. Seus entrecerrados olhos foram da esquerda para a direita.

—O que? —perguntou o homem ao seu lado, se esticando.

Silêncio, depois—: Me enganei.

—Bracken3 —resmungou alguém.

Passei pela porta... e ofeguei. O interior do novo quarto era como estar diretamente na entrada do céu. Um aveludado céu negro, com brilhantes e afiadas estrelas. Este formava redemoinhos. Fazendo gestos. Era algum tipo de entrada? O Targon não precisava esperar as explosões solares? Queria desesperadamente tocar o líquido, mas resisti à tentação. Por agora, pelo menos. Não podia me arriscar a uma viagem interplanetário sem meu corpo físico.

Além disso, se esta era uma entrada, poderia terminar num planeta pior que Targon.



Precisava do colar!

Olhei o entorno. Colunas muito altas se elevavam para o abovedado teto, e pedra branca refulgia em todo meu redor, precedendo a uma alta, muito alta escada. No topo, descansavam doze pedestais. Curiosa e desejosa, mas sobre tudo esperançada, subi a escada. Quando vi o que havia dentro de cada vitrine, ri. O colar estava aqui! O encontrei. Na realidade, também encontrei outros onze.

Cada colar mostrava uma pedra diferente, embora todos for aproximadamente do mesmo tamanho. De que material pareceriam as pedras? Me perguntei. E se essas pedras sustentassem a força magnética? E se essa pedra decidia a que planeta levar seu portador?

Que pedra me levaria a Terra?

Estudei todas. Azul, vermelho, violeta, verde, âmbar. Fiz uma pausa, recordando algo. A pedra âmbar era a que me trouxe aqui, o que significava que essa cor representava Targon. Cabeceei, seguindo minha busca. Marrom, cinza... Minha atenção voltou bruscamente para marrom, bebendo cada detalhe. Era opaca, um pouco dentada, simples em cores.

Devyn a usava durante o leilão. Quase dando saltos de alegria, concentrei uma massa de energia entre minhas mãos. O ar logo formou redemoinhos e chispou, ficando mais pesado, mais denso. Meu espírito, também, começou a queimar. A arder, arder. Fiz uma careta, mas não me detive. Quando o ar sustentou o peso suficiente, usei as moléculas concentradas para levantar o colar de seu suporte e o deixei cair entre minhas mãos.

Imediatamente os alarmes explodiram.

Rapidamente dirigi a energia e o colar acima, e rezei para que ninguém elevasse a vista. A legião de guardas assaltou a câmara, com lanças e espadas levantadas, e seus olhos procuravam por todo o quarto. Por sorte, não podiam me ver.

Dei um nostálgico olhar ao fundo pintalgado e saí correndo pela porta aberta, tomando o caminho pelo que vim. Todo o tempo, o colar caía sobre mim. Ao passar pelo caminho, devo ter dado uma volta incorreta, porque não entrei no quarto que albergava meu corpo. Maldito seja! Corri adiante, entrando precipitadamente em todas as sala que encontrei, passando diante dos guardas que se dirigiam ao quarto dos colares.

Por fim, e graças a Deus, encontrei meu corpo. O rei e suas mulheres partiram, mas meu corpo estava bem onde eu o deixei. Entrei rapidamente e descobri que meus músculos ainda estavam congelados. O colar caiu do ar e aterrissou sobre a almofada ao meu lado. Se pudesse me mover, poderia escapar no meio da confusão. Poderia esconder o colar.

Simplesmente tinha que me mover!

Lutei e lutei pelo que pareceu uma hora, todo o tempo permanecendo imóvel. O rei por fim lembrou da minha presença e voltou, cruzando a sala. Seus olhos âmbar estavam entrecerrados quando parou em frente a mim.

—Como o fez? —perguntou, as palavras forçadas, cortantes.

Inclusive meus lábios se recusavam a se mover.

—Me responde —grunhiu ele.

Fulminei-o com o olhar e dirigi meus olhos para minha boca. Compreendendo por fim que



não podia falar, o Targon me liberou da paralisia.

—O que disse? —Arrastei-me longe dele e a ação enviou uma dor aguda por todo meu corpo.

—Como roubou o colar? Falta meu colar da Terra, mulher, e só você tem interesse nele.

—Permaneci bem aqui. —Esperando parecer despreocupada, cobri o colar com meu traseiro— Você se encarregou disso. Como poderia ter roubado algo?

Ele estendeu a mão, com intenção de me revistar. Dei-lhe uma pancada no peito e ele tropeçou para trás uns poucos pés. Segundos mais tarde, encontrei meus braços e a parte inferior do meu corpo congelados outra vez. Uma fúria escura correu por minhas veias. Odiava como facilmente me submetia.

Suas mãos vagaram por cada uma das minhas curvas e vãos, mas não encontrou nada. Seu cenho aprofundou, e procurou acima, ao lado e debaixo de mim. Foi aí quando viu a cinta de ouro. Franzindo o cenho, levantou-a e a empurrou na frente do meu rosto.

—Como conseguiu? —Quando permaneci calada, acrescentou—: Desta vez não imobilizei sua boca. Me responda.

Uma onda de impotência se uniu à minha fúria, formando redemoinhos numa tempestade que se intensificava. Como podia superar uma telecinesia tão poderosa?

A resposta me golpeou com a força de uma pyre-arma.

Não podia combatê-lo como estava, mas poderia brigar com ele de outra forma. E ao diabo com a vulnerabilidade. Meus lábios se curvaram num perverso sorriso.

—Por que não te mostro?

Centrei-me rapidamente, e meu espírito saltou do meu corpo. Em segundos estava atrás dele. Reuni a energia em minhas mãos e a empurrei contra ele, cravando-a na cabeça. Devyn caiu de lado, mas saltou rapidamente sobre seus pés. Franzindo o cenho, girou do meu corpo ao meu espírito.

Quando falhou em ver o que o golpeou, seus olhos se arregalaram.

—O que aconteceu?

Depois lancei uma explosão de energia em seu virilha, golpeando seu precioso pênis com suficiente força para deixá-lo cair de joelhos, gemendo de dor. Ele olhou de novo meu corpo e logo recuou, procurando o centro do quarto.

—Como o fez? —exigiu.

Agora que minhas emoções estavam liberadas, não podia me conter. Juntei cachos de energia e continuei o sacudindo. Uma e outra vez, com toda a fúria, raiva e impotência de meu interior. Ele caiu, e usei o ar solidificado para pegar sua faca. A afiada lâmina se abateu no ar. Enquanto seus olhos se abriam como pratos, a movi pouco a pouco até seu pescoço.

Ele ficou quieto, sem se atrever a respirar.

—Como se sente desamparado perante os poderes de outro? —Zombei. As palavras eram um sussurro no vento, mas ele as entendeu.

Ele abriu a boca para gritar por ajuda.

—Chame seus guardas —disse, pressionando a faca ainda mais— e será o último som que



fará.

Sua voz gorjeou até silenciar.

—Isso está melhor. —Estabilizando a faca com uma mão, usei a outra para juntar suficiente energia e puxar a dourada cinta ancorada em seu pescoço.

—No momento que me libere, serei capaz de matar seu corpo. Um espírito não pode viver sem seu anfitrião.

—Isso é certo —admiti.

—Quanto tempo acha que pode me submeter assim?

—Enquanto isto durar. É um homem honorável, Devyn?

Pela extremidade do olho, o vi elevar a mão com a intenção de pegar a faca e lançá-la longe.

—Uh, uh, uh —disse, e empurrei mais energia para a faca, cravando a ponta um pouco mais no pescoço. Uma gota de sangue de cor âmbar se formou em sua pele.

Um grunhido de frustração saiu de sua boca, mas deixou suas mãos quietas.

—É um homem honorável? —perguntei outra vez.

—Sim, maldita seja.

—Então me jure aqui e agora que me enviará para casa na seguinte explosão solar e te deixarei viver.

—Não.

—Não? Posso te matar agora mesmo, entrar de novo no meu corpo e fugir deste lugar.

—Nunca passaria diante de meus guardas. Foram escolhidos por suas capacidades telecinésicas, assim como sua natureza sádica. Quando me descobrirem, vão te fazer lamentar sua decisão de me abandonar.

—Por certo que tampouco nunca acreditou que seria capaz de sustentar uma faca contra sua garganta.

Silêncio.

—Não vai me matar—disse ele finalmente, o suor gotejando de sua testa— É uma mulher e uma Raka. Seu povo pode ser estranho, mas são pacíficos. Sensuais. A violência só é usada pela classe dirigente.

—Talvez seja parte dessa classe dirigente porque, verá Devyn, sou mais que uma agente do governo. Sou uma assassina. Matei incontáveis pessoas, e te assassinar não seria nenhum problema. Por que acha que deixei EenLi me capturar? Por que acha que meu homem tentava me comprar? Assim poderia matar EenLi e destruir sua rede de escravos.

O Targon ficou rígido.

—Entretanto, estou disposta a te deixar viver. —No momento que soube daquelas mulheres na cela, meu objetivo deixou de ser o de demonstrar meu valor ou ser a melhor. Minha meta se converteu em salvar. Às mulheres, à Lucius. E estava disposta a fazer um trato até mesmo com o diabo para consegui-lo— O que diz, Targon? Sua vida por um bilhete para casa.

—Irà à cama comigo em recompensa por minhas moléstias?

—Não. Embora te deixes beijar meus pés.

Ele soprou. Uma de suas mãos se enredou ferozmente em seu cabelo enquanto considerava



minha oferta.

Obviamente, ninguém jamais conseguiu superá-lo, e não sabia o que fazer comigo... me considerar uma autêntica ameaça ou um novo entretenimento. Se estivesse aqui de férias, poderia desfrutar das palhaçadas do rei...

—O que diz? —exigi— Estou ficando impaciente.

—Paguei um bom dinheiro por você—choramingou ele.

—Então devolverei isso.

—Não pode me devolver os dois guerreiros que deixei por você.

—E se prometer não te cortar o pênis? Ajudaria a aliviar seu sentido de perda?

Ele engoliu ar.

—Temos um trato, Raka.

CAPÍTULO 25

Sempre permanecendo alerta, liberei a energia que prendia a faca e o colar, e estes caíram no chão. Entrei rapidamente de novo em meu corpo e saltei sobre meus pés... Devyn foi fiel à sua palavra e não chamou seus homens nem tampouco tentou me matar. Simplesmente levantou e sacudiu o pó de seu kilt (ou como diabos se chamasse essa coisa). Todo o tempo, uma escura expressão esticando seus formosos traços.

Juntei os artigos caídos e o confrontei diretamente.

—Tem algo a dizer?

—Estou muito zangado com tudo isto.

—Superará. Quanto tempo falta para a seguinte explosão solar?

No princípio, não respondeu. Empurrou uma mão através de seu cabelo e olhou o teto, antes de expulsar finalmente um longo suspiro.

—Não é necessária a explosão solar. Vêem —disse. Com apenas a palavra saindo com a rapidez e força de uma bala, girou sobre seus calcanhares.

Segui atrás dele, sem ainda baixar a guarda.

—O que quer dizer com não é necessário?

—As explosões solares só são necessárias para viajar na Terra, não em Targon. Aqui usamos o Skyway.

O fundo parecido como um gel, compreendi. Memorizei aquela informação, sabendo que teria que dar um relatório completo a Michael.

Quando Devyn e eu cruzamos a perna do estreito vestíbulo que levava à sala de pedra branca onde encontrei os colares, os guardas fixados nas paredes nos prestaram toda a sua atenção. Me sentia inquieta, preparada para voltar para casa, com meus membros tremendo.

—Abram —disse Devyn.

Dois dos homens obedeceram imediatamente, abrindo as portas. Devyn e eu entramos.



Quando as portas se fecharam atrás de nós, Devyn disse—: Esse humano teu. —Seu tom mostrou uma falta total de interesse, mas eu o conhecia melhor. Não deu a volta para me olhar— O que o faz tão especial? E não me diga que é teu. Há uma razão, algo que o diferencia.

Subi as escadas, saltando de dois em dois, o rei bem atrás dos meus calcanhares. Esse homem me levava para junto de Lucius e das mulheres escravizadas, por isso me sentia generosa com ele.

—Ele move algo em meu interior —respondi— Acende meu sangue de um modo que não entendo.

—Poderia fazer o mesmo. Prometo isso.

—Possivelmente sim. Possivelmente não.

Uma pausa. Depois—: E se te levar de volta a Terra para simplesmente matar seu humano e o tirar de meu caminho? Se não estiver morto já —acrescentou. Ele elevou o colar que eu ainda segurava ao redor do meu pescoço.

—Não está, e sabe que te matarei se lhe fizer mal. —Depositei muita confiança neste egocêntrico homem, mas estava disposta a matá-lo a qualquer momento... se não me matasse primeiro. Embora disposta a lhe dar uma oportunidade.

—Te quero para mim —disse ele— Não tentei ocultar esse fato.

—Não tem nada de orgulho, verdade?

—Não realmente. —Um perverso brilho brilhou em seus olhos e me agarrou pela mão, puxando para que eu parasse. A luz do Skyway acariciou seu rosto, iluminando sua pálida pele. Uma mecha de seu negro cabelo caiu sobre sua testa— Por que não fechamos outro acordo, você e eu, hmmm!? Te darei meu real juramento que te ajudarei a salvar seu homem se me der uma só noite com você.

Joguei meu cabelo sobre o ombro com um rápido movimento de pulso.

—Já temos um acordo. Não utilizo a faca sobre você, e você me leva agora para casa.

—OH, mas posso fazer mais que simplesmente te levar para casa. Posso salvar seu homem... e te dar para EenLi.

Estava mortalmente sério, sem nenhum pingo de brincadeira em sua expressão. O travesso brilho se foi. Fiquei de pé, o olhando, a indecisão me alagando. Confiar nele. Não confiar. Uma coisa ou outra, me oferecia algo que não podia recusar, não importava o preço.

—Trato feito —disse, a palavra formando um nó em minha garganta.

Ele assentiu com a cabeça.

—O trato deve ser selado com sangue. —ajoelhou-se, me arrastando com ele e desembainhou uma adaga de seu lado. Ele se esticou, mas não se moveu quando fez um corte com a ponta em seu nu peito. O sangue cor âmbar gotejou sob seus ondulados músculos.

—Me dê seu braço.

Indecisa, estirei meu braço para ele. Devyn agarrou meu pulso e passou a folha por minha pele, me cortando. Não profundamente, só o bastante para tirar sangue. Levantou meu pulso e o juntou contra a ferida de seu peito. Pude sentir o batimento de seu coração, um rápido boom, boom.



—Tem minha promessa de ajuda, Eden Black. Seu homem e inimigo serão meus para te entregar. Ele assinalou com uma inclinação de queixo— Agora você.

—Tem minha promessa, Devyn —disse, estremecendo por dentro. Se houvesse alguma outra forma, o faria. Mas sabia que não havia— Uma noite comigo.

Depois que as palavras foram ditas, o ar ao nosso redor se espessou, ficando tão salpicado como o Skyway. Uma força viva. Pisquei e olhei ao meu redor com surpresa. Até estendi a mão, deslizando a ponta de meus dedos pelo gelatinoso ar. Era tão fresco e efêmero como um sonho.

—Se algum dos dois romper a promessa, significa sua morte —disse ele, ficando em pé e me puxando para me colocar ao seu lado. Olhou-me durante muito tempo e logo cabeceou— O trato está feito. Vamos.

Ziguezagueamos por vários vestibulos mais e por fim chegamos ao final da escada. Meu braço ardia, mas não fiz caso da pequena dor. Devyn agarrou minha mão e me empurrou para o fundo.

—Preciso de um colar, também —disse, arrastando meus pés para reduzir a marcha.

—Só se agarre em mim e estará bem. —Ele me deu uma olhada ilegível— Ainda está em tempo de mudar de ideia.

—Não.

—Muito bem —suspirou.

—O que acontece... —queria saber o que aconteceria se nos separássemos, mas me empurrou dentro da seca e estranha gelatina antes que pudesse terminar a frase. Fui aspirada no vazio. Meus pés perderam sua sólida âncora e a batida de meu coração acelerou, quase explodindo dentro do meu peito. Os gritos saíram, se enrolando ao meu redor como folhas de hera se elevando para o sol. As brilhantes estrelas também passaram zumbindo por minha cabeça.

Um vento terrível me golpeou, me empurrando por todos os ângulos. Tive que lutar para permanecer reta e me agarrei desesperadamente à mão de Devyn. Uma e outra vez giramos ao redor, as cintilantes estrelas se dirigindo a mim.

O vento ficou mais violento e o Targon foi arrancado do meu aperto.

—Não! —gritei— Devyn!

Ele usava o colar. Precisava dele para alcançar a Terra. Não era assim? Sem ele... Às cegas caminhei medindo o ar com ambas as mãos, procurando-o. Procurando qualquer tipo de âncora.

Em vez de encontrá-lo, senti que tudo ficava quieto. Os gritos cessaram bruscamente. As luzes descoloriram. Meus pés golpearam algo sólido e me desestabilizei. Meu pulso continuava martelando, mas recuperei o equilíbrio. Abri os olhos e ofeguei.

Estava de pé num bosque cheio de altas e verdes árvores. O frio ar me envolvia, não seco mas úmido. Os grilos entoavam uma preguiçosa melodia e a luz da lua derramava seus nebulosos raios sobre a erva. Inspirei profundamente, inalando os familiares aromas de pinheiro e sujeira. Da Terra.

As douradas mechas de meu cabelo estavam presas em minhas têmporas e as joguei para trás com dedos trêmulos. Estava feito. Realmente retornei. Explorei a área em busca do Targon.

Não estava aqui.



Não podia me preocupar com ele agora mesmo. Tinha que encontrar um telefone. Tinha que chamar Michael. Serpentei através das árvores, minha determinação me dando asas. Ramos nodosos açoitaram meu rosto, pedras e raízes tentaram me fazer tropeçar. Corri durante mais de uma hora, para os edifícios que via se elevando no horizonte. O fôlego queimou em minha garganta e pulmões, mas nunca fui mais devagar.

Quando alcancei o primeiro edifício, compreendi que eram casas. Só numa brilhava uma luz intensa. Corri à porta principal e golpeei a grossa madeira de carvalho. Quando ninguém respondeu, golpeei mais forte.

—Pare com isso —gritou alguém acima— Estou tentando dormir.

Meu olhar seguiu o som, e me encontrei observando um homem de cabelo prateado, com uma enrugada e irritada cara.

—Tenho que usar seu telefone.

—Você tem que aprender a se calar. Estou cansado.

Franzindo o cenho, peguei uma pedra do vistoso e florescido jardim e quebrei a janela.

Não tinha tempo para forçar a fechadura ou o exploratório de identificação digital. Seu sistema de segurança explodiu numa série de agudos assobios. Coloquei a mão pelo destroçado vidro, me encolhendo quando uma afiado parte cortou minha pele, acrescentando outra ferida, e quebrei o sistema de fechamento ancorado na parede do lado. A porta abriu por si mesma.

Empurrei e entrei.

O homem de cabelo prateado descia correndo as escadas, com uma pyre-arma de uso civil nas mãos.

—Estou armado —gritou— e dispararei para matar.

Me movi rapidamente, encontrando-o na metade de caminho, e ele tropeçou na escada. O homem apertou o gatilho, mas a corrente de fogo passou zumbindo sobre meu ombro. Enquanto ele caía, tirei a arma da mão. Quando chegou ao chão, já tinha o canhão apontando ao seu coração.

—Onde está seu telefone? —exigi, meu pulso estável e seguro.

—Não me faça mal —choramingou ele.

—Só me diga onde está o telefone e estará bem.

As lágrimas caíam por suas bochechas enquanto me mostrava com um instável dedo uma mesa próxima. Odiava aterrorizar o humano, mas não tinha tempo para entrar em detalhes.

—Se se mover, morre. Entendeu?

Um soluço o atormentou, mas ele cabeceou.

Mantendo a pyre-arma apontando, caminhei para a mesa na parte detrás. Com uma mão marquei o número da unidade de Michael. O homem de cabelo prateado não moveu nem um músculo.

—Black —respondeu rapidamente meu chefe.

Que maravilhoso sentir sua voz!

—Michael, dispararam em Lucius.

—Eden? —Surpresa, felicidade e alívio se mesclaram em seu tom— Meu Deus, Eden, me



diga que é você! Não sabemos de você há três dias. Perdemos o sinal e pensei...

—Estou bem mas não tenho muito tempo. —Passaram três dias, apesar de que em Targon só passou um— Falou com Lucius? Conectou com ele?

—A última vez que conectou comigo, me disse que foi sequestrada como planejaram e que ia te comprar. Depois disso, não tivemos notícias suas de novo. Estivemos buscando-o, mas não conseguimos rastreá-lo. Localizamos sua posição e o buscamos ali. Nada. O que aconteceu?

—Jonathan Parker lhe deu um tiro.

—Está...?

—Não! —gritei. Ainda não estava pronta para considerar essa possibilidade— Acredito que EenLi o tem e quer vendê-lo como escravo. Também tem cinco mulheres, o que significa que estará preparando a venda. Sabem onde se encontra EenLi?

—Não, mas Jonathan Parker foi achado morto.

—Sei. Eu o matei. Michael —disse, minha voz vacilante— Te necessito.

—Onde diabos está, carinho? Estarei ali tão rápido como posso.

—Onde estou? —perguntei ao homem ao pé da escada. Minha urgência me fez parecer feroz, mortal.

Sua cara já pálida ficou branca diante da minha renovada atenção, e balbuciou uns quantos sons ininteligíveis.

—Me diga onde estou —disse com gentileza— Por favor. Não vou te fazer mal.

Minha suavidade o tirou do choque induzido pelo terror.

—Nova Mon-Montana —gaguejou.

—Nova Montana —disse para Michael— Pode localizar meu sinal agora?

—Vou ver. —Passou um momento, o eco de sua respiração e as teclas do computador como único som— Te tenho agora —disse com satisfação— A traremos para casa, menina, vamos te trazer para casa.

—Não. Preciso que me leve de volta a New Dallas. De volta a casa onde me prenderam. EenLi ainda está aqui, sei, e isso significa que Lucius também está. Ainda poderiam estar dentro. Temos que salvá-lo, Michael. E às demais, também.

—Faremos —disse ele, escutando meu pânico— Faremos. Prometo isso.

O ruído das sirenes da polícia chegou ao fundo. Suas luzes vermelhas e azuis logo o seguiram.

—Só venha tão rápido como possa —disse e abandonei a casa pelo mesmo caminho pelo que vim.

CAPÍTULO 26

—Recrutou a ajuda de um Targon? —grunhiu Michael.

A familiar voz saiu pelos auriculares cobriam meus ouvidos e era tão calmante como o feitiço



de um sacerdote vodu. Olhei fixamente pela janela do aerodeslizador experimental, apreciando o escuro e quase aveludado céu, com suas estrelas que brilhavam como diamantes. O motor do veículo era pequeno e tranquilo, emitindo só um leve zumbido quando a máquina (de vinte e três milhões de dólares) se elevou no ar.

Já tinha explicado como funcionavam as explosões solares e comentei dos colares. Falei do homem de EenLi que tinha uma eletro-arma e ele escutou num pétreo silêncio. Não estava segura de como pressenti que, à primeira coisa que reagiu, foi com minha participação com o Targon.

—Dá-se conta —continuou, falando pela pequena boquilha negra— que esse rei Targon, como porra se chame, agora mesmo poderia estar advertindo EenLi sobre você? Sua cobertura poderia ser descoberta por completo.

Minha cobertura foi descoberta, mas não o indiquei.

—Salvar Lucius é o importante. Salvar às mulheres é o que importa. Nada mais. —E depois do juramento de Devyn, não acreditava que me traísse. Aquele juramento pareceu tão... oficial. Tão ameaçadoramente mortal, como assegurou— Talvez Devyn tenha contado para EenLi que cheguei aqui depois dele, ou talvez não. De uma ou outra forma, o perseguirei.

Michael expulsou um frustrado suspiro através dos dentes.

—Bem —disse— Deixarei que vá ao edifício, mas levará Ren e Marko com você. Eles irão...

—Não. Vou sozinha. —Estava disposta a usar o Targon.

Tinha poderes que podiam funcionar a meu favor. Não levaria humanos, sobretudo não os agentes de Michael. Depois de ver EenLi com aquela eletro-arma, sabia que havia uma muito boa probabilidade que Michel tivesse um espião. Não podia me arriscar que EenLi se ocultasse na clandestinidade de novo.

Expliquei para Michael, mas ele sacudiu a cabeça.

—EenLi e eu trabalhamos naquela arma juntas. Não há um espião. Levará meus homens e ponto.

Talvez não houvesse um espião, mas ainda assim não estava disposta a me arriscar.

—Suponho que isso quer dizer que me demito. —Por fim dei a volta e o confrontei. Sua expressão era dura, resolvida. Acredito que tinha mais cabelos brancos que da última vez que o vi— Agora tente me dar ordens.

Algo frio e duro cintilou em seus olhos... algo que jamais foi dirigido a mim antes.

—Está disposta a deixar seu posto na agência, deixar tudo pelo que trabalhou, só para salvar Lucius sozinha?

—Assim é —respondi sem vacilar— É mais seguro assim.

—Bom, sabe o que? O homem que tão desesperadamente quer salvar não foi pago pelo governo para que fosse seu companheiro. Paguei eu para que te mantivesse a salvo. Eu pessoalmente. E falhou.

—Perdão?

—Tinha que te manter a salvo de EenLi e matá-lo ele mesmo. Devia te proteger e trazer para casa ilesa. E não fez nenhuma das duas coisas. Falhou.

Meu estômago encolheu enquanto suas palavras me impregnavam e me traziam uma



lembrança à memória. Uma vez, quando encontrei com Lucius pela primeira vez, me disse algo sobre ser pago por Michael. Nesse momento, não pensei nisso, mas devia ser um deslize de sua parte.

Uma mescla de surpresa e aborrecimento se verteu em meu interior.

Lucius deveria ter dito. Teve muitas oportunidades enquanto estávamos na cama juntos. Não gostava que tivesse mentido. De todo modo, isso não mudava como me sentia com respeito a ele. O castigaria por essa mentira, é obvio, mas primeiro salvaria sua vida.

—Quer que esteja irritada com ele, e estou. Mas também estou zangada com você. Pagou-o, Michael. A sério confia tão pouco em mim? —Minha voz era calma. Ferida— Realmente me vê como alguém tão incapaz?

Quando compreendeu que o calor mais escuro da minha cólera não era dirigido à Lucius mas a ele, experimentou sua própria onda de surpresa.

—Eu te quero. Farei o que for para te manter a salvo. Por favor. Leve alguns de meus homens com você.

E pronto. Era tudo o que tinha a me dizer. A tristeza me golpeou.

—Sei que me quer, Michael, mas agora entendo que jamais me verá da forma que quero... e preciso. Como uma mulher forte e valente... uma mulher que concluirá satisfatoriamente qualquer tarefa. Essa é a forma que Lucius me vê —disse, e compreendi que era certo.

Ele me disse que estava orgulhoso de mim, que fiz um bom trabalho. Me soltou na guarida do leão, sem uma palavra, e confiou em mim para encontrar uma saída.

—Mantenho minha demissão —disse— Vou sozinha.

As janelas de seu nariz flamejaram e suas bochechas avermelharam, sinal que estava zangado com minha negativa.

—Se já não é um agente, não tem nada a ver com Lucius. Te levarei para casa. De todo modo, precisa descansar.

—Me leve a New Dallas —disse com brutalidade— ou juro por Deus que me unirei à EenLi e me converterei em seu braço direita. —E o faria.

Faria o que fosse necessário por Lucius e as mulheres.

—Quando era menina, costumava me dizer que contaria até três se não obedecesse. E se chegava ao três e não obedecesse, seria castigada. Não que alguma vez visse esse castigo, realmente.

—Isto não é o mesmo, Eden.

—Um.

—Por favor. Deixe-o estar.

—Dois.

—Por que faz isto?

—Tre...

—De acordo. —Os lábios de Michael eram uma linha, mas assentiu rigidamente com a cabeça— Te levarei a New Dallas. E enviarei diretamente ao coração do perigo, sozinha. —Sabia que jamais fazia ameaças vazias— Somente não grite quando enviar meus meninos atrás de você.



Está advertida. —Com movimentos rígidos, tocou um botão ao lado de seus auriculares, mudando a comunicação com a do piloto.

Quando devolveu a conexão comigo, disse:

—Me dê o mapa da casa onde estive retida.

Fez e um pouquinho mais tarde aterrissamos em New Dallas. Apressadamente, me troquei com a roupa padrão de agente que Michael me trouxe (calças negras, camisa, botas e armas, montes e montes de armas) e logo tirei do aerodeslizador uma bolsa de lona negra carregada com mais armas e coisas necessárias.

Abandonei a pista de aterrissagem privada a pé, sem outra palavra para ou de Michael. No momento que estivesse o suficientemente longe, sabia que ordenaria a dois de seus homens que seguissem meus passos. Para me proteger, pensei franzindo o cenho.

Quando chegasse até EenLi, fariam mais mal que bem. Alertando-o, possivelmente. Assustando-o e o enviando longe.

Fingindo despreocupação, fiz os homens entrarem num beco escuro. Infelizmente, a pyre-arma da minha bolsa só aturdiava e imobilizava outros-mundos. Por sorte, a bolsa também tinha um protótipo para os humanos. Pus em prática a arma só uma vez antes, e agora rezava para não fritar os homens de Michael como um churrasco em Quatro de Julho por engano.

Quando entraram no beco, aponteí e disparei. Um fino raio vermelho explodiu, congelando o primeiro homem no lugar. O segundo tirou sua arma, mas já tinha mudado de objetivo, apertado o gatilho e outro fino raio vermelho saiu disparado. Esse o golpeou bem no centro do peito.

—Sinto muito, meninos —disse, empurrando seus corpos congelados às sombras.

Conectei suas unidades móveis para que Michael pudesse rastreá-los quando não informassem.

Só então, entrei numa rua abarrotada de carros estacionados. Escolhi o mais caro e o mais protegido porque sabia como reprogramá-lo. A sorte estava do meu lado. O luxuoso sedam negro estava oculto nas sombras. Me ajoelhando, abri minha bolsa de lona, retirei os instrumentos apropriados e usei um mini cúter para mudar a almofadinha de identificação digital e logo inseri um novo chip de controle. Tudo normal. A porta lateral do condutor abriu automaticamente. Então programei de novo o controle de comandos com meus dados pessoais, e o carro rugiu a vida.

Rápido. Fácil.

Segui o mapa que Michael me deu e dirigi até chegar a uma milha de distância da casa, não disposta a me arriscar que as câmaras de segurança ocultas me descobrissem por parar muito perto. Estacionei o carro num matagal e saí. Não me incomodei em pegar a bolsa de lona. Tudo o que precisava estava preso ao meu corpo.

Sobrecarregada pelo peso das armas, tive que me mover devagar através do bosque, com os raios da lua me dirigindo. Para cúmulo, o ar era quente e seco.

Por fim, a velha casa ficou a vista. Sua aparência era de uma casa média, com paredes bem mantidas e cor cinza pedra. Não muito grande. Ondas de emoção me alcançaram: fúria,



esperança, temor. Por um instante, recordei a primeira missão que levou ao EenLi. Daquela vez também entrei sozinha. E também falhei. Mas agora não falharia. Havia muito em jogo.

Embora as luzes estivessem apagadas, fazendo que a isolada residência parecesse vazia, não relaxei minha guarda. Meus olhos constantemente anotavam os detalhes de meu entorno. Não queria tropeçar com um cabo ou detector de movimento que alertasse os habitantes da casa da minha aproximação.

Com a pyre-arma numa mão e uma faca na outra, entrei na casa. Nenhum alarme soou. Me movi nas sombras, procurando em cada quarto, canto e inclusive na masmorra. Os guardas se foram; as mulheres se foram.

Lucius se foi.

—Merda —grunhi.

Apoiei-me no canto de uma parede da sala onde meu leilão teve lugar... observando fixamente o sangue seco sobre o tapete. O sangue de Lucius. O grande atoleiro se mesclava com o de Jonathan, outorgando ao ar um forte aroma metálico.

Onde estava Lucius? Onde tinham levado às mulheres?

Pensa, Eden, pensa. Onde EenLi teria ido dali? O mais provável que ao mesmo lugar em que estive se ocultando por todas essas semanas... o lugar que fomos incapazes de descobrir.

Uma tábua rangeu.

Minhas mãos se apertaram ao redor das minhas armas. Instintivamente afundei mais profundamente nas sombras, girando devagar para encontrar a fonte do ruído.

—Eden —disse uma familiar voz masculina— Sei que está aí. Posso cheirar sua essência de mulher.

Minha boca se estirou numa careta e não relaxei o agarre em minhas armas.

—Como fez para chegar tão rápido? Tive que pegar um aerodeslizador.

—Sabia onde aterrissar. —Ele entrou na sala de estar por completo. Os raios de lua transbordavam através da longínqua janela e o banharam em sua luz— Aqui não encontrará ninguém.

—Sei. —Também abandonei as sombras enquanto embainhava minha pyre-arma— Sabe onde está EenLi?

Sorriu amplamente, com sua familiar expressão de satisfação.

—É obvio que sei onde está. Sou seu melhor cliente.

Dei um passo para ele.

—Jurou me ajudar, e te farei cumprir sua palavra. Me leve até ele.

Seu sorriso se alargou, desdobrando por toda sua cara. Tão formoso. Tão necessitado de uma surra.

—Também me prometeu uma noite. Embora falhemos em concretizar alguns detalhes, como quem conseguirá primeiro sua recompensa.

Assim queria negociar de novo. Fingi abrandar, me afundando em seu corpo. Imediatamente, seus braços me envolveram. Deixei que minha faca deslizesse por meu pulso até que meus dedos rodearam o punho, e logo movi pouco a pouco a afiada borda até seu pênis.



—É obvio. Renegociemos.

—OH, Eden, é tão previsível. Como notará, levo um escudo metálico desta vez.

Franzi o cenho enquanto embainhava a faca. A intimidação não funcionaria com esse homem, esse demônio sexual.

—Me ajudaria por um beijo?

—Só um?

—Com língua —grunhi.

—Agora?

—Agora. —Me pus nas pontas dos pés, para permitir que chegasse até mim.

—Trato feito. —Lenta, muito lentamente, baixou a cabeça.

Nossos lábios se encontraram, suave e aprazivelmente. Devyn não me deu a língua. Não, fez que desse a minha. Cavei suas bochechas, mudando o ângulo de sua cabeça, e depois coloquei a língua em sua boca.

Seus braços se fecharam sobre minha cintura, me mantendo cativa em seu abraço. Tinha sabor de calor e virilidade. Era forte; todo um homem. Mas não era Lucius, e não fez que eu ardesse por mais.

Separou-se de mim com pesar e arrastou a ponta do dedo pela comissura de meus lábios.

—Devo ter perdido meu toque.

—EenLi —incitei.

—Está em seu armazém, e se seu humano estiver vivo, também estará lá. Logo será vendido como escravo.

Franzindo o cenho, neguei com a cabeça.

—Não estão no armazém. O temos controlado.

—Sim, intirei-me disso. Que pena que não soubesse do outro.

O ar ficou entupido em meus pulmões. Jamais pensei, nem sequer uma vez, que EenLi pudesse possuir outro armazém. Senti-me uma estúpida e queria gritar. Dançar. Isso era; por fim estava no caminho correto.

—Onde é?— Minha voz soou crua, rouca pela emoção.

Devyn suspirou, e seu quente fôlego soprou sobre minha bochecha.

—Ao lado do primeiro. Não é essa a melhor maneira? Esconder-se sob o nariz de seus inimigos, e assim jamais o encontrarão? Há uma grande venda esta noite, uma venda a que desde o início planejava comparecer.

Sim, isso era. Virtualmente cantarolei com a força do meu entusiasmo.

—Preciso que me leve a essa venda.

—E eu preciso que me prometa outro beijo.

—Feito. —Não vacilei.

—É um prazer negociar com você, doce. —inclinou-se até que seus lábios roçaram minha orelha— Mas, sabe o que? Teria te levado à venda —disse, arrastando as palavras e proporcionando um apropriado acento texano— grátis.



CAPÍTULO 27

Devyn mantinha um carro neste mundo, assim abandonei o que roubei e subi no seu elegante Jaguar vermelho estacionado atrás da casa. Enquanto conduzíamos até o segundo armazém de EenLi, meu estômago encolheu e meu sangue esquentou. Uma aprazível música clássica saía dos alto-falantes, o que me surpreendeu. Esperava que Devyn gostasse de rock, rápido e duro, do modo que gostava do sexo.

Os minutos passaram enquanto corríamos pela autoestrada.

E outros mais.

Inclusive passaram mais sem dizer nenhuma só palavra.

—O que achou do meu beijo? —me perguntou.

Acredito que somente queria romper o silêncio. Possivelmente aliviar minha tensão.

—Esteve... bem.

—Bem? Bem! —Seus olhos cor âmbar brilharam pela afronta— Esperava escutar palavras como magnífico. Maravilhoso. Sem par. Algo assim.

—Faltou algo, tá? Não seja pirralho.

—Não faltou nada.

Belisquei a ponta do nariz.

—Se importa se te dou um conselho, Devyn?

—Sim. —Ainda parecia ofendido— Me importa.

—Não force as decisões de uma mulher. O beijo seria melhor se eu quisesse te dar isso.

—Não haveria beijo se não te empurrasse a isso. —Se moveu em seu assento— Não acha que faltará algo quando tivermos nossa noite juntos.

Não dei nenhuma resposta. Na verdade, não sabia o que dizer. Daria sua noite porque o prometi. Isso não queria dizer que desfrutasse com isso ou que fosse uma participante impaciente.

Por fim alcançamos nosso destino. Fomos mais devagar e depois paramos por completo. Havia uma longa fileira de carros diante de nós esperando o manobrista, supus. Girando para a janela, observei atentamente o poeirento e enganoso armazém. Uma multidão, tanto outros-mundos como humanos, entravam sem nenhuma pressa, abarrotando o edifício.

—Temos o outro armazém sob vigilância. Por que não há agentes por todo o lugar?

—Suas câmaras de vigilância são fáceis de manipular. Não é essa a razão pela qual foram proibidas sem licença?

Meus lábios formaram uma careta e passei os dedos pelo cabelo.

—Bem. Isto é o que vamos fazer — disse para Devyn com um suspiro— Quando entrarmos, quero que finja estar impaciente para participar do leilão. Também quero que finja que é meu amo.

—Fingir? —Acariciou o exploratório de programação com seus grossos dedos e sorriu amplamente.



—Sim, maldito seja. Fingir — disse, interpretando mal de propósito o que queria dizer—
Pode atuar, não? —O carro avançou um pouco.

—OH, sim, posso. Mas você pode? Terá que fingir que é minha escrava.
Sua diversão me irritou.

—Fá-lo-ei. —Odiava ter que depender tanto dele, mas não tinha mais remédio.

Não podia fazer isso sem ele, e ambos sabíamos. Não com êxito, pelo menos. Primeiro Lucius, agora Devyn. Sempre estive orgulhosa de ser uma mulher capaz de fazer um trabalho bem feito sozinha. Admitir que precisava de ajuda me deixava um sabor amargo na boca. Mas agora mesmo estava tão preocupada em salvar o homem que amava, que isso me importava uma merda.

Amava?

Quase gemi. O fazia, compreendi. Amava-o. De algum modo, durante essa missão, se converteu em tudo para mim. Era inteligente, engenhoso. Intenso. Sarcástico. Era tudo o que precisava em minha vida, mas que não sabia até esse momento.

O carro se moveu outra polegada.

—Uma vez que Lucius e as demais estejam a salvo, te necessitarei para me aproximar de EenLi. Estará aqui esta noite, verdade?

—No passado assistiu a todos os leilões, assim espero que esteja neste. Vai matá-lo?

—Sim —respondi sem vacilar, o prazer gotejando em meu tom.

A cabeça de Devyn se inclinou de lado enquanto considerava minhas palavras.

—Não acredito que o queira morto.

—Por que demônios não? É mau.

—Sim, mas subministra minhas mulheres.

Fiz rodar os olhos.

—Por que escraviza assim às mulheres? É um homem bonito. Fêmeas de todas as raças iriam com você se apenas pedisse.

Uma de suas sobrancelhas se arqueou.

—Você não o fez.

Bom ponto.

—Sou exceção à regra.

—Não por muito tempo —disse com sacanagem.

Enquanto falava, elevou a mão e passou um dedo por minha coxa. Sua pele era áspera e surpreendentemente fria, um doce contraste com o calor de fora.

—Tire sua mão antes que fique sem ela. Sua noite ainda não começou.

Sua boca se estirou num amplo sorriso, mas fez como pedi e afastou a mão.

—Que suscetível. Deveria estar contente, pequena Raka. Logo, se não for esta mesma noite, estará entre meus braços. Onde está sua alegria? Suas palavras de gratidão?

—Suas outras mulheres conseguiram te arranhar e te tirar sangue. Esse é o único pensamento alegre que me provoca agora mesmo.

—Mulher tola. —Seu sorriso se apagou lentamente e sua expressão ficou mortalmente séria.



O homem de humor fácil se foi e em seu lugar ficou o rei de Targon. Ignorava o que provocou essa mudança, mas podia adivinhar. Realmente começava a desfrutar da intriga e do perigo dessa missão, e estava disposto a ganhar.

—Quando entrarmos —disse, seu tom tão frio como foi seu toque— tem que caminhar dois passos atrás de mim e sentará aos meus pés quando tomar assento. —Lançou um olhar a minhas negras calças e camisa— Precisaré usar algo mais sexy. Jamais traria minha escrava em público assim. O que aconteceu com sua roupa rosa?

—Joguei-a. E não tenho nada mais para usar.

—Então tire isso, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Franzindo o cenho, arranquei a camisa e a joguei no assento detrás, ficando de sutiã. Era negro e não particularmente atrativo, mas fazia ressaltar minha dourada pele de um modo agradável. Vários punhos sobressaíam da cintura das minhas calças. Sem a camisa, minhas armas também eram visíveis. Tive que tirar a maior parte delas.

—Tire as calças —ordenou Devyn.

—Vá ao diabo —disse, mas desencapei uma faca e cortei a perna da calça até que fiquei com uma diminuta parte de tecido que cobria a curva do meu traseiro.

—Muito melhor. Agora solte seu cabelo.

Arranquei o elástico do cabelo, e as sedosas mechas caíram imediatamente sobre meus ombros e costas.

—Não posso esperar para te ter —disse com um desejoso ofego.

Bom, estava a ponto de me ter.

Nosso carro por fim chegou ao princípio da fila e paramos. Um humano vestido como um vaqueiro abriu a porta e saí. O ar da meia-noite estava impregnado com os aromas do feno e fumaça dos carros. Os olhos do humano me percorreram, sua cara se iluminando pelo assombro. Não acreditava sequer que se desse conta que elevou a mão para mim, com a intenção de acariciar meu nu estômago. Afastei-me, sem querer que seus dedos tocassem nenhuma parte do meu corpo.

Devyn deu a volta no carro e ficou de frente para mim, parecendo tão sexy como o inferno com kilt verde musgo e sua camisa branca. Seu brilhante cabelo castanho estava preso num rabo-de-cavalo e seus olhos cor âmbar cintilantes. Sem uma palavra, começou a andar, esperando que o seguisse. Fiz. As pessoas se separavam automaticamente diante dele quando entramos no edifício. Senti que muitos me olharam fixamente mas não reconhecia nenhum deles.

Minhas botas golpearam o sujo chão. Devyn parou para falar várias vezes com alguns conhecidos, e usei esse tempo para procurar EenLi. Que eu pudesse ver, não estava em nenhuma parte, o que provocou que fragmentos de frustração rasgassem através de mim. E se não viesse?

Logo fui conduzida a um grupo de cadeiras dobráveis alinhadas em frente a um andaime e meu coração trovejou em meu peito. Em cima do andaime estavam os escravos. Suas mãos atadas por cima de suas cabeças e presos a uma viga de madeira. Usavam brumosos trajes brancos,



facilmente separáveis e abertos para a inspeção.

Vi as cinco mulheres da cela e meus joelhos quase cederam de alívio. Seus rostos estavam pálidos pelo medo, mas ainda estavam vivas. Também havia outras seis mulheres que não reconheci. Tampouco reconheci os fortes e musculosos homens presos ao lado delas. Meus olhos se lançaram aos outros, os do fundo, mas não podia ver todos. Lucius, Lucius, cantarolava minha mente enquanto o buscava, rezando para que estivesse ali. Meus músculos se esticaram com força sobre meus ossos.

O rei Targon reclamou um assento na primeira fila. Recordando suas palavras, sentei rigidamente aos seus pés. Deus, não queria fazê-lo! Queria estar de pé, gritar, agir.

Paciência, recordei a mim mesma. Paciência.

Ele me acariciou a cabeça.

—Boa garota —disse, obviamente desfrutando disso.

Minha nova posição não mudou minhas ações. Segui examinando os escravos. Um no final do andaime estava parcialmente oculto pelas sombras e dois homens o inspecionavam.

As pernas do escravo estavam estendidas, seu traje aberto, e pude ver sua bronzeada pele. Por um minuto, meus pulmões se negaram a tomar fôlego.

Engoli, disposta a afastar os homens que entorpeciam minha linha de visão. O suor cobriu minha testa e com mãos trementes agarrei um punhado de terra.

Se mova, gritou minha mente. A paciência se mostrava esquiva, assim parei de tentar encontrá-la.

Por fim os homens saíram sem pressa do andaime, me dando uma vista clara do escravo.

Meus pulmões saltaram à ação, e por fim inspirei uma baforada de ar. Quase saltei sobre meus pés e subi correndo os degraus de madeira. Estava ali. Lucius estava ali. E estava vivo. O alívio e a alegria me golpearam tão potentemente, que poderia chorar. Seus traços eram inexpressivos e pálidos; sua falsa cicatriz desapareceu e estava disposta a apostar que tiraram suas lentes de contato. O traje cobria seus ombros e peito, por isso não podia ver sua ferida. Mas sua roupa não estava ensanguentada e isso queria dizer que foi enfaixado.

—Disse que estaria —disse Devyn.

Uma mulher se aproximou de Lucius, abriu seu traje, e olhou fixamente sua nudez. Sua grande silhueta bloqueou minha própria inspeção. Lucius aceitou passivamente sua vistoria, algo que não era próprio dele.

O que acontecia?

Não queria, mas desviei o olhar para Devyn.

—Vê a mulher no final do andaime?

Sem baixar a vista para mim, assentiu com a cabeça.

—Faça que se mova. Por favor.

Imediatamente, a mulher gritou e caiu pela bordo, como se fosse propulsada por uma grande rajada de vento. Levantei de um salto, esperando captar a atenção de Lucius.

Seus olhos se moveram com apatia sobre a multidão e então... nossos olhos se encontraram.

O alívio, a esperança, a alegria, a fúria, tudo cruzou por seu rosto (todas as emoções que eu



mesma sentia) e saiu de sua passiva neblina. Puxou os laços de seus pulsos, sacudindo o andaime inteiro.

—Me leve a ele —sussurrei, olhando para Devyn— Por favor.

—Certamente. Favor por favor — disse. Levantou-se com os olhos à frente— Me seguirá sobre seus joelhos, escrava.

Inclinei-me e avancei lentamente atrás dele. Areia e rochas cravaram na minha pele. Até avancei lentamente sobre os estilhaçados degraus. Suportei sem comentários, sabendo aonde me conduzia isso.

Quando alcançamos Lucius, Devyn parou e sorriu.

—Vamos te comprar—disse— Nos pertencerá.

Lucius só tinha olhos para mim.

—Ela está...

—Está bem.

Cabeceei para o deixar saber que era certo.

—Negociou muito para conseguir te liberar. Espero que saiba apreciá-lo.

A testa de Lucius enrugou com curiosidade, mas Devyn não explicou nada mais. Se afastou, de volta à sua cadeira, e tive que segui-lo. Queria retornar correndo para Lucius, e de fato quase o fiz, mas Devyn sentiu e me paralisou com seu escudo mental. Enquanto meu coração palpitava e meu sangue acelerava, tentei dizer para Lucius com os olhos que tudo ficaria bem.

—Eden —disse o Targon de repente— me doem as panturrilhas de subir essa escada. Massageia os músculos para mim.

Confrontei-o com um fulgor mortal em meu olhar. Deu uma cabeçada quase imperceptível para Lucius e me liberou do confinamento. Livre para me mover, comecei a amassar com meus dedos suas panturrilhas, usando tanta força que soltou um assobio de dor que tentou cobrir atrás de uma tosse.

—Isto não é um jogo —murmurei entre dentes.

Lucius olhou de Devyn para mim, e uma faísca de compreensão iluminou seus olhos. Furioso, corcoveou contra suas correntes, provocando que um filete de sangue descesse por seus braços.

—O ponha para dormir —supliquei, parando a massagem e prestando ao Targon toda minha atenção— Por favor, o ponha para dormir como fez antes. Os guardas o submeterão se continuar assim.

Com outra rígida cabeçada, olhou Lucius e ao fim de segundos os músculos de Lucius relaxaram. Sua cabeça caiu lassa adiante quando afundou em profundo sono.

—Obrigado —sussurrei— Obrigado.

—Viu? Não sou um homem tão mau, Eden.

—Devo outro beijo? —Não pude manter a ofensa em minha voz.

Ele franziu o cenho.

—Sou capaz de dar presentes grátis.

Nesse mesmo momento, os murmúrios da multidão se acalmaram. As pessoas começaram a se separar, e sussurros de “EenLi” encheram a sala. Elevei a cabeça e inspecionei o edifício,



estreitando os olhos enquanto um profundo e enraizado ódio me enchia.

EenLi acabava de entrar no armazém.

CAPÍTULO 28

Todos se apressaram a reclamar seus assentos enquanto EenLi subia pelas escadas e caminhava até o centro do cenário. Enquanto andava, saudava e piscava os olhos às pessoas, como se fosse uma superestrela e todos os outros fossem seus fiéis admiradores. Um completo traje de cowboy cobria seu magro corpo. Chapéu de vaqueiro, colete, esporas... parecia ridículo. Sorrindo, levantou as mãos num gesto para que todos mantivéssemos silêncio.

Meu ódio cresceu, transbordou e explodiu. Poderia lançar minha adaga e cravá-la em sua garganta, mas não queria matá-lo à distância. Queria fazê-lo em pessoa, estar perto, e assim não haveria nenhuma dúvida de sua morte, nenhum engano.

—Pode por todos para dormir? —perguntei ao Devyn num murmúrio. Se as pessoas, guardas e EenLi caíssem desmaiados no frio chão, caminharia alegremente pelo cenário e apunhalaria EenLi no coração. Não que ele tivesse um.

Devyn pensou nisso durante um momento.

—Um por um, acredito que sim, poderia fazê-lo.

—Faça —disse, a palavra saindo fustigada da minha boca— Agora. Por favor.

—Não.

—Por favor.

—Onde estaria à diversão nisso? Percorri todo este caminho, perdi dinheiro e dois guerreiros, e espero um espetáculo que garanta meu entretenimento.

Mordi a língua até que saboreei o sangue descendo por minha garganta.

—Dou boas-vindas —disse EenLi, sossegando nossa conversa— Bem-vindos todos. O A.I.R. pensou que poderiam nos fechar, mas aqui estamos.

Os aplausos explodiram.

Depois de um momento, EenLi agitou de novo as mãos em busca de silêncio.

—Tenho a honra de ter a todos aqui, tão honrados convidados como são o rei de Morevv e o rei de Targon. —Seus olhos se detiveram em Devyn— Vejo que trouxe sua escrava, Devyn.

O Targon cabeceou regamente, seus dedos acariciando meu cabelo.

—Fiz, mas a gente nunca tem suficientes criados.

—Não esperava que domesticasse esta tão cedo.

—Quem disse que está domesticada? —disse Devyn, piscando o olho.

As pessoas riram. Fulminei com o olhar EenLi e nem sequer tentei dissimular o repugnante ódio em meus olhos. Sua pele se iluminou com um brilhante tom azul e rosado... desfrutava com tudo isto.

—Damas e cavalheiros —disse, voltando sua atenção à multidão— Têm uma ampla



variedade para escolher hoje. Estão preparados para começar?

Outra ronda de aplausos.

—Então, comecemos. —EenLi deu um passo de lado enquanto um de seus novos guardas Targon trazia a primeira vítima, uma bonita e jovem garota de não mais de quinze anos. Seu corpo tremia, fazendo as ruivas mechas de cabelo caírem adiante. As lágrimas desciam por suas bochechas e reprimiu um soluço quando EenLi abriu seu vestido, revelando sua nudez ainda por desenvolver aos espectadores. Ela não lutou. Duvidava que algum deles o fizesse. Provavelmente foram ameaçados com inimagináveis horrores caso se atrevessem a pronunciar algum protesto.

—Uma virgem para tentar qualquer homem —alardeou EenLi.

E então a luta começou.

Um por um, os homens e mulheres foram vendidos pelo melhor preço. Quis que Devyn comprasse todos, mas só comprou à virgem, assim como às mulheres que estavam na cela comigo... possivelmente, porque espremi sua coxa até que teve que assobiar entre dentes um preço.

Então, por fim, chegou à vez de Lucius. Ainda dormia placidamente.

—Olhem esta carne de primeira —disse EenLi— Será bom tanto para o trabalho pesado como para o trabalho de cama.

—Compre-o para mim —sussurrei para Devyn.

—Acredito que já fiz o suficiente por você —disse ele, ficando agora suscetível.

—Te darei duas noites em vez de uma, mais os dois beijos que te devo.

Os olhos do rei cintilaram com viveza e imediatamente colocou sua primeira oferta. Alguém mais, uma fêmea Arcadian de cabelo branco, rebateu. Sem cessar, continuaram puxando. O intenso olhar de EenLi se estreitou sobre Devyn, como se não pudesse entender o que acontecia.

No final, Devyn ganhou a batalha. Mandou a Arcadian dormir, acabando com eficácia com a luta. E assim, terminou o leilão.

—Obrigado por virem —disse EenLi a todo mundo— Se não adquiriram ou encontraram o que procuravam, por favor, entrem em contato comigo. Normalmente mantenho leilões privados, mas devido a um problema recente, agora fazemos as coisas de uma maneira um pouco diferente.

As pessoas ao nosso redor se levantaram.

—Se puser todos para dormir, te darei três noites —disse, desesperada para impedir que alguém partisse. Não queria que um só “escravo” passasse por essa porta. Os poria em liberdade... ou morreria tentando.

—Poderia enjoar de você após duas noites. —pronunciou Devyn, bocejando sonoramente— O calor que faz aqui é sufocante. Deveríamos recolher seu humano e partir.

—Jurou me levar diante do meu inimigo.

—E o fiz. O viu, não?

—O que quer de mim? —perguntei, mais desesperada agora que antes.

—A mesma devoção que dá ao seu humano. Seu juramento que me aceitará com paciência quando a tomar.

—Feito —disse, embora ambos sabíamos que mentia.



Seu olhar se lançou à única porta do armazém.

—Ninguém parece ter partido ainda. Estão se entretendo.

—E? Ponha-os para dormir antes que decidam parar de se entreter.

—Primeiro quero agradecer ao nosso anfitrião esta maravilhosa tarde.

Sim, pensei sombriamente. Vamos agradecer corretamente. Deveria ter protestado, deveria ter insistido com Devyn que me fizesse conta, embora logo pensei que, afinal, um encontro cara-a-cara com EenLi era muito tentador.

Devyn levantou. Quando me passou, o segui como uma boa pequena escrava, e subimos os degraus, comigo de joelhos e meus olhos sobre a adormecida forma de Lucius até que me choquei com uma grande parte de madeira estilhaçada.

EenLi estava falando profusamente com outro MEC. Quando notou Devyn, fez gestos ao MEC para que se afastasse.

—Ganhei bastante dinheiro com você esta tarde —disse ele com um sorriso.

—É claro que o fez —respondeu Devyn.

Movi minha mão atrás das minhas costas para deslizar a faca da cintura das minhas calças... só para comprovar que desapareceu. Meu sangue congelou na veias. Não sabia quando Devyn fez isso, o muito bastardo. Sabia que planejava matar EenLi aqui e agora. Por que me detinha? Pensava me trair? Não, pensei. Devyn queria suas noites comigo; me queria disposta. Me deu sua palavra.

Assim o que isto significava... o que?

—Eden, descanse sua cabeça na minha perna como uma boa menina.

O fiz sem vacilar e passou os dedos por meu cabelo.

—Como a treinou tão rápido? —Os brancos olhos de EenLi deslizaram sobre mim, atrasando-se em meus seios e entre minhas pernas— É um pequeno bocado delicioso, verdade? Possivelmente deveria tê-la mantido para mim. Mas não esperava que ficasse dócil tão logo.

—Tenho as melhores... técnicas persuasivas de formação.

Os dois homens compartilharam um cúmplice sorriso.

—Obrigado pelos guerreiros —disse EenLi, todo um homem de negócios agora— Já estão demonstrando ser muito úteis.

—Excelente. —Ele fez uma pausa— Há algo que tenho que falar com você. Em privado.

—Lamento, agora não tenho tempo.

—Faça o tempo. —O tom de Devyn prometia uma dura vingança caso seu pedido não fosse atendido.

A pele de EenLi brilhou com um vermelho claro, o que significava que só estava ligeiramente perturbado. Seus brancos olhos se estreitaram.

—Muito bem. Vamos ao meu escritório?

—Não será necessário. —Um por um, as pessoas dentro do armazém começaram a cair no chão e os roncos logo abundaram. Levantei de um salto, incapaz de me conter nem um segundo mais.

Isto terminaria agora. Com ou sem faca.



—O que acontece? —exigiu EenLi, com uma expressão confusa revoando sobre sua cara. O vermelho de sua pele se converteu num escuro e opaco amarelo.

—Acredito que tem assuntos pendentes com minha escrava —respondeu o Targon, e deu um passo atrás.

—Não uma escrava —disse, avançando— Uma assassina. Verá, te farei o mesmo que fiz ao seu companheiro, Mris-ste.

A cor do MEC mudou de novo a um aceso e profundo vermelho escuro.

—Então foi você. Suspeitava de Michael, não de sua filha. —Ele se afastou um passo de mim, uma de suas mãos lentamente deslizando no interior de seu bolso.

—Me dê à faca —exigi de Devyn sem jamais desviar minha atenção.

—Não —foi sua resposta.

Dei um forte pisão com o pé.

—Te faço outro favor, Eden. Uma vez tive um inimigo que desprezava do mesmo modo e intensidade que você despreza EenLi. Sei que se o matar rapidamente, sempre lamentará. Lute. Golpeie. O faça pagar.

Nesse instante, EenLi tirou uma arma. Devyn estalou a língua e mentalmente varreu a arma através do quarto e esta caiu no chão com um golpe. EenLi ofegou, e eu lentamente o espreitei. A cada passo tentei centrar minha energia, mas resultou ser impossível. Havia muitas emoções ardentes pedindo para ser liberadas...

—Targon —disse EenLi, dando ao rei uma nervosa olhada— Me ajude, e eu...

—Isto é entre você e a Raka —disse Devyn, sorrindo amplamente— Desfrutem. Eu asseguro que o farei. Há pipocas por aqui? Adoro pipocas de milho da Terra. —Ele continuou murmurando sobre pipocas enquanto saltava do cenário e sentava numa cadeira.

Eu saltei e EenLi saltou de lado, mas consegui chutar seu ombro. Quando tropeçou, grunhiu sob sua garganta. Nos rodeamos um ao outro. Seus brancos olhos continuamente se lançavam para a porta, e soube que tinha a intenção de fugir.

Compreendendo que não poderia ir a nenhum lugar sem que eu o seguisse, tentou outra tática.

—Acredita que não sei nada de você, Eden? —Havia maldade em seu tom, tal escuridão que me fez estremecer— Sei mais do que pensa.

Não respondi. Simplesmente me aproximei mais.

—Senti um grande prazer ao te escravizar —desfrutou ele— A você, uma assassina treinada. A querida filha de Michael Black.

Mais perto. Mais perto. Como um tigre que desliza para a caça, dei voltas sobre ele.

—Esperava que o Targon pudesse te controlar —continuou— E adoraria ainda mais que Michael jamais te visse de novo, que sempre se perguntasse o que te aconteceu.

Agachei e lhe dei um chute nos seus tornozelos. Contato. Caiu com um zumbido, mas levantou rapidamente. Sua cor pulsou com um pingão de azul.

—Por que quer me matar com tanto desespero, hum!?

—Pelo simples prazer disso.



—Deveria querer destruir quem matou seus pais. Por que acha que Michael te recolheu? Ele foi atribuído para matar seu pai. Mas sua mãe se meteu no meio, e então também a matou.

A fúria ferveu em meu interior, mais e mais quente. Corri para ele e saltei, girando no ar, amassando o salto da minha bota contra seu nariz. Este se rompeu e o negro sangue orvalhou toda a plataforma.

—Mentiroso —disse, distribuindo golpes a torto e a direito.

EenLi tropeçou com seus pés, o sangue e a baba gotejando pela cara, de seus lábios. Ele lutou para respirar enquanto sua pele ficava de uma chamativa tonalidade púrpura.

—Costumava trabalhar para ele. Contou isso?

Sabia o que estava fazendo. Me oferecia uma verdade para que sua mentira parecesse mais acreditável.

—Não acredito em lixo como você, EenLi. Assim economize o fôlego. —Saltitando com os pés, me movi para ele.

Sem mais jogos.

Ele correu em volta de um de seus adormecidos guardas e pegou sua arma. Seus olhos brilharam vitoriosos quando apontou a pyre-arma, mas já estava sobre ele. Dei-lhe um chute na mão que segurava a arma, e esta voou pelos ares.

Chutei-o no peito e ele balançou para mim enquanto caía. Seu punho conectou com minha mandíbula e minha cabeça girou de lado.

Ele levantou e se jogou sobre mim antes que eu pudesse piscar, me empurrando abaixo e tentando me esganar. Balancei atrás e envolvi minhas pernas ao redor de seu pescoço. Com um duro puxão, ele se afastou para trás.

Usei o ímpeto para recuperar o equilíbrio e me colocar em posição reta, arremetendo contra ele enquanto também ficava de pé. Minha cabeça topou com seu estômago, fazendo que dobrasse sobre si mesmo enquanto seu fôlego entupia na garganta.

Endireitando-o, golpeei com meus punhos sua cara como uma máquina, uma e outra vez, uma e outra vez. Ele caiu no chão de madeira e caí com ele, sem jamais fazer uma pausa, o sangue voando a torto e a direito a cada golpe.

Devyn me chamou abaixo.

—Ei, aqui! —Suas palavras transpassaram minha neblina de destruição— Estou me aborrecendo. Termine já... —e me jogou uma faca.

Agarrei-a pelo punho no ar. EenLi gorjeou algo, possivelmente um “não, por favor”, e tentou se afastar lentamente. Agarrei sua cabeça e coloquei a faca. Então, cortei sua garganta da maneira que quis fazer desde o começo.

Quando seus olhos ficaram com o olhar ausente, deixei cair sua cabeça com um ruído surdo. Devyn tinha razão; não era suficiente. Não era o bastante. Queria que EenLi sofresse mais. Queria que sofresse por toda a eternidade.

—Muito bem feito —disse o Targon.

—Me dê seu telefone —ordenei, limpando o negro sangue do MEC de minhas calças.

Ele me deu sem outro comentário. Enquanto me dirigia a pernadas à pendurada e



adormecida forma de Lucius, marquei o número de Michael. Quando respondeu, disse onde estava.

—Sei onde está —ladrou ele— Te rastrei com o isótopo. Notará que confiei em você o suficiente para não enviar meus homens.

—Traga uma caminhonete e medicamentos.

Uma pausa. Um assobio entre dentes.

—Te feriram? O que é...?

—Estou bem. Lucius não está. Depressa —disse e desliguei. Jamais o fiz antes, mas não sabia o que mais dizer agora mesmo.

Joguei o telefone de volta para Devyn e me inclinei sobre a única pessoa que alguma vez me fez sentir completa. Apoiei minhas mãos sobre o batimento de seu coração. Meus ombros caíram com alívio quando o senti forte e estável. Viveria.

EenLi estava morto, os escravos livres. Ganhamos.

Assim... por que me sentia tão perdida?

Uma solitária lágrima deslizou por minha bochecha.

CAPÍTULO 29

Não permiti que Devyn despertasse Lucius.

Usei o sono de meu amante em meu benefício e abri seu traje, procurando em seu corpo mais feridas. O ombro esquerdo estava coberto por uma grossa faixa branca, e um monte de contusões atravessava seu peito. Além disso, parecia estar bem.

Enrolando um braço ao redor de sua cintura, usei o outro para cortar as ataduras de seus pulsos. Seu peso imediatamente me dobrou e o estendi no chão com tanto cuidado como pude.

Deus, quanto senti sua falta! Passei a ponta do dedo pela mandíbula coberta com uma barba de dois dias. Este homem acreditou em mim quando nem meu próprio pai o fez. Poderia ter mentido sobre seus motivos para se fazer meu companheiro, mas no final acreditou em mim o suficiente para me deixar fazer o trabalho, sem tentar me proteger, me mantendo a salvo em casa...

Sem nenhuma indicação da minha parte, Devyn cortou as ataduras dos adormecidos escravos restantes. Quando alcançou uma curvilínea loira, deu-me uma olhada.

—Compramos esta, verdade?

—Não pode ficar —respondi com uma estrangulada risada.

—Você fica com esse —disse ele, assinalando Lucius com o queixo.

—Sim, mas está disposto a que eu fique.

Ele olhou à loira e logo depois de novo para mim.

—Esta também poderia estar disposta. Só preciso de cinco minutos a sós com ela.

Sacudindo a cabeça, disse—: Pode perguntar se quer passar cinco minutos com você, mas



não pode forçá-la.

Ele fez cara feia.

Michael e outros dez agentes irromperam no armazém momentos mais tarde, com as armas preparadas. Quando se deram conta que todos dormiam, baixaram as armas mas permaneceram alertas.

—Aqui —os chamei. Dois agentes me alcançaram antes de Michael— Levem este homem a um médico e logo ao meu apartamento. —Dei o endereço, e assentiram com a cabeça.

Juntos, levantaram Lucius entre seus braços. Ele gemeu de dor.

—Cuidado! —gritei— Está ferido.

—Levem-no à minha casa —lançou Michael— Farei que nossos doutores o curem ali.

—O levem a um médico e depois ao meu apartamento, ou cravarei minha faca nos dois.

Olharam com horror para Michael, porque sabiam que o faria, e ele deu uma cabeçada abrupta.

—Façam o que ela diz.

Quando os homens se afastaram com Lucius, confrontei meu pai. Nossos olhos se encontraram e chocaram. Ainda tínhamos assuntos a tratar.

—Todos no andaime foram sequestrados por EenLi para serem vendidos como escravos. Também há uns quantos presos abaixo.

—E EenLi? —perguntou.

Fiquei de pé e encolhi de ombros.

—Morto. Por minha mão.

Seus ombros relaxaram, e passou a mão por seus curtidos traços.

—Então terminou.

—Sim.

—Estou orgulhoso de você, Eden. —Estendeu a mão e me apertou o ombro— Não digo isso o suficiente.

—Sim, está orgulhoso mas, por fim acredita em mim?

—Sempre acreditei em você.

Me afastei de seu aperto.

—Contratou homens para que me seguissem, Michael. Jamais confiou em mim para fazê-lo sozinha.

—Tinha medo por você. Há uma diferença. —Ele esfregou a testa— Vou te levar para casa. Pode entregar um relatório completo amanhã. Tomaremos café da manhã e logo poderá começar o próximo trabalho. Já consegui alinhar...

—Disse que já não trabalharia mais para você.

—Ambos sabemos que não estava pensando. —Quando não disse nada, deu pancadinhas na areia com a ponta de seu sapato— De acordo, se não quer trabalhar para mim, não o faça. Claudia Chow ficou preocupada com você e esteve me chamando por dois dias. Sempre pode voltar e continuar sendo sua intérprete.

Tampouco faria isso. Na realidade, não sabia o que faria. Mordendo o lábio, afastei a vista



das minhas botas e tentei me preparar para a conversa que estava a ponto de começar. Fazê-lo era mais difícil que matar um objetivo, mas se não o fizesse agora, não o faria nunca. Simplesmente diga.

—EenLi mencionou algo sobre meus pais. Você e eu nunca falamos deles, mas preciso saber se alguma vez averiguou quem os matou.

Ele não disse nada. E enquanto os segundos passavam, a culpa se refletiu em seus ainda formosos traços.

Pisquei para ele—: Michael?

—Eden —começou, antes de parar de novo— Sinto. Sinto tanto. Quis te pedir perdão há muito tempo, mas não podia contar. Simplesmente não podia.

Naquele momento, compreendi a verdade. EenLi não mentiu. Profundamente em meu interior, esperava que Michael dissesse que EenLi o fez. Mas não, Michael realmente deu o golpe mortal. Uma aguda dor rasgou meu peito e quase gemi. Jamais me disse; manteve o segredo todos estes anos. Não acreditava em mim para que o amasse apesar de tudo. Perdoá-lo.

Ao compreender, algo dentro de mim se rompeu, se liberou. Cólera e impotência por todos os anos que não falou de meus pais porque assumi que Michael não queria recordar que não era meu pai biológico.

Dei-lhe uma bofetada e sua cabeça girou de lado. Lentamente, me confrontou, esfregando seu agora sangrento lábio.

—Mereço —disse isso com calma.

Olhei-o fixamente no rosto, o rosto que amei e adorei por tanto tempo.

—Me diga por que.

—Foi um trabalho, carinho. Só um trabalho. Podiam te amar, proteger e tratar como um precioso tesouro, mas mesmo assim vendiam drogas. Drogas que matavam os humanos. Fiz o que tinha que fazer, o que fui contratado para fazer. A quantos pais você matou? —perguntou suave e escuramente. De forma significativa.

Um golpe baixo. Muito baixo. Meus joelhos quase cederam quando suas palavras se fecharam de repente em minha cabeça, repetindo uma e outra vez. A verdade era que não sabia a resposta daquela pergunta. O mais provável é que fossem muitos. Muitos. Não sabia quantos pais, irmãos, irmãs, tias e tios matei ao longo dos anos. Talvez não me permiti considerar a possibilidade. Sempre me obstinei ao meu trabalho como Michael o fazia.

—Eden, eu... —Ele procurou minha mão e eu o golpeei no pulso.

—Economize isso. Não posso falar com você agora mesmo. Te perdoarei, sim, inclusive entendendo, mas simplesmente não posso falar com você agora.

Me afastei dele e ajudei os outros agentes a separar os homens de EenLi dos escravos e os leiloeiros. Os guardas seriam mantidos com vida por um dia ou dois para serem interrogados, no caso de haver outras pessoas escondidas em outro lugar. Depois seriam executados. Não sabia o que aconteceria aos participantes do leilão. Neste ponto, nem sequer me importava.

Michael trabalhou junto a mim, silencioso e pensativo. Me amava. Sabia que o fazia. E isso fazia que a tortura em meu interior fosse ainda pior.



Devyn trabalhou comigo, também. Michael o ignorou, provavelmente ainda transtornado que eu tivesse recrutado a ajuda do rei em vez da dele. Senhor, sentia-me em carne viva! Precisava de Lucius. Sua força. Seu consolador abraço.

Quando terminamos de limpar o armazém, puxei Devyn à parte.

—Me leva para casa?

Seu braço se enrolou ao redor da minha cintura e me deu um apertão consolador, fraternal.

—É óbvio.

Saí do edifício sem dar nem uma olhada atrás e senti o olhar fixo de Michael me perfurando as costas.

A alvorada chegaria logo. Por fim, respirei um pouco de ar fresco, mas este cheirava a solidão e desespero. Ou possivelmente era eu. Estava caindo. Tudo isto foi muito. Minhas pernas estavam pesadas, meus ombros muito carregados. Meu pescoço protestou pelo peso da minha cabeça. Tive que me esforçar para pôr um pé atrás do outro até que alcançamos o Jag de Devyn e me deixei cair no interior desgraciosa enquanto ele se adaptava ao assento do condutor.

—Não se preocupe pelas noites que me deve —disse ele— Voltarei quando estiver mais descansada.

Me joguei para trás e fechei os olhos.

—Te darei suas noites, Devyn. Mereceu. Mas, sabe o que? Não acredito que as peça. É um homem de honra e sabe que amo outro homem.

Silêncio.

Um silêncio que durou muito, muito tempo.

—Maldição! —murmurou ele finalmente.

Estava a ponto de me quebrar por completo e não queria ficar aqui, com este homem. Queria Lucius.

Devyn conduziu até o edifício onde ficava meu apartamento. Por fim. Em casa. Quando estacionou, saí pensosamente do carro e fechei a porta com um estalo. O ar era mais fresco que foi toda a semana, mais fragrante e menos seco.

O vidro baixou com um suave assobio e Devyn me chamou—: Eden.

Não sabia o que queria me dizer, mas girei e entrei de novo em seu carro. Devia tudo ao Devyn, e não tinha conseguido nada em troca. Realmente possuía muito honra para se aferrar a mim. Sem uma palavra, me inclinei para ele e rocei meus lábios contra os dele. Brandamente no princípio, depois aumentando a pressão. Quando sua boca se abriu, varri minha língua em seu interior. De novo saboreei seu calor, sua masculinidade.

O beijo não durou muito tempo, apenas segundos antes que eu me afastasse. Observei Devyn lambe os lábios, saborear meu sabor.

—Obrigado por tudo.

—Espero que nos encontremos outra vez —disse ele, seus olhos âmbar acesos— E espero que seu humano seja digno de você.

—Ele é —disse. Sabia com total segurança— Ele é.



CAPÍTULO 30

Já curado e enfaixado, Lucius dormia profundamente em minha cama. Tomei banho, o seco orvalhado me ajudando a lavar os horrores da noite. Limpa por fim, me estendi na cama ao seu lado e seu calor me transpassou. Uma lágrima caiu rodando por minha bochecha, seguida rapidamente por outra. Abaixo, abaixo, douradas gotinhas caíram até que terminei soluçando, me sacudindo e convulsionando. Solucei até que meus olhos incharam, chorando pela família que perdi, tanto meus pais como Michael, e pelas coisas que fiz.

Embora provavelmente destruí famílias, também liberei o mundo do mal. Pessoas dormiam placidamente graças aos assassinatos que cometi. Tinha que me sentir feliz por isso. E sabia que Michael fazia o mesmo.

Finalmente, fui à deriva até dormir.

Quando despertei, o entorno era desconhecido no princípio. Parecia ter passado uma eternidade desde que observei este quarto, e levei um minuto para recordar que estava dentro do meu novo apartamento, com a cama de baldaquín e suas paredes café. Lucius ainda dormia e ainda estava ao meu lado.

Saí pesadamente do colchão e entrei aos tropicções na cozinha, onde preparei um copo de água com açúcar e bebi isso com ânsia. Estava completando o copo, com a intenção de verter o conteúdo na cara de Lucius para despertá-lo, quando ele entrou correndo na cozinha com um brilho selvagem em seus claros olhos azuis.

Ele parou quando me viu.

—Agora te possuo —foram as primeiras palavras que saíram da minha boca— Está comprado e pago.

—Meu Deus, Eden! Quase morro de preocupação.

—Conheço o sentimento.

Ele caminhou para mim, e sua dura expressão foi à coisa mais formosa que jamais vi.

Algo que não pude ler brilhou naqueles elétricos olhos seus e meu coração golpeou em meu peito quando me puxou em seus braços.

—Pensei que a tinha perdido —disse ele com estupidez. Cruamente. Me afastou à longitude de seu braço— Onde diabos estive? O que aconteceu?

—Eu...

Seu olhar foi a minha boca.

—Explique isso mais tarde. Senti saudades. —Então me beijou.

Não o fizemos na cama. Simplesmente arrancamos a roupa um do outro e nos deixamos cair nos auto-esquentados azulejos da cozinha. Não podia parar de tocá-lo. Minhas mãos estavam por todo seu corpo, e as dele por toda parte do meu.

Nos retorçemos e movemos juntos, e quando entrou em mim, gritei pela força do meu orgasmo. O seu, logo seguiu o meu. E desta vez, deixamos que o som de nosso prazer



reverberasse pelas paredes.

Depois, caímos juntos, ofegantes. Conteí o que me aconteceu depois da venda. Até conteí que Michael matou meus pais.

Seus braços se apertaram ao meu redor.

—Não sabia —disse ele— Sinto muitíssimo, carinho.

—É biscoitinho para você. —Deixei de lado a dor do meu interior e sorri brincalhona— E vou superar. Só preciso de tempo. Michael é um bom homem e me ama.

—Ele te ama muito. Talvez não tanto quanto eu, mas te ama em todo caso.

Me movi aos arrancos de cima dele e o fiz girar para confrontá-lo. Lucius disse as palavras tão casualmente, que tinha medo de ter entendido mal.

—O que disse?

Seu olhar se cravou profundamente no meu e não pretendeu fingir que não entendia a que me referia.

—Te amo. Faz tempo.

Um peso se levantou de meus ombros, e de repente me senti mais leve que o ar. Senti minha boca se frisar num amplo sorriso.

—Bom, eu também te amo.

—Talvez agora possa deixar de tentar te superar todo o tempo. —Ele cavou meu rosto entre suas mãos— Sei o quão grande é. Não há ninguém melhor.

Suas palavras me tocaram, liberaram de algum modo. Tinha seu amor. Fechei este caso e matei meu objetivo. Tinha me provado a mim mesma. Era toda um êxito.

—É assombroso, sabia?

Com um suave empurrão, me puxou em cima dele.

—O que quis dizer o Targon com que fez um trato com ele para me liberar?

—Beijei-o —confessei— Duas vezes. E não lamento. Teria dado tudo para te salvar.

—Diabos! Eu o beijaria também se isso significasse que salvaria sua vida. Só se assegure que não aconteça de novo. Você é minha...

Gostava de escutar essas palavras. Você é minha.

—Acredito —disse, mordendo o lábio inferior e fingindo uma expressão de desolação— Mas...

—O que? —Perguntou, franzindo o cenho— Mas o que?

—Não sei seu verdadeiro nome. —Acaricieí seu abdômen... e logo sua ereção—Diga isso e farei que goze. —Apertei-o. Com força.

—Phineas Gaylord Hargrove —disse ele com um gemido— Agora que diabos significa o F de seu nome?

—Espera. —Meu agarre se afrouxou— Disse Phineas? Phineas Gaylord? Está de brincadeira, verdade? Está me enganando para que diga meu segredo mais profundo?

—É a verdade —grunhiu ele— Esse é meu nome, assim ponha sua mão onde estava.

Ri até que me doeu. Agora sabia por que protegia seu nome com tanto entusiasmo.

Ele sentou e tamborilou com os dedos no azulejo.



—Acredito que tem algo a me dizer, e estou cansado de esperar.

—De acordo. Direi isso. Chateava Michael tão sem piedade, que me acrescentou um segundo nome quando me adotou, convertendo-o em Eden Fucking Black.

Lucius soltou uma rouca e áspera gargalhada.

—Está tirando sarro.

—Oxalá fosse assim, Phineas.

Ele tentou me pegar com fulgor, mas seus olhos brilhavam muito e ambos irrompemos em outra ronda de gargalhadas. Mas uma vez que a diversão diminuiu, afundamos num pesado silêncio.

Ainda haviam coisas a esclarecer e discutir entre nós, mas resistia a expô-los.

—Onde está o Agente Luc? —perguntei finalmente, entrando em território seguro e evitando o que realmente precisávamos falar.

—A salvo. Podemos ir procurá-la mais tarde. Primeiro tenho uma confissão a fazer. —Lucius fez o que eu fui incapaz; falar abertamente de nossos problemas— Michael me pagou para que te protegesse. Ele...

—Sei —disse, aliviada que por fim dissesse isso.

—Não se zangue —disse ele rapidamente— Logo compreendi que podia cuidar de si mesma.

—Não estou zangada. —Entrelacei nossos dedos e os apertei— Estou agradecida.

Ele me olhou fixamente por muito momento.

—Bom. Onde está a Eden Black que conheço e amo? Esperava outra faca em minha garganta.

Soprei.

—Possivelmente deveria estar zangado com você. Queria um pedaço de EenLi eu mesmo.

—Possivelmente te deixe o seguinte. Não, espere. —Recostei minha cabeça no oco de seu pescoço e meu cabelo se estendeu sobre seu peito como uma cortina de ouro— Abandonei a agência. A partir de agora, estou parada.

Seus dedos acariciaram minhas costas, me fazendo tremer.

—Talvez deveríamos criar nossa própria empresa.

—Talvez.

—Definitivamente. Me conte outra vez do Targon. Não gostei da forma que te olhava no leilão, e ainda gosto menos que pusesse seus lábios sobre você. Estou pensando que poderia ser nosso primeiro objetivo.

Ri. Simplesmente não pude evitar. Poderia estar sem trabalho mas, agora mesmo, nos braços de Lucius, a vida nunca pareceu estar mais cheia de promessas.

FIM



TWKliek

Gena Showalter
Série Alien Huntress 02

